

Don
DELLATORE

OS MAFIOSOS - LIVRO 6

STEPHÂNIA DE CASTRO



Don
DELLATORE

Copyright © 2021 Stephânia de Castro

Capa e projeto gráfico: Jéssica Santos e Stephânia de Castro

Revisão: Gláucia Padiar

Imagens compradas: www.shutterstock.com

Don DELLATORE — Série Os Mafiosos Livro 6

1. Romance Contemporâneo

2. Literatura Brasileira

Edição Digital.

Criado no Brasil. 1ª edição / 2021

Esta obra segue as Regras do Novo Acordo Ortográfico

REGISTRADO E PATENTEADO NO AVICTORIS

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o

consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

**Dedico primeiramente a Deus e depois a todas
minhas leitoras que me acompanharam desde o
primeiro livro dessa série.**

É para vocês!

Sinopse

Ele

estava com sede de justiça e se vingaria de todos...

Tony, o novo Don Dellatore, queria que os culpados pela morte do seu pai pagassem pelo que fizeram.

Após receber de volta sua cadeira, como Don do clã de sua família, ele estudou por três anos seus inimigos. E os faria pagar, punindo quem eles mais amavam. O mafioso só não contava, que em meio aos seus planos, fosse se apaixonar pela filha de um dos assassinos de seu pai. Porém, Don Dellatore estava disposto a sacrificar até seu coração e o amor da jovem Angelina, para que sua justiça fosse cumprida, assim honrando o nome de Francesco Giuseppe Dellatore.

“Um dia você me perguntou, se eu sabia qual a diferença do amor e do ódio... Pelo ódio matamos e pelo amor morremos.”

**“Por ódio matamos e
por amor morremos!”**

Playlist

Mire a câmera do seu celular para o code



NOTA DA AUTORA

É UMA DESPEDIDA

Esse é o último livro da série OS MAFIOSOS.

Quando comecei lá em 2018 no wattpad, com Chanel e seu famoso baile de máscaras onde ela conheceu Giovani e tiveram uma noite ainda mascarados. Eu nunca imaginei que o dia de hoje chegaria.

Ainda me lembro como se fosse agora. Giovani apaixonado pela jovem mascarada misteriosa e na verdade, ela estava bem ali, embaixo do seu nariz. Tudo começou com eles. Depois veio a continuação de Don Valentino. Todo mudado, querendo provar para Bella Dellatore que ele a conquistaria a qualquer custo. Isso tudo em dois meses. Quando foi 2019 resolvi levar essa história para Amazon e de lá os irmãos Valentino e o irmão de Bella ganharam suas versões.

Em abril de 2020 veio o bad boy. Luca Valentino, aquele que divergiu opiniões e ganhou muitos ranços por aí, só parando no seu finalmente, onde acabou conquistando até os corações mais duros. Luca e Mel protagonizaram o maior enemies to lovers da série. Depois, em setembro de 2020, veio o bicho-papão, com suas esquisitices sexuais. Todas as leitoras o aguardavam ansiosas. Marco foi o mais controverso de todos os irmãos. Ele se escondia sobre uma carcaça social enquanto seu verdadeiro eu, sua fera interior, ficava enjaulada esperando para sair, eis que então, a mulher lá do segundo livro, volta para atormentar ele em *voyeurismo* bem peculiar. Ela o assiste escondida em um banheiro e ele a vê. O que fazia o animal em si sair e caçá-la, o que não esperava, era que a irmã do mafioso de São Francisco, era tão igual ou pior que ele. Eles se retroalimentam. Um casal tão iguais que se mereceram. Já Raf, foi o motivo de tantas críticas. Sim, Alícia nunca foi minha personagem preferida. E já havia deixado bem claro. Mas por outro lado. Como uma personagem, que caminhou por 4 livros da série, sairia de cena sem ter um pouco da sua história contada? Foi proposital e não errei a mão. Ela tinha que dizer adeus e isso explicaria algumas atitudes de Raffaello Valentino. O irmão centrado e controlado. Aquele que pensava e depois agia. Mas... foi quando apareceu o furacão Marcêlly, que fez muitas se questionarem: "Quem era Alícia na fila do pão." Ele ficou com as quatro patas arriadas por causa da novinha e

ainda com direito a ficar com a língua de fora, babando. E por último, eu venho trazer nosso malvado. O justiceiro, o anjo vingador. Metódico e obstinado. Antônio Dellatore planeja e executa sem dó, nem piedade. Mente, escorraça e ama. Ele jura e cumpri suas promessas ao pé da letra.

Para quem pedia mais máfia está aí. Não era minha intenção colocar muita coisa, como foi nos outros. Continuaría na minha linha de continuidade, focando apenas no casal principal da trama.

Mais uma vez vou repetir: O FOCO É O CASAL E NÃO NAS SUAS VIVÊNCIAS NO MUNDO DA MÁFIA.

Por que estou dizendo tudo isso?

Ao longo desses anos algumas críticas foram essenciais para ajudar no meu crescimento como autora, porém, umas me deixaram bem triste, pois, vi como é difícil algumas pessoas aceitarem que esse livro não é um livro de máfia dark. O que tem de errado eu querer focar só no casal? Um mafioso não erra? Quantos homens erram, achando que estavam acertando?

Sabem, quantas vezes olhei as avaliações dizendo: “A autora precisa estudar...”, mal sabem que estudei muito e porque não tinha um aprofundamento maior em violência não quer dizer que eu estava vindo aqui e jogando qualquer coisa.

Eu levo muito a sério o que tenho feito, porque amo escrever, mas no fim da série não poderia deixar de vir e dizer, que vim, vi e venci.

Não é pretensão minha, mas estou feliz com o trabalho que fiz com essas histórias.

Sou leitora também e quando leio um livro não penso em como eu quero que a história seja e sim, apenas aprecio a forma como a autora contou.

Mas enfim... Vamos ao que interessa e desejo a todas vocês uma ótima leitura, que nosso Malvadão conquiste cada uma com sua obstinação.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

PRÓLOGO

Dois anos antes

Angelina

Senti quando sua mão se fechou na minha, ao me segurar e me puxar, me levando pelo longo corredor da galeria oposta à qual estava.

Ettore Moretti me esperava escondido, logo atrás da coluna à minha direita.

Não precisei olhar para o lado para ter certeza que era ele quando me aproximei.

Ninguém que eu conhecia cheirava tão bem quanto. Seu perfume era delicioso, um toque agri-doce, com notas cítricas.

Desde que me deixou no quarto pela manhã seu cheiro não havia saído da minha pele. Eu ainda podia senti-lo forte e másculo impregnado em mim.

— Para onde está me levando? — perguntei curiosa.

Assim como eu, Ettore era um caça leilão. Passava um bom tempo nesses eventos, atrás de garimpar verdadeiras obras para seu patrão.

Foi assim que nos conhecemos.

Há uma semana eu estava avaliando um dos possíveis quadros que meu chefe tinha interesse em arrematar, quando o vi parado ao meu lado, dentro do terno azul intenso de corte caro.

Seus olhos estavam presos à tela a sua frente e suas mãos nos bolsos da calça.

Claro que o notei, e foi logo que chegou.

Olhei para seu perfil analisando o traçado do seu rosto com a barba fina cobrindo seu queixo quadrado. Seu nariz parecia de um aristocrata. Com certeza ele deveria ser inglês, mas não era. Os traços bem delineados,

a boca com um sorriso sedutor e os olhos amadeirados eram de um italiano como eu.

Acho que ele percebeu que eu estava reparando muito nele.

Seus olhos foram para os cantos, na minha direção, e o sorriso mais tentador e lindo ganhou vida em seus lábios.

Depois de nos apresentarmos, passamos a nos esbarrar pelos corredores da galeria e no hotel em que estávamos hospedados. E por mais que eu não devesse e não pudesse, não conseguia parar de sorrir todas as vezes que o encontrava.

Estava parecendo aquelas adolescentes iludidas com o carinho mais lindo da escola, ao me sentir envolvida por ele de uma forma inexplicável.

O italiano me envolveu a ponto de não conseguir fugir para bem longe dele.

Ele era do tipo que cheirava a homem descompromissado em busca de sexo fácil. Não que eu fosse casta, mas ainda estava me adaptando a ser uma mulher solteira, que transa casualmente com um completo desconhecido.

Como agora.

Não que ele fosse um fantasma, mas pouco sabia sobre sua vida. Ele havia me contado apenas o necessário para não conseguir negá-lo.

— Preciso de você... — ele disse e a sua voz pesou no tom sensual, me deixando quente e necessitada para senti-lo logo.

Foi assim todas as vezes, desde a terceira noite em que nos encontramos no bar, durante o *happy hour*. Ele me beijou, me envolveu e permiti que estivesse na minha cama todas as noites desde então.

— Mal saímos daquela cama, Ettore — repliquei, lembrando-o de que poucas horas atrás ainda transávamos como dois coelhos, não lembrando que hoje era o dia do leilão.

— Você não faz ideia do tesão que estou sentindo; só de pensar em você brigando pelo Giorgiano — retrucou abrindo uma das portas, que indicava ser um banheiro.

Ele olhou por cima dos ombros e para os lados, certificando-se de que não tinha ninguém por perto ou nos observando.

O italiano gostoso me empurrou para dentro e entrou logo em seguida, me seguindo.

— Isso faz parte da sua fantasia? — perguntei já me deixando cair no meio dos seus braços, sentindo sua boca sugar a minha com firmeza e paixão.

— Sim! Você faz parte dela atualmente. Eu quero foder sua boceta gostosa o tempo todo. Não faz ideia do quanto estou viciado em você. —

Seus lábios molhados e quentes desceram para meu pescoço, mordendo a pele exposta.

Ele me apertou e me empurrou até a parede, sem sair de perto um centímetro sequer.

— Se alguém entrar e nos flagrar?

— Não me importo com mais nada, apenas com você em mim. Quero senti-la ainda mais, noite e dia, sem pensar no amanhã. Você não me quer? — Assenti e deixei minha cabeça pender para o lado, dando mais acesso à minha pele, que já estava ardendo de tesão por ele.

Como não querê-lo? É claro que eu queria, e muito por sinal.

Gemi sem pudor algum quando sua língua brincou na entrada da minha orelha, me fazendo arrepiar toda.

Eu estava me tornando uma depravada e deliciosamente imoral.

Na verdade, desde que o conheci, eu já não me reconhecia mais. Nunca tive esses encontros casuais, de que você olha para um cara e sente que sua calcinha já não vai mais prestar e que precisará jogá-la fora só pelo simples fato dele te beijar.

Mas com ele não precisávamos falar nada, apenas bastava me olhar intensamente, para meu corpo ser escravizado e devorado pelo desejo.

Confesso que estava gostando.

Era diferente, pervertido e me consumia, como se eu estivesse em chamas.

— Se quiser, podemos deixar para de noite — Ettore sussurrou enquanto continuava circundar minha orelha com a ponta da sua língua...

E por Deus... que língua.

Ele fazia o sexo oral parecer a oitava maravilha do mundo quando me lambia e chupava com voracidade.

— Hoje à noite, não poderemos nos ver. Vou levar o Giorgiano comigo e terei os seguranças de Thomas, a noite inteira na porta. O corretor virá amanhã pela manhã e na cláusula do meu contrato está bem descrito, que devo sair daqui sozinha e permanecer sem ver ninguém, enquanto não assegurarem o quadro.

Ele suspirou resignado, parando de movimentar seus lábios sobre minha pele.

— Como vamos fazer? Já não consigo ficar sem você, meu anjo...

— Ettore, me prensou mais contra a parede, me fazendo sentir o quanto seu pau já estava rígido ao apertá-lo contra minha barriga.

— É só uma noite, amanhã quando tudo estiver resolvido, poderemos matar essa falta.

— Você me deixa descontrolável, eu a quero e não consigo me concentrar em mais nada. — Ele voltou a me beijar, enquanto suas mãos

invadiram por baixo da saia do meu vestido, indo até o meio das minhas pernas.

— *Caralho...* você está muito molhada, carinho.

Arfei quando senti seus dedos atravessando minha calcinha, colocando-a para lado antes deles se enfiarem dentro de mim.

Gemi e me agarrei ainda mais a ele.

— Adoro seu gemido e essa boca gostosa. — Ele me prensou mais e começou a movimentar seus dedos, me deixando completamente ensandecida e desesperada para que me fodesse ali mesmo naquele banheiro.

Ettore sugou meus lábios me fazendo rebolar contra sua mão ao aumentar os movimentos dentro da minha boceta.

— Ah... como é bom! — arfei.

Fechei os olhos e tombei minha cabeça para trás conforme eu sentia seus dedos roçarem deliciosamente meu ponto. Ele os movimentava rapidamente, fazendo aquela deliciosa cócegas prazerosas. E se continuasse desse jeito eu não conseguiria segurar.

— Não temos muito tempo... — informei em sussurros.

— Eu a quero para sempre, quero sentir todos os dias como é bom estar dentro de você. — Sorri, mesmo sabendo que estava me dizendo tudo

isso no calor do momento, no entanto, era muito bom sentir-me desejada, como ele fazia eu me sentir.

Ettore voltou a me beijar e morder meu lábio inferior, antes de escorregar sua língua para dentro da minha boca e movimentá-la possessivamente.

Era mais que bom. Era ter ali com ele um pedacinho do céu e daquele nirvana que só é citado em livros.

— A quero tanto, Angelina... — sussurrou deixando ainda seus lábios colados aos meus, enquanto meus olhos se abriam caindo diretamente nos seus.

E então... ele tirou sua mão e envolvida no momento segurei seu pulso e puxei seus dedos até minha boca e os lambi, deslizando lentamente para dentro, sentindo meu próprio gosto enquanto ele me encarava.

— Você é muito gostosa. Vai foder comigo de todas as maneiras...

Juro que não sei de onde saiu tanta confiança para transar com ele em um banheiro, onde qualquer um poderia entrar.

Mas com ele era assim: envolvente, apaixonante e perigosamente atraente.

— Monte em mim — ele pediu e sem responder que sim ou não, me puxou para dentro de uma das cabines e se sentou sobre a tampa fechada de um dos vasos sanitários.

Ettore subiu a barra do meu vestido, mantendo ainda contato visual. E foi assim, até me deixar parcialmente sem roupa, ficando com o vestido enrolado na cintura, de calcinha de renda e sua boca colada sobre meu púbis.

— Iria te chupar hoje o dia inteiro, se não fosse esse maldito leilão.

— E eu iria adorar... — retruquei sustentando seu olhar.

— Senta em mim? — Balancei a cabeça, respondendo que sim e em seguida, ele abriu com uma das mãos apenas o zíper da calça e colocou seu pau duro, com grossas veias o ladeando para fora, para depois enfiar a ponta do seu indicador em minha calcinha e empurrando-a para o lado.

Ettore já estava preparado, já havia se prevenido quando me puxou pela cintura, deixando suas pernas entre as minhas. Em seguida, segurou seu pau, deixando-o em pé. Segurei-me em seus ombros e descii lentamente sobre o mastro hasteado.

— Ah... — Arfei e fechei os olhos, sentindo seu falo grosso me abrir e eu, o engolindo todo dentro de mim.

— Que boceta... — rosnou entre dentes, quando o empalei e me movimenteí, me esfregando.

Gemi e suas mãos fecharam em minha cintura apertando, cravando seus dedos à medida que eu descia e subia, engolindo-o todo.

Ele jogou a cabeça para trás, enquanto eu aumentava o ritmo a cada subida e descida.

E então, meu corpo já estava pronto para se acabar, quando ele rapidamente abriu os olhos e se levantou mantendo seu pau ainda dentro de mim. Ettore me segurou e me prensou contra a porta da cabine.

Uma de suas mãos ergueu uma de minhas pernas e usei o mesmo local onde ele esteve sentado, para apoiar a ponta do meu *scarpin* enquanto ele começava a investir de novo, entrando e saindo.

Ettore bombeava rápido, escorregando deliciosamente para dentro de mim, enquanto me beijava impetuosamente.

— Eu vou gozar — sussurrei, já sentindo minhas pernas tremerem e meu corpo todo ficar arrepiado.

Meu ventre se repuxou e o centro das minhas pernas ficou ainda mais molhado e quente. Minha boceta contraiu e pude sentir suas estocadas irem mais rápidas e fundas, gozando no mesmo tempo que eu.

Como a respiração ainda pesada, deixando sua boca parada na curvatura do meu pescoço, foi desacelerando suas investidas até parar.

— Como vou sobreviver uma noite inteira sem seu corpo? — ele perguntou com a voz rouca enquanto disparava beijos pela minha pele.

Não o respondi, mas olhei assustada para ele, encontrando seus olhos, quando escutamos a porta ranger e as vozes de duas mulheres

entrando no banheiro.

Rapidamente ele retirou seu pau de dentro de mim, já tirando o preservativo junto e o jogando fora.

— O leilão já vai começar... — Escutamos uma das mulheres dizer.

— Vamos! — Me apressei e sussurrei, ajeitando minha calcinha e vestido. Em seguida, sem me importar com a forma como estava — ainda mais molhada e melada —, deixamos o banheiro e me arrependi no mesmo instante, por não ter me limpado direito.

CAPÍTULO 1

Dias atuais

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a horizontal bar extending to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the "T".

Vingança...

Um termo utilizado, quando você tem de volta tudo aquilo que lhe foi tirado. É quando o mundo passa a conspirar a seu favor e as verdades começam aparecer. Porém, em todos esses anos, desde que me tornei Don Dellatore, fui o regente da orquestra do bem e do mal na minha casa. Eu era o ditador das regras, o bom samaritano do perdão. Era eu quem dava a palavra final.

Nada e nem ninguém, tinha o poder de decisão e de xeque-mate além de mim.

A coroa sempre foi minha, mesmo quando quis abrir mão do peso de ser responsável pela família. Porém, quando tudo tem que ser de um jeito ou de outro, volta para o ponto exato.

E voltou...

Quando dei para Bella meu direito, julguei que seria o correto, o justo, o melhor, porém se Francesco quis que eu fosse seu primogênito, não poderia me sentir menos que sua princesinha. Ele me queria na sua cadeira e só tive essa consciência e discernimento, quando escutei e deixei todo meu orgulho de lado.

Russel, sem dúvidas, foi essencial para que eu me descobrisse no meio de tantas incertezas. Eu me achava capacho, não digno, mas sempre foi para ser assim: meu nome escrito no livro da Camorra como Don Dellatore, herdeiro primogênito de Francesco e Nina Dellatore.

Nada me desabonava, nem mesmo minhas obstinações e meu passado.

Remoendo, dia após dia, tudo que acontecia e estaria para acontecer, retornei o porta-retratos, que mantinha em pé sobre minha mesa para a mesma. Na foto eu estava ao lado deles, na formatura do *High School*, uma típica imagem da família americana. Normais, eu com beca e capelo e eles, felizes ao meu lado, no entanto, éramos completamente contraditórios. Incoerentes. Pertencíamos a uma classe, que em nada poderia dizer que era

comum. Éramos uma pequena fração do submundo. Um pedaço do domínio nas ruas, uma parte gananciosa e uma parcela de arrogância.

Poderosos e sujos.

O que tornava nosso sobrenome, o rei das ruas de Los Angeles.

Meu pai era um bom homem aos olhos de todos, mas sempre agiu com mãos de ferro. Sua família sempre foi um lugar santíssimo. Mas só consegui enxergar isso, depois que Bella me devolveu o que era meu, antes eu só conseguia pensar naquela noite, em como o questionei.

Francesco regeu seu clã como um maestro que rege sua orquestra. Não era de dar satisfações e quando confrontado, agia sem piedade alguma. E eu seria como ele, agora era minha vez de reinar, ninguém me impediria de fazer com que a menção do meu nome, fosse sinal de respeito e medo.

Eu começaria por onde todos eles se recusaram a ir. Inclusive minha irmã!

Bella? Que ela fizesse o que bem entendesse, sendo a primeira dama dos Valentino. Poderia ser inteligente e sagaz, mas éramos completamente diferentes. Russel fazia o trabalho sujo por ela, enquanto eu preferia sujar as mãos — quando necessário — nem que para isso eu pagasse caro.

Minha irmã, como Don, tentou mostrar que poderíamos ser políticos sem terno e gravata, mas confesso que essa não é e nunca foi minha praia, por mais que, no passado, eu tenha tentado bancar o bom moço; o certinho.

Por remorso, hoje desaprendi o real significado de ficar remoendo tudo o que aconteceu.

Vou agir como quero. Seguirei meus instintos e desejos.

Minha casa, minhas regras...

Mais uma vez, olhei para a foto e respirei fundo, apertando minhas mãos e os nós dos dedos dentro dos bolsos da calça de alfaiataria.

A dor me tomou e domou toda a fachada de bom moço, por todos esses anos.

Ele foi o homem que me ensinou a ser leal e digno, mas acima de tudo sempre honrar nosso nome e não ter vergonha dele.

Eu era Antônio Dellatore, Tony para os íntimos, o novo Don Dellatore para meu clã. Filho e herdeiro da cadeira de Francesco Giuseppe Dellatore.

Então ele merecia ser vingado e eu o faria, nem que para isso, fosse preciso descer ao inferno e me queimar com o fogo de lá. Os assassinos pagariam caro, pela minha mão ou pelo meu jugo.

Por anos, busquei e montei meu próprio quebra-cabeça, ainda faltavam poucas peças, algumas delas não se encaixavam, mas precisava continuar, mesmo que no fim, elas não pertencessem ao jogo e não fizessem sentido algum.

Andei de um lado para o outro novamente na espera. Havia tomado uma decisão e não voltaria atrás.

O revés do oponente, sempre seria suas maiores paixões e se há algo que me preparei e blindei em todos esses anos, foi não ter nenhuma. Deixei de lado a emoção, para alimentar esse sentimento de vingança. Em mim já não tinha sequer espaço para amar, para me alegrar, só queria que cada um dos envolvidos pagassem caro e no fim padecessem de dor e desespero, por perder o que mais amavam nessa vida. Cada um teria de mim o pior, teria toda minha fúria e o dissabor das lembranças, que jamais o traria de volta, para que eu lhe pedisse perdão.

Mudei? Não sei... Só sei que, nada é o que parece ser...

Eu precisava vingar o nome dos Dellatore e limpar a mancha de sangue daquele chão em *Bel Air*.

Por anos acreditei que minha irmã fosse buscar por justiça, mas não fez. Sua maior preocupação sempre foi mostrar aos Valentino, em especial a Giovani, que ela era melhor que eles, que ele escolheu errado, mas como sempre pensei, vi a roda girando e me colocando em cima novamente, quando minha irmã me disse que estava grávida e que me devolveria a cadeira. A princípio fiquei feliz de verdade pelo seu momento, sei que isso a fazia feliz. Entretanto, ninguém sequer tinha ideia do quanto o meu verdadeiro eu se sentia vitorioso com essa notícia.

A cúpula americana ganharia um novo herdeiro, e eu, o meu direito de vingança, pela morte do meu pai.

Algo que ninguém quis e muito menos levaram adiante, mas eu levaria, seria apenas uma questão de tempo.

O assassinato dele foi tratado como um crime qualquer, engavetado por uma equipe mal preparada, que sequer concluiu o caso. Mas assim que assinei, que tive meu selo colocado no livro de registros, me vi novamente na corrida para descobrir quem matou Francesco Dellatore.

Perdi as contas de quantas vezes assisti as filmagens de segurança. Quem entrou na nossa casa naquela noite e o assassinou, sabia muito bem os pontos cegos da segurança. Eram tantas falhas, com tão poucas explicações. Por isso, sempre fui no ponto da minha intuição. Foi alguém de dentro, não só um e sim mais pessoas que estavam juntas, direta ou indiretamente. E mesmo com brechas e lacunas desorganizadas, agiram com cautela, para o verdadeiro assassino não aparecer e quebrar a rede de conspiração. Mas eu estava muito perto.

Russel e eu sempre seguimos nessa linha, de que alguém o queria morto, para ter acesso a algo.

Mas que acesso? E por quê?

Eram perguntas das quais ainda não dispunha resposta, porém eu tinha nomes.

Tudo começou com a morte de uma das garotas da nossa casa, uma semana antes. Ela morreu de overdose, enquanto atendia um grande cliente. Ao que nos levava crer, que meu pai fez vista grossa e deu por encerrada qualquer investigação.

Yviny era usuária de heroína e naquela noite abusou da oferta do cliente e como isso comprometeria todo nosso esquema de casas de prostituição e jogos, o velho Don Dellatore, não levou adiante e fez o que todo chefe de máfia faria, mandou condolências à família com um grande buquê de peônias brancas e os colocou na folha de pagamento até hoje. Porém, o que não foi contado, era que Lion Chardenson, um dos nossos seguranças, tinha um caso com ela e acabou se apaixonando pela prostituta, que estava grávida.

Descobrir essas pequenas conexões, por anos, foi meu quebracabeça e minha diversão de horas.

As pessoas não se atentam em datas, mas elas são as peças mais importantes de um grande jogo de mentiras, quando você precisa desvendar o mistério da jogada.

Assim como Russel me deu a ideia de começar a buscar por detalhes irrelevantes e onde Don Dellatore havia ido antes da sua morte, eu fiz. Foi quando chegou a meu conhecimento o que havia acontecido em Heavenly^[1]: a morte de uma delas e isso curiosamente me chamou atenção.

Yviny estava grávida de pouco tempo de Chanderson, e mesmo assim ainda fazia os programas e se drogava constantemente. Não só ela como Lion também. A ficha deles mostrava esses pequenos detalhes, do abuso de heroína, mas foi no laudo da autópsia, que acabei ficando intrigado, quando li o termo gravidez, e que havia um feto de 8 semanas em seu útero. Me fazendo criar uma teia de mentiras, que me levaria ao assassino.

Meu primeiro suspeito foi Lion. O segundo, talvez não seja, mas era meu tio Ângelo. Nada substancial o relacionava, o único fato que me deixava intrigado é que ele era o declarante do óbito da prostituta e que estava escondendo este detalhe até hoje, tornando-o um suspeito e colaborador em minha lista. No entanto, isso não era o bastante para dizer que ele tinha uma participação.

Tio Ângelo era o irmão mais novo de meu pai, eu tinha mais uma tia que morava em Nápoles, mas mal nos falávamos. Ele veio para Los Angeles bem depois que meu pai. Eu era bem pequeno e pouco me lembrava daquela época.

— Tony, meu *ragazzo*^[2] — ele disse ao entrar no meu escritório, sem bater. Estava absorto, pensando e correlacionando mais uma vez, a obsessiva procura por resposta, para a morte de meu pai.

Por um momento disfarcei, que não havia percebido sua presença, mas a maneira efusiva como chegou, me fez olhar para ele e sorrir, como se sua presença fosse agradável.

Depois de anos esperando para começar, eu olhei em seus olhos, buscando que tudo fosse mentira, algo criado na minha cabeça. Eu tinha quase certeza de sua participação. Intuitivo ou não, algo dizia que Ângelo estava envolvido, até os últimos fios de cabelo da sua cabeça, com a morte do seu irmão e só precisava de algo que ligasse tudo, ou melhor, de alguém que o delatasse.

Ele mantinha aquele ar e tom de alegria, como se a vida fosse um arco-íris, com seu pote de ouro no fim dele. O que me deixava, cada vez mais com ódio, de ter que tolerar esse papel de bom tio que encenava.

Ah! Mas se ele soubesse o que lhe esperava...

Independentemente dele ter culpa ou não. Não agiria por misericórdia de ninguém, sendo culpado ou inocente, todos pagariam pelo esquecimento fácil e por serem omissos. Eu atingiria com precisão, em cada tendão de Aquiles deles.

Respirei fundo e fui me virando lentamente, controlando minha ira, sorrindo e mostrando somente o que queriam ver: o bom moço.

— Bom dia, meu tio. — Deixei que ele viesse até mim e que segurasse meu rosto, dando-me um beijo de cada lado.

— Seu pai estaria muito orgulhoso desse dia... — ele disse, após dar batidinhas. Como se estivesse satisfeito. — Não acredito que você se casará com uma desconhecida, que conheceu em Paris. Sou seu tio e não sei de nada da sua vida.

Sorri, como se isso fosse carinhoso por minha parte, porém eram as palavras que queria dizer, quando ele fosse a testemunha do seu próprio martírio, ou melhor, do inferno em que estaria entrando.

— Existem amores considerados à primeira vista, meu tio. Como foi no seu caso e de Tia Sophia. Quando ainda era apenas um sonhador, antes de se tornar o braço direito do meu pai. Não é?

— Exatamente, *bambino*^[3]. Mesmo com a morte de Remo, ainda sou apaixonado e completamente amante dela. Desejo que tenha um casamento como o meu.

— *Grazie!* ^[4] — agradei e me afastei, voltando a colocar as mãos no bolso, demonstrando estar calmo, quando na verdade estava ansioso.

— Estarei sempre aqui, nunca se esqueça que eu o tenho como um filho. Você é o herdeiro de Peppe. — Ele respirou fundo, como se o momento estivesse sendo uma nostalgia, mas eu sabia que na verdade, Ângelo só estava sustentando uma máscara de mentiras.

Ângelo era um grande mentiroso e não era pelo fato de esconder seu envolvimento no assassinato, mas sim, por estar se contradizendo em

relação ao seu casamento. Eu poderia não ter provas dele na participação da morte do meu pai, mas sabia de muitas coisas que ele tentou manter em segredo, em todos esses anos.

Como pode um homem participar da morte de quem diz amar?

Em contrapartida, sua fala morreu em um olhar preocupado, o que me alimentou ao perceber que seu sofrimento estava prestes a começar.

Seu inferno estava pronto para ele...

— Está acontecendo algo, meu tio? — perguntei como quem não queria nada, imaginando e prevendo, como ele reagiria ao que tinha em mente para ele.

— Não, apenas cansaço de um homem velho — ele respondeu tentando forçar um sorriso.

Esperei por dois anos inteiros, para este momento e queria que ele fosse exatamente como pensei, quando desconfiei do seu envolvimento. Na verdade, por três anos venho arquitetando tudo, no entanto somente dois atrás, foi quando comecei a colocar em prática.

— Don Dellatore! — Olhei na direção da porta, quando escutei meu nome. Era Percy Hakim. O sobrinho de Russel, que agora era meu braço direito. Ele acompanhava meu outro convidado.

Sorri e assenti. Tudo estava ocorrendo como planejado. E isso era bom, sinal de que eu ia pelo caminho certo.

— Entrem e sejam bem-vindos! — exclamei entusiasmado.

Percy ficou parado na porta, esperando o outro homem entrar e veio junto com ele para mais perto.

Ele não só era o meu faz tudo, meu açougueiro, mas também um grande e leal amigo. Era com ele que eu dividia hoje, meus passos e meus planos.

— Como está, Ângelo? — Com seu sotaque judaico ainda carregado, Percy cumprimentou meu tio secamente.

Não era novidade alguma que meu conselheiro não suportava o irmão mais novo de meu pai. Assim como eu, ele sentia no ar o jeito falso, como Ângelo se portava.

Olhamo-nos, evitando não demonstrarmos satisfeitos demais. Ainda tínhamos a atração principal.

Planejamos cada passo, cada reação e cada eventualidade que pudesse acontecer.

Quando Russel teve que voltar para Nova Iorque, Percy já estava comigo havia um ano e assim como seu tio, ele era tão sagaz quanto. Um refinamento precioso da família Hakim. Aquela raposa velha, soube exatamente treinar os seus e como havia me prometido não me deixou sozinho nesse plano.

E eu sentia falta dele. Foi e ainda é, como um pai para mim.

Tudo que sei, tudo que precisei enfrentar, foi Russel que me ensinou. Me ajudou a enfrentar meus próprios demônios e culpa. Minha dívida com ele seria eterna.

Foi ele que me fez enxergar que eu seria capaz de honrar o nome de meu pai, me ensinando que um homem sábio, sempre se coloca à frente do seu verdadeiro eu, quando precisa derrotar seus inimigos.

“Eles precisam achar que você não é páreo, não lhe dê suas cartas, logo no início do jogo. A maior fraqueza de um homem, é deixar o inimigo saber o que você pensa sobre ele.”

Em troca dessa cumplicidade, ele me cercou de pessoas com quem eu poderia contar. Sarah, sua irmã, esteve presente quando Bella precisou, agora era ela, quem cuidava de todo meu dinheiro e tudo que chegava no meu clã. Seu sobrinho Percy, era meu açougueiro, meu serviço necessário e meu braço direito. Era ele quem agia sem limites, quando eu precisava. E Tio Ângelo se tornou um peso morto na família, porém, necessário quando era para deixá-lo sob meus olhos.

— Seja bem-vindo, Vossa Excelência. — Estendi minha mão, com formalidade, na direção do juiz de paz. — Agradeço pelos seus serviços pessoais, meu amigo.

O homem me olhou e sorriu, pegando minha mão no ar e balançando-a.

É claro que viria ao meu chamado, ele era um cliente assíduo nas minhas mesas de jogos. Além de estar endividado.

Ele jogava compulsivamente, o que para mim era bom em todos os sentidos. Eu ganhava dinheiro com ele, o tinha como um grande amigo e agora — com sua enorme dívida comigo — teria dele, todos os favores que quisesse.

— Meu caro Antônio Dellatore, não havia motivo para negar um pedido desses. Amigos são para essas coisas. — Sim... ele sabia que era melhor ser meu amigo, do que inimigo.

Jonathan Miller poderia ser influente no poder judiciário de LA, mas eu tinha apólices suas, que valiam toda sua vida. Se fosse contabilizar, o quanto me devia, nem suas cuecas seriam mais suas.

Ainda na minha encenação, o puxei, quando pegou minha mão e trocamos um abraço masculino, distribuindo tapinhas de leve um nas costas do outro.

— Sim. Tens em mim um servo fiel — disse, afagando o ego do homem.

Aprendi que o ego dos outros é o melhor aliado em uma grande batalha.

— Percy, mande nos trazer o champagne, quero brindar ao melhor estilo, assim que estiver casado. — Olhei para meu homem e mantive o

sorriso vitorioso nos lábios.

Não venci ainda toda a guerra, mas a primeira batalha sim!

— Devo trazer também a noiva? — ele me perguntou e sorriu, conversando comigo, através do seu olhar.

— Com toda certeza, ela é a peça mais importante no dia de hoje. — Olhei para os homens e assenti a cada um.

Shark e Bronk, meus seguranças pessoais, estavam parados ao lado da porta, prontos para agir. Eles ficariam a cargo dela.

A italianinha tempestuosa, foi trazida ontem à noite. Ainda não tinha visto-a, apenas escutei sua voz calma e rouca, quando conversou com uma das empregadas da casa.

Fiquei por longos minutos atrás da porta, escutando o que falava. Sua voz rouca e pesada, me fez lembrar de como gemia quando gozava, ou mesmo quando me montava e fechava os olhos, ao me engolir todo com sua boceta, quente e apertada, indo até o talo.

Há dois anos.

Naquela semana em Paris, foi tudo tão intenso.

Não estava nos meus planos fodê-la, mas a danada era o tipo de mulher que gostava de ter na minha cama. Era o estereótipo perfeito das minhas preferências e nossa... como ela sabia foder tão bem, quanto as meninas de Heavenly.

Ela seria um bom negócio, não que tê-la na minha cama, fosse parte do meu plano.

Trabalho e sexo juntos, são a melhor diversão que um homem pode ter, ainda mais quando a mulher é gostosa para *caralho*. No entanto, essa não passa de uma bocetinha com preço e uma enorme dívida a ser paga.

Infelizmente alguns precisam pagar no lugar dos outros, inclusive daqueles que a ama...

CAPÍTULO 2

Dois anos atrás

Angelina

Nunca fui santa, mas jamais roubaria algo e tomaria para mim, o que não me pertence...

— Srta. Fantini, eu lhe avisei que essa aquisição era importante! —
Ele não precisou gritar, sua voz pesada foi o suficiente para eu entender, que estava ferrada de um jeito que não conseguiria me safar tão fácil, ainda mais de algo que não tinha culpa alguma.

Fui roubada, traída, enganada e abandonada da pior maneira.

Como fui tão burra, a ponto de confiar em um estranho?

— Você sumiu com meu Giorgiano e ainda me faz essa cara de que é inocente.

— Por Deus, Sr. Rootter, eu não tenho culpa, ele foi roubado sim!

— reafirmei o que estava dizendo, por quase uma hora.

O homem à minha frente revirou os olhos, insinuando que pouco acreditava no que eu dizia.

— Na sua situação é bem difícil de acreditar. Um quadro não sairia andando por aí. Nem pé ele tem — ele retrucou com deboche.

Foi minha vez de revirar os olhos. Seu tom sarcástico e acusatório me fez sentir ânsia. Eu não estava mentindo, dizia a verdade. Ou melhor, quase toda, apenas omiti sobre com quem estive. Jamais poderia contar, que o homem com quem passei a noite inteira, foi quem roubou o Giorgiano.

Há dois anos, estava trabalhando para um milionário, amante da arte contemporânea.

Desde pequena, sempre amei quadros, na casa onde fui criada com minha avó, havia uma porção deles espalhados pelas paredes. Minha *nonna* pintava paisagens, principalmente casas em frente ao mar de Capri.

Não conheci minha mãe e foi ela quem cuidou sempre de mim, me fazendo herdar essa sua paixão. Nos meus aniversários, mesmo com pouca

grana, ela comprava livros com fotos de grandes pintores. Cresci admirando e me apaixonando, cada vez mais pela história, pelas obras e pelas paixões que cada um colocava nas telas.

Ela me ensinou a pintar e, por isso, resolvi estudar belas artes em Paris.

Foi com muita luta e com pouco dinheiro que meu pai me mandava, que consegui me formar, realizando meu sonho. Contudo, não segui uma carreira artística. Quis continuar apreciando e andando pelo mundo atrás de obras milionárias, as quais jamais conseguiria ver, se não fosse pelo emprego que tinha.

Quando descobri o emprego de caçador de leilões, lutei muito para conseguir entrar. Não foi fácil. Era uma área totalmente restrita, com pouco espaço para mulheres novas e inexperientes.

Para conseguir um emprego como caçadora, para Thomas Rootter VI, lutei muito. Ele era um dos homens mais ricos dos EUA e o dono de quase toda Detroit. E só consegui que ele pegasse meu currículo, após meses de formada, trabalhando como estagiária para Lêvi Conceliett. Um francês metido e pão duro. Dono de uma galeria em Londres.

Foi ele que me indicou para Thomas.

Por sorte, Lêvi gostava de mim, na verdade, acho que sentia remorso pela miséria que me pagava e por isso me ajudou, quando ficou

sabendo que Thomas estaria contratando um novo caçador de obras em leilões.

Como não ganhava muito na galeria, quem me ajudava com mais um pouco de dinheiro por mês era meu pai. Outro que sempre sentia que era movido ao remorso, por ter me deixado com minha avó, quando minha mãe morreu, em um acidente de carro. Ele foi para os EUA trabalhar e mandava um pouco de dinheiro por mês. O que ajudava *nonna* Emma, a cuidar de mim.

Não cresci com muito, não tive uma mãe e meu pai, por mais que nos ajudasse com pouco, não foi tão presente, enquanto eu era criança. Viemos a ter mais contato, de poucos anos para cá.

Ele liga a cada três dias, mesmo que para apenas falar um oi e perguntar se estou bem, ou precisando de algo. Sem muitos assuntos. Além desse contato maior, ele passou a me ajudar mais financeiramente. Também vinha me visitar, pelo menos uma vez por ano, ficando uns dois dias no máximo.

Tínhamos um bom relacionamento e cada vez mais, nos aproximávamos. Acredito que na medida do possível, ele tentava ser um bom pai.

Por outro lado, ainda se mantinha mais anônimo, não me contando muito sobre sua vida nos EUA.

Não fazia ideia, se ele era casado e se eu tinha mais irmãos. O pouco que sabia, era sobre sua profissão e um pouco do seu dia-a-dia, quando me ligava.

Mesmo curiosa para saber mais, eu evitava perguntar, ele poderia achar que estava invadindo sua privacidade e se afastar. Então achava melhor, mantermos da maneira em que estávamos indo.

Eu o amava pelo simples fato de ser meu pai e por ele, por mais distante que tenha sido, me reconhecer como sua filha.

Com 26 anos, já não tinha como voltar no tempo e mudar as coisas...

Respirei fundo, sentindo meu estômago se contorcer.

Era assim, quando ficava nervosa, eu sentia aquela ânsia e o gosto amargo subir pela minha garganta.

O que estava acontecendo comigo, só poderia ser brincadeira.

Neguei repetidas vezes com a cabeça, tentando crer que estava dentro de um sonho.

— Eu juro que não sei como ele foi sumir, Thom. — Levantei meu olhar e apelei, ao criar uma leve intimidade ao dizer seu apelido.

Thomas Rootter VI era meu chefe e estava à minha frente, com seus seguranças me interrogando, me olhando como se fosse divertido me torturar psicologicamente, me mantendo sentada no meio do quarto do hotel, onde me hospedara.

— Mas sumiu, Angelina e para de fazer essa carinha, de que não sabe de nada. — Funguei, tentando segurar as lágrimas.

Era verdade! Eu não sabia onde estava o quadro. Só que eu estava bem encrocada e com uma conta de 7 casas decimais de euros para pagar.

O Giorgiano era minha responsabilidade, na verdade, qualquer obra que eu retiro ou arremato para ele nos pregões é, ao menos até o momento em que nos encontramos ou o segurador vir e fazer o seguro. Geralmente isso acontece ainda dentro da galeria ou dos salões de leilão, mas dessa vez foi diferente, alguém da seguradora ligou e disse que o segurador, estava se sentindo mal, que viria no dia seguinte fazer a apólice.

Por azar, o Giorgiano sumiu bem debaixo do meu nariz, horas antes de estar assegurado.

O que não consigo me conformar, é que já aconteceu algumas vezes da seguradora enviar alguém, só no outro dia. Por isso, Thomas mantinha seguranças na minha porta, até não ter problema algum do quadro ser roubado e ele perder seus milhões.

Ele confiava em mim e já havia provado que poderia. Além de que, eu tinha assinado o contrato que deixava claro, que não poderia estar com ninguém, enquanto estivesse em posse de qualquer tela.

Mas como fui idiota, caindo na lãbia daquele italiano desgraçado.

— Angelina, não sou um homem que vai cair nessa conversa, de que não sabe como sumiu um quadro valioso. Quem rouba, sempre deixa a réplica no lugar. Você já está há dois anos nesse meio, para saber que roubos assim, chamam muito a atenção. E outro detalhe, ninguém sai de um hotel, com um quadro, sem ser percebido — debochou.

Comprimi e apertei meus dentes, fazendo-os ranger de raiva e frustração.

Claro que Thomas tinha razão. Ninguém sairia pelas ruas de Paris, com um quadro grande, como se fosse uma sacola de compras.

Respirei fundo, tentando controlar todo o nervosismo que estava sentindo.

— Eu sei, Thom, mas acredite em mim — supliquei novamente.

Já não tinha mais argumentos e como fazê-lo acreditar em mim.

Minha vontade era de chorar e meus olhos já estavam ardendo.

— Fale a verdade... — ele pediu se aproximando mais, me encarando e olhando dentro dos meus olhos.

Eu não poderia contar, que havia dormido com Ettore.

Foi ele, só poderia ser. Nada mais explicava. Ele sumiu!

Assim que acordei, com o barulho do telefonema da recepção, me avisando que o segurador havia chegado, me dei conta do roubo. Estava sozinha, tanto Ettore, quanto o quadro haviam sumido.

— Eu não sei... — minhas palavras saíram em forma de lamento.

— Não consigo acreditar. Eu sei que é boa no que faz, que sempre foi exemplar, mas não consigo acreditar, que ao menos você não saiba o que aconteceu com meu quadro. Não dá para aceitar que você dormiu e quando acordou, ele não estava mais aqui.

Por pior que fosse, essa era a meia verdade que eu estava contando. Eu dormi com o Giorgiano no canto do quarto, todo vedado, dentro da enorme pasta preta. O que omitia, era que eu não estava sozinha.

Agora, vendo toda essa situação, me lembro daquele italiano cretino, olhando para o quadro e dizendo, que estava preocupado comigo, enquanto não assegurasse o quadro.

Conheci o maldito, uma semana antes, quando o salão do leilão abriu para visitação.

Esses eventos eram estritamente fechados, somente grandes colecionadores tinham acesso. Não eram realizados em locais muito conhecidos. Havia todo um arranjo especial, para conseguir o convite. Como Thomas Rootter VI, era amante de artes, político, financiador de grandes obras de caridade e um dos homens mais ricos do mundo, ele tinha o passe prioritário. No caso, era eu quem ia, como sua representante.

Era o meu emprego dos sonhos. Algo que sempre sonhei em fazer. E por isso, era difícil aceitar que alguém roubaria um quadro, ou mesmo

arquitetaria levá-lo, sem ser notado, me prejudicando.

— Com quem esteve? Meus seguranças disseram que conversava muito com um homem, após o arremate. — Continuei a comprimir meus dentes e remexer com nervoso, toda musculatura do meu rosto, enquanto encarava seus lindos olhos azuis.

Eu não poderia dizer, além de estar sendo culpada pelo roubo, ele acreditaria que estava sendo cúmplice daquele ladrão.

— Falei com tantas pessoas... — respondi, já exausta por não saber mais o que falar.

Não deveria tê-lo deixado entrar.

Quando Ettore veio ao meu quarto à noite, já era tarde. Ele aproveitou que os convidados de um casamento estavam animados e terminavam a festa do enlace bem na frente da minha porta. O que foi fácil para ele entrar, sem ser percebido pelo segurança de Thomas.

Pedi que fosse embora, mas ele insistiu e quando percebi já estava enrolada no seu corpo.

Assim como eu, Ettore sabia que não poderia ficar com ninguém de noite aqui. Que precisava assegurar o quadro, antes de nos encontrarmos de novo. Havia avisado à tarde, quando transamos no banheiro. Mas fui uma idiota, por confiar que ele estava ali porque me queria.

— Me diz quem são as pessoas. Você não tem tantas amizades assim. — Thomas me pressionava cada vez mais e eu já não estava aguentando mais.

— Era um colega — por fim apenas respondi o óbvio.

Na verdade, Ettore não era mais só um colega, eu e ele nos tornamos bem mais íntimos do que amigos. Nos conhecemos no primeiro dia de visitação. Eu fiquei admirando-o, enquanto ele observava a tela à nossa frente.

Não sei explicar o que foi. Sei que me senti diferente e tudo se encaixava entre nós de uma forma perfeita. Éramos do mesmo país, de cidades vizinhas. Eu de Capri, ele de Nápoles. Tínhamos o mesmo gosto pela arte, nos formamos na mesma universidade. Porém, ele alguns anos antes de mim. Eram tantas coincidências, que por fim fiquei encantada com seu jeito sedutor e acabei não resistindo.

Foi uma atração instantânea.

Ele era bonito, alto, ombros largos, olhos castanhos, como seu cabelo. O rosto com a barba cerrada e aquele olhar, que faz você se sentir presa e compelida a ficar por horas, nessa hipnose sensual. Seu sorriso brincava em seus lábios e sua voz soprava, me deixando não só arrepiada, mas em estado de alerta, com meu corpo todo em excitação, ansiando para ser tocada por ele.

Sem dúvidas, não havia visto homem mais lindo que ele, a não ser Thomas, meu chefe.

Tudo começou ali...

Por dois dias consecutivos, nos encontrávamos por acaso, descobrimos que estávamos hospedados no mesmo hotel, porém em andares diferentes. Eu no de cima e ele exatamente no de baixo. Em uma noite estava sentada bebendo um drink, quando ele chegou no mesmo horário que eu para jantar.

Ainda não tinha os seguranças de Thomas por perto. O leilão aconteceria em três dias.

Começamos a conversar e de repente, me pegando desprevenida me beijou, não falando mais nada, mas quando subimos para nossos quartos, ele me acompanhou e me beijou novamente.

Acabei me envolvendo até mais do que deveria com ele, ao deixá-lo dormir todos os dias comigo.

Eu me envolvi com o próprio diabo e não sabia.

E para minha desculpa, não tinha uma mulher sequer, existente na face da terra, que diria não para Ettore. Ele além de ser um homem completamente viril, era sedutor e envolvente. Foi assim, que me vi apaixonada pelo infeliz. Foi tão fácil que me sentia uma completa burra.

— Já que não vai me falar a verdade, então devo dizer que terei que processá-la por roubo, fraude e omissão. Está me devendo e está demitida. Sem direito algum. — Thomas havia dito algo, mas as únicas falas que prenderam minha atenção, foi a de que eu seria processada por roubo, fraude... o que acabaria com minha vida.

Por fim exausta e desesperada, acabei confessando:

— Foi ele, Thomas! — choraminguei e cedi.

— Foi ele quem, Angelina? — Thomas rodou o quarto inteiro e parou diante de mim, segurando o braço da cadeira, ao jogar seu corpo todo para frente, me intimidando.

— Ettore Moretti, dormiu comigo, quando acordei nem ele e muito menos o Giorgiano estavam no quarto, ainda sonolenta, atendi o telefone e só fui dar falta do quadro, quando o segurador chegou aqui — disse a verdade, não conseguindo controlar o choro.

— Você estava com outro homem no quarto e mentindo para mim?

— Thomas segurou o sorriso diabólico e me encarou ao me pressionar.

Neguei e balancei a cabeça, sentindo meu corpo corresponder ao medo.

Por mais gentil e educado que Thom sempre foi comigo, ele não estava com jeito de que seria naquele momento.

— Procure por Ettore Moretti. — Ele olhou por cima do ombro, na direção de um dos seus seguranças, mantendo-se ainda na mesma posição na qual estava e ordenou.

O seu brutamontes foi até o telefone e ligou para a recepção do hotel, exigindo saber quem era o nome que lhe informei.

— Não teve ninguém com esse nome hospedado aqui — ele informou a Thomas, que me olhou e sorriu diabolicamente, como se só estivesse confirmando a mentira que não existia ali.

— Claro que teve — rebati, quando escutei o segurança negar sobre Ettore.

Eu não estava inventando e muito menos criando um personagem.

Ettore Moretti era tão vivo como nós.

E não tinha possibilidade alguma dele não ter se hospedado e participado do leilão com um nome falso.

Esse meio era muito restrito e como havia milhões envolvidos, tudo era minucioso e muito zeloso aos frequentadores e seus representantes, quando se tratava de não criar riscos aos compradores.

Ele existia sim!

— Você mente. O homem que você estava conversando, era o milionário grego Hades Nomikus, dono de uma rede hoteleira. — Sim, eu

estava conversando com ele também. Mas pensei que se referia a Ettore, o homem que seus seguranças viram comigo.

— Eu não consigo entender mais nada... — disse solto, pensando alto.

— Você não consegue entender que está mentindo? — Rootter se afastou e me deu as costas, demonstrando estar mais irritado. — Você confessou que esteve com alguém, que dormiu com alguém, mas caiu na sua própria incoerência. Eu a questionei quem era, porque não vimos ninguém com você, além de Nomikus. Não tem nenhum Ettore Moretti hospedado e não teve também no salão. As imagens do hotel, mostram você chegando com o quadro e os seguranças juntos. Tenho imagens do quadro sendo entregue e você fechando a bolsa com ele dentro. Tudo me leva a crer, que está escondendo o quadro e mentindo, sendo cúmplice de alguém. — Thomas se afastou e se endireitou, ficando em pé, me forçando a levantar o rosto para olhar em seus olhos gélidos. — Você não me deixa alternativas, a não ser enviá-la para a prisão por roubo, Angelina. Mas antes, vai ter que me falar onde está meu Giorgiano!

— EU NÃO SEI, EU JURO! — gritei.

Eu não roubei o quadro!

Estava dizendo a verdade. Até contei sobre o desgraçado.

— Me diz onde está meu quadro? — ele repetiu e retornou a me manter presa entre a cadeira e inclinando-se novamente sobre mim.

— Eu não roubei e não sei onde ele pode estar! — De fato eu não sabia, só que havia sido enganada e roubada tanto quanto ele.

Eu fui completamente enganada e largada, para ser culpada por algo que não fiz.

— Podem prendê-la! — meu atual e ex chefe ordenou, foi quando percebi que atrás de mim, haviam policiais franceses, que não esperaram ele repetir e vieram ao meu encontro, colocando e apertando as argolas prateadas das algemas em meus pulsos.

— Por favor, Thomas, eu estou dizendo a verdade. Não sei como entraram e roubaram o quadro. Eu estive sim com esse homem e foi ele, tenho certeza. — Tentei argumentar, enquanto me puxavam pela junção dos elos presos, fazendo com meu corpo sofresse um solavanco e fosse para frente, me forçando a levantar.

— Lhe dei a oportunidade para dizer a verdade, não posso fazer nada. Eu quero meu quadro, ou meus dois milhões de euros, só assim vou retirar a queixa. — Ele se aproximou antes de me levarem e disse o que queria, porém eu não tinha nenhum e nem o outro. — Nem tudo que parece ser é.

CAPÍTULO 3

Dias atuais

Angelina

Durante dois anos, foram tantas perguntas sem respostas. Tantos acontecimentos sem explicações, começando pelo roubo.

Fui presa e solta em poucas horas, sem saber quem tinha me tirado de lá. Meu pai certamente não foi, ele não sabia de nada e eu não contaria, não o daria essa decepção. Mas, por dias fiquei procurando por nomes e os porquês, de tudo aquilo estar acontecendo comigo.

Apesar de que não precisava de nomes e sim achar exatamente, uma única pessoa.

Ainda me lembrava daquele desgraçado, que ferrou com tudo. Cinco noites e várias fodas, com aquele italiano, não valeram de nada, depois de ter sido passada para trás. Apenas alimentaram meu ódio por Ettore.

Ele me ferrou, tanto que ainda tentava colocar minha vida no lugar.

Por um ano inteiro, acabei não conseguindo fazer nada.

Voltei para Capri e fiquei morando novamente com minha avó.

Aproveitei que não poderia sair de lá tão cedo e passei a vasculhar, da maneira mais fácil. Procurando na internet. Mas não achei nada, sequer uma foto em alguma festa. Era como se Ettore Moretti não tivesse existido. Só sei que havia esse nome, porque acabei encontrando o registro de um restaurante, com o sobrenome em Ravello, próximo a Capri.

Como era perto, dava para eu ir e quando cheguei lá, me deparei com um senhor de 68 anos, viúvo e com duas filhas.

Eles me contaram que a família era pequena e que não haveria a possibilidade de ter outros Moretti, muito menos em Nápoles.

Cada vez mais, eu me sentia uma idiota por ter acreditado naquele desgraçado.

Ettore Moretti, era como se fosse um fantasma.

A cada dia mais, começava a acreditar que nunca o acharia.

Eu só queria estar frente a frente com ele, para despejar todo meu ódio e minha mágoa. Queria falar o quanto ele me fez mal, ao me roubar.

Por causa dele, eu tive que voltar para Capri e de lá, não poderia mais voltar a trabalhar, com o que mais amava.

Nesse primeiro ano, tentei falar com Thomas e me explicar, contar tudo que estava acontecendo comigo. Quem sabe assim, ele veria o quanto fui prejudicada e acreditaria em mim. Mas não consegui nada, além de que suas assistentes me dizerem, que anotariam o meu recado.

Quando consegui juntar um dinheiro, parti para Londres, precisava tentar falar com Lêvi, talvez ele soubesse algo sobre esse desconhecido, que nem mais sabia qual era seu nome. Mas fui ignorada por ele também, me dizendo que estava ocupado e quem sabe me atendesse outro dia.

Não tive saída a não ser ligar e pedir ajuda novamente para meu pai, após lhe contar que havia perdido o emprego.

Fazia mais de um ano que não nos víamos e para mim, isso foi maravilhoso, pois não queria contar os problemas que havia me metido. Ele não poderia ver, o que aconteceu comigo.

Nos meus pensamentos, precisava ainda ser a boa filha deixada para trás, aquela que não dá problemas e é o orgulho de todo pai.

Já foi doloroso demais, crescer só com a avó, para agora aguentar as pessoas falando: que tudo isso só estava acontecendo comigo, porque cresci, sem a presença de uma mãe e um pai.

E por sorte, ele não me questionou, depois que lhe contei a mentira de que havia sido boicotada, por ser mulher em um meio machista.

Juro... que tentei fazer meu melhor e alcançar meus sonhos. Não que eu fosse exemplar, só não queria que soubesse que eu estava fracassada e que tudo em minha vida havia mudado, porque fui inconsequente e porque abri as pernas para um filho de uma *puttana*, que só quis me ferrar.

Ettore não só me meteu no meio dessa furada, como também fez minha vida toda dar um giro de 360 graus. Além de me deixar completamente estragada, para qualquer outro relacionamento.

Por isso, eu precisava achá-lo a todo custo.

Ele poderia não ter o nome que me disse, mas existia.

E quando o visse, eu não responderia por mim.

Eu o procuraria por toda a vida.

Por sorte, acabei conseguindo um emprego e minha avó me deu todo seu apoio, quando lhe disse sobre a oportunidade de novamente conseguir que as coisas voltassem ao normal.

Não que eu fosse deixá-la, com a minha responsabilidade. Nunca! Mas por ora, era a única pessoa com quem eu poderia contar. Eu mandaria o pouco que conseguisse e tentaria ir mais vezes para Capri.

Meses, quase um ano trabalhando como recepcionista em uma galeria menor que a de Lêvi, vi surgindo uma possibilidade maior ainda. Uma que poderia me colocar novamente cara a cara com aquele italiano cretino.

Há dois dias, enquanto atendia um leiloeiro, fui informada de que estavam contratando recepcionistas para um evento grande, que aconteceria em Los Angeles. Um semelhante ao de Paris. Onde reuniriam grandes obras.

No mesmo momento, me senti esperançosa.

Fazia dois anos, desde que ele me roubou o Giorgiano, era a minha oportunidade e não poderia perder. Mesmo que me distanciasse cada vez mais de Capri.

Preocupada, mas por outro lado agarrada ao fio de esperança, consegui o contato da pessoa responsável pela contratação.

Não foi fácil, a mulher parecia ser alguém muito importante e ocupada. Gastei um bom dinheiro na ligação internacional, esperando-a me atender e quando achei que falaria diretamente com ela, sua assistente me informou que a senhora Steech me retornaria em breve. Foram algumas horas, até meu telefone tocar e me dizerem que era para eu enviar meu

currículo para o e-mail que me passaram, que ela me retornaria assim que tivesse com meus dados em mãos.

Demorou mais de uma semana para me responderem. Até achei que não gostaram do meu currículo, ou o roubo do quadro de Thomas havia me prejudicado e manchado meu nome, mas me retornaram pedindo meus dados, que em breve a senhora Steech me ligaria.

Era a sorte sorrindo novamente, ao meu favor.

Horas depois, Sarah Steech me ligou, dizendo que estava com meu currículo em mãos, e que ainda tinha dúvida se me contratava ou não, pois toda aquela história do roubo do Giorgiano havia chegado ao seu conhecimento, mas que estava propensa a me dar uma chance, visto que ela sabia quem era Thomas Rootter VI e sua reputação de *playboy* mau caráter. Por isso, faríamos um teste e eu precisaria estar em Los Angeles, até o fim de semana.

Eu precisava desse emprego, não pelo dinheiro, mas para continuar tentando achar Ettore Moretti. Precisava limpar minha imagem e só ele poderia fazer.

Essa seria minha única oportunidade, de ficar mais perto de tentar achar aquele vigarista. Se ele fosse um ladrão de obras, certamente estaria nesse leilão, procurando por uma nova vítima.

Eu precisava encontrá-lo a qualquer custo.

Por fim, depois de conversarmos e ela explicar sobre o teste, me disse que estaria enviando a passagem e um adiantamento. Agradei e antes de encerrarmos a ligação, ela reforçou sua opinião sobre Thomas, me deixando mais tranquila e confiante, de que alguém acreditaria que eu fui enganada.

“Angelina, aprenda uma coisa: em políticos, só podemos confiar quando a promessa não são apenas palavras.”

Eu quase lhe respondi: não só neles, mas em qualquer outro homem bonito que te seduza, que lhe faça sentir prazer e logo após lhe roube, sem dó nem piedade, deixando-a arruinada.

Ao desligar, agradei mais uma vez, afirmando-lhe que não se arrependeria. Eu daria meu melhor, não só por essa vaga, mas porque com ela eu estaria um passo à frente, de conseguir achar algo sobre o desgraçado.

Quem sabe... assim que eu o achasse, poderia resolver o mal-entendido, pegar minha honra de volta e continuar até mesmo trabalhando nos EUA, dando uma melhor oportunidade para minha família.

Contudo, não faria ainda nenhum plano, não enquanto meu principal objetivo, era ficar cara a cara com Ettore. Enquanto isso, eu me alimentaria do ódio, por ter sido enganada da pior forma possível.

Nenhum homem nunca mais teria de mim a minha entrega.

Ninguém me enganaria mais.

— Bom dia, senhorita Fantini. — Ainda acordava, quando escutei a voz feminina, me chamando bem próxima de mim.

Cheguei em Los Angeles tarde da noite e um tal de Percy Hakim estava me esperando, com um sorriso e um inglês péssimo, assim que saí do desembarque.

Fui trazida para essa casa.

E que casa... na verdade, uma mansão ainda maior que a de Thomas. Era repleta de seguranças e pelo que entendi, em *Bel Air*. Senti como se tivesse entrado em um filme, ou um documentário das casas mais lindas de Los Angeles.

Estava tão cansada e impactada com a casa, que mais uma vez me deixei ser levada pelo deslumbre e não pesquisei nada, apenas cheguei, tomei um banho e comi. Até porque, me senti confortável e não desconfiada. Havia pesquisado sobre a Sarah e descobri ainda dentro da SUV, que ela era testa de ferro para algum figurão. A princípio só me veio à cabeça que se tratava de mais um magnata, que não gostava do seu nome envolvido em leilões particulares.

Muitos deles se escondiam atrás de outras pessoas. Inclusive por envolver quadros de altíssimo valor e que poderiam até serem fraudados. Nesse meio, o que mais tinha, eram pessoas querendo ganhar em cima. Então ninguém importante, iria querer seu nome, diretamente envolvido a escândalos.

— Bom dia! — respondi e abri os olhos, percorrendo na direção que vinha a voz de quem estava ali.

No canto do quarto.

— Trouxe seu café. — A mulher ruiva, colocava sobre uma pequena mesa uma bandeja com frutas, pães e ovos mexidos.

O cheiro estava delicioso, mas o que mais atraiu minha atenção, foi a mulher. Era linda, parecia uma pintura dessas com traços realistas. Alta, esguia e com a pele alva, ficando ainda mais em contraste com o tom de vermelho dos seus cabelos.

Seu rosto era expressivo e seus olhos azuis, de um tom azul maya, quase celeste. Estava vestida quase toda de couro preto, com os olhos bem marcados.

A que horas será que ela levantava para ficar tão bem arrumada? Não que eu fosse uma mulher relaxada, mas depois de tudo que aconteceu, tive que ser prática e não tinha mais tempo para me arrumar. Me senti

péssima. Eu precisava voltar um pouco do que era, a Angelina antes de Ettore Moretti.

— Don Dellatore quer vê-la, mandou que eu trouxesse sua roupa. — Estava me espreguiçando, quando disse e apontou com a cabeça a capa preta pendurada em frente uma porta de espelho.

— Quem? — perguntei e a encarei sem entender.

Quem era Don Dellatore?

Que eu saiba, hoje conheceria pessoalmente Sarah.

— Don Dellatore, seu contratante — ela respondeu tranquilamente, andando na direção da saída do quarto.

— Meu contratante? — perguntei e na mesma hora me lembrei, de que Sarah era apenas uma testa de ferro para algum figurão. Porém, o que me deixou incomodada, foi a forma como me olhou e sorriu abrindo, a porta do quarto.

— Seu vestido está na cadeira — respondeu e antes de sair totalmente, ficou parada segurando a porta —, ah... Sarah pediu para não demorar.

Não sei porque, mas a frieza e o sorriso sombrio no rosto tão delicado, me diziam que havia algo de errado em tudo isso.

Mesmo com tanto sigilo e Sarah sendo uma representante, alguma coisa não estava se encaixando.

Mas claro que tinha!

Respirei fundo e tentei entender, mas o que senti foi um calafrio percorrer todo meu corpo.

Eu não deveria ter vindo... Deveria ter ficado em Londres ou ter voltado para Capri.

Mais uma vez agi por emoção na busca pelo italiano, que não me dei conta que poderia estar entrando em outra situação complicada.

Quem seria esse Don Dellatore?

O nome não soava como estranho e foi quando me dei conta, que Don era alguém que tinha um título. Na Itália um Don...

Abri a boca em espanto ao me lembrar, que chefes da máfia usavam antes dos seus sobrenomes, o título de Don.

Era só o que me faltava, depois de toda confusão com Thomas, estar trabalhando para um mafioso. Me desesperei e então mais que depressa, procurei por meu celular. Precisava pelo menos saber de quem se tratava, porém, não achei o aparelho em lugar algum. Eu jurava que tinha deixado ele sobre a mesa de cabeceira antes de dormir.

Começando a achar tudo muito estranho, revirei ainda mais os lençóis da cama, procurando pelo telefone.

Não o encontrei e a cisma de que algo estava errado, só aumentou quando fui até a porta e a vi trancada.

Tentei abrir, mas apenas a maçaneta redonda girava.

Ela não estava emperrada.

Comecei a me desesperar e a puxar forte tentando abrir. Mas nada. A ruiva deveria ter trancado quando saiu. — Por favor! Tem alguém aí fora. — Bati contra a porta, na tentativa de que alguém me escutasse.

Por fim, depois de bater várias vezes me senti enclausurada e passei do medo, para o desespero ao chamar e ninguém responder.

Gritar socorro nesse momento seria em vão. Eu estava presa.

— Alguém aí? Poderia abrir a porta? — perguntei e bati contra ela novamente.

O silêncio predominava e por minutos fiquei chamando e pedindo para que abrissem. Sentindo meus olhos arderem e meu cérebro tentando processar tudo rapidamente, girei ao meu redor procurando entender alguns porquês.

Não tinha lógica pegarem meu celular e me trancarem aqui, fui contratada para ser uma recepcionista.

O que estava acontecendo?

Aflita olhei para os lados e para a janela na lateral do quarto.

Fui até as portas, por trás da enorme cortina branca e tentei abri-las, mas também estavam trancadas, o que só fez aumentar meu desespero.

Será que haviam me enganado de novo e fui contratada para tráfico de mulheres?

Estava ficando doida. Tantas coisas sem nexos. Sem sentido algum.

Máfia... leilão, presa nesse quarto...

Já estava indo até a porta de novo, quando escutei o clique e ela abrindo. Foi como se estivesse sob uma cascata, quando vi o mesmo homem que foi me buscar no aeroporto entrar.

— Bom dia, senhorita.

— Bom dia — respondi aliviada ao ver seu sorriso. — A porta estava trancada. — Não esperei que falasse nada e disse ainda receosa.

— De certo emperrou, porque não estava trancada. — Olhei para ele, procurando entender.

A porta estava trancada, tentei várias vezes abri-la...

— Eu tentei abrir — retruquei.

— Acho que não. — Ele balançou a cabeça convicto.

Acho que estava ficando paranoica e de fato poderia apenas ter travado, por causa de algum emperramento.

— A senhorita precisa de alguma coisa? — ele ignorou o que disse e me perguntou com tranquilidade, colocando as mãos no bolso.

— Meu celular sumiu. — Ele franziu a testa e ficou me encarando.

— Estava procurando, quando fui pedir ajuda e encontrei a porta trancada.

— A senhorita dormiu bem? — Ele me ignorou, não dando importância para o que estava falando.

— Não escutou o que eu disse? — perguntei irritada.

Por mais confuso, com tudo que estava acontecendo, eu não era doida e Percy se comportava como se eu fosse, o que me deixou ainda mais nervosa.

Tinha algo de muito estranho, meu sexto sentido me dizia isso.

— Vou ajudá-la a procurar. — Continuou a evitar me responder e foi para mais perto da cama e abaixou, olhando por baixo, no vão entre o chão e o suporte da cama. — A senhorita tem certeza, de que não perdeu no aeroporto? — Sua pergunta saiu abafada.

— Não! Eu estava com ele, quando cheguei aqui.

— Aqui, achei ele. — O homem esticou o braço, no espaço apertado e quando tirou de lá, levantou meu celular no ar. — Seria esse? — Ele me mostrou.

— É sim!

Que estranho ele estar embaixo da cama eu havia procurado lá.

— Acho que deixou cair. — Após ficar em pé, ele sorriu e me entregou, porém o aparelho estava sem bateria.

Será que estava tão cansada por causa do fuso, que o deixei cair e não vi. Mas eu olhei ali e não tinha nada.

Retirei o celular da sua mão e agradei.

— Está pronta? O patrão a espera. — Neguei com a cabeça, antes de respondê-lo.

— Ainda não.

— Ele não gosta de esperar, senhorita — me informou em um tom mais pesado.

— E daí? — respondi por impulso e me arrependi no ato. — Me desculpe! — Acabei ficando envergonhada.

— E daí, que ele manda em tudo por aqui e solicita sua presença, — ele me respondeu, ignorando meu pedido de desculpas e mudando sua postura de educado para intimidador.

— Me perdoa, não quis ser rude.

— Se vista, o vestido está ali, com tudo que você vai precisar. — Percy apontou com o queixo para a capa preta, onde a ruiva deixou junto com uma caixa de sapatos.

Sem saber o que fazer, olhei para a caixa e a capa por longos segundos, reparando a marca famosa gravada.

— Quem é Don Dellatore? — perguntei.

Era estranho. As coisas não funcionavam assim. Nunca havia escutado, que as recepcionistas contratadas, ganhavam roupas e sapatos de

grife cara para trabalhar. Apesar de que, eu estava fora deste meio por dois anos. Mas, que era estranho, isso era.

Talvez esse tal de Don Dellatore, não passasse de um excêntrico milionário, querendo aparecer.

— Pare de fazer perguntas e se arrume. — Ele se manteve sério, mesmo depois que pedi desculpas e não respondeu minha pergunta, sobre quem era seu chefe. — Se precisar de ajuda, é só chamar, que Yelena virá ajudá-la. — Assenti, mas não seria necessário.

— Não obrigada, eu posso me arrumar sozinha — respondi da mesma forma, como passou a me tratar.

Mesmo me sentindo péssima, por ter sido rude, não ficaria implorando.

— Assim que estiver pronta, eu a acompanharei.

CAPÍTULO 4

Angelina

Não sei porque, ainda sentia aquela sensação estranha, mesmo depois de achar meu celular.

Tentei liga-lo e ele parecia estar sem bateria.

Que droga!

Precisava dele para saber quem era, esse tal Don Dellatore. Não sabia se estava só curiosa, ou se era apenas minha intuição e um palpite bobo.

O coloquei para carregar, descartando esse sentimento ruim.

Nada poderia estar errado, esse homem deveria apenas se tratar de um magnata excêntrico, que usava o “Don”, antes do nome para se sentir importante.

Máfia, só existia na Itália. Por lá era comum, mas nos EUA, achava que não.

Fiz uma careta para meus próprios pensamentos.

Mas se for? Eu estarei novamente me metendo em encrenca.

Pode parar, Angelina. Vá tomar seu banho e se troque logo. Você precisa desse emprego, lembra do que depende tudo isso.

Ainda brigando com todas as teorias que começavam a fermentar na minha cabeça, coloquei o celular para carregar e fui na direção do banheiro.

Precisava tomar um banho, antes de encontrar com o tal Don Dellatore.

Quem quer que ele fosse, eu só descobriria mesmo, quando o encontrasse. Mas se eu me aprontasse a tempo, daria para ao menos, pesquisar por cima seu nome no *google*.

À medida em que ia me arrumando, após o banho, várias suposições ganharam vida na minha imaginação, ainda mais, quando enrolada no roupão, peguei a capa do vestido que deveria vestir e descí o zíper.

— *Mio Dio!* — exclamei surpresa, quando tive o vislumbre do vestido branco, ainda preso no cabide.

Não consegui pensar em mais nada, quando o tirei por completo de dentro da capa e o levantei no ar. Era lindo, sofisticado e pelo visto muito caro. Ele tinha uma única alça bordada em pedrarias. Certamente, só os cristais dariam para pagar todas as minhas despesas, por uns seis meses.

Mas por que tudo isso? Me questionei mais uma vez, o que poderia ser. Por que eu teria que usar um vestido tão caro?

Será que se tratava de quem realmente? Para exigir que uma simples recepcionista de artes, vestisse algo tão exorbitante.

Cada vez mais, as coisas não faziam sentido algum.

Remoendo e procurando motivos para tudo, fui me vestindo.

A princípio, pensei em chamar pelo senhor Hakim e perguntar para quê tanto, mas se estava aqui, eu teria que aceitar as exigências deles e fazer um bom trabalho.

Pronta, com o vestido no meu corpo, fiquei a frente do enorme espelho vertical, que tinha no banheiro. Acho que em toda minha vida, jamais pensei vestir algo, que caísse tão bem em mim.

Ele se ajustava perfeitamente ao meu corpo, me abraçando delicadamente. Não que eu fosse uma mulher de curvas perfeitas, ao contrário, só me achava elegante, nada de atrativo. Diferente da ruiva, que apareceu aqui mais cedo. Ela era linda, com um corpo sem defeitos.

Ainda diante do espelho, olhando meu reflexo, reparando em cada detalhe do vestido, desde a forma, como a alça bordada de pedras, se ajustava em meu ombro até o fim dele, e cobria meus pés e formava uma pequena calda.

Deslizei minhas mãos sobre o tecido fino, ajeitando-o sobre meu corpo.

A situação sendo estranha ou não, ele era maravilhoso e estava encantada, mas não só com o vestido, a sandália prateada também, com delicadas tiras que seguravam apenas a ponta dos pés e o calcanhar, ela combinava perfeitamente com os cristais.

Quem quer que tenha escolhido, tinha acertado muito bem na minha numeração e composição. E tinha um bom gosto também.

— Está linda! — Me assustei, levando a mão sobre o coração. Não havia percebido, que não estava mais sozinha.

— Ah... oi! — Me virei e a vi sorrindo para mim.

Era uma mulher mais velha e se vestia muito bem, com a espécie de um terno branco de listras em preto. Seu cabelo estava muito bem alinhado e penteado para trás.

Ela me olhava e sorria.

— Sarah Steech. — Então ela era a tal Sarah. O que me deixava mais aliviada.

— Ah... oi! — Me senti mais tranquila, pelo menos agora estava dando rosto ao nome que conheci, primeiramente por telefone. — Um prazer conhecê-la pessoalmente. — Me aproximei e estendi a mão.

— Está lindíssima — ela repetiu, enquanto me cumprimentava.

— Obrigada, só não entendi o motivo para tanto. — Tentei não falar demais, ou parecendo que estava sendo mal-agradecida.

Tinha essa mania de, às vezes, deixar meu sangue italiano se sobressair e mostrar mais da minha sinceridade. E, por mais confuso que tudo estivesse aparentando, eu tinha só que agradecer ao emprego. Ninguém nesse meio, me contrataria assim tão facilmente, depois do que aconteceu com o Giorgiano. Além de que, o salário era bom e todas as minhas despesas, estavam sendo pagas por eles.

— Irá conhecer Don Dellatore e deve estar vestida à altura, para a ocasião — ela me respondeu tranquilamente, e algo nela e em Percy, me soou familiar.

— Quem é ele? — Por mais que quisesse ficar calada, eu precisava saber quem era ele. Pelo menos saber um pouco sobre meu novo chefe, antes de conhecê-lo.

— Em breve o conhecerá, ele já está à sua espera. Mas antes, trouxe para você usar. — Foi muito íntimo e estranhei ainda mais, quando estendeu a pequena caixa de veludo para mim.

— O que é? — Mesmo curiosa, recuei imaginando o que poderia ser.

Era um estojo de joias.

— Não precisa ter medo, Angelina, é só algo para combinar com o vestido. Podemos dizer que é um empréstimo. Me devolverá após a celebração. — Mesmo mostrando-se calma ao me explicar o porquê, eu ainda me sentia insegura e com medo.

— Olha, Sarah. Eu não estou acostumada com tudo isso. Estou achando tudo absurdo demais. É um vestido muito caro. — Tentei explicar o quanto estava consternada, não só por todo esse mistério, mas também pelo modo exagerado como me tratavam.

Fui contratada para ser uma simples recepcionista e não uma modelo de roupas caras.

— E me desculpe, mas apenas estou ainda tentando entender algumas coisas — me expliquei, evitando que ela pensasse que eu estava sendo rude ou ingrata.

Sabia que ela só recebeu ordens, assim como eu.

— Você não tem que achar nada, apenas faça sua parte e tudo sairá bem. — Seu tom não foi pesado ou mesmo como se tivesse ordenando, mas senti como se ela escondesse algo.

— Não me disse que eu teria que me apresentar a outra pessoa, vestida como se fosse para uma festa — inquiri, tentando tirar algo. Uma explicação ou mesmo um porquê.

— E quem disse que não vai para uma festa? Apenas não combinamos como estaria vestida no dia — me respondeu calmamente, mantendo a mesma expressão tranquila.

— É hoje o leilão?

— Vamos pular as perguntas, após você falar com Don Dellatore, eu as respondo. Ele e seus convidados já estão esperando há um bom tempo por você.

— Estou atrasada? Ninguém me informou sobre horários. Acho que pelo visto, não sei de nada — retruquei um pouco irritada.

Nada do que foi combinado estava acontecendo, aliás, tudo parecia estranho e bem excêntrico.

— Acho que faz perguntas demais, Angelina. Tome! — Ela empurrou a caixa ao se aproximar de mim. — Coloque-o e vamos — ordenou.

Percebi uma leve irritação e achei melhor parar um pouco com as perguntas.

O que aprendi sobre pessoas muito ricas é que eles nem sempre lhes tratarão com paciência, quando questionados sobre suas ordens.

Abri a caixa com cuidado e fiquei ainda mais surpresa com o que vi dentro.

Era uma tiara de brilhantes, não dessas de princesa, era apenas uma para segurar o cabelo. Além dela, também tinha um par de brincos semelhante às pedras do vestido e uma pulseira acompanhando o modelo.

— Só acho tudo muito estranho, para uma recepcionista — comentei em voz alta e ecoou bem mais do que esperava. Na verdade, era para eu ter feito o comentário para mim mesma, evitando que ela ouvisse.

— Mas que tem um papel, bem importante — ela respondeu e se virou, indo até a porta, mostrando que me esperaria do lado de fora.

Talvez eu tivesse lhe feito muitas perguntas, mas minha cabeça estava ficando louca, com tantos pensamentos e teorias.

Respirei fundo, me olhando no espelho pela última vez, após colocar as joias, me sentindo mais nervosa ainda.

Não tinha como negar e deixar para lá.

Um longo arrepio cruzou minha coluna, enquanto meus olhos ainda estavam presos no meu reflexo.

Respirei fundo, sentindo aquele gosto amargo da bile subir e impregnar o gosto na minha boca. Meu estômago retorceu e senti minha mão ficar úmida.

— Vamos, Angelina. — Sarah retornou, mas não entrou, apenas escutei me chamar de dentro do quarto.

Eu odiava me sentir com medo e nervosa, de que algo ruim pudesse acontecer.

— Use o batom vermelho, ele gosta da cor e tenho certeza que ficará satisfeito, se usá-lo — ela disse e meus olhos pararam sobre as maquiagens que usei, espalhadas sobre a bancada da pia.

— Sim, mas por... — quase perguntei e acredito que não tenha me ouvido.

Era melhor parar com as perguntas e acabar logo com esse mistério.

Confusa ou não, eu já estava aqui e vestida. Se não quisesse nada e realmente estivesse com medo, não teria me arrumado. Teria dito não e que queria ir embora. No entanto, eu estava pronta para conhecer meu novo chefe. Ele sendo ou não excêntrico.

Para as respostas das minhas perguntas, era necessário que o conhecesse, então que fosse assim...

— Estou pronta — disse baixo, após passar o batom vermelho e me virei na direção do quarto.

Ela não estava mais dentro do cômodo, mas do lado de fora, parada a frente da porta, acompanhada por dois homens. E também por Percy ao seu lado.

— Vamos! — Percy disse, quando apareci no seu campo de visão.

Caminhamos por um longo corredor e logo estávamos passando pelo mezanino de vidro. De lá, dava para ver, que a casa era ainda maior. Não tinha reparado em nada quando cheguei, mas notei a sofisticação dos móveis modernos, dos quadros em preto, contrastando no branco das paredes.

Não eram obras conhecidas, eram mais como uma composição de combinações de algum design de interiores.

O que se tornava estranho, visto que havia sido contratada por alguém que produzia leilões de artes.

Aflita, continuei a caminhar entre Sarah e Percy e me senti ainda mais desconfortável, enquanto éramos seguidos pelos dois homens que estavam junto com ele.

Não sei se era toda a situação ou um medo bobo meu, mas comecei a transpirar de nervoso, fazendo com que a seda se colasse ainda mais em meu corpo.

Onde eu fui me meter?

Eu me sentia como se estivesse caminhando para algo perigoso e toda curiosidade, medo, angústia formaram um grande bolo em meu estômago.

Não era exagero, era meu corpo apenas refletindo o nervosismo, dessa loucura absurda que me meti.

Será que procurar um homem valeria tanto assim? Mas não era só para poder achá-lo. Era bem mais. Eu precisava saber que Ettore, não era um fantasma, ele tinha que ser alguém que eu pudesse cuspir em cima, toda merda que havia feito comigo, me deixando sozinha com uma responsabilidade.

E esse emprego seria importante. Talvez a única oportunidade que teria para achá-lo.

— Pronto! — Percy disse baixo e me posicionou na frente da porta dupla.

Engoli em seco e tentei respirar fundo. Meus pulmões se comprimiram quando abriram a porta. A sala era ainda maior que o quarto em que estava, branca com móveis modernos em preto, assim como a casa toda.

Mas não senti o chão me faltar, por entrar e estar perto de saber quem era Don Dellatore e sim por olhar diretamente para ele.

Eu o veria a quilômetros de distância e o reconheceria como único. Tanto que as outras artes que estavam presas a parede perdiam sua magnitude, diante do quadro à minha frente. Pendurada no alto.

Não seria possível...

Meus olhos congelaram na tela.

Era a imagem de um grande anjo. Ele era dividido em duas partes. Em uma era todo branco, a asa de plumas e dela irradiava uma luz representando o celestial dos céus, mas do outro lado o anjo era todo preto, com chifres e suas asas tinham garras. Um lado representando o bem e o outro o mal, era o *Yin-Yang* de cada ser humano, mostrando nosso lado de anjo bom e anjo vingador. No entanto, nas duas partes tinham suas semelhanças: era o olhar, que eram idênticos. E da forma como estava posicionada, era como se olhassem para dentro de nós, nos mostrando o nosso verdadeiro eu, nos acusando a que parte dele pertencíamos.

Ou você era bom ou ruim. Você não tinha como ser os dois. Apenas os olhos eram iguais. Eram eles que nos julgavam. Representando o nosso anjo julgador. Aquele que vinga o bem e o mal.

Respirei fundo absorvendo o que via.

Não seria possível — neguei com a cabeça, ainda com os olhos presos na tela —, ou seria, a não ser que...

Fui baixando meus olhos até encontrar os seus.

— Você? — Minha voz tremeu e falhou.

Ao contrário de mim, ele parecia feliz com tudo que estava acontecendo, principalmente por estar abaixo do *Giorgiano* que me roubou.

CAPÍTULO 5

Três anos

atrás

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a horizontal stroke that extends to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the "T".

— O que pensa em fazer Tony? — Russel me perguntou e antes de respondê-lo, virei todo o whisky no copo de uma vez dentro da boca. Bochechei o líquido, sentindo o malte arder e dar aquele gosto quente e amadeirado, que tanto gostava.

— Não faço ideia, mas eu preciso. Preciso saber quem foi que atirou nele.

Há um mês havia pegado de volta minha cadeira.

Eu era o novo Don Dellatore, o primogênito de Francesco Giuseppe Dellatore, assumindo o lugar, que deveria ter sido meu desde o início.

Aprendi que quando a responsabilidade é sua, você pode até fugir, mas uma hora ou outra, precisará assumi-la.

— Vai falar com Bella sobre? — Ele de braços cruzados me olhou, sem demonstrar qualquer reação.

Russel era como se fosse um pai para mim. Ele estava ali por causa dela, mas ninguém imaginava o quanto eu havia sido beneficiado pela sua presença, desde o início. Foi ele quem me tirou aquele peso da culpa, me ensinando que haviam tantas coisas para serem ditas e feitas no momento certo.

— Não. Ela teve sua chance de buscar, mas preferiu acreditar na polícia e não levar adiante. Não me contentei e nunca me contentarei com aquela história.

— E não deve. Não estou incitando-o a ir atrás, apenas, que sinto e penso como você — ele respondeu.

— Acho que agora, ela tem a vida dela com Giovani, não tem mais nada a ver com o clã. E você?

— O que tem? — Russel balançou a cabeça despretensiosamente.

— Vai com ela ou ficará comigo? Sei que vocês têm um elo de sangue, mas... — não concluí.

— Ficarei ao seu lado, até que sua irmã me chame ou precise dos meus serviços. Meu filho é pequeno e Martina gosta daqui. Então ainda sou leal e sempre serei também a você, Tony. Lealdade não é medida por uma dívida ou um elo.

Ouvir tais palavras me deixava aliviado. Não conseguia imaginar como lidaria com todos, quando eu impusesse a forma como conduziria meu clã.

Sim... era, estava sendo e seria meu, e depois do meu filho. Assim como meu pai quis, mesmo diante de toda história.

Minha irmã agora, era da família do marido dela, não que isso fosse machista ou que a fizesse uma propriedade dos Valentino, mas ela carregava o herdeiro da cadeira deles e provavelmente teria o mundo aos pés, colocado pelo seu marido.

Meu cunhado não era uma das minhas pessoas favoritas, mas eu o respeitava como sendo a cabeça da minha cúpula e agora, por ser casado com Bella, mas não significava que o obedeceria, como cordeiro e faria como eles queria. Não... eu faria do meu modo o que bem entendesse.

Aprendi na dor, que você pode ser despreparado e agir pelos seus cinco minutos de emoção, porém o tempo é o melhor professor, ele te ensina a pensar, agir com cautela e saborear cada conquista e cada desejo saciado. E hoje entendo que não deveria ter ultrapassado a ordem de

primogenitura, mas era tarde para arrependimentos e eu correria atrás de todo prejuízo, ou melhor, iria caçar, quem matou meu pai. Cada um, sem distinção alguma. Nem que para isso, eu passasse toda minha vida me preparando ou mesmo acabasse comigo, mas um dia eu veria todos pagarem.

— Trarei Percy, meu sobrinho, para Los Angeles. Ele treinou no Mossad e acredito que se caso chegar o dia que terei que voltar para os Valentino, terá nele um açougueiro tão bom quanto eu. Além de que, já conversei com Sarah, ela também será seu braço direito e sua contadora. Não acho bom voltar seu tio para dentro. Não o deixarei sozinho, Don Dellatore. Sabe que o tenho como um filho, meu carinho é igual tanto para sua irmã, quanto para você. — Me aproximei sorrindo e afaguei seu ombro.

— Você está ficando velho e emotivo — disse dando risada e descontraindo.

Russel foi o pai que me faltou quando mais precisei, quando tudo estava despencando, prestes a virar ruínas. Foi ele que nos deu um norte e eu precisava ainda extrair tudo dele, pois sabia que uma hora ou outra, ele voltaria para Nova Iorque.

— Vai vender aqui? — Ele mudou de assunto e olhou para trás, para o alto, vislumbrando a enorme casa em Malibu.

— Ainda não. Só não sei porque Bella quis essa casa, prefiro Bel Air. Foi lá que nasci, fui criado e onde ele morreu. É lá que me alimenta todos os dias, a não esquecer que os culpados devem pagar.

— E vão! — Russel afirmou.

— Já sabe algo sobre a garota? — perguntei, afinal esse era o motivo de ele estar ali no fim de tarde.

Há uma semana, quando abri a caixa e suspeitamos de Tio Ângelo, Russel foi para Nápoles em busca de descobrir algo que ajudasse a nosso favor. O irmão mais novo do meu pai, veio anos depois, eu já havia nascido. Pelo que sabemos, o velho forçou-o a vir e mesmo sem provas concretas, eu sinto que ele está envolvido de alguma forma. Algo me diz que Ângelo Dellatore, não é o bom irmão, que sempre está disposto a servir seu clã por puro interesse em algo, que lhe conceda benefícios. Ele é do tipo que se faz de amigo, mas no fundo não passa de uma cobra silenciosa e venenosa, sempre esperando para dar o bote. Tanto que, mesmo descontente, quando Bella reduziu seu acesso ao dinheiro, continuou a forçar o sorriso e mostrar-se solícito sempre, se oferecendo. Tentando se entranhar novamente ao seu posto. Por sorte, Bella foi esperta e tirou dele os caixas do clã, limitando-o a tudo.

Na minha opinião, Ângelo soa tão falso quanto dissimulado.

— Ela está terminando de estudar em Paris. Faz artes — me informou.

— É algum tipo de artista?

— Não, pelo que consegui de acesso, gosta de artes e as estuda a fim de trabalhar com elas.

— Ela sabe quem é ele?

— Acredito que não, Tony. Seu tio a registrou com documento falso, o mesmo que você achou nas coisas do seu pai. Ele está como Angelino Fantini. Eu encontrei um registro dos documentos dele em Capri e dos papéis de óbito da falsa esposa.

— Ele é um filho da puta — falei em voz alta, revoltado.

Tio Ângelo sustentou uma segunda família, se passando por outra pessoa. Ele tinha uma filha e a mãe, a outra esposa, faleceu sem explicações.

— Você vai fazer algo? — Russel perguntou.

— Não, vou esperar. Ainda sabemos muito pouco dela. Sinto que ainda não é o suficiente.

— Bravo, meu garoto. — Russel deu um dos seus poucos sorrisos.

Sempre muito sério, dificilmente o via sorrir, apesar que depois do nascimento do seu filho, onde eu e Bella somos padrinhos do menino, ele sempre está de bom humor e não mais com o semblante fechado. — A

vingança é demorada, porém se realmente estiver disposto a ir até o final lembre-se: que nunca terá só uma cova, que sempre haverá outra ao lado, por isso espere e estude.

— Mas é isso que farei. Eles estarão tão cercados, que não terão para onde correr, quando eu estiver em posse de mais provas. Ela é a minha rainha no tabuleiro. É a cereja do bolo. Se precisar sacrificá-la para dar xeque-mate, eu a usarei, por isso serei paciente. Quantos anos sem respostas? Se esperei até agora, posso muito bem esperar mais.

— Lembre-se de que, o envolvimento de Ângelo, não passa de um palpite. Talvez as coisas não sejam, como você as tem visto.

— Ele está, se não estivesse, não esconderia tantas coisas da sua família. Poderia omitir sua outra família de Tia Sophia. Mas de nós? Não teria motivos.

— Precisamos achar o tal segurança e confirmar se realmente ele engravidou a russa e montar mais uma peça do quebra-cabeça — Russel me lembrou desse detalhe.

— Tenho certeza de que aquele italiano desgraçado, está envolvido. É um palpite vitorioso.

Na noite em que meu pai morreu eu estava atordoado, mas jamais conseguiria esquecer, que Tio Ângelo queria muito encontrar algo dentro do escritório, mas dei ordens para que ninguém entrasse lá e pelo visto os

homens mais leais de meu pai, já viam em mim o novo Don e transferiram sua lealdade para mim. Por isso, não permitiram, acatando meu pedido.

Antes da minha ida para Nova Iorque com os Valentino, logo após o enterro, me tranquei no escritório e procurei por documentos e papéis importantes e os guardei no cofre de um banco. Quando um dia voltássemos, eu os analisaria melhor, porém o remorso me impediu de abrir e voltar para a caixa de pandora por dois anos.

Ninguém sabia dessa caixa, somente eu e Russel. Deixei Bella e minha mãe de fora.

Era como se esse fosse meu segredo, a base de onde eu comecei a busca pelos culpados.

Abri-la foi mais difícil do que pensei, foi como se tudo voltasse à tona e me fizesse reviver aquela noite e momentos antes de tudo acontecer. Era lembrar de toda dor e desespero, ao ver meu pai estirado no chão de *calacatta*.

Eu me corroía pelas lembranças daquele dia, era o remorso que me alimentava a continuar.

O peso do segredo e da culpa era doloroso.

Carregar um fardo, nunca seria fácil, ainda mais para mim, que tinha uma dívida de honra. Sendo justo a lembrança.

Devia ao meu pai sua morte, seu sangue respingava ainda em minhas mãos. Eu era culpado tanto quanto, quem apertou aquele gatilho e descarregou o pente inteiro de balas no corpo dele.

— Sei que está voltando a se culpar, Tony. — Russel aumentou o tom de voz de propósito. Ele sempre fazia isso, quando eu fugia de um embate de consciência com ele. Disfarçando, me virei e caminhei sobre o deque de madeira, me afastando dele e evitando entrar nesse assunto.

— Não é culpa, devo a ele, por mais que eu mereça pagar, tanto quanto os reais assassinos dele. — Parei e me virei novamente na sua direção ao respondê-lo.

— Ela é tão inocente, quanto você.

— A filha do tio Ângelo? — bufei. — E quem foi que disse: que em toda construção da humanidade, inocentes pagaram a dívida de outros? — Sorri ao lembrar, de que foi assim que me ensinou.

“Inocentes pagam sempre, de um modo ou de outro, seja por um erro de outras pessoas, ou mesmo por se envolverem com os culpados. Foi assim, desde a consumação e criação do mundo”

— Quem mata primeiro é rei — repeti também.

— Mas tome cuidado, você pode se queimar junto com eles. A vingança é dupla, precisa e destrutiva.

— Se for necessário, eu queimarei no inferno, afinal sou tão culpado quanto eles. E não terei piedade de ninguém, muito menos de quem eles amam, pois ajudaram a tirá-lo de mim e eu vou tirar tudo deles, acabarei com o que mais amam — prometi, dizendo alto.

Não deixaria ninguém de pé e se minha punição por ter sido um dos culpados, fosse me queimar com cada um no inferno, eu me queimaria, mas antes, me vingaria de todos, seja filha, esposa, netos, o que fosse, desde que eles os amassem, só assim saberiam que o peso da minha decisão e da minha punição, seria impiedosa.

Eu amava meu pai e não pude dizer adeus...

— E a garota, ela será usada na hora exata, não terei pressa — conclui.

— Tony, eu o amo como um filho e já lhe disse isso hoje. Não quero vê-lo padecer como um anjo vingador, é doloroso e muitas vezes a tortura, é insuportável dia após dia. Cuidado com o que mais deseja.

— Só me sentirei farto, quando todos pagarem e serei justo também a mim.

— Você não o matou...

— Mas também sou culpado. Nem sempre o assassino suja suas mãos.

CAPÍTULO 6

Dias atuais

A handwritten signature in black ink, reading 'Tony'. The 'T' is large and stylized, with a horizontal bar extending to the right. The 'ony' is written in a cursive script below the 'T'.

Não era para eu ter tocado nela. Eu tinha que só acompanhá-la de perto e tirar o quadro, sem que ela visse naquela noite, mas não resisti ao me desligar e conectar com um personagem... Com Ettore.

Foi tão fácil e simples.

Por mais que ela fosse parte do pagamento de uma dívida, que jamais seu pai conseguiria me pagar, eu me senti envolvido e acabei fodendo com tudo.

Não resisti e deixei meu lado homem falar mais alto, ao transar com ela e ter seu corpo sob meu domínio. Foi delicioso e ainda estava sendo, ao vê-la dentro do vestido, que eu mesmo escolhi para que ela usasse hoje. Foi o *start*, para me lembrar de como era ter seu corpo no meu.

Apesar de fazer parte de um plano como pagamento, Angelina era gostosa e sedutora. A italianinha era atraente e estava lindamente à minha frente, com seus olhos avelã, percorrendo todo o Giorgiano.

Confesso que a cena, além de prazerosa, era divertida e vê-la me olhar, como se eu fosse seu pior pesadelo, me fez sentir dividido e questionado, do que realmente queria.

Sem pensar, Tony. O que está feito, feito está...

— Você!? — ela perguntou assustada, como se estivesse vendo uma assombração à sua frente.

Sorri e pisquei.

Não me faria de rogado nesse momento.

Eu planejei tudo que aconteceu com ela. Não tinha remorso algum.

Por dois anos fiquei estudando como seria cada reação, cada situação, cada encontro naquela galeria, não seria nesse momento que mostraria misericórdia de algo que fiz, porque quis e faria de novo, somente para ver a cara do seu pai, quando eu dissesse que ela me pertencia e que isso era apenas uma pequena parcela, do que ele tinha que pagar.

— Eu te odeio, seu ladrão! — Angelina disse pesando sua voz.

Continuei a olhar fixo em seus olhos, me divertindo com o jeito como tentava demonstrar seu ódio por mim, porém era a reação de outra pessoa que esperava para ver. E ele estava ali do lado, ao telefone, enquanto os olhos dos outros permaneciam em nós dois. — Eu não acredito que ainda tem coragem de ficar na minha frente, depois de tudo. Te odeio!

— Não esperaria menos de você, carinho! — Não controlei o tom debochado, quando ela avançou como uma fera, atacando sua presa, indo até a mesa e parando à minha frente. Espalmou suas mãos sobre o vidro preto, quando projetou seu tronco para a frente, em sinal de confronto.

Estava linda e minha maior vontade neste momento, se tornou outra, além de querer ver a cara de derrotado de seu pai.

Queria jogá-la sobre o vidro preto e foder sua boceta gostosa, fazê-la gemer e gritar meu nome verdadeiro, enquanto gozava. Mas respirei fundo, me controlando e sentindo que meu corpo correspondia às lembranças, do que tivemos naquela semana. Algo que não fazia parte dos meus planos.

Esse momento, por mais planejado que tenha sido, estava saindo diferente, sentindo minha virilha esquentar, só por escutar o timbre rouco da sua voz.

Precisava me controlar e não corresponder às ordens que meu corpo enviava. Angelina não estava ali para ser minha satisfação sexual, ela só foi envolvida no meu plano, por causa do seu pai. Não tinha que ter sentimento algum de atração. Eu precisava cumprir minha promessa de me vingar daqueles que o mataram e deixar essa sensação poderosa fazer parte, não seria nada bom.

— Seu desgraçado. Você...

— Não... eu não fiz nada! — A interrompi e neguei, antes mesmo que me acusasse sobre o roubo do quadro.

Não assumiria o que fiz e me faria de bom moço, sem remorso algum, afinal, eu me preparei para esse momento por três anos, desde que descobri sobre sua existência, através de uma carta dentro da caixa.

— Você me roubou ele e ainda tem coragem de dizer que não? — Angelina apontou o dedo para o quadro acima da minha cabeça e apenas movimentando-a, olhei para o alto e sorri.

Confesso que estava me divertindo, vendo-a querer me matar. Não esperava menos dela. Era exatamente o que achei que aconteceria: que ela estaria com muita raiva. Mas quanto mais me odiasse, melhor seria.

Olhei novamente para seu rosto e por segundos sustentei seu olhar de fúria e endureci os meus.

— Não... eu o tirei de você e paguei por ele — expliquei. — Aliás, você me deve 2 milhões de euros.

— Eu? Está ficando... — A voz de meu tio a interrompeu, fazendo ela se virar e vê-lo.

Outro susto.

O rosto delicado da italianinha se contorceu, como se não estivesse acreditando quem estava ali, ao seu lado.

— Angelina? — ele perguntou, como se precisasse realmente confirmar, que sua filha estava ali diante dele.

— Pai? — Nenhum dos dois sequer esperariam que se encontrariam ali, mas eu sim, calculei e fiz, com que acontecesse exatamente do jeito que estava sendo.

Foi como imaginei e até tinha minha plateia exclusiva para esse momento.

— O que faz aqui? — ele perguntou para Angelina e se aproximou dela, com a mesma expressão de espanto.

— Eu...

— Ela é a razão por estarmos reunidos hoje, tio Ângelo — intervi e respondi, como se estivéssemos agindo normalmente.

— Tio? Ângelo? — Ela olhou para mim e depois para seu pai.

— Angelina, minha filha...

— Vai... conta para ela, Ângelo Dellatore, ou melhor, Angelino Fantini. — Como se estivesse relaxado, coloquei as mãos no bolso e fiquei olhando para os dois.

— O que pensa que está fazendo, Tony? — Ele se virou e me encarou, como se me intimidasse. Mas mal ele sabia, que não tinha medo dele e tampouco me intimidaria.

— Nada, apenas derrubando suas mentiras. — Sorri vitorioso, diante da sua expressão.

Só estava começando...

Ângelo me encarou, procurando por respostas não faladas. Era como se ele estivesse me avaliando, mas eu o enfrentei e mantive meu olhar fixo no seu.

Esse seria nosso primeiro embate. Em todos os anos o deixei pensar, que eu era o sobrinho que amava a família.

— Pai! Do que ele está falando?

— Sobre seu pai usar dupla identidade e a registrar com um nome falso. Se acha que eu a enganei, é porque não sabe que ele... — respondi por ele.

— Tony! — Ele se aproximou e ficou parado à minha frente, como se estivesse pronto para um embate físico. Mas eu não, tentei me controlar e

não agir, tendo a mesma paciência que tive nesses anos todos. — Ela é minha filha. O que pensa que está fazendo?

Não respondi e continuei sustentando seu olhar.

— O patrão ainda nos quer aqui? — Percy aproximou, se posicionando ao meu lado e encarou meu tio, mostrando que mais um passo que ele desse, meu açougueiro agiria.

— Não será necessário, acompanhe Sarah e leve Jon para tomar um café, logo os chamo novamente.

— Sim, Tony. — Sarah, que observava calada tudo ao lado da minha mesa, aproximou-se do juiz de paz e apontou para ele a porta.

Enquanto saíam, Tio Ângelo e sua filha, se encaravam.

— O que está acontecendo? — Angelina se aproximou e ficou tão perto, que meu corpo simplesmente reagiu, ao sentir seu perfume.

Mas que porra...

O que menos deveria acontecer era eu ficar com tesão, por causa dela.

— Você não vai tocar nela, Tony — Ângelo afirmou e ri dele, como se o que havia acabado de falar, fosse uma piada.

— Quem vai me impedir? Você? — provoqueei-o.

— Você está brincando com fogo, moleque! — Ele tentou me intimidar, mas foi em vão.

Eu não tinha medo de ninguém, em todos esses anos, aprendi a driblar meus temores e a ser implacável, quando queria algo. E se ele estivesse achando, que só estava envolvendo sua filha, para estar frente a frente, para desmascará-lo, ele engana-se completamente.

Mostrar a verdade para Angelina sobre seu pai, seria uma pequena parcela, do que tinha preparado para ele.

— Seu moleque... — ele respondeu, mas parou de falar, o que estava para dizer.

— Conte a ela, que você é Ângelo Dellatore e que tem uma família aqui. Que a abandonou na Itália, porque engravidou a mãe dela e não casaria com uma moça pobre de Capri.

— Está mentindo — ele se defendeu me acusando.

Claro que não estava mentindo, mas omiti o principal, para usar contra ele mais para frente, quando eu encurralar seu rei, com minha cavalaria e lhe desse o xeque-mate.

— Estou? — o questionei, mas ele não satisfeito, mostrando que agiria no desespero, segurou minha gravata e tentou me empurrar.

Meu corpo sentiu se chocar contra ele, mas ainda assim me mantive imparcial, como se aquele gesto, além de não me ofender, tivesse sido feito por um garoto da escola.

— Vai tocar no seu Don? — Meus olhos fixaram nos seus, intimidando-o.

Usei de tudo que aprendi, controlando meus nervos e os cinco minutos da minha ira, mesmo sentindo todo meu rosto esquentar de raiva.

Minha única vontade nesse momento, era de acertá-lo ou matá-lo, com minhas próprias mãos.

Eu nunca neguei que era colérico, mas aprendi a me controlar e usar a meu favor, todas as situações, inclusive usaria sua raiva, para começar a derrubar toda essa face de mentira que sustentava.

— Você não passa de um moleque mimado. Você é pior que seu pai.
— Ele me soltou e recuou um passo. Sua mãe vai saber disso, irei contar para sua irmã.

— Ah é? Se não sabe, não tenho medo da minha irmã, ela não tem nenhuma voz por aqui. E minha mãe, é uma pena, ela não controla nada. Entenda uma coisa, meu tio... — dei uma leve batidinha em seu rosto. — Eu sou o herdeiro e o chefe da sua casa e da sua família, então...— Ele me olhou com muito ódio.

Ângelo sabia que se tocasse em mim, não seria bom para ele e com isso, foi fácil fazê-lo recuar.

— Acho que não preciso lembrá-lo, de que essa foi a primeira e a última vez que tocou em mim. Não é? — inquiri, intimidando-o.

Ajeitei a gravata, colocando-a de novo no lugar, enquanto meus olhos ainda se mantinham nos seus e os de sua filha em nós dois.

— Por favor, Tony — ele abrandou o tom de sua voz.

Por mais territorialista que um Dellatore fosse, ele sabia que seria pior criar um embate, com alguém acima dele.

— Muito bem. Está velho, mas não burro. — Me afastei e fiquei de costas para os dois, dando uma pausa necessária, na verdade, estava me controlando, pois ele havia entendido bem o recado, mas se ele descontrolasse novamente, eu agiria com minhas mãos. E isso não fazia parte do plano.

Agora era o momento de lembrá-lo, de que ele estava ali, para o casamento pelo qual eu o convidei para testemunhar.

— O que está acontecendo aqui, Pai? — Angelina o questionou.

— Minha filha querida...

— Não me toque. — Ainda de costas para eles, apenas escutando, sorri quando a italianinha linda, o repudiou.

— Eu sou seu pai, Angelina.

— Meu pai se chama Angelino e não Ângelo. Você é um mentiroso, que não sei quem é mais.

— Não fale assim, minha querida.

— Por que? — ela o questionou.

— Menti porque não queria, o que mais amava nesse mundo, que é você, correndo perigo.

— Perigo?

— Sim. Exatamente deles. Um dia, não sei se vai se lembrar, quando disse para ficar longe, de quem estivesse envolvido com a máfia. Era sobre isso que estava falando.

— Sobre o que?

— Sobre a minha vida. Eu faço parte de uma família, que destruiu nossa vida. Pertencço a Camorra e não queria que corresse nenhum perigo.

— Não consigo entender. Não precisava mentir, pai. — A voz dela era leve e compreensiva.

O que não estava em meus planos.

— É como você estar preso, mas ao mesmo tempo, com as portas da sua vida todas abertas. Você é livre, mas não seu próprio dono. Não poderia colocá-la em risco.

— Quão patético você é, meu tio. — Bati palmas, me virando e debochando da insinuação, de que éramos maus e ele o bom moço. — Menti a vida inteira e ainda é capaz de se vitimizar, enquanto por anos, fomos nós que lhe demos a vida boa.

— Você que é patético, Ettore, ou melhor Don Dellatore. — Angelina foi para o lado do seu pai, como se tivesse acreditado, no que ele

disse e toda a mentira contada sua vida inteira, tivesse sido apenas detalhes, me colocando como o único vilão nessa sala.

— Quem é Ettore? — Tio Ângelo olhou para a filha, não entendendo ao que ela se referia.

— Ele, *mio padre* — Angelina respondeu e seu olhar cruzou com o meu.

Diferente da mulher que conheci ano passado, que me olhava com paixão e tesão, agora seus olhos me repudiavam, como se eu fosse um animal abominável. Mas já esperava por isso, porém me senti incomodado, pois ainda queria ver, aquele brilho dos seus olhos, quando gozou comigo, dentro do seu corpo.

— O que Tony tem a ver? Não estou entendendo.

— Ele é um mentiroso, um ladrão que me enganou, foi por causa dele que perdi o emprego e tive que voltar para Capri. — Angelina fez um breve resumo de como havia sido nosso passado.

— Não... Eu comprei o Giorgiano, só peguei o que era meu — me expliquei, mesmo que não fosse necessário, porém o momento precisava de calma, pois a turbulência estava prestes acontecer. — Carinho, por que não conta para seu pai o quão nos demos bem no ano passado?

Não era para provocá-la, mas não poderia perder a oportunidade de ver seus lindos lábios pintados de vermelho, se retorcerem, sem conseguir

abri-los para me responder.

— Ah... e não pude elogiá-la, adequadamente. Está linda. Adorei a cor do batom. O vestido lhe caiu muito bem.

— Seu desgraçado...

— Então... — a ignorei —, que tal, vamos dar continuidade? Um casamento precisa acontecer.

— Casamento? — Ela se assustou e olhou ao redor.

— Tony, você não vai casar com a minha filha... — Ângelo havia percebido o que estava prestes a acontecer e mudou sua postura, vindo para perto de mim novamente. — Somos da mesma família. Vocês são primos.

— E o que importa? Ao longo de toda a humanidade, as grandes famílias sempre se casaram entre si, mantendo assim a homogeneidade.

— Eu lhe imploro! — Aquela faceta vitimista dele, estava ali novamente. Como se ele estivesse implorando de verdade.

Mentiroso desgraçado...

— Ele implorou também? — perguntei vagamente.

— Quem implorou e o quê?

— Lion Chanderson! — respondi diretamente. Queria ver sua cara, quando dissesse um nome, o nome de um dos culpados.

— Não sei do que está falando. — Ele perdeu a cor dos lábios, mas eu tinha certeza, de que negaria e foi o que fez, ao balançar a cabeça de um

lado para o outro.

— Tudo bem, tio. — Bati em seu ombro, agindo como se não me importasse. Eu só queria que ele tivesse ciência, de que já estava perto, mas tão perto, que logo eu chegaria nele. — Fique feliz, ainda poderá ser testemunha.

— Você está ficando louco, eu não vou permitir que se case com minha filha.

— Ah... vai sim! — respondi ordenando.

CAPÍTULO 7

Angelina

Minha cabeça parecia que iria explodir, quando abri meus olhos e vi que estava no quarto, onde havia adormecido.

Pisquei várias vezes contemplando o teto branco e as luzes que desciam das sancas.

Real ou não, minha cabeça estava completamente atordoada. Queria que todo o acontecido, não passasse de um sonho doido, apenas para eu voltar com minha vida e esquecer de procurá-lo.

Não deveria ter deixado Capri, com tudo que aconteceu e o motivo pelo qual eu deveria ter ficado por lá.

Foi um grande erro, querer achar o maldito italiano. Se soubesse que seria desta forma, eu pegaria meu orgulho e o jogaria no rio Sena. Tocaria minha vida, tentaria vários empregos, até estar em um bom e fingiria que nunca havia o conhecido. Mas tive que ficar nessa fixação de encontrá-lo, só assim para ver, que foi uma péssima ideia.

Na verdade, apenas estava me iludindo, por acreditar que fui eu quem o achou. Quem me deixou no lugar exato que queria, foi ele.

Eu só fui conduzida a agir conforme ele queria, como se estivéssemos em um grande tabuleiro de xadrez e ele organizasse as peças, de acordo com a jogada perfeita, me fazendo mexer todo o jogo, conforme sua estratégia.

Fechei os olhos com vontade de chorar e com raiva de mim mesma, por ter sido tão burra, a ponto de ter me envolvido com Ettore ou Tony Dellatore, quem quer que ele fosse.

Uma idiota, doida para transar com um homem lindo, foi o que fiz.

Sempre me preveni, de que meu coração fosse partido. Me enganei a respeito de tudo sobre ele. Eu só queria viver aquela atração, que senti quando nos conhecemos, mas ele me ferrou, me deixando com toda a responsabilidade.

No entanto, como poderia prever, que aquele homem tão sedutor, fosse ser na verdade, alguém desprezível?

Não tinha! Ele era envolvente e cativante. Foi tão fácil, parecia ter sido criado para mim, mas me iludi em achar, que poderia me envolver com ele e não sair fodida em todos os aspectos.

Mas não era só ele, meu pai.

Mesmo não criando um embate, me sentia péssima por acreditar que era filha de alguém e, no fundo, descobrir que seu nome era outro.

Tudo que cresci acreditando, não passava de uma grande mentira.

Nasci e morei por muitos anos em Capri, aprendi a apreciar a pintura, desde muito nova. Foi a maneira que minha avó, uma artesã que bordava e pintava quadros para turistas, encontrou para me tirar da minha própria reclusão infantil. Foi quem me criou e me ensinou sobre o gosto por quadros. Ela achava que eu era muito calada, por ter perdido minha mãe — na verdade, não cheguei a conhecê-la —, e também por não ter um pai presente, fisicamente.

Não tínhamos uma situação muito boa, mas o que meu pai mandava de dinheiro, supria as despesas do mês e sobrava muito pouco, que minha *nonna* guardava em uma conta, para qualquer eventualidade. Ela não gostava de pedir dinheiro para meu pai e, por isso, sempre me ensinou, que a felicidade não estava no tanto que tínhamos e sim na grandeza das conquistas, que ao longo da nossa vida íamos angariando.

Mas agora, tudo era uma grande mentira.

Ri, gargalhando da grande ironia, em que fui me meter...

Cobri meus olhos com o braço, sentindo que eles ardiam.

Meu pai, quem eu cresci acreditando, que era uma pessoa, era outra.

O homem, com quem mais me senti livre e mulher, era um grande mentiroso e ainda por cima, havia me usado de todas as formas, para seu propósito.

E eu, que estava pagando por tudo.

Não sabia o quanto foi tudo tão difícil e complicado. O roubo, toda descoberta. Ter que voltar para Capri e agora Ettore, ou que seja, Don Dellatore, ter me trazido para perto, só para me ferrar mais ainda.

E os dois eram mafiosos.

Grande ironia...

Ainda rindo, como se tivesse alguma graça em tudo, senti o riso mudar pelos soluços de choro. Meus olhos arderam junto com o gosto da bile, que subia para minha boca.

Eu estava enjoada.

Meu estômago se retorcendo inteiro. Não por fome, mas pela sensação de desprazer e ansiedade.

As mentiras... Meu pai era outra pessoa, Ettore nunca existiu e um casamento com o homem que me fez perder tudo, me deixando sozinha.

Nada fazia sentido, quando tentava pensar nos porquês.

Por que não fiquei quietinha em Capri? Nada disso estaria acontecendo e eu estaria perto deles.

Respirei várias vezes rapidamente, sentindo que estava hiperventilando, de tanta ansiedade, além das lágrimas que escorriam pelo meu rosto. Tornei abrir meus olhos e enxerguei o teto todo embaçado.

— Está melhor? — Escutei sua voz e eu não o queria por perto. Não agora. Me preparei por tanto tempo para dizer o que queria. Acusá-lo, falar tudo que aconteceu depois que foi embora, mas ele não merecia nada de mim.

Eu não o responderia, não me sentia pronta para falar, escutar e replicar. Só queria ficar em silêncio, mas sua presença marcante estava ali.

— Angelina! — Sua voz ficou mais próxima.

— Me deixa em paz, por favor! — disse ainda deitada, encarando o teto.

— Você passou mal. Está melhor? Fiquei preocupado.

Em meio ao choro, comecei a gargalhar.

Hipócrita.

Não era possível estar escutando-o se contradizendo de tal forma.

Respirei fundo e me sentei, ficando diante do seu olhar.

— Quem é você? — indaguei, me sentindo ainda mais idiota. — Nem sei... — Parei de falar e neguei com a cabeça, repetidas vezes. —

Ettore Moretti é quem? — bufei e revirei os olhos. — Não importa quem seja. Pode dizer o que quiser, mas não vou acreditar mesmo. Então tanto faz.

Ele se mantinha no canto do quarto, sentado em uma cadeira e suas pernas estavam abertas, e seu corpo relaxado. O blazer do terno preto estava aberto, enquanto suas mãos, próximas ao seu rosto, fechadas, como se estivesse fazendo uma prece.

— Cadê meu pai? — perguntei, cortando o silêncio.

— Ele está em um lugar bem vigiado. — Joguei as pernas para fora da cama e fiquei sentada na beirada.

— Por que estou aqui? Eu quero ir embora! — Não tinha mais nada para fazer ali.

Achei que poderia encontrá-lo e esfregar nessa sua cara debochada e arrogante, tudo que fez comigo. Fazê-lo assumir as responsabilidades de tudo que aconteceu naquela semana, mas vi que estar perto dele de novo, só me levaria ao fundo do poço.

Começando pelo meu pai.

Não sou idiota e entendi muito bem que os dois tinha uma rixa e por este motivo, eu estava aqui.

O tal Don Dellatore...

Só de pensar em seu nome, que há pouco me vestia, curiosamente para conhecer esse homem, me fez rir forçadamente de raiva.

— Você não vale nada — proferi em voz alta.

Olhei para meu colo e associei o vestido branco, as joias. Eram tudo para eu me casar com ele.

Cretino...

— Como pode?

Ele não respondeu e mais uma pergunta minha ficou vazia, jogada e sem respostas.

Apenas ficou me olhando e então não me controlei, levantei e corri descalça até a porta, mas não consegui girar a maçaneta. Ele me agarrou, envolvendo minha cintura e me suspendendo no ar.

— Você não vai sair deste quarto — ele imperou, como se fosse um rei, ditando suas ordens.

Mas me debati, eu não me daria por vencida, pelo simples fato dele me impedir de sair correndo dali.

— Me solta. — O cretino me imobilizou, travando meus braços ao me apertar, deixando minhas costas rente ao seu corpo.

— Fique calma. Vamos conversar!

— Eu não tenho nada para falar com você. Você me roubou, ferrou com minha vida e me deixou com uma grande responsabilidade. Sem

mentonar, que não consigo um emprego na minha área, porque você fodeu com meu nome, de todos os jeitos possíveis. Se sua intenção era me prejudicar, fique satisfeito, você conseguiu! — Tentei me soltar, mas meu corpo continuava imobilizado por ele.

Hiperventilei tentando sair, mas quanto mais eu tentava, mais ele me apertava contra seu corpo.

— Eu te odeio, quem quer, que seja você.

— O que você quer saber? — ele perguntou baixo e pude sentir a pressão da sua voz, próxima do meu ouvido.

— Do que vai adiantar saber, se não vou acreditar em nada — bufei frustrada. — Tudo que vem de você, não passa de mentiras e falsidades. Não se dê ao trabalho, eu não acredito nas suas palavras, Ettore... ou Tony, ou Don Dellatore. Pouco me importa o que você vai falar. Não se dê o trabalho.

Já sentia meus braços formigarem, comprimidos por ele.

— Por favor, me solte.

— Antônio, Tony Dellatore... esse é meu nome — me respondeu e foi aos poucos soltando meus braços.

— Não estou nem aí, Don Dellatore. — Meus pés tocaram o chão, mas ainda podia sentir sua respiração controlada, contra minhas costas e suas mãos seguravam meus pulsos.

— Não mesmo? — O filho de uma *puttana* sussurrou a pergunta, perto do meu ouvido.

— Não. Só quero ficar bem longe de você. Você acha que sou boba e que não sei, que está me prejudicando para atingir meu pai. — Ele me virou dentro dos seus braços e me fez olhar para seu rosto.

O cretino poderia ser mau caráter, mas continuava lindo e tentador.

— Eu não vou me casar com você! — disse convicta.

— Você vai fazer o que quero, Angelina! — ele ditou e alargou os lábios sorrindo.

— Não sei porque está sorrindo.

— Você continua linda.

— E eu te odeio, com todas as minhas forças.

— Eu não acho, que me odeia tanto assim.

— Me solta e me deixa ir embora. Se sua intenção era desmascarar meu pai, em relação a ter mentido para a filha dele; parabéns, você conseguiu.

Tentei empurrá-lo, mas ao invés de conseguir me soltar, meu corpo bateu no dele e seus braços me apertaram ainda mais.

— Não faz sequer ideia de quais são as minhas intenções e você vai ficar aqui, enquanto eu quiser e sentir vontade.

— *Stronzo!* — Por fim consegui me soltar, ao sentir seus braços se afrouxarem.

Novamente querendo sair dali o empurrei e corri na direção da porta.

Sei que seria apenas uma ilusão correr para fora desse quarto, achando que conseguiria sair. Algum dos seus seguranças mal me deixaria chegar na escada, mas eu precisava tentar.

Eu não queria ficar mais aqui. Ele não me trataria como um objeto, como fez.

Corri e desta vez consegui girar a maçaneta e abrir a porta, mas ele me impediu, batendo com a mão na porta, fechando-a e me encurralando, contra ela.

Meu rosto ficou colado na madeira, enquanto seu corpo firme, me espremia.

— Eu quero sair daqui, você não pode me manter como uma prisioneira e me forçar a casar com você — choraminguei.

— Você só vai sair, quando eu quiser e nesse momento, estou tentado a te levar para aquela cama e relembrá-la, do quanto era tudo bom entre nós — sussurrou, e uma das mãos, desceu acariciando a lateral do meu corpo e quando chegou na minha coxa, seus dedos cravaram na minha carne.

Segurei todo meu ar.

Infelizmente fui traída, pela sensação de posse, que meu corpo gostou.

Eu não deveria sentir mais nada por ele, além de raiva, tinha que odiá-lo, com tudo que tinha dentro de mim.

Quem quer que ele fosse, não poderia exigir nada de mim. Ele não tinha o direito de mexer comigo, como fez e estava fazendo.

— Você nunca mais tocará em mim, Antônio Dellatore! — disse firme e consegui agarrar seu pulso, travando e impedindo que sua mão continuasse a apertar minha perna.

— Eu duvido. Você não me esqueceu... — Usando o mesmo tom baixo, sua voz saiu em sussurros.

E sim... ele tinha razão. Eu não o tinha esquecido. Mas havia uma grande diferença entre ainda me sentir afetada e querer vê-lo sofrer, como sofri. Quando me roubou e me deixou abandonada, com tantas responsabilidades.

— Você é um arrogante de merda. — Respirei com dificuldades, enquanto sua mão ganhava na queda de força com a minha e apertava novamente meu músculo, e deslizava subindo na direção do meio das minhas pernas.

— Sou o que você quiser, mas sou seu dono. Você é minha, Angelina.

Tentei protestar, mas seu corpo pesou e me prensou mais, deixando suas mãos livres, para me tocar. Uma em cima do meu púbis e a outra envolvendo meus seios.

— Você é mentiroso e está me usando. Eu quero ir embora e ver meu pai.

— Você terá tudo que quiser, na hora certa... — continuou sussurrando.

A ponta da sua língua, rastejou pelo lóbulo da minha orelha e foi descendo pelo meu pescoço.

Choraminguei, sentindo que meu corpo estava sendo possuído, pela sensação do seu toque.

Não deveria ser assim. Ele estava jogando de novo comigo e mexendo com meu psicológico. Me torturando!

Don Dellatore não era mais o mesmo de antes. Ettore era charmoso e me envolveu com seu jeito sedutor, mas esse homem era ainda mais sensual e poderoso. Ele não pedia, tomava. Por isso, eu precisava sair daqui.

— Seu cheiro... — Ele raspou a ponta do seu nariz por todo meu pescoço, enquanto sua mão, sovava um dos meus seios e a outra sutilmente deslizava sem apertar meu botão.

— Por favor! — implorei quase não conseguindo falar.

Meu corpo estava reagindo e eu não poderia ceder.

— O que você quer, meu anjo? — disse contra a pele do meu pescoço, antes de me virar e continuar me pressionando contra a porta, me encarando.

Suas mãos mudaram o rumo e subiram, uma para minha cintura e a outra para minha nuca, antes dele curvar a cabeça e sua boca se apossar da minha.

Por Deus...

Ele mordiscou meus lábios, escorregando sua língua em seguida, para dentro da minha boca.

Tentei resistir, mas não consegui, enquanto me beijava e acabei gemendo, sentindo como meu corpo reagia, me deixando quente e úmida para ele.

— Isso... adoro esse barulho que faz, quando está com tesão. Não se esqueça que conheço, cada reação do seu corpo, carinho. — Ele sorriu vitorioso e não consegui me controlar, sentindo esse misto de atração, com raiva quando abri a mão e ela ganhou vida, acertando a lateral do seu rosto, pegando-o de surpresa.

— Ficou louca? O que está pensando? — Antônio Dellatore segurou meu pulso com força e ficou me olhando, antes de me soltar.

— Eu disse que você não me tocaria, nunca mais — proferi e olhei firme em seus olhos.

Devolvendo o olhar pesado e raivoso, ele levou a ponta do polegar, onde o cortei, bem no canto dos lábios.

Ele não me usaria, nunca mais para seus objetivos, fossem eles quais fossem.

E se fosse para seu jogo, então que me colocasse na partida, mesmo que isso me quebrasse ao meio no fim.

Já que fez da minha vida um inferno eu faria da sua também, a não ser pela única motivação pela qual eu ainda tinha forças para lutar.

Que se foda ele e meu pai. Não seria moeda de pagamento de nenhum dos dois.

Seja o que for... Eu não era mais a Angelina de antes!

CAPÍTULO 8

Tony

Deixei o quarto e bati a porta, puto da vida.

Não foi pelo tapa, mas pelo modo como passei por cima de tudo, quando senti seu corpo no meu. Foi o gatilho para eu desejá-la e estar com esse tesão da porra agora.

Não esperava que ela fosse mexer tanto comigo, mas seu cheiro, o calor da sua pele me fez querer jogá-la naquela cama e passar a tarde inteira enterrado dentro dela.

Porra de mulher...

Toquei com a ponta do polegar, o canto da boca, onde seu tapa atingiu e senti que ainda sangrava.

Fechei os olhos procurando me acalmar. Beijá-la não estava no meu plano, como não esteve no passado.

— Patrão! — Percy me chamou e parei no meio do corredor.

Não o tinha visto vindo na minha direção, quando saí do quarto. Ainda precisávamos resolver algumas coisas e não nos falamos desde o momento que Angelina desmaiou e eu a trouxe para o quarto.

— Sim?

Seu olhar parou no meu rosto, exatamente onde levei um tapa.

— Aconteceu algo? — perguntei com o intuito de saber se as coisas estavam se encaminhando bem.

Quando Angelina passou mal, em meio a minha discussão com seu pai, desmaiando ao meu lado, a única reação que tive foi pegá-la no colo e pedir que Percy tirasse o telefone e colocasse tio Ângelo incomunicável na casa da piscina. Falaria com o velho, assim que me certificasse pessoalmente de que ela estava melhor.

Mas não iria e com toda certeza, o velho estaria muito bem amparado e esperaria, quando fosse a hora certa do nosso confronto.

— Não. Ângelo que pediu pela audiência de clemência, com o conselho. — Me virei para a parede toda branca e fechei os punhos contra

ela, desferindo minha frustração nela.

A dor aguda não foi tão profunda, quanto minha raiva por ele usar subterfúgio para se safar. Mas era o esperado, ele com certeza usaria do que estivesse ao seu alcance, para tentar se livrar. Ângelo era uma águia e sempre tinha seus ases nas mangas.

— Desgraçado! É bem típico de uma cobra. Rasteja e ataca — esbravejei com raiva.

A audiência de clemência, era quando um membro do clã cometia um erro e se sentia injustiçado. O conselho o julgava e se ele fosse inocente, lhe concederia o perdão e um exílio.

E eu não poderia permitir que ele saísse de perto, sem pagar pelo que fez. Contudo seu pedido era mais uma das provas de que ele estava envolvido em algo, que por direito, eu poderia puni-lo.

Frustrado olhei para os lados e respirei fundo, procurando pensar melhor em como eu agiria a seguir.

Eu tinha dado o pontapé inicial, não tinha mais como voltar atrás.

— Ele pediu, mas ele tem de fazer através do santuário. Um ponto a meu favor. Ele vai ter que sair de lá primeiro, antes de conseguir um telefone.

— Você não vai conseguir mantê-lo lá por muito tempo, sem a confissão de Lion. Sabemos que Ângelo agiu facilitando naquela noite, mas

precisamos ainda achar Chanderson e ele confessar, ligando um ao outro — Percy pontuou, me lembrando que ainda só tínhamos afirmações, de uma outra pessoa, que nos ajudou a ligar os fatos daquela noite e de tudo que estava acontecendo antes.

— Não vamos demorar para achá-lo. Estamos perto, meu amigo — proferi confiante.

O segurança sumiu por anos, deixando algumas pontas soltas pelo caminho.

— Estamos bem perto, já temos as pistas de onde ele pode estar. Acredito que foi avisado, que Don Dellatore está procurando por ele. Por isso, ainda está escondido, mas uma hora ou outra, ele vai ter que sair. Temos homens em cada canto da Califórnia à espreita, esperando o rato sair do esgoto, para conseguirmos pegá-lo. Sua irmã foi temida por ser a paixão do Capo Valentino, mas você é querido e um verdadeiro líder. Sabe que as outras divisões estão a seu favor.

Quando Bella se foi, eu inverti toda sua ideologia, peguei o que ela fez de bom e aproveitei para voltar com negociações, que me renderam prestígio e poder. Fiz uniões importantes, tanto com os russos, quanto com o cartel mexicano. Fizemos nossa própria redoma, um não entrando no terreno do outro, porém mesmo unidos e em paz, eu me resguardava,

fazendo com que eles me devessem favores, sem sentirem que estavam me devendo.

Criamos nosso próprio código de conduta e cada um atuava no seu espaço.

— Precisamos observar melhor, temos um infiltrado entre nós. Alguém deixou vazar a informação, ache e faça cumprir a minha lei. Nada e ninguém, vai deixar Lion escapar de nós — ordenei e Percy assentiu aprovando minha ideia.

Ele era ainda mais sanguinário, que o tio. Talvez por ter a mesma idade que a minha, sua vivacidade ainda fosse mais perigosa.

Russel era implacável, mas seu sobrinho era seu refinamento. Inteligente, astuto e frio.

— Ele saiu uma vez, mas não vai sair outra — confirmei. — Bella não deveria ter assinado seu desligamento.

Minha irmã fez muitas coisas boas, ela pensava que podíamos seguir diferente, sem violência, sem jogos sujos. No entanto, só sobrevive neste mundo quem ataca primeiro no jogo.

Você pode ser político, como os Valentino e mandar fazerem por você, mas eu preferia jogar meu jogo, ao invés de ficar e ser mais um peão. Nós, os Dellatore, não somos nada iguais a ninguém e odeio que me comparem, com qualquer um que seja... Bella, Giovanni ou meu pai.

O jogo é meu, então quem dita as regras sou eu.

— Sua irmã pode querer se intrometer. A decisão foi dela, de desligá-lo.

— Bella, agora tem sua família e seu clã. Ela e o marido cuidam do que cabe a eles. Não fizeram nada antes, não terão o direito de opinar. É meu direito me vingar, de ser olho por olho e dente por dente.

Os Valentino eram parte do alto conselho, mas não meus donos. Eu reivindicaria meu direito de honra. Eles não poderiam sair de Nova Iorque e vir interferir, no que deixaram de fazer. Eu até os compreendia; que era mais fácil se livrar do problema, não o resolvendo, deixando-o apenas, como uma desculpa.

Não era ninguém da família deles, por isso, não fizeram o que deveria ter sido feito.

Quando precisamos, quando eram os responsáveis por nós, não deram tanta importância, encerrando o caso, junto com a inutilidade dos investigadores, sem saberem a quem punir, ou mesmo culpar.

E Bella só os seguiu, não querendo saber quem eram os culpados.

Mas eu já estava com minha passagem comprada de ida para o inferno, só por estar começando a caçada e se Lion não aparecesse, daria um jeito, de Ângelo trazê-lo até mim.

— Percy, cuide de quem vazou e de que Ângelo, desista dessa maldita audiência, não podemos ter mais esse problema para resolver. Precisamos de mais provas, se o conselho conceder a ele uma audiência de clemência. No entanto, eu tenho um problema ainda maior para resolver. — Olhei por cima dos ombros, na direção da porta do quarto.

Angelina... não seria nada fácil e precisava a princípio me concentrar nela.

— Ela não vai ser uma tarefa fácil. Ângelo está espumando, como um cão raivoso, só porque você trouxe a filha, desmascarando a mentira dele, sem contar que ele repetia várias vezes que você só se casaria com ela, se passasse por cima do corpo dele — ele disse sorrindo e acompanhou meu olhar, entendendo a quem me referia.

A subestimei e achei que seria tranquilo lidar com facilidade.

Ela era o tendão de Aquiles dele, pelo que observamos. Eu a usaria para tirar dele, para deixá-lo sem saídas, fazendo-o agir nos seus cinco minutos de raiva.

A princípio era desmascará-lo, mas pelo visto, Angelina não se importou muito. Agora era partir para outro plano.

Mesmo que isso abrisse feridas, que pudessem refletir em mim, mas eu iria a fundo, mostrando para ela, quem seu pai era.

Respirei fundo, convicto de que seria necessário.

— Ainda vai manter a história do casamento? — afirmei com a cabeça.

Tinha sido um blefe, para fazer Ângelo sentir, que eu tocara em sua filha sem remorso algum. Claro que estava disposto a seguir em frente, caso as coisas tomassem outro rumo naquele momento, mas eu já tinha tudo arquitetado, inclusive para as demais probabilidades, que pudessem surgir. E se fosse necessário, uma delas seria levar adiante o casamento.

— Ainda vamos manter... — respondi. Porém, minha mente já começava a trabalhar com esse subterfúgio, para tomá-la para mim. — Peça para Shark e Bronk ficarem na porta e não a deixarem sair por nada, sem que eu saiba, nem circular pela casa, sem meu consentimento. Não quero que ela fale com o pai, sem minha presença.

— O que vamos dizer quando a Sra. Dellatore retornar?

— Ainda temos algumas semanas, até dona Nina retornar. Até lá, penso melhor, mas caso antecipe, vamos instalar o quartel em Malibu.

Ela não interferiria em nada, meu pai era bem pior quando precisava agir com punhos firmes. Ela sabe muito bem, como toda essa dinâmica funciona. Nina Dellatore não será nenhum problema, até porque antes de chegar, eu faria uma mudança para a casa de Malibu, evitando assim, dizer o que estava acontecendo, quanto menos pessoas soubessem melhor seria.

— Também veja com Sarah, para acompanhar Angelina, para comprar algumas coisas para ela na *Rodeo Drive*. Devo me encontrar com Ruiz e Yaroslav, eles levarão sua família ao recinto. E ela me acompanhará — avisei e Percy me olhou, achando estranho minha decisão de última hora, porém assentiu, acatando.

— E Yelena?

— A russa não vai.

Yelena era a mulher que sempre me acompanhava nas reuniões de negócio e o recinto era uma fazenda no Texas, que servia para esses encontros. Muitos homens a usavam com o pretexto de dizerem que estavam se reunindo para um fim de semana em família, mas ali era onde muitos planos e alianças foram criadas. E a russa não só era minha acompanhante, mas também quem esquentava minha cama.

Ela não era nada mais, que uma grande amiga, uma comparsa.

— Mas se quiser levá-la como sua acompanhante... — Percy e Yelena eram como cão e gata, discutiam e a ruiva o levava à loucura. Sei que eles algumas vezes se retroalimentam, na loucura deles. Mas a russa não era como uma mulher que sonha em ter casa, marido, filhos e uma varanda para se sentar no fim de tarde. Ela é tão perigosa quanto ele, quando o assunto é se sentir poderosa.

É ela que comanda minhas meninas, que as seleciona e faz o leilão.

— Não poderei ter distração, Tony. — Todos sabíamos da queda que ele tinha por ela e desde que fiquei sabendo, meses atrás, evitei colocar Yelena na minha cama. Mais vale a lealdade do meu melhor homem, do que uma boceta gostosa e ela concordou comigo, quando lhe disse os motivos, me deixando entender, que também gostava dele.

— Mesmo assim, é uma boa companhia. Até que ela poderia ser de grande utilidade, poderia me ajudar com Angelina.

Levaria a italianinha e deixaria que todos pensassem, que ela seria minha mulher, o que lá no fundo eu queria. Ainda mais, depois do meu corpo corresponder, ao estar muito perto dela, porém não poderia me envolver, a ponto de estragar meus planos, não poderia agir por impulso, como fiz minutos atrás.

Deixar-me levar por essa atração, que sentia por ela, poderia não ser uma boa escolha. Já que sentir o calor da sua boca e do seu corpo, foi o gatilho, para eu querer fodê-la pelo restante do dia.

Quando a vi pela primeira vez, naquele dia na galeria, meu plano era me aproximar e criar apenas um elo amigável, não teria nenhum envolvimento sexual, apenas saberia onde iria, dois dias foram necessários para eu desejá-la e querê-la como mulher. No terceiro, eu já estava mudando alguns detalhes do meu plano, só para aplacar o tesão que sentia

por ela. E foi naquele bar, quando nos encontramos e ela estava tão linda, sentada de lado em um dos bancos, a frente do balcão polido de madeira.

Seu corpo lateralizado e as pernas cruzadas, mostravam parte da coxa, através da fenda da saia apertada. A mesma que havia usado, praticamente o dia todo. Ela trabalhava durante o dia e no fim, no *happy hour*, se sentava no bar do hotel, bebia um drink, jantava e em seguida, subia para seu quarto. Era metódica e há dois dias já estava fazendo a mesma rotina que ela, no entanto, naquele dia, eu me aproximei e fiquei ao seu lado.

Comecei a memorizar cada detalhe, da forma como era simples, que para qualquer homem, não chamaria tanta atenção. Mas era como eu gostava, sem muita maquiagem, apenas um batom colorindo os lábios, de preferência que fosse da cor vermelha.

Angelina era delicada, sem muito atrativo, porém sensual e sem o vulgarismo de uma mulher, quando queria chamar atenção. Discreta e elegante, desde a forma como sorria e prendia o cabelo, em um coque organizado e moderno, deixando a nuca a vista durante o dia.

“— Tem uma presilha ainda... — Estava prestes a me sentar, quando a interrompi e sem pedir permissão, toquei nos seus cabelos, ajudando a tirar o grampo, que ainda prendia uma pequena mecha.

Ela sorriu ao virar um pouco a cabeça para o lado, deixando seu queixo sobre seu ombro desnudo, ao procurar meu olhar.

Angelina estava vestindo uma saia preta justa, que descia apertando suas coxas, deixando seu corpo ainda mais feminino. A blusa branca tinha um recorte e uma manga só.

Perfeita e linda, a definição da mulher sensual e inteligente à minha frente.

Não poderia negar suas qualidades, mesmo tendo o pior defeito: ser a filha do conspirador da morte do próprio irmão.

— Ah... obrigada. — Sua voz saiu suave e sensual, fazendo meu corpo se acender e ficar em alerta.

— De nada. — Sorri e devolvi no mesmo tom de voz.

— Já tem em mente o que vai oferecer para seu chefe? — ela me perguntou, assim que entreguei a pequena presilha e fiz questão de segurar em seus dedos, deixando-os deslizar sob os meus.

Seus lábios entre abriram e sei exatamente o que estava sentindo, porque também senti a corrente elétrica que fluiu, através do simples toque.

Meu corpo todo reagiu fazendo meu pau se inchar.

— Ainda não, mas quem sabe o Vontier. — Soltei seus dedos lentamente e me aproximei do balcão, e ao invés de me sentar ao seu lado, me encostei nele, ficando mais perto o possível. — E você? — Olhei para o

barman rapidamente, antes de escutar sua resposta. — Por favor, um Macallan 55.

— Ele está interessado no Giorgiano — me respondeu e ainda olhando nos meus olhos, pegou a taça e grudou seus lábios no canudo e sugou o líquido.

Não tive como não me sentir afetado, pela cena da sua boca sugando a bebida e ainda mais quando após engolir a bebida, limpou os lábios com a ponta da língua.

— Muitos vão estar. Espero que esteja preparada para lances acima de sete casas decimais. — Tentei não demonstrar que me sentia desconfortavelmente atraído pela forma, de como era sensual.

E essa foi minha falha, me sentir atraído e me envolver nessa personalidade, além do que deveria.

Mas qual homem, não se veria nessa mesma posição que a minha?

A italianinha era linda, educada, sem muitas frescuras, assim como eu gostava.

— Estarei — ela respondeu e sorriu, enquanto devolvia a taça sobre o balcão do bar.

— E eu adorarei, vê-la brigar por ele — rebati, imaginando-a como se tudo ali fosse verdade: o emprego, eu e ela nessa nuance sedutora e tudo

que aconteceria. Mas era só um papel e do qual estava gostando bastante, a ponto de estar me esquecendo, qual o real motivo para estarmos ali.

Envolvido pela forma como me olhava, acabei me desligando de Tony Dellatore, ao avançar a linha tênue do precipício e segurar uma mecha do seu cabelo, colocando-a atrás da sua orelha.

Deixei de lado meus propósitos naquele momento, quando senti seu cheiro subir e me envolver, me cegando.

— Você é linda! E garanto que vai ser, uma memória deliciosa que terei de você. — Angelina entreabriu os lábios para me dizer algo, mas a impedi de falar qualquer coisa, ao me antecipar e curvar, estalando meus lábios sobre os seus. Dando um foda-se e pausando meus planos naquele momento.”

Sei que deveria ter mantido meu propósito, mas me vi envolvido, a ponto de termos pulado as cláusulas contratuais dela e meus objetivos.

Agora eu a tinha sob meu domínio e meu teto. Bem debaixo do meu nariz e esperei para vê-la novamente, durante dois anos.

Em todo esse tempo, apenas a perdi de vista por um ano, mas logo quando reapareceu em Londres, na galeria de Lêvi e tentou falar com Thomas, foi que fiquei novamente sabendo sobre seus passos. Desde então, tenho meus homens bem próximos dela, garantindo que nada de ruim acontecesse à rainha, do meu tabuleiro de xadrez.

— A quero muito bem vestida, para mostrar que ela é minha mulher — disse como se fosse parte do plano.

Segui em frente, dando-lhe as costas.

— Tony! — ele me chamou... — Tome cuidado meu amigo. Você pode estar entrando em um terreno desconhecido. Ela pode se tornar mais letal do que parece. — Me virei ficando à sua frente novamente e assenti quando escutei o seu alerta.

Antes dela ser fatal, eu acabaria com tudo e com todos, até lá, lidaria do jeito que estava lidando.

— Ele a ama e isso é o meu único envolvimento, Percy. Ela é minha por direito. Tio Ângelo tirou de todos nós o que amávamos, agora é sua vez de sofrer, ao ver que sua filha, não lhe pertence mais. E pode ficar tranquilo, meu amigo, que nada vai acontecer, só quero que me acompanhe. Mesmo sendo filha de quem é, é uma boa companhia e se precisarmos mudar os planos, me casarei de verdade com ela. Então só preciso ir me acostumando.

Percy deu uma risadinha e bateu em meu ombro.

— Sim... ela só é uma boa companhia — comentou como se estivesse de fato acreditando no que eu estava acabando de lhe dizer. — Farei o que me manda e se Sarah não a acompanhar, eu mesmo irei.

— Obrigado. Agora estarei no escritório, mais tarde penso no que fazer com Ângelo, por enquanto leve algo para ele comer e cuide para que ela fique bem. — Ele assentiu e se foi.

Percy não só era o meu homem que executava tudo que pedia, mas também, havia se tornado um grande amigo.

CAPÍTULO 9

Angelina

Meu corpo demorou para se acalmar e minha boca ainda formigava com a sensação dos seus lábios, mordendo os meus.

O que ele estava pensando? Que seria fácil chegar e tomar de mim o que restou? Enganou-se.

Antônio Dellatore ou Ettore — seja lá, qual seu verdadeiro nome — foi um grande erro, desde o início. Contudo, não tinha como adivinhar que

as coisas tomariam esse rumo, quando ele fez o que fez. Foi como confiar no desconhecido.

Sei que agi impulsivamente ao me deixar levar, por essa atração poderosa e envolvente. Eu não deveria e agora era tarde para me lamentar. A única coisa que eu poderia fazer, já que toda essa loucura me trouxe até ele, era sair daqui e esquecer de tudo que queria falar, e dos porquês de querer achá-lo.

Confesso que estava com um pouco de medo, ainda mais por conhecer esse lado seu possessivo.

Eu permanecia no escuro, sem saber como agir ou para que lado ir.

Ainda deitada refletindo tudo que acontecia, procurei pelo meu celular, mas achei somente o carregador.

Filho de uma puttana...

Ele levou meu celular!

Será que ele não via que estava me fazendo de refém, ao me manter aqui e tirar tudo de mim.

Eu tinha que ligar para *nonna*, saber como estavam as coisas por lá.

Mas, pelo visto, o cretino não estava nem aí.

Falaria com ele. Ele não podia me manter presa aqui.

Desci da cama e descalça pisei no tapete de pelos fofos, não calcei nada, eu só queria falar com ele e pedir meu celular de volta. Se ele, com

meu pai estavam tendo problemas de família, eu que não me importaria. Que se resolvessem sozinhos. Já tive bastante problemas nesses dois anos.

Se meu pai mentiu, depois conversaria com ele, agora só queria meu celular de volta, ligar para Capri e ir para bem longe dele.

Iria atrás de Don Dellatore, pedir meu telefone de volta.

Alcancei a porta e quando girei abrindo-a, não consegui dar um passo para fora.

Dois seguranças estavam parados, como se fossem uma muralha à minha frente.

— A senhorita não pode sair — disseram em uníssono, como se tivessem sido programados para dizerem a mesma coisa.

Eles se viraram e me olharam de cima a baixo, me impedindo de sair.

— Don Dellatore ordenou, que fique no quarto e só saia se ele permitir.

— Como? — perguntei indignada, não acreditando no que acabava de ouvir.

— São ordens de Don Dellatore. A senhorita não pode sair do quarto.

Mas quem ele pensa que é?

Que ódio...

Respirei fundo, revirei os olhos e coloquei as mãos na cintura, demonstrando o quanto eles estavam sendo pretensiosos, por achar que eu obedeceria ao patrão deles.

— Ele não tem o direito de me prender aqui — retruquei irritada.

Antônio Dellatore foi longe agora, por achar que me prenderia.

Irritada tentei passar por eles, mas os dois permaneceram parados, não se movendo um centímetro.

— Que ódio! — Me rebelei, sentindo raiva dele.

— Quero ver meu pai — exigi, tentando outra alternativa.

Eles sorriram debochadamente e se entreolharam.

— Devolvam meu telefone, então — pedi, notando que seria uma luta inútil contra eles.

Eu perderia facilmente.

— Ordens do patrão: você não pode sair do seu quarto, não pode falar com seu pai e muito menos ao telefone. — O segurança de olhos claros, quase azuis me respondeu.

— Ordens de quem? — perguntei irritada, imaginando a resposta.

— Don Dellatore.

— Infeliz, *stronzo*!

Os dois continuaram a rir, enquanto eu me revoltava cada vez mais.

— Ele não é meu dono — inquiri e brincando com a sorte tentei atravessá-los, mas foi em vão. E ao contrário, foram eles que avançaram um passo à frente, me forçando a voltar totalmente, para dentro do quarto

— A senhorita vai ficar aí, até ele permitir que possa sair.

Era uma brincadeira de péssimo gosto.

Eu não tinha culpa de nada, para ele me querer presa dentro da sua casa, como se fosse meu dono.

— E cadê ele? — perguntei, já pensando em gritar pelo seu nome, até ele aparecer.

— Está no Heavenly — um deles me informou, mas eu não fazia ideia sequer, do que seria e do que se tratava.

— Me levem até ele — exigi e olhei firme para eles.

Não deixaria eles me intimidarem assim.

Eu não tinha medo e muito menos os obedeceria. Porém, notei que eles não abaixariam a guarda e ficariam, como se estivessem plantados, à frente da porta, me impedindo. — Acho que não entenderam... eu quero falar com o patrão de vocês — repeti meu pedido.

— Acho que não será possível. Ele vai voltar tarde — me informaram.

— Que horas?

— Ele é nosso patrão e não o contrário, senhorita Fantini — o loiro mais alto, de olhos azuis, me respondeu com sarcasmo.

— Ele costuma voltar tarde — o outro me respondeu educadamente.

— Se eu fosse a senhorita, não o esperaria. Don Dellatore não vai obedecer às suas exigências — novamente o loiro grandão, respondeu.

Respirei fundo, mordendo o lábio inferior, pensando em qual atitude tomar. Eu poderia gritar e espernear, até me levarem ou até ele vir aqui, ou mesmo...

Quem sabe fazer um escândalo. Já não tinha nada para perder, não que ele soubesse.

— Então ligue para ele e diga que quero e preciso falar com ele. — Eles negaram com a cabeça ainda rindo, como se eu estivesse contando uma piada, o que me deixou ainda mais irritada. — Ah... entendi, não são tão próximos do patrão. São os cachorrinhos dele.

Não os deixaria rir de mim, como se eu fosse a atração principal de um *stand up*. Se fosse preciso atacar, eu atacaria, indo contra minha natureza. O que eu não seria, era motivo de risada e manipulada por Don Dellatore.

— O que está acontecendo? — Uma voz feminina surgiu.

Não conseguia vê-la, mas reconheci sua voz.

— Senhora Steech! — A chamei e os dois homens se afastaram, me deixando ver a outra pessoa responsável, por estar aqui.

Foi ela quem seguiu as ordens dele e por isso eu estava aqui, com a ajuda dela.

— Eu queria muito falar com ele. — Respirei um pouco mais aliviada.

Sarah não tinha motivos para rir de mim, como esses dois idiotas faziam.

Ela não exerceria força, para tentar me fazer recuar.

— Tony? — ela perguntou e assenti. — Ele não está e duvido que volte cedo. — Assim como eles me disseram, ela também me informou. — Amanhã você fala. Deixarei o seu recado para ele.

— Au-au... au-au — Um dos seguranças latiu e começaram a rir novamente de mim.

— Então me deixa ver meu pai ou me devolve meu celular. Eu preciso ligar para casa, ou falar com ele. — Ignorei-os e me concentrei na mulher à minha frente.

— Acredito que isso também não será possível, Angelina.

— Por quê? — Descontente, levei as mãos aos olhos e segurei o grito, abaixando, me encolhendo e escondendo meu rosto, abafando o berro.

— Não estou liberada, para lhe responder. Só o que posso lhe falar é que Tony, deu ordens expressas, que não saia deste quarto, sem sua permissão.

— Sarah, por favor — choraminguei e apelei para seu primeiro nome.

Precisava sair, precisava falar, ligar para Capri ou falar com meu pai.

— Vou ver, o que posso fazer. Liguei para Don Dellatore. Agora tome um banho, logo venho trazer seu jantar. — Ela me olhou e sorriu disfarçadamente, me deixando um pouco mais confortável.

Não que isso adiantasse, de maneira alguma, mas já era um começo.

— Obrigada! — agradei vencida.

— Au-au... au-au... — Novamente eles voltaram a latir, após Sarah sair.

Idiotas.

Fechei a porta, batendo com força e voltei para o centro do quarto. Girei ao redor dele todo, procurando um jeito de sair dali, foi quando me lembrei que tinha trazido meu *Ipad* e quando corri até minha bolsa, não achei e além dele, meus documentos não estavam ali também.

Que raiva...

Queria nesse momento esganá-lo, com minhas próprias mãos.

Sem ter o que fazer com as perguntas se aglomerando na minha cabeça, fui olhar o quarto mais atentamente, abrindo as gavetas do *closet*. Todas estavam vazias, a não ser as duas primeiras, que acomodavam algumas coisas minhas. Minhas roupas haviam sido organizadas tomando, 1/8 só do espaço.

No banheiro encontrei algumas coisas de higiene pessoal e comecei a reparar, em como tudo por ali gritava luxo, dinheiro e poder.

Diferente do que um dia imaginei poder ter. Experimentei ótimos hotéis trabalhando para Thomas, mas só. E nem queria nada disso, apenas sair de tudo isso, esquecer o roubo do quadro, viver em paz e voltar para Capri.

Iria ficar bem longe dele e recomeçar do zero.

Pelo menos eu tinha uma família.

CAPÍTULO 10

Angelina

— Está pronta? — Yelena, a ruiva que me ajudou no dia que cheguei aqui, agora estava ao meu lado, me apressando novamente.

Sarah veio até meu quarto logo pela manhã, informando que Percy me levaria a um lugar, após o almoço. E quando perguntei onde o cretino estava, ela desconversou e saiu em seguida, sem me dizer se havia falado para ele, que eu queria vê-lo. Mas acredito que não; ele não veio e muito menos tinha notícias suas.

O que a cada minuto, me deixava ainda mais frustrada e nervosa. Precisava ligar para casa, precisava de notícias.

— Aonde vai me levar? — perguntei ao pegar da sua mão, o cabide com um vestido preto. Era meu, mas foi ela que escolheu, para eu usar. Por mim, eu não sairia e continuaria do jeito que estava.

Por outro lado, talvez fosse uma coisa boa, quem sabe eu conseguiria fugir e pedir ajuda. Já não estava me importando, que passei dois anos pensando em como eu o acharia. Por um ano todo, em Capri e nos meses seguintes, trabalhando por uma oportunidade, que me colocasse frente a frente com ele.

Acabei deixando minha melhor parte em Capri, quando me vesti de rancor e voltei para Londres. Mas só para perceber, que perdi os melhores meses, em busca de alguém, que não é nada do que era. Começando pelo seu nome. Por isso, eu precisava sair, sumir e voltar para junto, de quem eu amo mais, que minha própria vida.

— Apenas vista. Tenho certeza, que vai gostar para onde vamos. Pelo menos, toda mulher gosta. — A ruiva concluiu e ainda olhando em seus olhos, acabei cedendo, quando percebi que talvez, essa fosse minha única oportunidade de escapar daqui.

Peguei o vestido da sua mão e fui até o *closet* me trocar. — Queria falar com... Don Dellatore — disse quando retornei para o quarto e ela

estava em pé, próxima a porta me esperando.

— Tony está ocupado, quem sabe mais tarde. — Ela sorriu forçadamente.

Essa também era só mais uma do seu canil obediente.

Assenti contrariada. Por um lado, seria bom. Era sinal de que ele não nos acompanharia.

— Já está pronta? — Neguei com a cabeça. Ainda faltava calçar os sapatos e arrumar meu cabelo. — Assim que estiver pronta, avise Shark e Bronk, eles a acompanharão até o carro.

Assenti e dei o mesmo sorriso, imitando-a.

Sozinha, terminei de me arrumar e olhei no espelho, pensando em como faria, quando conseguisse despistá-los e sair de perto.

Ainda não fazia ideia de onde me levariam, mas quando tivesse qualquer brecha, eu fugiria.

Abri a porta e já dei de cara com os dois distraídos, vendo alguma coisa no celular. Eles riram, ainda não me notando, ali parada.

Assoviei, como se estivesse chamando um cachorrinho. Fiz isso para me notarem e também porque, não perderia a oportunidade de devolver a provocação de ontem.

Sorri quando me olharam e se aproximaram, desligando o aparelho.

— Estou pronta! — Informei, olhando e tentando acertar mentalmente, qual era o Shark e qual o Bronk.

Pelo menos agora, sabia o nome deles.

— Vou ter que usar coleira, como vocês também? — continuei a provocar.

— Está se... — O loiro alto, de olhos azuis, que aparentava ser mais agressivo que o parceiro, estava prestes a responder, quando seu olhar, ultrapassou meu ombro e parou em alguém, logo atrás de mim.

Ao me virar, vi Percy parado, os encarando.

— Boa tarde, senhorita Fantini — ele me cumprimentou e não sei porque, me senti mais calma, ao escutar sua voz.

Talvez fosse porque ele poderia me dizer onde estava seu patrão. Pelo menos Percy, aparentava ser mais importante que os dois *cachorrinhos* de Antônio Dellatore.

— Boa tarde, Percy. — Sorri, devolvendo o cumprimento.

— Está pronta!? — Não entendi se ele havia confirmado ou me perguntado, e na dúvida assenti, dizendo sim. — Então vamos! — Ele passou por mim, indo na minha frente, enquanto os *cães de guarda* se posicionaram atrás de nós.

Olhei por cima do ombro e os encarei.

— Au-au... au-au... — Imittei um cachorro, quando comecei andar, me distanciando um pouco deles.

— Não os provoque — Percy me advertiu, quando me esperou, passando a andar do meu lado, porém notei a rusga, no canto esquerdo do seu lábio, querendo sorrir.

— Não fiz nada — respondi, como se fosse inocente.

— Eu sei tudo que acontece nessa casa. As paredes têm ouvidos e olhos. — Ele olhou na direção de algumas câmeras, ao nosso redor. Cada uma, em um ponto estratégico.

— Não esperaria menos. — Sorri confirmando e olhando para uma das câmeras no alto.

Sim... essa saída, seria minha oportunidade. Já que a casa era extremamente vigiada por homens e câmeras.

— É sua. — Yelena estava ao lado de Percy e me entregou uma bolsa de mãos, uma longa carteira preta e também óculos escuros, quando estacionaram a SUV preta, na frente de uma loja de grife famosa.

Então era isso... O idiota estava achando, que eu aceitaria roupas caras dele, em troca de me manter como sua refém. Se estivesse pensando

assim, ele estaria enganado.

— Não preciso de nada dele — retruquei, recusando a carteira e me virando irritada, para entrar no carro, mas Percy não permitiu, quando tentei pegar na maçaneta.

— Acredito que está reconsiderando pegar a carteira e os óculos, e entrar naquela loja, Srta. Fantini. Seria bem sábio da sua parte, ir às compras. — Ele me olhou firme e entendi suas palavras, como uma ameaça, mesmo que elas não fossem exatamente explícitas.

Por alguns minutos, ainda segurando na maçaneta e olhando para a mão dele, espalmada na lataria do carro, me lembrei de que era a única oportunidade que teria para escapar, então eu que não bancaria a orgulhosa, logo agora.

Assenti em silêncio e tirei a minha mão, me virando para a fachada da loja.

— Vamos! — disse e aceitei a carteira e os óculos que mais uma vez, a ruiva me oferecia.

— Isso... Vi que tomou a decisão correta, Srta. Fantini. — Ele sorriu e foi à minha frente, junto com Yelena, me colocando novamente ao meio, quando os dois *capachos*, daquele cretino mercenário, se posicionaram logo atrás de mim.

Assim que entramos, fomos recepcionados e rodeados pelas vendedoras.

A forma como chegamos, parecia que eu era uma pessoa importante e com muito dinheiro. Pelo menos, era o que aparentava, mas mal sabiam, que eles não eram a segurança pessoal, de alguém muito rico e sim, que estavam ali, porque eu era refém de um mafioso, filho de uma *puttana* sem coração. Que me roubou, mentiu e me deixou sozinha, para arcar com todas as responsabilidades.

— Compre o que quiser, se bancar a durona eu e Yelena, vamos escolher por você, seguindo as ordens de Don Dellatore. — Percy se aproximou, quando não demonstrei entusiasmo algum, com as vendedoras me perguntando o que iria querer.

— Por quê? — perguntei baixo, conforme só ele escutava. — Ele me enganou, manipulou, me roubou e fez o que fez, para agora achar, que vai me comprar com roupas?

— Apenas compre. Não questione! — ele respondeu duramente, mas não me dei por vencida.

— Ele é meu primo, sabia? — Mas é claro, que ele sabia. Só não se importavam.

Ainda tinha esse pequeno detalhe, que me deixava remoendo tudo.

Não que isso fosse me incomodar, até porque, quando transamos eu achava que era, quem dizia. O problema era as circunstâncias e as consequências de tudo que aconteceu.

— Olha, Angelina... — me disse com menos formalidade —, eu não tenho permissão para falar e muito menos contestar as atitudes de Tony. Mas não acredite em tudo que acha que ouviu ou viu. Nada parece ser, realmente, o que é, de verdade. Ele é o chefe, quem comanda e quem dita as leis. Não o questione, apenas espere. — Meus olhos arderam e senti as lágrimas se acumularem no canto deles.

— E se ele me machucar? Eu preciso falar com meu pai. — Fiz uma pausa, tentando segurar o choro — Eu sei que ele mentiu, mas eu tenho que vê-lo. Também preciso ligar para casa, minha avó, deve estar preocupada — expliquei.

— Vou falar com ele. Não prometo, que será atendida — Percy respondeu me acalmando. — Agora, vá e faça essas malditas compras. — Ele meio que sorriu. Ou eu achei que havia sorrido, pelo menos, ele não estava com aquela expressão de durão.

— Está bem! — Não que eu tivesse concordado, mas porque se ele achasse que havia cedido, não perceberia que queria fugir.

Sorri e quando estava para me afastar, ele colocou sua mão antes do meu corpo, evitando que eu saísse de perto.

— Não tente fugir, estamos de olho em você, não vai querer ver Tony nervoso. — Segurei o ar, ao escutar dessa vez sua ameaça explícita.

O que faria agora? Era minha única oportunidade.

Tinha que ter uma outra solução...

E como se tivesse cedido, ainda mantendo minha derrota para eles, experimentei algumas roupas que Yelena escolheu e por mais que eu não quisesse nada de Antônio Dellatore, não pude negar o quanto cada peça ficava incrível.

— Qual seu nome? — perguntei para a vendedora, que estava trazendo alguns vestidos, para eu experimentar.

Tive outra ideia. Se pelo menos eu não conseguisse escapar, então eu ligaria para casa e tiraria de mim, essa ansiedade, para saber como estavam.

— Britney, Sra. Dellatore. — Franzi o cenho, quando disse meu nome, como se eu fosse a esposa daquele cretino. — A senhora quer algo específico?

— Não é que esqueci meu celular no carro e queria saber se poderia me emprestar o seu. Preciso fazer uma ligação. — Olhei ao redor, para ver se eu via Yelena ou Percy por perto, mas os dois estavam distraídos, na sessão de roupas íntimas.

Revirei os olhos, imaginando que a ruiva cadelinha estava escolhendo para mim.

— Quer que eu peça, para seu segurança pegar? — ela me perguntou, já se virando na direção deles.

— Não. Eu acho que ele está sem bateria também, mas pode ser o seu. É rápido! — tentei parecer convincente.

— Ah... sim! — Ela sorriu e afirmou.

Aliviada, em partes sorri, mas fiquei apreensiva, quando me informou que teria que buscá-lo, pois elas não ficavam com o celular em mãos, enquanto atendiam.

— Sim, enquanto pega, estarei experimentando este... — Agindo normalmente, peguei o cabide da sua mão e voltei para dentro do provador, mas quando abri a porta, encontrei com Yelena balançando um telefone, bem diante dos meus olhos.

— Estava querendo isso? — Engoli em seco, não conseguindo formular uma resposta.

— Não...

— Então porque a vendedora me pediu para trazer, enquanto ela pegava mais alguns vestidos? Ela disse, que você havia pedido.

— Eu não... — menti descaradamente.

Estava fodida... Já não conseguiria fugir e agora não conseguiria ligar para casa. O que mais?

— Acho que ela se enganou. — A ruiva sorriu, como se estivesse acreditando e se virou, indo em direção a vendedora, lhe devolvendo o celular.

CAPÍTULO 11

**Dois anos
atrás**

Angelina

— Seu currículo não tem uma vasta experiência, mas sua paixão nos faz entender, porque uma mulher tão nova e bonita, gosta de arte. — Eu estava sentada no saguão do Intercontinental Paris Le Grand, conversando com Thomas Rooter VI.

Lêvi tinha me recomendado, quando ficou sabendo que ele estava à procura de seu caça leilões. Eu já tinha expressado o quanto queria trabalhar nesse meio e por isso, permanecia sentada na frente do milionário e um dos homens mais lindos que conheci em toda minha vida.

Além de simpático e educado, ele tinha olhos azuis, era alto, parecido com um deus da mitologia grega. Acredito que com toda certeza, se ele fosse, seria Apolo. Eu estava enfeitiçada por seu rosto e nem sei se conseguia disfarçar. Apesar que se ele percebesse também, sairia pela tangente e não me constrangeria.

Ele já sabia o fascínio que exercia, porém, eu precisava me concentrar no que dizia, ao invés de ficar observando o traçado másculo e proeminente do seu queixo quadrado e da covinha que havia no meio.

— Acredito que me trará boas aquisições. — Concordei, prestando atenção apenas, nas últimas palavras.

Thomas Rooter VI, era conhecido pela fortuna gigantesca e pelas fofocas, como um dos homens mais sexy do mundo e o solteiro mais cobiçado. Ele provavelmente, seria o próximo deputado da família e em alguns anos, estaria entrando pelas portas neoclássicas da Casa Branca, como presidente.

Era uma tremenda sorte, meu currículo ter sido selecionado por ele. Tanto que, ainda mal acreditava que estava aqui, sentada no saguão, de um hotel com diárias a partir dos 3 mil euros. Até nesse jeito simples e descontraído, Thomas era encantador, mas compreendia que também ele não queira chamar atenção. Um caça leilões, não era um funcionário, a ter seu nome na lista de pagamentos de funcionários do mês.

Éramos como ratos, procurando o melhor queijo para morder.

— Por mim, pode começar na semana que vem. Fui convidado para três leilões, ainda nesse bimestre. Me representará em todos. Quero que traga para mim, obras inovadoras e clássicas ao mesmo tempo.

— Fico muito contente de ter atendido seus requisitos, Sr. Rooter. Precisaréi que me fale mais um pouco do seu gosto. Assim poderei fazer uma seleção imediata e o senhor já vai eliminando o que menos gosta.

— Perfeitamente. — Ele descruzou uma perna, deixando-as virilmente abertas, ao alcançar a pequena mesa e pegar a xícara com café. — Mas a levarei para jantar e lá discutiremos mais sobre meu gosto.

Respirei fundo, sentindo meu pulmão reter a maior parte do ar, que precisaria, apenas por ter sido convidada por ele.

Mesmo que profissionalmente, eu não poderia me sentir diferente. Claro que não estava querendo ir para cama, do meu novo chefe, apenas me sentia diferente e estranha, na sua presença.

Lêvi havia me alertado, que ele jogaria sedutoramente, quando conversássemos e que era para apenas observar os sinais. Que Thomas faria exatamente como estava fazendo, para conseguir negociar meu pagamento. Inclusive, ele não tinha sequer mencionado como seria.

— Em relação ao pagamento, o senhor está de acordo com minha proposta?

Na petição da vaga, estava descrito que deveríamos fazer uma proposta em valores. Claro que ele era um exímio negociador. Não dava valores e muito menos, colocava preços, mas certamente negociaria.

Não era à toa, que a fortuna da sua família em suas mãos, só aumentava.

— Estou de acordo e não tenho nenhuma contraproposta, Srta. Fantini.

Como assim?

Lêvi havia dito que ele seria um leão comendo um cordeiro, quando falasse em valores, mas não, Thomas aceitou tudo tão facilmente, que estava me deixando intrigada.

— Seu pagamento será feito mensalmente e adicionarei uma comissão, por cada leilão. Será meu bônus, pelo seu trabalho. Mas agora, preciso ir. — Ele posicionou o braço e consultou o relógio caro, preso em seu pulso. — Jantaremos hoje, pedirei que um carro a busque às 20h em ponto, no hotel em que está hospedada. — Thomas levantou e me estendeu a mão, aproximando-a de mim. — Seu contrato estará comigo hoje à noite. — O homem foi implacável, me deixando sem saber como reagir.

Queria gritar e dar pulos de alegria, por ter sido contratada por ele.

— Nos vemos, minha querida. — Ele se curvou, segurou minha mão e beijou o dorso, como se fosse um desses lordes ingleses.

Um pouco constrangida com a informalidade, sorri.

Thomas Rooter VI, era meu novo chefe.

O que poderia dizer? Apenas afirmei com a cabeça e me aprontaria, para o horário marcado.

Sozinha, após ele ir embora, ao lado do seu assistente, guardei tudo na minha pasta e fui embora, deixando o *Le Grand* para trás, mas não dei dois passos a mais na calçada e peguei meu celular. Precisava contar para Lêvi, que havia conseguido o emprego e agradecê-lo por tudo. Se não fosse pela sua indicação, o bilionário Thomas Rooter VI, jamais me receberia ou mesmo escolheria meu currículo.

Após desligar a ligação, olhei as horas e vi que estava bem atrasada, para chegar ao apartamento de uma amiga. E foi quando me lembrei, que havia esquecido de mencionar, que não estava hospedada em um hotel. Liguei para o hotel e pedi que passassem o endereço ao assistente dele.

E conforme ele me informou mais cedo, o carro com o motorista, estava me esperando às 20h em ponto.

O jaguar preto, luxuoso como o dono, me levou até o *Le Meurice* e custava-me acreditar que eu estava tendo tanta sorte assim.

Para jantar ali, seria necessário eu juntar todo meu salário que ganhava na galeria de Lêvi e isso para comer apenas a entrada.

Eu estava muito feliz.

— Boa noite! — a *hostess*^[5] me cumprimentou e assentiu sorrindo.

— Boa noite! — respondi não me demorando muito em seu rosto.

Ao meu redor, tudo parecia mágico, desde a porta, até os *maitres* servindo as mesas.

— Sua reserva? — ela me perguntou e não cabendo em mim, de tanta felicidade, sorri e disse o nome de quem estava na reserva.

— Sr. Rooter.

— Ah... sim! — Ela sorriu ainda mais, ao escutar o sobrenome de Thomas. — Ele já está esperando pela senhorita. — Sendo extremamente cordial e profissional, seu olhar me vasculhou, dos pés à cabeça. Talvez imaginando que eu fosse ser acompanhante da noite.

Iria falar que não, mas preferi deixá-la na curiosidade. Pelo menos, eu estava assinando um contrato de emprego, que sempre sonhei. Então o que pensassem, não faria diferença alguma.

Outra *hostess* saiu à minha frente, após a amiga falar em seu ouvido. As duas deram um leve sorriso e ela me acompanhou até a mesa reservada por Thomas, mas ele não estava sentado; conversava com outro homem de costas para mim e parou quando me aproximei e fui anunciada.

E sem ver quem era, o homem que conversava com meu novo chefe, bateu levemente em seu ombro e se afastou.

Por segundos fiquei olhando para as costas do homem se afastando, até Rooter se aproximar e me cumprimentar novamente, como um lorde inglês.

— Está divinamente linda — ele elogiou e me ajudou a sentar.

— Desculpa se atrapalhei. — Me referi ao interromper sua conversa.

— Imagina, era só um amigo, para o qual, estou prestando um grande favor. Mas vamos ao que interessa...

Ele me deu o contrato assinado dentro de um envelope e fez o pedido.

Durante o jantar conversamos sobre ele, me permitindo descobrir sua personalidade e ao fim, quando estávamos nos despedindo, me disse que “nem tudo que se vê, parece ser o que realmente é”.

CAPÍTULO 12

Dias atuais

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a long horizontal stroke that extends to the right and then curves down to form the letter "o". The "y" is written in a cursive style with a small loop at the bottom.

Escutei a voz de Percy, quando Sophia estava de saída. Não tinha um pior dia e hora, para ela vir aqui e querer explicações, porque mantinha seu marido sob minhas vistas.

Não queria que ela visse Angelina. Por mais que tivéssemos conversado sobre toda a verdade. Foi difícil ver em seus olhos, a dor por saber, que Ângelo mentiu toda uma vida para ela. Sophia disse que já desconfiava, pois acabou confessando, que alguns anos atrás, achou nas coisas dele uma foto da menina. Que desde então começou a sondar sua

conta bancária e seu telefone, e descobriu câmbios para uma conta e ligações para Capri.

Ele manteve a filha escondida de todo mundo.

Mas por quê? Um pouco estranho, se meu pai já sabia.

Tia Sophia não merecia, eles tiveram um filho e partilhavam a mesma dor, pela morte de Remo.

Mesmo sendo casada com um homem mentiroso e vil, sempre foi uma mulher alegre, até a morte do único filho, alguns anos atrás. Foi quando se rendeu aos antidepressivos, lidando assim com seu luto, deixando a expressão triste e olhar caído, lhe acompanharem desde então.

— Me perdoa, tia, mas preciso mantê-lo aqui ainda. Ainda têm algumas coisas que precisam ser explicadas e depende de mais um homem, para que tudo seja esclarecido.

— Sim, eu sei, Tony. Só queria mesmo saber como ele estava e não esperava que estivesse preso aqui, e ainda mais sob uma forte acusação. — Ela assentiu com o olhar, caindo para as mãos. — Obrigada por ter me falado toda a verdade.

— Eu não queria, que isso tudo, estivesse acontecendo em nossa família — lamentei.

Eu tinha que fazer o papel político, ela não merecia passar por mais dores, do que esse maldito já estava lhe causando.

— Tenha fé... — Não terminei de falar, quando escutei o toque do seu salto, batendo contra o mármore de *calacatta* e seu perfume no ar.

Meu olhar recaiu sobre os ombros de tia Sophia e atravessou-os até ela.

Angelina estava ali parada, a menos de dois metros de distância de nós. Ela me olhava fixo, mas seu olhar se direcionou e ficou preso na mulher ao meu lado.

Não precisei falar nada e nem as apresentar, era como se as duas se conhecessem e liguei um ponto ao outro. Tia Sophia sabia que a mulher à sua frente, era a filha do seu marido e Angelina parecia conhecê-la, já que seus lábios se moveram para dizer algo.

— Eu lhe conheço... — Angelina disse, se aproximando mais —, você esteve na casa da minha avó, alguns anos atrás.

Algumas coisas estavam com pontas soltas e pelo jeito, não só Ângelo era um mentiroso, sua esposa era também ou havia só esquecido de mencionar alguns fatos, o que duvidava muito. Sophia me olhou, como se tivesse sido delatada e pega em flagrante.

Ela respirou fundo e torceu a pequena bolsa em suas mãos.

Meus olhos se alternavam nas duas mulheres se encarando.

— Parece que temos algo, que a senhora não me contou, tia Sophia — inquiri e a encarei.

— Tony... — Sua voz saiu falhada, se denunciando.

Ela mentiu, omitiu e para caso ela me desse qualquer tipo de problemas, eu já tinha a solução.

— Percy, tia Sophia vai precisar descansar, você sabe para onde deve levar. — Sorri, aceitando sua culpa e mentira, em seguida, olhei para Percy.

— Não... — Sem saber o que estava fazendo, Angelina negou em voz alta, chamando minha atenção e se colocou à frente dela.

Por que ela estava agindo em defesa de uma pessoa que não conhece?

— Não pode ir mandando nas pessoas assim. — Ela me olhou, como se estivesse levantando uma bandeira, de alguma causa humanitária.

Porém, uma das poucas coisas que aprendi, era que “não se deve medir o peso das ações, quando se é contestado. Deixe seu oponente achar que está ganhando, com calma, mostre e prove, que quem está no comando, é você”.

Aproximei-me, deixando meu corpo rente ao seu.

— Ah... não? — disse firme e Angelina apenas negou com a cabeça. — Não sabe com quem está lidando e muito menos, quem defende. Sai da frente, você só está aqui há dois dias e não faz ideia sequer, de qual é o seu papel, Angelina. — Segurei seu queixo e o ergui, para que me encarasse

ainda mais, me controlando para não fazer tudo que minhas lembranças queriam. — Shark, a leve também para o quarto — ordenei a um dos meus homens, sem desviar o olhar do seu.

— Vai me tratar como uma prisioneira? — Apertei os dentes com vontade de sorrir, diante da sua ousadia ao me questionar.

Essa era a sua face, que não havia conhecido e confesso que ela em si, estava me deixando com um tesão do caralho.

Angelina foi uma completa surpresa. Achei que era pacífica e dócil, mas estava enganado. Meu julgo falhou com ela. Porém, eu tinha tudo controlado e bem planejado.

— Você não é uma prisioneira, só terá suas vantagens de volta, quando souber se comportar. Ainda vamos conversar sobre, para quem queria ligar, enquanto estava fazendo compras.

Xeque-mate, querida!

Fui informado ainda há pouco, sobre o que estava querendo fazer. Percy me avisou, sobre sua intenção e minha vontade de sorrir, quando vi que minha vantagem sobre ela, era bem maior do que pensava.

— Eu te odeio tanto — ela me respondeu e tirou seu rosto, batendo em minha mão.

— Me odeia? Ou apenas quer se vingar, porque ainda temos um acerto de contas para acontecer? — Não esqueci, que eu a deixei sem nada

e ficar por horas presa, numa cela francesa. Mas tudo era parte do meu plano.

Angelina não poderia ter outros sentimentos, além de me odiar, na mesma intensidade, em que eu odiava seu pai. Senão, a segunda cova, com toda certeza, acomodaria meu corpo.

— Você é um mentiroso, sem caráter. Que usa as pessoas e as trancafiam, quando ela se opõe ao seu totalitarismo — ela rebateu, demonstrando seu ressentimento.

Eu estava conseguindo que ela me odiasse cada vez mais, só assim me afastaria, quando meu corpo reagisse a atração que sentia.

— Está defendendo a mulher responsável, pelo seu pai mentir e lhe registrar com um sobrenome falso? — Despejei e apenas apreciei seu olhar tremer. — Ela é a filha de Ângelo. — Virei meu olhar para a mulher logo atrás de Angelina e a informei, o que ela já bem sabia.

O que não queria aconteceu, esse encontro não deveria ter acontecido, mas seria melhor assim. Não poderia deixar Angelina ganhar asas de justiceira, bem embaixo do meu nariz.

Ela faria qualquer coisa para me contrariar e isso seria como mexer com coisas das quais poderiam fugir do meu controle. Principalmente essa reação, que sinto quando ela está por perto.

Mas que porra!

Eu queria beijar sua boca, até ela não conseguir pensar em mais nada, além de nós dois.

Respirei fundo, tentando me controlar.

Desviei meu olhar e me afastei dela.

— Shark, leve Angelina para o quarto e Percy, já sabe para onde deve levar tia Sophia — ordenei e esperava que fossem protestar, mas não, nenhuma das duas falaram nada. Apenas Angelina, que ficou me encarando, enquanto Shark a esperava, apontando a escada. Percy e Yelena se encarregaram da esposa de meu tio, levando-a para uma clínica, que já a esperava, como parte do meu plano.

Ela só sairia de lá, quando eu permitisse e achasse necessário.

— Suba, Angelina! — ordenei novamente e desviei meu olhar, não querendo sustentar o seu.

— *Stronzo!* — Segurei o riso.

Mais tarde falaria com ela, ou melhor a levaria para o retiro comigo. Mas agora, precisaria tratar de outros assuntos.

A conversa com Ângelo Dellatore, já havia esperado tempo demais.

Acompanhado por Bronk, atravessamos toda a casa e fomos para os fundos, onde ficava a piscina e o local onde o desgraçado estava.

Quando abri a porta, me deparei com ele, tranquilamente sentado em uma das poltronas, na pequena sala, lendo o jornal do dia.

Ângelo agia como se não tivesse notado minha presença e por um tempo, sem falar nada, fiquei parado à sua frente, esperando que ele olhasse para mim.

Percebi que não largaria a porra do jornal e sem paciência, arranquei as folhas da sua mão.

— Não finja que não me viu.

— Já não era sem tempo. Ainda estou aqui pensando: por que meu sobrinho me fez seu prisioneiro? — Ele olhou para o alto, encontrando meu olhar no seu e sorriu.

— Admirável... — retruquei.

— Se queria casar com minha filha, deveria ter me pedido, ao invés de trazê-la aqui e fazer todo esse teatro e me trancar.

Será que ele não fazia ideia porque estava aqui ou estaria fingindo que não?

— Gostou do show? — Entrei e Bronk ficou logo atrás, fechando a porta e bloqueando-a.

— O que seu pai falaria? O que sua irmã diria? — ele perguntou, como se isso fosse ter alguma importância. — Manter um membro do seu clã, ou melhor, um familiar como prisioneiro, não lhe trará uma boa imagem.

— E desde quando, acha que estou preocupado com minha imagem?

— Devolvi-lhe a pergunta com outra.

Não deixaria que tentasse me dissuadir e me manipular, já passei da fase de achar, que não era digno da cadeira do meu pai e me deixar ser influenciado pelos meus sentimentos.

— Acha que Bella virá em seu socorro? E meu pai, está morto porque, Lion Chanderson, entrou naquela noite, dentro da minha casa e atirou nele. — Me aproximei e fui rápido, ao alcançar aonde ele estava sentado e me apoiar com as mãos, no braço da poltrona, encurralando-o.

— Ela é a primeira-dama...

— E? Entenda um detalhe só e tudo ficará melhor: meu clã, minha cadeira, meus membros, minhas ordens e minha lei — proferi ficando com o rosto centímetros dos seus.

Eu precisava que ele sentisse a verdade nua e crua, no meu olhar.

— Você acha que vou pedir permissão para me casar com sua filha? Se eu quiser, me caso com ela, quando bem entender sem seu consentimento. Você assim, como eu, sabe de toda a verdade, então sem julgo social para tentar reverter toda essa merda. Você cavou, estava aqui naquela noite, manipulou Chanderson. Você assinou o óbito de Yviny. Agora acha mesmo, que sua filha, a qual escondeu de todos, vale mesmo todo esse sacrifício?

— Ela é minha filha e carrega o sangue dos Dellatorre... — Ele comprimiu os músculos do seu rosto e sorriu.

Ângelo era esperto e sabia que me referia a alguns fatos antecedentes à morte do seu irmão e que estava correlacionando-os, com o que tinha acontecido.

Nas gravações, Tio Ângelo deixou a casa logo depois da minha discussão com meu pai, porém não sabia onde ele estava. Apenas que saiu, quando subi para meu quarto. Demorou mais de uma hora, até Francesco ser alvejado, como um alvo.

— Ela é sua filha e agora é minha.

— Você está louco. Eu quero a audiência de clemência. — Pressionei meu peso contra a cadeira e o empurrei, como se ela tivesse rodinhas, até bater na parede.

— Eu serei o juiz dessa vez. Você só sairá daqui, quando eu colocar as mãos em Lion, você o avisou que estávamos atrás dele. Mordeu a isca perfeitamente. Agora vai fazer o que eu quero, antes de sair sua sentença.

— Eu não sei do que está falando. — Tio Ângelo me encarou e sustentou meu olhar, na tentativa que eu retrocedesse.

— Você o contatou, usou minha rede, meus homens. — Percy, ainda ontem, descobriu quem o ajudou para achar Lion.

Ele era uma águia perigosa, que estava sob meu olhar, era manipulador, dissimulado e estava agindo nas minhas costas.

— Eu sei sobre Yviny, sei que é bem íntimo de Lion. Aonde ele está?

— Não sei do que está falando — ele continuou a fingir, que não sabia de nada —, não vejo Chanderson há muito tempo.

Ele estava mentindo e o cheiro exalava por todos seus poros.

Nem disfarçar, ele conseguia. Suas pupilas estavam dilatadas e seu olhar, procurava uma falsa realidade, ao se desviar para o canto esquerdo.

— Você foi o facilitador. Eu quero Chanderson. Você tem apenas uma ligação. — Perdi um pouco do controle ao deixar uma das minhas mãos segurar seu pescoço e apertar com a pressão ideal, para que ele sentisse medo. — Uma ligação.

— Eu não vou ligar para ninguém, se sou inocente e não sei onde o maldito pode estar — ele respondeu com a voz arranhada.

— Então fique aí pensando, enquanto levo sua filha para um fim de semana, no retiro com Ruiz e Yaroslav. Vou colocar ela na minha cama, onde é o lugar dela. — Me endireitei, soltando-o, quando ele tentou se levantar para me enfrentar.

O empurrei de volta, fazendo com que seu corpo batesse firme no lugar que estava sentado.

— Deixe-a fora disso, Tony. Eu não sei porque está usando-a, contra mim. Eu sou inocente. — Engoli em seco. Ele negaria e isso era o esperado, no entanto, minha vontade era de que ele cuspsse toda a merda que fez. De que conspirou contra a vida do próprio irmão, mas ele não faria.

Era uma cobra e eu não deixaria que me desse o bote.

— Poderia ser sincero, talvez assim, eu entendesse seu lado de pai. Apesar que a enganou por toda uma vida. Quem vai acreditar? Duvido que até sua filha, não saiba no que acreditar, vindo de você. — Sorri e me afastei, indo na direção da saída. — Quando estiver pronto para uma conversa sincera, é só me chamar que virei.

— Eu quero uma audiência de clemência — ele gritou.

Joguei os ombros e continuei caminhando para sair.

— Terá quando eu falar com Chanderson...

— Eu darei um jeito de avisar os Valentino.

— E eles não farão nada. Meu direito de vingança, nem o alto conselho pode me tirar.

— Eu sairei daqui e levarei você em julgo.

— Tente... — O deixei ciente de que ele não falaria nada, apenas precisava saber, que eu estava bem perto.

E quando chegasse a hora, ele seria o primeiro a saber.

CAPÍTULO 13

Tony

Evitei Angelina, depois que conversei com seu pai. Não queria vê-la. Precisava apenas me concentrar e me reorganizar, antes de estar em um mesmo cômodo com ela.

Mas não resisti e me vi indo ao quarto em que ela estava. A italianinha me deixava sempre em uma guerra interior.

Por mais que ela fosse, tudo parte de um plano, eu me vi sentindo e revivendo as lembranças daquela semana em Paris. Não me faria de cego,

ao não enxergar, que eu estava me sentindo um tanto perdido, quando se referia a ela.

Seu pai não havia confessado, não que esperasse que fosse fazer tão facilmente, mas pensei que se soubesse, que poderia fazer o que quisesse dela, ele cederia. Mas o velho era uma cobra e sabia muito bem que eu não arriscaria usar a única peça que tinha contra ele.

Ela era importante.

Precisava desacelerar, ir mais além e mostrar que um casamento, não seria uma ferida, perto do que poderia fazer com sua filha, com ela sendo minha esposa.

— O que faz aqui? — Ela surgiu em meio ao vapor, que deixava o banheiro na direção do quarto.

Quando vim ao seu quarto, pretendia começar a amenizar e virar o jogo, mas assim que entrei e escutei o barulho do chuveiro, me senti tentado a ir lá e fazer o que nós dois sabíamos muito bem fazer.

Foder!

Angelina era gostosa, exatamente o tipo de mulher que eu gostava de ter na minha cama. Era simples, sem muitos subterfúgios de beleza. Era quente como o inferno. Sem pudores e uma completa tentação para minha libido.

Queria entrar lá e me enterrar em seu corpo, sob a água quente, mas me controlei e a esperei sair.

— O que faz aqui? — ela perguntou novamente, parando como se fosse virar e voltar para o banheiro, se trancando nele.

— Vim conversar com você — respondi. — Não queria falar comigo?

— Depois de me manter como sua prisioneira aqui e achar que é meu dono? — Angelina veio até o meio do quarto, segurou as pontas dos cabelos com a toalha e começou a secá-los, como se estivesse se sentindo à vontade na minha frente.

— Já lhe disse que não é minha prisioneira, apenas que tem algumas regalias, que ainda não conquistou — respondi paciente, observando-a.

— É tão idiota. Ainda acha que está agindo corretamente, me trancando nesse quarto e comprando roupas para mim. — Angelina parou de secar os cabelos e os deixou caírem soltos, em duas partes, escorregando pelos ombros.

O cheiro que exalou deles me atingiu e não pude deixar de reparar no quanto o simples balanço que fez com a cabeça, me afetou. Seu ombro ficou aparecendo, quando um dos lados do roupão desceu.

Senti minha virilha esquentar e meus olhos recaíram em todo seu corpo, e por minutos fiquei brigando comigo mesmo sobre o que deveria

fazer, entretanto, eu precisava me controlar.

— Estou tentando entender o porquê estou aqui e para qual finalidade. — Me mantive quieto apenas observando-a.

Tentei me concentrar no que precisávamos conversar, mas foi inútil. Meu corpo já estava reagindo e meu pau ganhando vida.

— Por que estou aqui? Por que todo o trabalho de ser outra pessoa, para me roubar? Cadê meu pai?

— São tantas perguntas...

— Tenho tempo para escutá-las... Afinal estou aqui, como sua prisioneira e vigiada pelos seus *cachorrinhos de estimação*.

— Meus cachorrinhos de estimação? — Franzi o cenho, me divertindo.

— Os dois, que estão servindo de minhas babás.

Ri e fiquei observando-a.

— Está vendo? Você não vai responder.

— Por que acha que não vou respondê-las?

— Porque age como um rei, não se importando com nada, que não seja do seu interesse.

— Mas você é de total interesse meu, carinho. — Ela revirou os olhos e começou a andar de um lado para o outro, cruzando uma linha reta imaginária.

— Isso significa que vai me respondê-las? — Ela parou à minha frente e colocou as mãos na cintura.

Comecei a rir.

Angelina é uma grande tentação. Se ao menos soubesse, o quanto estou me segurando...

Minha única vontade neste momento, era trazê-la para meu colo e sentir sua boceta quente engolindo todo meu pau.

— É um tremendo cretino, deve ter se divertido muito, como está fazendo nesse momento. Sabe... acho que não quero suas explicações, não consigo acreditar que fui tão idiota. — Ela bateu a mão na perna, mostrando sua frustração.

Eu até a compreendia, mas não tinha tempo para comiseração. Angelina desde o início, foi parte ativa do meu plano e continuaria sendo, se assim fosse necessário, para que eu tivesse a confissão do seu pai.

— Se não quer saber, posso ir embora então? — Me levantei e me aproximei, parando a sua frente.

— Por que? Por que eu?

— Você é filha de Ângelo Dellatore. Isso aqui é a máfia, meu doce anjo.

— Eu queria vê-lo — se referiu ao pai.

Desde que começamos a conversa, foi o único momento que ela suspirou e relaxou os ombros, ao mencionar aquele bastardo inútil.

— Você não sabe quem é seu pai, pelo menos acha que sabe... —
Pisei uma vez sem volta e novamente estava dando outro passo, em uma linha tênue que talvez respingasse em mim.

— Não entendo. Por que você o odeia, a ponto de achar que sou uma marionete sua, contra ele?

— Quem lhe disse que o odeio?

— Não sou uma simples caçadora de leilões, Eto... — quase disse o nome falso —, Don Dellatore!

— Eu sei que não é...

— Acha mesmo que não sei formar minhas próprias conclusões? Você não teria o trabalho de me trazer aqui, ou mesmo, de ter seduzido uma idiota dois anos atrás, se fosse algo simples, que resolvesse facilmente. Não teria feito meu pai, também de seu prisioneiro.

— Nada do que pensa, realmente é de fato. — Fui surpreendido, com suas mãos batendo em meu peito, quando terminei de falar e por reflexo, segurei seus pulsos, trazendo seu corpo para mais perto.

— Eu não aguento todos me dizendo isso... — Ela tentou se soltar, mas não permiti e mantive seguro seus pulsos, nos anéis de dedo, que fiz ao redor deles.

O que não foi um ato muito sensato.

Deveria deixá-la e sair dali, ao invés de ultrapassar a faixa de contenção, que impus para mim mesmo.

Respirei fundo, segurando um pouco de ar, enquanto meu corpo sentia o calor do seu. Seu cheiro me invadiu, tentando me deixar confuso, mas me mantive fiel aos meus propósitos, por mais que a única vontade que tinha, era de sentir seu corpo novamente.

— Seu pai é um completo mentiroso e está envolvido em algo que vai além da ética moral. — Me segurei e devolvi a resposta, antes que eu esquecesse por algumas horas o real objetivo da sua presença.

— Nada do que ele fez, foi maior do que você fez comigo — Angelina me encarou e deixou explícito o quanto estava ressentida.

E mesmo que eu precisasse só pedir desculpas, eu não faria. Ângelo precisava sentir a dor, de ver alguém que ama sofrer.

Ainda não era o momento de reverter toda essa situação.

Estava ali por mim, por minha mãe e por Bella.

Jamais esquecerei daquela noite, do seu corpo estendido sobre a poça do próprio sangue e minha mãe desesperada chorando em cima.

A dor ainda chegava a ser uma farpa, que nunca consegui tirar, nem mesmo essa atração absurda que sentia por ela.

— Por favor, me deixe vê-lo. Me deixe ir...

— Ainda não...

— O que você quer de mim? Já tirou tudo e o único sentimento que deixou, foi meu ódio por você e isso não vai conseguir tirar. Então responda...?

Respirei fundo e comprimi meus lábios, me segurando para não dar um foda-se na minha razão e mostrar o que realmente eu queria dela.

Queria beijá-la, foder seu corpo, sua mente e tudo que pudesse.

Que se foda, tudo e todos!

Segurei sua nuca e me dobrei, alcançando sua boca gostosa. Deixei meus lábios parados sobre os seus.

Fechei os olhos, sentindo sua respiração bater contra a minha.

Que inferno de mulher!

Respirei fundo e me controlei.

— Yelena ou Sarah irão ajudá-la a preparar sua mala. Sairemos dentro de duas horas. — Me afastei e a soltei, me virando na direção da porta, deixando-a atrás da barreira, que me fazia manter tudo em ordem.

— Covarde! Imbecil, seu *stronzo*! Eu não irei com você a lugar algum. — Não tive tempo para me afastar e suas mãos, com os punhos fechados, já estavam nas minhas costas me batendo. Mas fui mais rápido, ao me virar novamente e segurá-la, parando-a.

— Deu... Não vai encostar mais a mão em mim — disse firme. Porém, não me controlei e a segurando como havia feito antes, a puxei e a presei contra meu corpo, deixando minha boca tão perto da sua de novo. — É melhor se controlar. A deixarei ver seu pai na hora certa e vai me acompanhar esse fim de semana em uma viagem. Se comportará e quando retornarmos, a levarei para vê-lo.

— Eu não serei sua acompanhante. Nunca mais tocará em mim. Você não pode. Somos do mesmo sangue...

— Ah é mesmo, meu anjo? — a questioneei e sorri, esfregando minha boca na sua. — Pouco me importa, toda essa merda de sangue, de parentes. Você foi minha e vai continuar sendo. — Pode ter certeza, que quando chegar a hora, vai implorar e não vai lembrar, que somos da mesma família. Ainda vamos foder muito, como naquela semana em Paris. — A soltei e me afastei, evitando que eu acabasse com esse cabo de guerra, provando que não era uma boa ideia ela medir forças comigo.

Angelina me pertenceu, no exato momento em que descobri que era filha daquele maldito, não porquê tudo nela me atraía.

— Eu não vou! — ela gritou, enquanto a deixava e fechava a porta.

Shark e Bronk estavam parados e ficaram me olhando.

— Yelena virá ajudá-la e se for preciso, a carreguem — ordenei e saí rindo sozinho.

Angelina

Ele saiu já fazia muitos minutos e ainda respirava pesado, sentindo o ar passar apertado pela minha garganta.

O cretino me deixava descontrolada, a ponto de me sentir histérica e como uma louca. Eu queria explicações e a falta delas só me deixavam com mais raiva ainda. Queria ver meu pai, conversar, tentar entender tudo que estava acontecendo.

O fato de estar chateada, com a mentira que ele contou, não abonava a necessidade que sentia de falar e escutar seu lado. Não poderia simplesmente acreditar nas palavras de alguém que me enganou, mentiu e me deixou com tantos problemas para resolver. Sumindo, como se nunca tivesse existido.

Girei ao meu redor ainda impactada com essa atração maldita, que meu corpo sentia por aquele mentiroso, filho de uma *puttana*.

Eu não deveria me sentir assim: brigando com meu desejo e minha razão. Ele só me ferrou, desde que nos conhecemos. Sequer fazia ideia, do que passei sozinha, depois que desapareceu.

Por isso eu o odiava, mesmo que meu corpo quisesse ainda ser seu.

Eram sentimentos tão ambíguos, que quando me tocava, era como se tudo desaparecesse.

Que ódio...

— Vim ajudá-la a fazer as malas. — A ruiva entrou sem bater, me pegando ainda no meio do quarto, vestida apenas com o roupão, do jeito que ele me deixou, com a toalha aos meus pés e meu cabelo molhado.

— Eu não vou... — repeti o que disse para ele.

— Acho que podemos pular essa parte... Poderia deixar de ser dramática e achar que vai mesmo ser como você quer, e não como a vontade dele. — Não tive respostas para lhe devolver.

Foi sincera e isso me pegou desprevenida, me fazendo ver que ela tinha razão. Já estava aqui há dois dias, para saber que ele fazia o que bem entendia.

— Não vai conseguir ganhar, batendo de frente com Tony. — Me mantinha ainda calada, observando e processando suas palavras.

Yelena tinha razão.

Briguei, bati de frente. E o que tive? Nada...

Suspirei frustrada e deixei meu corpo cair sentado na beirada da cama.

Eu me perdi em tudo, que por um tempo queria. Eu não estava lidando mais com aquele homem que conheci, mesmo que tudo em mim o reconhecesse, eles não eram as mesmas pessoas.

Esse aqui, era tão diferente, do que se chamava Ettore. Um tinha o sorriso fácil, descontraído, mas Antônio Dellatore, era o escárnio em pessoa. Era dominante, possessivo e fazia sua vontade se tornar lei.

Ficar agindo com uma criança fazendo birra, não me ajudaria sair daqui.

Precisava agir como ele queria.

Por isso resolvi não debater mais, se ele exigia, eu acatava e fazia, como queria.

— Pode arrumar do jeito que quiser... — respondi quando percebi que ainda estava parada, me observando.

Eu iria nesse maldito fim de semana, mas com uma condição: ele não encostaria em mim.

Don Dellatore só soube me enganar, me usar e depois me descartar, e com certeza ele faria isso novamente, quando conseguisse o que queria. E eu precisava estar de pé, pronta para voltar para casa.

Fechei os olhos e respirei fundo, buscando um autocontrole.

Infelizmente me meti de novo em uma enrascada.

CAPÍTULO 14

Tony

— Onde está o mestre? — Sorri, achando divertido a forma como era atrevida e ousada. Além de linda e delicada, seu temperamento era quente e vivaz. Não negando a linhagem.

Estava um pouco atrás, observando como se vestia. Sua bunda pequena e arrebitada, mantida presa em uma calça justa, na cor preta e seus ombros a mostra, pelas alças finas da blusa um pouco mais solta, que mesmo folgada, completava seu visual sexy.

Ainda me lembrava de cada detalhe seu.

E levá-la comigo como acompanhante, foi apenas uma desculpa que usei para mim mesmo.

Angelina poderia ser parte do meu plano, mas também era uma excelente companhia.

— Tem certeza de que vai levá-la, Tony? — Yelena se aproximou e ficou parada ao meu lado, olhando na mesma direção que eu. — Ela pode ser uma distração.

Antes de responder, neguei com a cabeça e coloquei os óculos escuros.

— Não... Lá ela não vai oferecer qualquer risco.

— E se ela tentar fugir?

— Para morrer no deserto? — Ri, negando com a cabeça a pergunta. Yelena sabia onde exatamente era o retiro.

Estava de olho naquele lugar há mais de um ano, quando fiquei sabendo que o dono se encontrava muito velho e seus herdeiros não se interessavam em continuar com o negócio, me vi tentado a fazer o investimento.

Aquele lugar poderia me servir para grandes coisas e por isso chamei Ruiz e Yaroslav para ver o lugar. Seria ideal para eles.

Era uma fazenda no Arizona, próximo à fronteira com o México.

Uma localização espetacular, para vários negócios.

O lugar era lindo, mesmo no meio do nada. O dono construiu uma enorme casa, de dois andares, com mais de 15 quartos, piscinas, campo de golfe e ainda funcionava como uma espécie de hotel. Onde homens poderosos faziam seus negócios, enquanto a família aproveitava para descansar.

— Você vai estar sozinho com ela. — Yelena me olhou preocupada.

— Não se preocupe. As coisas sempre estarão no meu controle — afirmei.

— Você ultrapassou a barreira com ela, Tony. — A ruiva se referiu sobre dois anos atrás, quando me envolvi com Angelina, saindo do amigável, colocando-a na minha cama.

— Mas nada mudou — respondi convicto.

Não que eu devesse dar uma explicação para ela ou qualquer um ao meu redor, mas Yelena esteve lá desde o início. Me apoiando e sendo sempre leal. Era especial o que tínhamos e me sentia em débito, de dar mais espaço para ela em minha vida.

— Não mesmo? — Apenas balancei a cabeça em resposta, negando com o gesto. — Você a come com os olhos, sei que ela é exatamente o tipo de mulher que você gosta.

— O fato de gostar do tipo dela, não quer dizer que vou mudar meus planos. Não preciso que fiquem preocupados comigo. Angelina não vai ser

uma distração, mas se precisar fodê-la eu farei, Yelena. — Minha resposta foi ácida.

Já estava perdendo a paciência com esse protecionismo dela e de Percy, ao dizerem que se eu me apaixonasse por Angelina, desistiria de tudo pelo qual lutei.

Antes de amar alguém, eu honraria o nome do meu pai e com certeza, se precisasse usar Angelina na segunda parte do plano, ela me odiaria ao invés de me amar.

— Eu sei disso, só tome cuidado... Você está obcecado a ponto de não poder ver o óbvio à sua frente.

— Tomar cuidado com o que? — Percy se aproximou e parou bem rente a Yelena. Os dois se entreolharam, conversando com os olhos, como se ela só estivesse confirmando o que ele também pensava.

— Com ela — a ruiva respondeu e movimentou a cabeça na direção de Angelina.

— Acho que somos bem mais perigosos que ela — retruquei sem dar importância para os comentários protetivos deles.

No fundo, eu sabia que não deveria ter sido como foi. Poderia ter dado errado, no entanto, não me arrependia e nada mudou. Ainda continuei com tudo que tinha planejado. Sabia muito bem diferenciar uma atração de paixão.

O que sentia por Angelina, era luxúria e tesão, não tinha sentimentos envolvidos. O fato dela ser boa, gostosa, uma excelente companhia e minha por um direito — que achava que devia ser assim —, não queria dizer que me apaixonaria por ela.

Ela ainda era filha de Ângelo Dellatore.

E por mais que me sentisse atraído por ela, jamais esqueceria que devia a meu pai, descobrir quem o matou.

— O amor caminha lado a lado com o ódio. Ele pode se tornar mais perigoso, que qualquer outro sentimento. Ele tira a razão, tanto quanto a vingança, Tony. — Percy não desviou o olhar de Yelena ao me aconselhar.

— Angelina só está aqui pelo meu desejo de justiça, quando chegar a hora, eu mesmo a colocarei no primeiro avião e mandarei para bem longe daqui.

— Tome cuidado, só isso. — Yelena se virou e me beijou na lateral do rosto. — Me preocupo muito com você.

— Não precisa, minha gata. — A abracei, trazendo e moldando seu corpo dentro dos meus braços. — Se cuidem. Não vão caçar um ao outro, preciso dos dois bem vivos — disse, após beijar também seu rosto e segurá-los com minhas mãos. — Volto em três dias ou até antes, me avise se tiver qualquer problema.

— Eu estarei bem viva. — Seu olhar caiu para o lado, em Percy.

— Cuide de tudo e ligue me informando sobre. — Me dirigi para meu homem mais leal. — Yaroslav me disse que tinha novidades, ainda há pouco ao telefone. Acredito que há alguma pista do desgraçado. Assim que ficar sabendo de algo lhe aviso.

Deixaria Percy e Yelena tomando conta do restante e de tudo para mim, enquanto eu tratava de outros negócios tão importantes, quanto me vingar de Ângelo e achar Lion Chanderson.

Sem ficar me explicando ou mesmo argumentando se era uma boa ideia levá-la, caminhei o pequeno trecho e parei logo atrás dela.

— Está linda. — Me aproximei muito, ficando exatamente nas suas costas e não me importei, que Percy e Yelena estariam nos observando, quando coloquei minhas mãos, uma de cada lado em sua cintura.

Foi proposital, sabia que Angelina não aceitaria, mas me subestimei ao sentir as suas mãos sobre as minhas.

— O que quer que você esteja pensando em fazer. É não! — Ela apertou seus dedos e se remexeu, saindo do meu agarro.

— Não estou pensando em nada, apenas elogiando-a. — Sei que estava movido, a essa gostosa atração de vê-la duelar comigo.

Angelina se mostrava uma deliciosa chuva de verão, mas que em minutos, podia se transformar em um tornado.

O voo não demorou muito, Angelina escolheu a poltrona ao lado, separando nós dois, com o corredor de atendimento e me ignorou boa parte. A não ser, quando perguntou para onde eu estava levando-a. Mas apenas respondi, que logo ela saberia.

Não tinha porque negar detalhes, mas a diversão de ver seus olhos avelã brilharem em fúria, era ainda mais prazerosa.

Desci primeiro que ela e fiquei ao lado da escada, esperando-a.

— Onde estamos? — ela perguntou assim que seu corpo surgiu no alto da escada e seus olhos rodearam o local em que estávamos.

A confusão estampava sua expressão, ao ver que estávamos em meio ao deserto.

Apenas a aridez e o calor do Arizona, era o que estavam ao nosso redor.

— Em um lugar que mesmo se você quiser, não vai conseguir fugir, meu anjo.

Shark ao meu lado riu e uivou.

Ele a provocou e não poderia esperar menos dela, ao olhar como se pudesse descer as escadas rapidamente e avançar no pescoço do meu segurança.

Já estava ciente do embate e das provocações de um com o outro e não me importei, só interviria, quando ultrapasse os limites. O que não aconteceria. Shark era grande e poderia parecer apenas uma massa de músculos, que mataria qualquer um que cruzasse seu caminho, porém ele jamais faria algo contra ela, estava somente provocando-a.

Aliás, ninguém tocaria em um fio de cabelo sequer, antes teria que passar por mim. Não era porque estava usando-a para meus fins, que deixaria alguém tocar, no que era meu.

— O cão está abanando o rabinho, ao lado do dono? — Ela se aproximou e empinou o delicado queixo, na direção do homem ao meu lado.

— Angelina! — chamei por seu nome, como se tivesse advertindo-a.

— Para onde me trouxe? — ela perguntou e me encarou.

— Estamos no retiro — informei, enquanto Shark se afastava, indo na direção do carro que nos esperava.

A pista de pouso ficava distante da casa. Na verdade, ela ficava em um ponto exato de fuga, próximo à fronteira.

— E por que me trouxe para cá? Vai me isolar do mundo?

— Quem sabe mais tarde, quando ficarmos sozinhos, eu lhe responda quais foram meus motivos para trazê-la. — Sorri quando vi seus

lábios criarem uma risca, provocando-a ainda mais.

— Não vou ficar sozinha com você, Ettore. Quer dizer Don Dellatore. Esqueci que é um homem, de muitos nomes — me provocou, como se estivesse em uma disputa comigo.

— Quem sabe, pode me chamar do que bem entender, mas na hora certa, vai dizer meu nome correto — retruquei e dei as costas, indo na direção do carro.

— Você além de ser um mentiroso, é um cretino, Antônio Dellatore — ela disse irritada, quando me seguiu.

— Acertou, mas ainda não disse, como gosto de ser chamado. — Parei ao lado da porta e esperei que entrasse.

— Vai morrer esperando, se acha que o chamarei, mostrando que somos íntimos.

— Tenho minhas dúvidas, meu anjo.

— Já disse para parar de me chamar de meu anjo. É ridículo! E não somos nada, além de parentes. É só isso.

— Se bem me lembro, foi delicioso estar em você. — Por fim, fui mais além e mostrei, que não ficaria rebatendo, como se fosse uma garota mimada, com respostas afiadas.

Essa não era ela, por mais deliciosa que fosse, quando estava com raiva.

— É... não esqueceu. Eu também não, meu anjo. — A encarei, quando sustentei o peso e o brilho do seu olhar.

E estava lá... todas as lembranças e aquele desejo explosivo. Se fosse preciso, eu a lembraria, mesmo que isso me tornasse traidor, dos meus próprios passos.

CAPÍTULO 15

Angelina

Por que tudo estava acontecendo dessa maneira?

Esse embate só me fazia sentir ele, cada vez mais perto, mais provocativo, mais perigoso.

Nos poucos dias em que consegui observar, Antônio Dellatore era completamente calculista, tudo que falava e ações, eram completamente arquitetadas. O que me fazia perceber, que ele era tão distinto daquele homem, que conheci no passado.

Eu não sabia quem ele era. Se em algum momento Ettore tinha algo dele, ou vice-versa, já não conseguia distinguir. Eram tão diferentes, a não ser, pelo brilho dos olhos castanhos, quase pretos, que se assemelhavam, representando exatamente como o vi sob o Giorgiano. Metades opostas, dois lados de uma mesma pessoa, mostrando o bem e o mal presentes neles.

E por mais raiva que eu sentisse dele, algo, uma sinestesia ambígua, me tomava, variando nas lembranças e nas sensações, de como ele despertava em mim, quando estava perto.

Era perigoso tudo que estava sentindo.

O ódio, é o alimento, do que um dia foi amor.

Não que eu amei Ettore, ou melhor, Tony, mas entreguei meu coração livre para ele, naquela noite no bar, quando ele me beijou.

Fechei os olhos por um momento, relembrando cada detalhe daquele dia.

“Meu corpo respondeu a cada milímetro, do toque macio e quente dos seus lábios.

Ele estava perfeito e desde que o vi a primeira vez, sabia que eu o queria. Era o sentimento juvenil, que me fez sentir, como se meu estômago estivesse cheio de borboletas flutuando e quase saindo pela minha boca.

Ele selou meus lábios e se afastou sorrindo, e novamente, em seguida, ajeitando a mecha do meu cabelo, colocando-a atrás da minha

orelha.

— Me desculpe, mas não me controlei e ainda estou tentando segurar o pouco do autocontrole que está restando — ele disse baixo, deixando parte do seu corpo, encostar nas minhas pernas. Se eu precisasse delas, certamente não funcionariam, de tanto que estavam tremendo por dentro.

A sensação do toque da sua boca, havia paralisado meus pensamentos e ações.

— Não quero assustá-la, Angelina.

— Sem problemas... — Tentei sorrir e virei o rosto, me sentindo uma adolescente, em sua primeira paixão.

Não que eu fosse inexperiente, mas a sensação que senti, ao ser beijada por ele, foi diferente de todos os beijos que tive, até mesmo com Paolo. Com quem perdi minha virgindade. Um namorado da escola.

Naquela época estava convicta, de que não viria para Europa, como uma virgem. Se eu desse um passo para minha liberdade e modernidade, não poderia vir, sem experimentar a sensação de ter alguém em mim.

Só que não foi uma das melhores experiências e me arrependia de não ter esperado por alguém, porém depois de um ano, me envolvi com outra pessoa e o sexo foi muito bom.

— Não o farei mais...

— Por que? — perguntei, e só depois me dei conta, que minha pergunta poderia ser interpretada, como um sinal verde.

— Pode não querer... — Mas é claro que eu queria e foi minha vez de tomar a iniciativa, quando joguei meu corpo para frente e alcancei seus lábios.

Na frente de todos, nos beijamos e pouco me importei, se alguém nos reconhecesse. Na verdade, não me lembrei sequer do meu contrato, eu só correspondi ao meu corpo, querendo-o com fervor.”

E hoje percebo o quanto foi perigoso e envolvente, tanto que estava ciente, que essa jogada dele de me seduzir, era para conseguir o que queria, só que agora, ele não teria nada de mim, além do que tivemos.

— Mandeí colocar as suas e as minhas coisas, no mesmo quarto, na última suíte — Tony se aproximou e sussurrou, quando descemos do carro e paramos em frente a enorme casa estilo campal.

Era ampla, pintada em tons terrosos, combinando com o redor desértico. Em fileira, até a enorme porta, havia grandes palmeiras, fazendo sombra pelo caminho de pedras e madeira.

Olhei para o lado e encontrei, além de seu olhar possessivo, o sorriso enviesado, dançando em seus lábios.

— Só pode estar brincando... — Me esquivei quando seu braço tentou rodear minha cintura, na frente de algumas pessoas, que nos

esperavam na porta da casa.

— Não! E agora não discutiremos sobre isso — ele disse e se afastou. Me deixando em ponto de partida para brigar e dizer que eu não dormiria no mesmo quarto, e muito menos na mesma cama... E antes de poder retrucar, Tony saiu na minha frente.

Ele me ignorou, como se essa situação fosse normal.

— Boa tarde! — Uma das mulheres que estavam ali na frente, veio e me cumprimentou, estendendo sua mão em cordialidade.

A peguei e apertei, balançando-a educadamente. Soltei-a em seguida e ela sem dizer mais nada, saiu na minha frente, me levando para onde eu ficaria hospedada.

— O que é aqui? — perguntei curiosa, quando vi o nome estampado no dorso da sua camiseta.

Ela usava uma espécie de uniforme, de camisa verde e calça caqui. Atrás estava escrito “Retiro” em branco.

— Aqui é o retiro. Uma espécie de hotel fazenda — ela me respondeu e abriu a porta do quarto, ficando ao lado, na espera que entrasse antes dela.

— Uau... — reagi em voz alta, ao ver o quarto.

Era ainda maior, do que estava ficando. Era diferente, um misto de luxo e rústico, tipo meio safari. Os móveis eram uma composição de antigo,

rústico e moderno. Toda a decoração era nessa pegada, desde as paredes, lustres, cortinas e cores.

— Me chamo Berta e estarei a sua disposição. Sou eu a responsável pelo o atendimento do casal. — Revirei os olhos instantaneamente, quando se referiu a mim como esposa de Tony.

— Eu... — Iria responder que não era nada dele, mas evitei me abrir com uma estranha, por mais que pudesse ter nela, uma pessoa para me ajudar a sair daqui.

Quando chegamos, eu vi que não teria sequer uma oportunidade de tentar fugir, ainda mais depois da conversa com Yelena. Estava realmente disposta a mostrar obediência e tentar ganhar a confiança dele, para depois escapar. Mas agora, sabendo que aqui tinha pessoas diferentes e que eu poderia usá-los para me ajudar, talvez eu contasse o que acontecia comigo. Por outro lado, fiquei paralisada ao me dar conta, que eu poderia tentar tudo, que Tony não sossegaria até me achar.

Suspirei vendo que eu estava presa, enquanto ele quisesse.

— Obrigada, Berta! — agradei desanimada.

Não tinha saídas, estava realmente presa a ele.

— É só ligar para a recepção, que estarei aqui. — Olhei de relance quando disse para ligar.

Em todos os hotéis tinham telefone e pelo menos isso, já que não conseguiria fugir, pelo menos eu poderia ligar para Capri e saber como tudo estava por lá.

Fazia três dias que não ligava. Minha avó devia estar preocupada e eu morta de saudades, precisando saber se estava tudo bem.

— Ok! Se precisar ligarei — respondi mais animada.

— Vou deixá-la e irei atender os outros convidados do Sr. Dellatore.

— Convidados?

— Sim. Eles estão na piscina. — Franzi o cenho, estranhando que na casa teria mais pessoas conhecidas dele.

Pelo pouco que escutei de Yelena e Shark, era que seria uma viagem rápida de negócios e não que ele estaria acompanhado.

— Sim, os outros dois casais, que chegaram mais cedo. Um deles tem um filhinho. — Ela sorriu ao me explicar.

— Interessante...

Pela primeira vez, alguém em toda essa situação, me explicava sem me cortar partes e me deixar no escuro.

— Don Dellatore sempre se reúne com eles por aqui. Mas agora vou deixá-la e se precisar, é só me chamar.

— Obrigada, Berta! — Ela saiu enquanto Shark entrava, arrastando duas malas, a minha e a de seu patrão.

Por um momento, enquanto vinha para cá, acreditei que ele estaria brincando, com o intuito de me irritar, mas o cretino falava a verdade.

Só que ele não ficaria mesmo.

— Cadê ele? — perguntei, quando Shark deixava o quarto.

Precisava pelo menos ter uma ideia, de quando ele retornaria. Assim que ficasse sozinha, usaria o telefone.

— Ele foi se encontrar com algumas pessoas que estavam esperando-o, mas disse que logo estará aqui.

— Sabe quanto tempo?

— Está bem curiosa... E não! Tony não disse nada, apenas isso. — Assenti como se estivesse satisfeita por sua resposta.

Shark saiu e esperei um pouco, para correr até o telefone.

Acho que em todos esses dias, foi o momento que mais me senti esperançosa, mas não durou muito, quando fui informada que o telefone era apenas um ramal de serviço.

Que ódio dele!

Cada minuto a mais, me arrependia de ter vindo atrás desse emprego, querendo encontrá-lo.

Havia certas coisas, que era melhor deixar do jeito que estava e infelizmente, achei que, ele precisasse saber de tudo que aconteceu, olhando nos meus olhos.

Não era só limpar minha honra, ia muito além, só que ao saber de como me usou, vi que ele jamais merecia ver, o quanto tudo que fez mudou minha vida.

Estava meio deitada no centro da cama, com as costas na cabeceira acolchoada, quando ele entrou.

Eu não olhei na direção da porta, mas sabia que era ele; seu cheiro e sua presença, eram tão marcantes, que seria incapaz não o perceber quando estava por perto.

— Está pronta? — Ele veio e parou aos pés da cama, cruzando os braços torneados.

Por que o bastardo precisava ser tão bonito? Na verdade, ele poderia ser um pouco menos de cada coisa.

Menos rico, menos atraente, menos sedutor e menos envolvente.

E eu poderia não ter sido tão trouxa, ao cair na sua lábia. Claro que me arrependia em partes, porém, só eu precisava saber deste detalhe.

Olhei para seu rosto e deixei meus olhos pararem nos seus. Independentemente do meu desejo ainda ser tão real, não o deixaria pensar, que suas atitudes saíam impunes, pelo menos comigo, não ficariam.

Contudo, eu precisava arrumar um jeito de ir para bem longe dele. Em um lugar que ele não me achasse.

— Por que me trouxe, se vou ser prisioneira aqui também? — devolvi a pergunta com outra, mostrando que estava irritada, não só por ele impor que dividíssemos o mesmo quarto, mas também por me manter refém.

Ele não respondeu e com aquele sorriso torto e debochado, foi até a porta do quarto, abrindo-a e ficando parada nela.

— Não vejo ninguém e a porta estava aberta — ele respondeu, voltando para dentro do quarto, ficando perto. — Não lhe aprisionei aqui, só imaginei que fosse querer se arrumar.

— Você acha mesmo, que vamos ficar no mesmo quarto e que vou ser sua acompanhante? — Me sentei melhor e cruzei os braços, enquanto esperava a sua resposta.

— Não só vamos ficar no mesmo quarto, como também dividir a mesma cama, meu anjo.

— Para de me chamar de anjo. — Irritada, arremessei o travesseiro na sua direção, mas Tony o pegou no ar gargalhando. — Encare que estou aqui contra minha vontade. Você não me deixa falar com meu pai. Estou há 3 dias sem falar com a minha avó. Diz que não sou sua prisioneira, mas me trata como.

— Tem razão... — ele disse e se ajoelhando, subiu na cama, vindo na minha direção. — Tome! — Tirou do bolso da calça jeans o celular e o estendeu para mim. — Ligue para sua *nonna*.

Pisquei várias vezes, tentando acreditar na atitude dele. De como foi tão simples e fácil.

— Vamos lá, ligue e diga que está bem, que não precisa se preocupar. Ela me disse que não era para você ter pressa, quando nos falamos.

— Você falou com a minha avó? — perguntei incrédula.

Filho de um puttana.

— E o que ela disse? Ela não...

— Nada demais. Ela ligou e quando atendi, disse que você estava atendendo um cliente, que me pediu para atendê-la, evitando que ficasse preocupada.

— Não acredito que fez isso... Você não tem o direito de invadir minha vida da maneira como está fazendo — o rebati contrariada.

— Vá... ligue logo para ela. — Ele, como na maioria das vezes, ignorou o que eu disse e manteve seu braço esticado, balançando o telefone na minha frente.

Indecisa, entre acreditar ou não, sobre a facilidade com que ele estava resolvendo tudo, o encarei.

— Apenas tome cuidado com o que vai falar, Angelina. — Seu tom era um recado e por mais tentador que fosse pedir socorro para minha avó, eu não a deixaria preocupada, ela já estava sobrecarregada me ajudando tanto, que não seria justo dar mais um motivo para se preocupar comigo.

O que ela pensaria e sem contar, que entraria em pânico. Uma preocupação em sua idade poderia lhe render um infarto. Era melhor não. E também ligar para outro lugar, só me traria ainda mais problemas, estávamos no meio do nada e antes mesmo de chegar ajuda, ele me tiraria não só o telefone, mas me enfiaria em qualquer outro buraco.

Porém, fui surpreendida, quando peguei o celular e ele me deu as costas e foi na direção do banheiro. Foi como se ele confiasse, que eu não fosse fazer nada.

Claro que a tentação de ligar para pedir ajuda era maior, mas ligaria para casa e conversaria com a *nonna*. Fui para perto da sacada, indo o mais distante da porta do banheiro, evitando que ele escutasse minha conversa. E antes que ele pudesse desistir e voltar, disquei os números que sabia de cor e salteado, ficando aliviada por falar com ela e saber que estava tudo bem por lá.

— *Nonna...* Sou eu, Angelina — suspirei feliz e um pouco agradecida, por ele ter me permitido ligar para Capri.

Ainda bem que ele não suspeitou de nada e nem poderia. Não mais!

Conversei mais baixo que poderia e a todo momento, olhava para a direção do banheiro, me certificando que ele não estava vindo.

— Assim que ficar desocupada eu ligo, *nonna* — informei e me despedi, sentindo meu coração se apertar de saudade.

Como pude deixar Capri ainda tão cedo?

Só porque precisava achá-lo...

Que arrependimento.

Não que eu estivesse pensando que assim que o achasse as coisas seriam simples, não esperava que seria dessa forma.

Jamais passou pela minha cabeça que eu fosse peça de uma vingança. De que tudo foi planejado, para eu estar exatamente onde estava.

Só pensei que o encontraria e diria o que aconteceu, e depois eu viraria as costas e seguiria meu caminho, mas pelo menos ele estaria ciente de tudo.

Não queria que ele assumisse suas responsabilidades, só queria provar que não roubei nada e que eu nunca iria precisar dele.

Sempre achei que todos mereciam saber das consequências de suas atitudes, mas isso era dar importância a quem não merecia.

E Antônio Dellatore, jamais mereceria saber.

— E aí, já ligou? — ele perguntou de dentro do quarto.

Já havia desligado e meu coração estava espremido.

Por que tomamos algumas atitudes e depois nos arrependemos?

Virei e o vi, parado entre o quarto e a enorme sacada, com a toalha ao redor da cintura e os cabelos molhados.

— Sim...

— Conversaram sobre o que?

— Pode ficar tranquilo que não liguei para a *Interpol*. — Ele riu e se aproximou, encurtando o espaço entre nós.

Assim que desliguei, estava pensativa e com vontade de chorar.

A saudade doeu e só o que queria, era estar em Capri.

Mais uma vez, me vi padecendo das minhas escolhas e por isso não quis entrar. Queria ficar um pouco sozinha.

— Eu sei que não ligaria. É inteligente e muito perspicaz. — Tony parou bem perto. Se eu me movesse, meu corpo encostaria no seu e pelo jeito, era o que ele queria.

— Não tenha tanta certeza. Se eu tivesse como, teria feito.

— Você é linda! — Sem que eu notasse, ele segurou uma mecha do meu cabelo e colocou atrás da minha orelha, como na primeira vez. — Gosto da cor dos seus cabelos e de como os deixa soltos.

Sua mão ficou parada, movendo apenas os dedos na lateral do meu rosto.

Senti todo meu corpo esquentar e minha respiração ficou curta e rápida.

Por mais que eu sentisse raiva dele, não conseguiria negar o quanto seu toque e sua voz, me deixavam em estado de alerta.

Ele não só era perigoso e capaz de fazer tudo, mas também extremamente sedutor.

— Por favor... — sussurrei quando sua mão foi para a nuca e curvando sua cabeça, roçou seus lábios nos meus.

— O que? Minha doce Angelina!

— Tome seu celular? — Tentei empurrá-lo, mas não consegui. Seu corpo atlético e forte me prensou contra o parapeito de alvenaria da sacada.

— Eu não quero. Quero você... — disse rouco.

Neguei com a cabeça, me sentindo zozza.

Ele tinha esse poder de me deixar completamente perdida, entre a vontade de ceder e dar um foda-se em tudo.

— Eu não quero! — espalmei minhas mãos com o celular em uma delas em seu tórax musculoso, mas foi a mesma coisa que nada. Era mais fraca que ele e não tinha forças para afastá-lo.

— Mentirosa! — Sim... eu era, mas nunca mais deixaria que ele me iludisse, mesmo que meu corpo estivesse gritando por suas mãos nele.

Não cederia, mas fui traída por mim, quando senti sua língua — sem pedir permissão — invadir minha boca com voracidade.

Tony circundou meu corpo com a mão livre e me apertou, enfiando cada vez mais sua língua em busca da minha.

Tentei novamente empurrá-lo, mas não consegui. A cada segundo, mais ele tomava o restinho da minha força de resistência.

Calafrios se espalharam em mim, junto com minha mão subindo e entranhando nos seus cabelos molhados, me traindo.

Ele me beijou e devolvi na mesma intensidade. Foi incontrollável, enquanto seus dentes me mordiam e sua mão me prensava contra seu corpo. Seus lábios molhados, deslizavam pelo meu pescoço e a toalha que envolvia sua cintura caiu. Sem me conter gemi, lembrando cada detalhe do seu corpo.

Ele era lindo fisicamente. Seu corpo parecia ter sido esculpido. Era atlético, suas coxas eram firmes e em cada parte tinham músculos no lugar certo.

Tony era o típico homem que teria qualquer mulher que quisesse.

Tudo nele e com ele era bom.

Arfei e hiperventilei, não conseguindo me conter, quando senti seu pau contrair rígido contra minha barriga.

Apertei os olhos e gemi, me lembrando de como era bom tê-lo dentro de mim, estocando rápido e forte.

O filho da puta estava me fazendo quebrar minhas promessas, ao desejá-lo como antes.

— Ah... por Deus, Tony! — balbuciei, sentindo que todas as barreiras caíram.

— Adoro seu cheiro, adoro tudo em você. Que saudades que estava de sentir essa boca gostosa! — Tony disse entre gemidos e foi o essencial para eu retomar minha consciência e o empurrar.

Não!

Não tinha como acontecer mais nada. Foi aberto um grande buraco entre nós dois. Tantas coisas aconteceram. Ele me envolveu sem compaixão alguma, em seus problemas com meu pai, enquanto sabia do nosso grau de parentesco e o pior era que tudo havia sido apenas um plano seu.

— Eu não quero, Tony! — Me afastei, conseguindo sair de seus braços.

Ganhei uma certa distância dele, voltando para dentro do quarto...

— Por que? — Vi seus lábios tremerem, ao me questionar quando se virou na minha direção.

— Você já sabe da resposta. Eu ainda não esqueci, o quanto você sabia de toda a verdade e mesmo assim, me usou em seus propósitos.

Somos primos! — Não era por isso, mas além de tudo que aconteceu, este seria ainda mais um agravante para me manter longe dele.

— Por sermos primos? Eu... — Ele não terminou de dizer o que ia me falar e me deu as costas, passando por mim, após pegar a toalha envolvendo novamente sua cintura com ela. — Que se foda! — disse com raiva.

Tony me deixou sozinha e não disse nada ao sair.

CAPÍTULO 16

Tony

O que estava fazendo? Me deixei levar mais uma vez por esse impulso delicioso, que era ter Angelina.

Havia jurado a mim mesmo, que não colocaria meus desejos à frente dos meus propósitos, mas não controlei o que estava sentindo ao ter seus lábios, sobre os meus, movendo-se tão deliciosamente.

Não negaria meu desejo por ela, porém a barreira entre nós, precisaria ficar intacta desta vez.

E ela tinha razão... Não podíamos.

Ou pelo menos, até pensar em algo que desse para encaixar tudo, de uma forma que a preservasse. Só não tinha tanta certeza, de que mesmo poupando-a me perdoaria.

— Sua noiva não vai se juntar a nós? — a esposa de Ruiz me perguntou e não a respondi, apenas deixei meus olhos vagarem até a entrada da sala, onde estávamos. Ela estava lá; de cabelos soltos, batom vermelho e um leve vestido branco, solto em seu corpo. Sem muitos detalhes, simples e delicada como eu gostava.

Eu a varri com os olhos, observando cada detalhe, enquanto caminhava para mais perto de nós.

— Alguém por aqui está apaixonado — Yaroslav levantou, dizendo e indo na direção de Angelina.

Engoli em seco e deixei meus olhos caírem para bem longe dos seus olhos.

Yaroslav e Ruiz estavam aqui com suas esposas para uma reunião da nossa tríade, eles pensaram em descansar um pouco, mas tínhamos um propósito maior nesse encontro.

Cada um era chefe da sua horda de crimes. A maioria achava que poderíamos ser rivais, apenas deixávamos que pensassem assim. Isso mantinha uma ordem, entre quem quisesse ultrapassar a linha, mas nenhum entrava no território do outro e criamos nossa tríade, com leis e ética entre

nós. Cada um tinha o objetivo de alcançar o poder centralizado de cada divisão em si.

Yaroslav pertencia a máfia russa e Ruiz era o cabeça do cartel mexicano em Los Angeles. Um entrava com armas no país, o outro com a droga, e eu, lavava o dinheiro deles e dominava o jogo ilegal e a prostituição.

Foi uma aliança, onde cada um rendia muito dinheiro e poder ao outro.

E conquistá-los para meu lado não foi fácil, eles ainda temiam a intervenção dos Valentino, mas conforme fui crescendo e devolvendo a verdadeira essência do clã Dellatore, foram vendo que poderíamos ser maiores e mais perigosos que a cúpula italiana da Camorra.

Nosso único problema era que ainda estávamos dentro dessa árvore hierárquica, porém se agíssemos quietos sem chamar atenção, nossa tríade sobreviveria sem intromissões de outros.

Sair e tornar-se independente, ainda era um plano que esperaria um pouco mais. E eles concordavam com meus pensamentos.

Ser líder era fazer com que todos saíssem satisfeitos, de alguma forma. Só assim você conseguiria tirar vantagem, sem que se sentissem lesados.

Tudo tinha um propósito.

E esse fim de semana, eu precisava de favores, mais precisamente que eles agissem.

Ruiz por trazer a droga para cá, tinha olhos em boa parte das fronteiras.

Yaroslav tinha contatos em boa parte de toda Califórnia.

Eu já havia falado com eles antes dela chegar.

Que precisava que eles localizassem Chanderson para mim. Demorei para pedir pela intervenção deles, não queria dever favor algum, preferia que os devessem a mim, mas como eu estava com essa vantagem, seria apenas eles me devolvendo.

E estávamos conversando, eu indo lentamente onde queria chegar, quando Angelina se aproximou mais e roubou não só minha atenção, mas de todos.

O russo pegou na mão dela e sorriu, levando o dorso até sua boca.

— Linda! — Ele me olhou e continuou sorrindo. — Que bom gosto, meu amigo.

Assenti e a encarei, esperando que ela fosse me desmentir na frente de todos, mas não o fez.

Dar a ela um espaço e uma ligação, foi a forma como encontrei para deixá-la menos arredia e isso foi ainda melhor do que eu esperava.

— Ruslan Yaroslav! Você é Angelina?! — Eu havia mencionado seu nome, quando chegamos e lhes informei sobre minha acompanhante.

— Sim! E obrigada — Angelina respondeu baixo, recolhendo sua mão, mas Yaroslav levou a dele no meio de suas costas, me deixando desconfortável, por vê-lo tocar nela, mesmo que não tivesse sequer uma conotação sexual, ainda assim, eu não queria nenhum outro homem tocando nela. Independentemente das suas intenções, porém agi como se não me importasse e apenas fiquei observando ele levá-la até a linda loira que estava sentada ao lado da outra linda morena, esposa de Ruiz.

— Minha esposa, Anya. — Ela era linda e o russo a exibia como um troféu, afinal se tratava da ex-modelo internacional. Ela estava grávida e isso o deixava ainda mais orgulhoso.

As duas se cumprimentaram e foi a vez da esposa de Ruiz se levantar e beijá-la nos dois lados da face, logo em seguida o mexicano se levantou com o menino adormecido em seus braços, para estender a mão.

Quem os visse e conhecesse a fama de cada um, não diriam que eram apenas uma família civilizada e acompanhada de amigos neste momento.

Angelina também foi simpática, me surpreendendo.

Um tanto calada, veio e se sentou como uma estátua ao meu lado, no sofá de *ratan* e couro branco.

Quando vi que os outros estavam dialogando entre si, com os outros dois homens questionando alguns detalhes, deixei meu corpo tombar um pouco para o lado e encostei minha boca próximo a sua orelha.

— Não vamos morder você. Não precisa ter medo de nenhum deles — sussurrei.

Por mais que ninguém fosse sequer um dia tocar nela ao saberem que estava sob minha proteção como minha noiva, ela devia saber que não precisava sentir medo...

— Você me colocou em uma sala com outros mafiosos — ela mal mexeu os lábios ao me inquirir. — Como posso não ter medo?

Sei que era difícil para qualquer um que tivesse uma vida simples e sem envolvimento algum com um mundo perverso e cheio de intrigas. Não era comum chegar e se deparar com pessoas ao seu redor, que pudessem fazer o que quisessem sem compaixão alguma, e ainda assim se mostrarem felizes, por serem quem são.

Ela estava até reagindo bem, ao mostrar se indiferente a quem eram os outros, mas era perceptível o cheiro do medo que sentia. Por várias vezes, enquanto eles falavam de seus feitos, a vi apertar os nós das mãos, retorcendo-os sobre seu colo.

— Por que ninguém vai tocar em você e sair vivo depois. Confie em mim!

— Você é tão vil, quanto os dois. Como posso não ter medo, se eu não acredito em você? Confiança não é imposta pelo medo, Don Dellatore.

— Ela virou o rosto e me encarou, deixando a ponta do seu nariz tocar o meu.

Sim... ela tinha razão, mas mesmo assim, certa ou errada, ignorei sua sentença em relação a mim.

E disfarçando, me virei para o grupo à minha frente.

— Suba! — ordenei entredentes sem olhar para seu rosto, que ainda estava virado na direção do meu.

Angelina conseguiu o que queria e não era me tirar do sério. Ela teria o que tanto estava desejando: respostas.

Sem que eu ditasse novamente, ela se levantou, ajeitando o vestido sobre sua bunda e se despediu, alegando estar com dor de cabeça.

Todos lamentaram, mas entenderam.

Shark a acompanhou e não me demorei muito também.

Depois de conversar com eles e deixá-los a par de alguns detalhes sobre o que precisava, subi para o quarto.

Não era inteligente deixá-los sozinhos, porém confiava no que fiz, no que proporcionei para cada um deles, em troca de lealdade.

Há um ano fazíamos essa troca e estava indo tudo bem. Cada um na sua e quando precisávamos um do outro, podíamos contar que ajudaríamos

no que estivesse ao nosso alcance.

Criamos nosso código de conduta e impusemos que ela estaria acima. Era a barreira para não causarmos uma guerra, mas como a cabeça do homem é terra onde ninguém pisa, eu me assegurei e dei a eles o que queriam, pedindo de volta a lealdade deles.

Eles tinham problemas diferentes dos meus e por isso a reunião. Ruiz e Yoroslav estavam tendo problemas com a *Yakusa*.

Os japoneses chegaram com uma droga nova, querendo ganhar território e Ruiz estava puto, por ter perdido algumas ruas.

Eles dependiam desse mundo do crime, diferentemente do meu clã. Que lidava com homens poderosos em busca de prazer e vícios caros. Não que eu não fosse afetado, caso um deles caísse.

Uma pequena porcentagem do dinheiro, ficava para pagar meu clã pela lavagem.

Criei um esquema com membros e seus pequenos negócios. Era a maneira mais segura de fazer o dinheiro rodar sem as autoridades pegarem. Fora o que lucrava com os jogos e as casas.

Porém, no momento eu tinha alguns problemas, que dependiam da minha atenção. Por isso precisava subir e conversar com ela.

Era mais fácil lidar com os dois, do que com Angelina.

No fundo eu não queria que ela se ressentisse comigo, da forma como estava, mas algo passou a me incomodar desde o beijo ainda há pouco.

Abri a porta do quarto e Angelina não estava em nenhum canto.

Meus olhos percorreram e fui até a porta, perguntando para o segurança onde ela estaria.

Ele negou e disse que ela estava no quarto, pois por ele, ela não havia passado.

Voltei para dentro e a chamei:

— Angelina! — Fechei a porta e a tranquei.

Fui até o banheiro e ela não estava, mas me dei conta de onde poderia estar, quando vi o vento balançar a cortina, deixando-a à vista, encostada no peitoril de vidro.

— Angelina! — a chamei novamente e sem resposta, me vi indo até ela.

Parei na abertura entre o quarto e a sacada, ficando passos de distância a suas costas, exatamente onde estivemos mais cedo.

— Não quero saber, não quero discutir, só peço que me deixe em paz — sem me olhar, ainda olhando em linha reta ela disse. — Eu quero ir embora, quero voltar para antes de te conhecer e fingir que você nunca esteve na minha vida. Pouco me importa se você odeia meu pai e que ele

mentiu. Só quero ficar longe de tudo isso. — Ela terminou de falar e virou, ficando com suas costas contra o parapeito.

— As coisas não são tão simples assim... — repliquei e cruzei os braços, ao tombar o corpo para o lado, me escorando.

— Não quero saber. Você odeia meu pai e me envolveu em tudo isso por egoísmo, para puni-lo — ela disse ressentida e antes de responder, apenas esperei que desabafasse o que estava sentindo. — Ele não é um homem ruim. É seu tio, irmão do seu pai. Por quê?

— Se soubesse o que ele fez, não estaria me questionando — devolvi sua resposta com o que poderia saber. — Ele não só fez coisas ruins para a família, mas traiu, mentiu e conspirou contra os seus.

— Não foi muito diferente de você.

— Então eu também não sou ruim?

— Você é vil, perverso e não sabe a diferença do amor e do ódio.

— Você não sabe de nada. Se soubesse não me julgaria.

— Mas o que foi? — Me aproximei, encurtando o espaço entre nós dois.

— Quando for a hora exata, você vai saber e eu mesmo contarei.

— Você só me usou todo este tempo. Temos o mesmo sangue e para você pouco importa. Falou que meu pai conspirou contra a família, mas o que fez comigo não é muito diferente, o que lhe torna igual a ele. Você pode

até achar que sou fraca, indefesa, mas não pense que sou burra a ponto de não saber ler as entrelinhas — rebateu, contudo, sua voz falhou ao fim. — Estou cansada de ficar implorando para falar com minha *nonna*, de ter seus cães de guarda na minha porta, me fazendo sentir como se tivesse minha vida roubada de mim. Aliás você me tirou tudo, me deixou sozinha com tantas responsabilidades. Fui presa e acusada por algo que não roubei. Então, Tony... Apenas acabe logo, puna meu pai e me deixe ir embora de uma vez por todas. Preciso esquecer que um dia você foi alguém especial para mim.

Engoli em seco e desviei meu olhar do seu.

Não queria encará-la, não queria dizer que a nossa viagem para o inferno, era só de ida e que todos os danos dessa descida, seriam com vários efeitos colaterais.

Um nó se formou e pela primeira vez em anos, me vi sem saída, sentindo a retaliação dos meus atos e por isso não permiti que saísse de perto e me deixasse sozinho, ao segurar seu braço quando foi passar por mim.

Ela ainda precisava saber, não de tudo, mas do essencial, sem que me crucificasse como o vilão de toda a história

— Não tem saída que tire nós dois disso tudo, Angelina. Não é tão simples assim. Quando assumi a cadeira, eu vendi minha alma por sede ao

poder, por querer honrar o nome do meu pai. Não sabe o que fiz para chegar onde estou e ainda quero estar. Não faz ideia que tive que derrotar meu maior inimigo, para aceitar que fui escolhido para sentar na cadeira do clã Dellatore. Seu pai tirou o que tínhamos de melhor. Não só mentiu para você... — Pausei e olhei em seus olhos — dinheiro Angelina, não abona as maldades dele. Você ainda vai ver quem é o verdadeiro vilão de tudo isso e quem sabe vai entender os meus porquês.

— Ele foi um bom pai mediante a mentira... — Olhos nos olhos, nos encaramos lado a lado.

— Nunca uma mentira é justificável. Eu não tenho nenhuma para as minhas, tenho as finalidades dos meus atos apenas. Ele não é um herói e vai entender. Acredite!

— Se faz tanta questão que eu acredite em você, então me diga o que ele fez. E me diga porque me fez acreditar, que sentiu algo por mim em Paris.

Eu ainda não podia falar nada, mas vi em seus olhos a tristeza e a dor, não pelo pai, mas por eu tê-la envolvido e mentido.

Mordi os cantos da boca e soltei seu braço, no entanto não deixei que se afastasse e segurei sua nuca, me curvando sobre seu tamanho.

— Ele conspirou a morte do próprio irmão. — Pesei seu olhar assustado e sorri. — Satisfeita por saber do que Ângelo Dellatore é capaz?

Só que isso é apenas uma pequena parte do que fez. — A soltei e Angelina ficou parada me olhando.

— Tony... — Ela mudou o tom da sua voz e tentou me segurar, quando me afastei dela.

— Não precisa falar nada. Ao menos use sua inteligência e deduza porque você veio e porque nunca mais sairá daqui. — Me virei e a deixei percebendo que era melhor assim, mas antes escutei-a:

— Foda-se seu idiota.

CAPÍTULO 17

Tony

Fazia dois dias que havia voltado do retiro e não falava com ela por um motivo maior, porém permiti e dei-lhe um espaço para falar com a avó e andar pela casa.

Achamos Chanderson...

— Um rato sempre precisa sair do bueiro, para procurar comida — disse com raiva, enquanto meu punho sentia o quente do seu sangue escorrer nos nós doloridos da minha mão.

Meu ódio por esse homem era intenso.

Lion Chanderson precisava sentir todo esse sentimento perverso e o quanto fui consumido, até estar cara a cara com ele.

Eu o achei e não pararia até ele saber, como seria pagar pela mão do filho do homem, que ele tirou a vida.

— Tony, meu Don... — Sua fala saía engasgada, em meio ao sangue e saliva.

Não me controlei e o esmurrei ainda mais, quando ele tentou apelar e afagar meu ego, me tratando como se eu fosse seu dono.

Ele estava amarrado no quarto, ao lado da casa da piscina.

Aqui era onde eu passava um tempo treinando, me condicionando.

Anos atrás, mandei tirar os móveis e transformei o cômodo em meu ringue de luta. Do teto desciam as cordas que seguravam o saco de areia e que agora estava me servindo para deixar Lion amarrado apenas pelos seus pulsos. Do jeito que imaginei por longos anos e exatamente como desejei nos últimos três, com seu corpo pesando para baixo, ficando de joelhos à minha frente e com apenas seus braços o sustentando, preso pela corda ao redor.

— Confesse... — ordenei firme, juntando-o e pressionando sua nuca com os dedos.

O trouxe para perto. Seu corpo balançou e eu o parei, deixando seu rosto perto do meu.

— Você olhou nos olhos dele quando atirou? Pois olhe nos meus, quando eu mesmo acabar com você.

Ele mal conseguia abrir os olhos, de tão inchados que estavam.

Por dois dias, mandei que o surrassem constantemente e depois quando parassem, o enfiasse em uma banheira com sal e água quente, fazendo tudo de novo, a cada duas horas.

Não daria descanso, até ele falar o nome de quem o ajudou. Mas ele não falava, apenas criava desculpas.

— Fala seu desgraçado. Confessa que você matou Don Dellatore...

— Perdi a paciência novamente e como ele não dizia nada, o empurrei me levantando o suficiente, para chutá-lo e voltar a desferir socos em seu rosto, como se ele fosse meu saco de areia.

— Tony, vai com calma. — Percy me travou, me tirando de perto de Lion. — Você vai acabar matando-o e ele não vai falar nada.

— Eu a amava, eu sabia que ela queria sempre mais, mas foi ele...

— Lion sussurrou exausto.

Percy, Shark e Bronk se revezavam para espancá-lo e fazê-lo dizer o nome de quem facilitou para ele, e de quem eliminou as provas daquela noite.

Percy se afastou. Impaciente e esgotado, tornei a puxá-lo com brusquidão, trazendo seu corpo para perto.

— Me dê os nomes...

Era só um nome. Ele não precisava dizer mais nada, só quem estava ajudando-o.

— Eu... — Chanderson apagou cansado, sem conseguir falar e não vi outra opção, senão esperar.

— Coloque-o na banheira. — O soltei com brusquidão e seu corpo balançou desacordado, preso apenas pelos pulsos, que já estavam cortados pelo atrito da corda.

Ele se recobrou, quando o desamarraram e o soltaram no chão, antes de levá-lo.

— Por favor, Tony! — ele implorou com a voz fraca.

— Agora vai implorar? Você não pensou, quando o matou... Me diga o nome e eu o solto — blefei, tentando obter sua confissão

— Não, não, Tony. Por favor! — Jogado no chão ele balançava a cabeça negando. — Eu tenho com ele a dívida de sangue, não posso falar seu nome —suplicou e pouco me importei, se estava machucado ou sangrando, só queria que ele sentisse dor.

O chutei seguidas vezes.

Não sentia piedade alguma. Eu prometi por anos para mim mesmo, que quando chegasse a hora, eu tiraria toda a dor, fazendo justiça com as minhas próprias mãos.

— O coloque na banheira — ordenei, me virando e pegando a camisa que estava pendurada em um gancho na parede. A joguei sobre meu ombro e peguei a bolsa de gelo, que Shark me oferecia.

Fechei os olhos e respirei fundo, sentindo os nós dos meus dedos arderem e doerem, em contato com o gelado.

Eu ainda não tinha participado até agora. Apenas assistia meus homens fazerem todo o trabalho, mas por fim, perdi a paciência e eu mesmo quis fazê-lo sangrar ainda mais.

— Ele não vai falar... sabe que Ângelo está ao lado. O idiota deve ter feito uma dívida de sangue com seu tio. Aquela cobra foi esperta e deu o bote nele. — Os olhos de Percy recaíram sobre o corpo largado no chão. — Assim Chanderson não poderia colocar a vida dele em risco. Ele sabia que quando você tivesse uma confirmação, iríamos atrás.

Shark e Bronk o ergueram, levando Lion para a banheira.

— Então que morra sentindo dor — disse sem remorso algum, observando o assassino de meu pai gemer.

Sei que ninguém traria meu pai de volta. A dor era grande, porém o mais doloroso, era a culpa que carregava, por não ter de volta o tempo para eu pedir perdão.

Eu fui culpado tanto quanto, quando o atrasei no escritório ao questioná-lo, ao discutir. Fui egoísta, a ponto de não querer saber seus

motivos. Não o deixei explicar. Ele morreu e não pude dizer adeus, que eu o amava e que o perdoava, por ter escondido toda a verdade de mim.

Por isso eu sentia esse desejo, de punir quem o matou. Eles tiraram minha oportunidade de falar que estava tudo bem...

— Don... — Chanderson gemeu e o que iria dizer, foi interrompido pelo barulho do celular de alguém tocando.

E então foi que a vi parada na porta, me olhando e me julgando, sem ao menos saber o que estava acontecendo.

— O que fazem aqui? — perguntei, quando vi Giovani surgindo e parando as suas costas.

À minha frente estava minha irmã e meu cunhado, os dois me olhando, como se não estivessem acreditando no que acontecia aqui.

— O que está fazendo, Tony? — Bella perguntou com a voz trêmula, olhando para mim, enquanto Shark e Bronk colocavam Chanderson dentro da banheira.

Lion se remexeu e gritou de dor, quando o emergiram na salmoura.

— Por Deus, Tony! — Bella olhou na direção dele e se virou para Giovani assustada.

— Não deveria estar aqui — disse em tom de acusação.

— Tony! — Ela se mexeu, vindo na minha direção, mas Giovani a segurou.

Não o via há mais de um ano, Bella eu ainda a vi há menos tempo, meses atrás para ser exato, mas seu marido era a primeira vez que o via, depois que saiu da prisão que estava cumprindo pena.

Ele não ficou nem um terço do que deveria, após descobrirem que os Valentino estavam sendo atacados pela família rival, os Donttino.

E era por isso, que estavam ressentidos comigo. Recusei ajudá-los, quando pediram. Mas eu tinha meus próprios problemas aqui, não poderia deixar e atrasar mais meu plano.

Não poderia ter mudado meu foco.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, me questionando, não desgrudando os olhos da direção da banheira.

— Nada que caiba a você saber, Bella — devolvi no mesmo tom, mostrando que não lhe devia satisfações.

— É a minha casa. Olha esse homem como está. — Seu olhar saiu de Lion, para as minhas mãos ensanguentadas.

Esmurrei tantas vezes o rosto de Chanderson, que o sangue que aspergia da sua boca, se misturou aos dos cortes das minhas mãos.

— Era a sua casa, irmã. Agora é minha casa. Meu clã e minhas leis — retruquei duramente.

Giovani sobressaindo ao tamanho dela, olhou diretamente em meus olhos e assentiu.

Independentemente dos ressentimentos, ele ali não era só meu cunhado, mas também meu Capo e eu lhe devia respeito. Estávamos e pertencíamos à uma pirâmide e o seu lugar devia ser respeitado, por mais que não concordasse como ele levava seu clã, eu sabia muito bem onde era meu lugar.

— Vamos esperar Tony lá na casa — Giovani disse e envolveu o corpo de Bella, para tirá-la dali, mas ela lutou com ele e saiu do abraço vindo até mim.

— Quem é você? Não lhe reconheço mais — disse e mostrou seu ressentimento.

Olhamo-nos e sustentamos o peso do mesmo olhar, que por tantos anos era de cumplicidade fraternal, porém tudo mudou. Eu mudei!

— Quem sempre fui — respondi. — Só estou fazendo o que você não fez — rebati e pouco me importei se estaríamos entrando em um novo embate.

Bella precisava saber que não lhe pediria permissão para agir como queria.

Desde que me devolveu a minha cadeira, eram as minhas leis que vigorariam.

— Bella, vamos — Giovani a chamou para saírem dali. — Deixe seu irmão cuidar dos assuntos dele.

— Giovani... como assim? Olha o que ele está fazendo? Torturando alguém. — Meu cunhado respirou e continuou a olhar para sua esposa, ignorando-a.

— Cada um age da maneira como bem entende, meu amor. Uns preferem usar as mãos, enquanto outros apenas dão a ordem. E independente do que for, Tony tem o direito a ser exercido e ele o usa como quer. Não vou me intrometer em assuntos, que não nos atinge. Agora vamos, Bella. — Ele engrossou seu tom e ordenou. — Tenho certeza, que ele, assim que estiver desocupado, nos explicará o que está acontecendo.

— Vai deixá-lo agir, sujando as próprias mãos? — Continuou teimando em não sair dali.

— Ele é dono e responsável pelas atitudes, é ele quem carregará as consequências, carinho. O deixe e vamos.

— Foi ele quem matou nosso pai... — confessei e intervi, pegando-a de surpresa. — Oito anos... — Bella virou o rosto novamente na minha direção e manteve seu olhar preso no meu, enquanto eu ainda sustentava o seu. — Ele entrou e matou com 15 tiros Francesco Giussepe Dellatore. Você não quis saber, mas eu sim. Você não quis punir, porque a polícia disse que não tinham provas e evidências suficientes, para procurar quem o matou. Mas eu tinha! Meu clã, minhas regras. Enquanto era seu, eu deixei que agisse como queria, mas agora cabe a mim honrar a memória dele,

Bella. — Segurei seu rosto, colocando as mãos lado a lado, em forma de concha. — Eu a amo, eu a peguei no colo, quando era um bebezinho. Eu só tinha cinco anos. Se fechar meus olhos, ainda consigo escutar seu choro, minha irmã. São lembranças das quais não se apaga. Jamais me esquecerei, assim como, não vou me esquecer de você e nossa mãe, sobre o corpo de nosso pai sem vida naquela noite.

Seus olhos lacrimejaram, me mostrando que ela também lembrava de quão desesperador foi aquele dia.

— Eu também estou me punindo, porque tenho culpa... — Soltei seu rosto e a puxei abraçando-a forte, acomodando seu rosto em meu peito, quando senti suas lágrimas tocarem minha pele.

Seu choro aumentou.

Era a lembrança daquele dia que nunca conseguiríamos esquecer e eu seria assombrado por toda a vida.

Estava na hora dela saber de tudo, mesmo que isso custasse tudo que conquistei e minha cadeira.

— Oito anos desejando este dia... — Enquanto dizia baixo e tentava acalmá-la, encarei não só Giovani nos observando, mas o homem que surgiu atrás e sorriu para mim.

O responsável por me tornar forte e ser persistente.

— Russel, ajude a limpar o lixo... — Giovani quando notou a presença dele, olhou para o lado e ordenou para que intervisse. — Preciso que Bella saia daqui.

Também não a queria ali e apenas olhei para Russel, quando passou por nós na direção de Lion. Shark e Bronk o amordaçaram e Percy estava segurando seu corpo para ficar imerso pela água, enquanto ele se debatia.

— Ele não vai voltar mais, Tony. Não precisa ser assim, não concordo, mas entendo e me perdoe, por tê-lo desapontado tanto. — Bella ainda em meus braços, afastou o rosto e olhou para cima, fazendo igual quando nosso pai ainda era vivo.

— Cada um age, conforme bem entende. Eu escolhi arcar com as consequências de achá-los e punir quem eles mais amam. Lion e Ângelo só estão experimentando um pouco do próprio inferno, que escolheram ao assassinar nosso pai.

— Tio Ângelo está envolvido? — Assenti, confirmando sua pergunta. — Não me esconda nada, por favor, Tony.

— Assim que descansar, conversaremos. Cadê nossa mãe? — Não era um bom momento para eu explicar e decidi que ali não seria o melhor local, por isso mudei o assunto e perguntei sobre nossa mãe.

Ela foi passar um tempo em Nova Iorque e seu retorno estava programado só para semana que vem, o que por partes atrapalhava meus

planos, vindo sem me avisar.

— Ela está na casa e só viemos porque um dos seguranças disse que estava aqui, quando pedi para falar imediatamente com você.

— Claro que não negariam um pedido da primeira dama. Que bando de *cachorrinhos*. — Usei o tom brincalhão, enquanto Lion se remexia e fazia barulho, interrompendo nossa interação.

— Por favor, eu quero sair daqui. — Bella soltou seus braços e virou-se para o marido, procurando nele sua segurança.

— Vá, depois conversaremos.

— Eu te amo, meu irmão.

— Eu também, Bella.

Giovani a tirou de lá, nos deixando.

CAPÍTULO 18

Oito anos atrás

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a horizontal stroke that extends to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the "T".

— Quem lhe disse? — A pergunta só me confirmava o que tio Ângelo deixou subentendido, quando contou sobre a gravidez de minha mãe. *“Que ela não poderia ter filhos, no início do casamento”*.

Era normal algumas mulheres não conseguirem engravidar nos primeiros anos de casadas.

Porém, o comentário dele era completamente inusitado e sem nexos. Ele não jogaria e nem tocaria, em um assunto tão delicado. Busquei nas

lembranças e me lembrei vagamente deles, chegando com Bella recém nascida nos braços, entretanto não me lembrava dela com a barriga grande e isso só me deixava desconfiado, a ponto de ir até meu pai e questioná-lo.

Ele estava no escritório, fumando seu charuto cubano, pelo cheiro, era um *partagas*. Don Dellatore, fazia sempre seu ritual antes de se retirar. Ele fumava e bebia escutando *Bobby Solo*^[6] todas as noites, sozinho. Olhando através da janela, para o quintal da nossa casa.

— Só diga a verdade, pai! — inquiri.

Eu cheguei mais perto e bati contra a madeira da mesa.

Meu pai estava sentado em sua cadeira presidencial de couro marrom e me olhava cético.

— Quem lhe contou, Antônio? — seu tom pesado, repetiu a pergunta.

— E isso vai fazer alguma diferença? Só quero saber se eu e Bella somos adotados.

Ele não respondeu e segurou — em pinça — seu charuto e tragou, puxando a fumaça e brincando com ela ao bochecha-la.

— Vamos, me diga. — Aumentei o tom de voz.

— Me respeite, Antônio.

— Eu tenho o direito de saber. Se sou ou não seu filho.

— Você é meu filho, meu primogênito e sempre será.

— O senhor omite a verdade, enquanto eu estou implorando que a fale.

Era uma vida toda acreditando e eu precisava ter essa certeza. Tinha que saber de onde vim.

— Que diferença vai fazer...

— Então é verdade?! — Claro que era, estava estampado no semblante de meu pai, que eu não era seu filho biológico.

Não era necessário ele confessar, suas perguntas e o modo imperativo que me negava a verdade, já dizia por si só.

— Quem foi? — ele perguntou novamente quem havia me contado.

Indiretamente foi seu próprio irmão, mas ninguém disse exatamente sim e não.

— Foi Ângelo?

— Só diga sim. Eu sou seu filho? — Estava com tanta raiva, que a falta da verdade, me deixava irritado com ele.

— Não importa se sua mãe o gerou ou não. Eu o escolhi, eu quis que fosse você, o meu herdeiro... — Suas palavras vagaram e apenas fechei meus olhos, sentindo como se o mundo estivesse desabando à minha frente.

A dor por ter sido enganado uma vida toda, me tomou.

Eu não era filho biológico de Francesco Giuseppe e de Nina Maria Dellatore. Era um bastardo de alguém, que não quis.

— E Bella? — Ele assentiu friamente.

— Nenhum dos dois são meus filhos biológicos. Mas eu os amo como se fossem, daria minha vida por cada um.

— Mentir não é amar, Francesco. — Empurrei os papéis sobre sua mesa, derrubando-os no chão. — VOCÊ É UM MENTIROSO!

Ele se levantou, batendo as duas mãos sobre o tampo da mesa de madeira, quando meu tom de voz aumentou.

— Você não sabe de nada, para querer dizer o que sou capaz.

— Esconder de nós de onde viemos e mentir, é o que? Não existe outro nome para o que você fez.

— Eu tenho meus motivos e não preciso lhe dar satisfações. — Medimos, um no olhar do outro, pesando as palavras.

Ele mentiu e me encarava como se estivesse agindo corretamente.

— Eu tenho o direito de saber toda a verdade.

— A única que precisa saber é que, você é meu primogênito e é meu herdeiro.

— Eu não quero nada de um mentiroso. Você é sujo como suas prostitutas e suas casas de jogos. Eu não sou um mentiroso como você.

— Me ofender não vai fazê-lo ser mais homem. Você é meu filho, carrega meu nome e passará para seus filhos, e isso basta para ser um homem de verdade — ele disse duramente.

Por mais ódio que estivesse sentindo neste momento, eu o admirava por ser forte e não deixar que nada o abalasse.

Ao contrário, eu estava suando, sentindo meu coração galopar como um garanhão no jóquei. Era essa mistura de raiva e de frustração, que me fazia perder a razão.

— O que Ângelo lhe disse?

— Nada, apenas que minha mãe não poderia ter filhos.

— E por isso está aqui, achando que tem direito de me ofender por minhas escolhas, Antônio?

— Pelo menos ele foi verdadeiro e me disse o que era seu dever.

— Minha casa, minhas leis e minhas escolhas. Aqui eu decido o que vai ser feito. E se eu não contei, é porque não via que seria necessário.

— E mentir para nós foi? Acha correto esconder a origem dos que diz, serem seus filhos?

— A nossa origem, quem criamos somos nós mesmos. Pode não ter meu sangue, mas age e fala como um Dellatore, Tony. — Ele suavizou o tom de sua voz, ao se curvar para frente e segurar meu rosto, entre seus dedos. — Eu o escolhi para seguir minha cadeira. Para ser o dono da porra toda. — Me soltou e se virou, pegando da caixa mais um de seus charutos.

— Eu não serei nada seu. Não quero seu maldito clã. Você e ele, podem ir esquentar no fundo do inferno. — Me virei e quando estava

prestes a sair, ele me impediu, ao contornar a mesa e me segurar pela gola da camiseta.

— Ninguém nasce querendo ser para o que nasceu. Um rei não nasce porque tem o sangue real, ele cresce aprendendo tudo que precisa saber. Eu não o ensinei os negócios, a geri-los, porque sempre terá alguém para fazer isso por você. Mas ao longo dos anos você aprendeu o que é ser um Dellatore e não importa o sangue que corre em suas veias.

— Você me fez acreditar que eu seria como você, mas não sou nada seu... — Por mais que ele tentasse me mostrar que estava se justificando por omitir a verdade de mim, eu não conseguia sentir empatia por suas escolhas.

— Quando pegamos você, eu sempre soube que um dia poderia se virar contra, por causa das minhas escolhas, mas o criei para ser um rei, porque eu o amei desde o dia que o vi naquele berço.

— Quanto sentimentalismo... — Ele poderia dizer qualquer coisa, que nada justificaria suas atitudes.

— Eu o amo, meu rapaz. Não é sangue que une o amor. — Ele bateu em meu rosto carinhosamente e mesmo dizendo que me amava, eu não conseguia enxergar suas atitudes como forma de amor.

Quem ama não mente...

— És tão meu filho, que reage como eu reagiria. Com orgulho, com vivacidade de um Dellatore. Sua mãe o ama tanto. Não nos culpe por não podermos gerar filhos. Quem sabe algum dia você entenda e compreenda minhas decisões. Eu amo sua mãe e vê-la ano após ano tentar engravidar, triste e depressiva, me fez buscar outras opções. Não tenho remorso algum de dar a ela uma fantasia, para que fosse feliz. Você e sua irmã, são a melhor parte de nós...

— Uma parte comprada, adquirida você quer dizer. Eu não sou nada seu. Só tenho um nome que me deu.

— Eu o escolhi, Tony. Eu o quis para mim e o amo, entenda. Porque é isso que precisa saber. — Ele tentou me puxar para seus braços, mas o empurrei e me afastei.

— Você é um egoísta de merda. Não tinha o direito de esconder de nós, a nossa origem.

— És muito novo e não entende nada da vida ainda. Tem uma ideologia livre, mas um dia, vai compreender que um homem faz coisas para sua sobrevivência. Vai agir conforme bem entender, pois o único que pagará pelas escolhas que fizer, será você. Eu o amo e eu quis que fosse meu filho, e assim será, você gostando ou não. Se omiti a verdade, foi minha escolha e não sua. Eu te amo, Antônio Dellatore, meu herdeiro.

Não sabia o que pensar e como reagir.

Descobrir que você foi parte de uma grande mentira, não lhe dá tantas opções, apenas mostra que alguém não lhe quis e jogou fora, para alguém ser misericordioso e lhe pegar.

Perdido, sentindo que eu não sabia de mais nada, subi para meu quarto e o deixei em seu escritório, com suas mentiras.

E minha mãe?

Soltei o ar frustrado, pensando que ela era tão mentirosa quanto ele.

Os dois esconderam e nos fizeram acreditar que éramos seus filhos de verdade. Que éramos sangue do seu sangue.

Como Bella reagiria quando soubesse?

Porque, mesmo que eu não contasse, algum dia alguém apareceria e lhe plantaria a dúvida.

Seria como foi comigo: descobrir da pior maneira.

Por horas, vaguei por meu quarto todo, pensando no que me disse e a raiva foi cedendo, dando espaço para razão.

Quando caí em si, vendo que estava sendo egoísta e infantil, que não era ninguém para questioná-los, foi tarde. Naquele momento escutei os tiros e em seguida, toda uma movimentação do lado de fora.

Corri, deixando tudo de lado, até chegar no parapeito de vidro, de onde eu conseguia enxergar melhor e ver que lá embaixo, no chão

imaculadamente branco, estava seu corpo e a poça de sangue ganhando espaço e escorrendo.

Era meu pai estirado naquele chão. E por que ele ainda estava acordado? Já era tarde, ele deveria ter subido e estar dormindo... a resposta me atingiu mais do que poderia imaginar.

Foi minha culpa. Discutimos e agora era tarde...

Doeu *pra caralho*. Uma dor trucidante, que me deixou sufocado.

Por tudo e por mais que estivesse com raiva, eu cresci acreditando e amando aquele homem, que chamei de pai por toda minha vida, mas que nunca mais poderia pedir desculpas por julgá-lo, não teria mais tempo para dizer obrigado por me amar, enquanto quem me gerou não me amou.

Eu não tinha como voltar atrás e o peso da sua fala me atingiu:

“..., mas um dia vai compreender que um homem faz coisas, para sua sobrevivência. Vai agir conforme bem entender, pois o único que pagará pelas escolhas que fizer, será você.”

E eu estava começando a sentir na própria pele, as consequências das minhas escolhas. Eu não quis perdôá-lo e dizer que o amava, minha escolha tirou as últimas palavras que poderia dar a ele. Que eu o amava também.

CAPÍTULO 19

Dias atuais

Tony

— Você sabia que esse dia chegaria? — Russel perguntou.

Ele me acompanhou para fora da casa de piscina e me fez parar.

— Sim, eu sabia. Sempre tive dois caminhos, mas...

— Francesco o quis como seu filho, ele poderia ter escolhido dentre outros, mas o quis para ser seu herdeiro.

Anos atrás quando me senti como um covarde, me abri com Russel e contei que não era filho biológico de Don Dellatore, por isso eu carregava comigo tanto remorso.

Não pude lhe dar adeus e dizer que me sentia honrado, por ter me escolhido. Por isso, dei meu direito para Bella. Ela não sabia de nada, não teria que conviver com a culpa, como eu.

— Ele se orgulharia do que fez, para honrar seu nome. A prova que você é um Dellatore, está dentro dessa casa, Tony. Poucos homens esperariam tantos anos para mostrar o porquê e para que foi criado.

Assenti e apertei seu ombro amigavelmente, como ele sempre fazia comigo. Não tinha muito o que falar.

Assim como em suas últimas palavras naquela noite, eu tinha que arcar com o peso das minhas escolhas e chegou a hora.

Ângelo arquitetou não só para Lion entrar na casa sem ser visto naquela noite, mas também tentou criar uma discórdia entre meu pai e eu.

Era o que éramos, pai e filho e ninguém tiraria mais isso de mim, principalmente aquele *filho da puta*.

Ele me escolheu e a consequência de não ter aceitado quando me disse, quando se explicou, estava entranhada em mim como culpa e vergonha. Não tinha como retornar naquela noite e mudar tudo que disse e a forma como me olhou, tão cheio de amor e compreensão. O que poderia fazer daqui em diante, seria seguir e fazer com que sua morte não tivesse sido em vão.

— Diga à minha mãe que preciso falar com ela e com Bella no escritório — ordenei quando passei por Sarah e Yelena, indo na direção do escritório. — E Yelena, depois quero falar com você, me traga uma camisa.

Em silêncio segui para o escritório e fiquei esperando por Bella e minha mãe, mas antes, peguei a pequena caixa verde, tirando-a do cofre e deixando aberta sobre a mesa.

Enquanto as duas não chegavam, fui de volta para três anos atrás, quando a abri pela primeira vez e vi tudo que tinha dentro. Me fazendo sentir as piores dores e sensações de arrependimento.

Dentro dela não só tinha documentos. Havia uma carta, que na hora certa eu usaria. Tinha outra carta dele, nos contando sobre a adoção. Meu pai um dia nos contaria e esperava que ele não estivesse mais aqui, e foi o que mais me doeu, pois entendi que doeria muito nele, qualquer reação contrária que tivéssemos, assim como tive naquela noite.

E eu sabia que tinha doído para *caralho*, minha atitude com ele.

— Tranque a porta. — Estava de cabeça baixa, olhando mais uma vez para aqueles papéis, quando elas entraram.

— Tony, ainda estou confusa... — Bella se aproximou e seu tom era de quem estava prestes a me repreender. Contudo não permiti. Quem teria o poder da palavra nesta noite, seria eu e mais ninguém.

Ignorando-a, fui até minha mãe e a abracei, depositando um beijo no topo de sua cabeça.

— Meu querido, como você está? — Sabia que estava perguntando, porque Bella deveria ter lhe adiantado algo do que viu a pouco.

— Estou bem. E como foi em Nova Iorque? — perguntei, permitindo que tivéssemos um momento descontraído, antes de colocar todos os segredos as claras.

— Começando a fazer muito frio, prefiro nossa Califórnia — ela disse e se afastou, segurando minha mão e soltando-a lentamente em seguida, ao se afastar.

Nina era tranquila, observadora e quieta. Um tanto analista. Ela sabia exatamente pontuar a hora que deveria agir. Era uma mulher incrível e me sentia honrado por ter tido ela como mãe. Seu amor era puro e sabia que faria de tudo por mim e Bella.

— Tony... Como pode estar tranquilo? — Bella me olhava e negava com a cabeça.

— Porque ele queria que fosse assim! — Passei por elas e me sentei na mesma cadeira presidencial, que era dele e agora minha.

— Do que está falando? — Bella perguntou, enquanto o olhar de minha mãe recaía sobre a mesa e os papéis.

— Tony... meu filho — ela entendeu, pois sabia o conteúdo de tudo.

— Mãe, me perdoa, eu tinha escolhas e uma delas me levava a ter que dizer toda a verdade. Não quero magoá-la. Eu a amo muito e sou orgulhoso por terem me escolhido. — Respirando fundo, com os olhos cheios de lágrimas, ela assentiu.

— O que está acontecendo? — Bella me encarou, após ver que nossa mãe estava prestes a chorar.

— Eu e você não somos filhos biológicos de Nina e Francesco... — Bella empalideceu no mesmo momento em que lhe contei sem rodeios.

— Como? — Atordoada, se escorando, Bella sentou em uma das cadeiras, estilo Luís XV, que ficavam à frente da minha mesa.

Ela me encarou e tentei me manter tranquilo.

Depois que abri a caixa de pandora, não tive como fechá-la mais.

— Somos adotados Bella e descobri na noite em que nosso pai morreu. Eu o confrontei, pois tio Ângelo havia me dito algumas coisas, que me levaram a crer que não éramos filhos legítimos deles. — Olhei para minha mãe e as lágrimas vertiam pelo seu rosto. — Está tudo bem, mãe? — Ela assentiu.

Continuei...

— Discuti com ele, brigamos e eu disse que não o perdoaria, por ter escondido de nós.

— Ele te amava tanto, meu filho. Francesco o escolheu quando o viu, naquele berço. Tão pequeno, com os cabelos fartos. Não pude dar filhos para ele, tentamos de tudo. Havia pouco tempo que tínhamos chegado aqui e também nos casado. Eu queria filhos, queria ser mãe e estava desesperada. Mas eu não posso ter filhos, sou estéril. Mas amo os dois, como se os tivesse gerado — ela se explicou e vi o medo da rejeição pairar em seus olhos.

— E eu a amo muito, minha mãe. — Não cometeria o mesmo erro de julgá-la. Não quando tudo o que mais queria, era que ele soubesse que eu estava errado e que eu o amava muito também.

— Por Deus... — Bella levantou e rodeou a sala.

Ela estava como eu naquela noite. Perdida.

— Vocês foram a nossa alegria. Bella a princesa dele e você seu futuro rei. — Ela olhou na direção de minha irmã. — Nunca, nem um dia sequer, me lembrei que não os havia gerado e Francesco também. Era como se fosse os nossos sangues correndo em vocês dois. Tão parecidos conosco. Você tem o temperamento dele e Bella herdou sua genialidade. Lembro dele fazendo questão de todas as noites estar presente para fazê-la dormir, por causa do seu medo do escuro.

— Ele dizia que sempre estaria do lado da porta. Mas eu sabia que era mentira. Mesmo assim, eu me sentia segura. Ele foi meu herói. — Bella

soluçou.

— Vocês dois, são filhos da mesma mãe. — Ela fez uma pausa, respirou fundo e continuou... — Infelizmente, Corina está morta. Morreu quando Bella nasceu. Foi quando recebemos a notícia e resolvemos adotá-la. Era como Tony, os cabelos escuros e chorava tanto.

— Eu não sabia e nem quis saber quem foi ela... — proferi e por mais rude que estivesse sendo, não me importava quem me deu à luz. O importante sempre seria quem me escolheu. — Para mim você e o velho, sempre serão meus pais — disse ressentido.

Em memória dele, não quis procurar saber de nada e muito menos falar com minha mãe. Se ele não quis nos contar, então que eu enterrasse com ele, porém sabia que escolhendo vingar sua morte, teria que revelar tudo em algum momento.

— Por isso dei o clã para você — falei para Bella. Não me achava digno e como você não sabia de nada, era mais fácil encarar. Você tinha se mostrado forte e eu um fraco, carregando uma culpa pelos meus atos. Tentei a princípio ser o herdeiro da sua cadeira por remorso, mas não conseguiria pela culpa que cada vez me corroía. Eu não era digno, não conseguia encarar seu lugar, sabendo que naquela noite, não lhe dei boa noite e disse que estava tudo bem, que ele não tinha que ser perdoado de nada. Não disse

que também o amava e muito menos agradeci por ter me escolhido e me dado a honra de ter sido seu filho.

— Eu não consigo pensar direito... — Bella escondeu o rosto em suas mãos e chorou.

— Eu queria descobrir quem o matou, para honrar a memória dele. Tirar essa dor que me consumiu todos esses anos. Lion me tirou o direito de pedir desculpas, por tê-lo questionado.

Bella me olhou e por mais doloroso que estivesse sendo para ela, foi reconfortante saber que éramos irmãos de sangue e não apenas ligados pelo amor e pela honra.

A olhei e tentei sorrir confortando-a, quando me levantei e a chamei com a mão. Ela veio de encontro a mim e se aninhou em meio ao meu abraço.

— Te amo, minha pequena pimenta. — Bella encostou seu rosto no meu peito e me abraçou.

— Só os faça pagar, sem piedade alguma — ela disse entre soluços.

— Eu os farei — proferi a mesma promessa, que um dia fiz a mim mesmo.

— Tome cuidado com Ângelo, nunca confiei nele. — Olhei para minha mãe e assenti. — Ele sempre foi problemático e dava muito trabalho para os pais de Francesco, mas Peppe... — quanto tempo não escuto seu

apelido vindo dela. Só ela o chamava assim —, ele sempre teve um bom coração. Sempre foi muito família. Achava que Ângelo estaria melhor perto do irmão mais velho, quando o pai morreu. Achou que poderia guiá-lo.

— Foi ele quem facilitou para Lion entrar aqui e matá-lo. — O gosto biliar subiu minha garganta e alcançou minha boca.

Era sempre assim, quando consegui encaixar toda a história.

— Eu sempre desconfiei que tinha um dedo dele, porém quando fomos para Nova Iorque, me ligou várias vezes, me pediu para falar com Giovani para trazê-los de volta, que ele mesmo ajudaria a encaminhá-los. Desconfiei mais ainda quando Bella assumiu o clã e passou a vir constantemente me procurar, pedindo que eu agisse em sua causa e pedisse para ele voltar a ser o contador.

— Ele sabia sobre a adoção? — perguntei apenas para ouvir dela, o que já sabia. Precisava que ela reforçasse.

— Sim. Ele havia chegado quando Bella nasceu e seu pai preferiu contar.

— Ele tinha intenção de ficar com a cadeira... — Bella chegou à mesma conclusão que eu. — Trazendo Bella e eu antes da nomeação em Nápoles, nos desconsideraria como herdeiros. Ele precisava que um de nós, não tivesse assinado, porque para o conselho, valeria a hereditariedade. Mas

como assinaram nos dando e exercendo a vontade de nosso pai, eles não invalidariam os votos.

— Exatamente... você foi validada e quando me nomeou novamente como herdeiro da cadeira, e eles validaram, ele não teria como conseguir mais nada. Mas não é só por isso que ele arquitetou tudo. Não por só querer a cadeira do irmão, ele também escondia uma filha em Capri. — As duas me olharam receosas, fazendo as mesmas ligações, que por anos estudei a fundo. — Ela chama Angelina. E o velho sabia da garota. A mãe da menina escreveu uma carta para meu pai, quando a menina ainda era bebê. Ela disse que descobriu que tio Ângelo havia registrado a filha com outro nome, que era casado e que precisava da ajuda de meu pai para consertar o erro, mas Giane Rossi morreu, em um acidente suspeito. O velho dava o dinheiro para o desgraçado enviar para a avó da menina criá-la, ele exigiu que o irmão pelo menos fizesse parte da vida da filha.

— Mas nunca vi seu nome na folha de pagamento. — Bella se soltou de mim e foi para o lado de minha mãe e a abraçou.

Pelo menos agora as duas estavam mais calmas.

— O repasse era feito pelo próprio Ângelo, ele só tinha que trazer o comprovante para nosso pai. Ele usava uma conta falsa com o nome de Angelino Fantini, para mandar o dinheiro para Capri. Foi assim que cheguei até a filha dele — expliquei.

— Eu achei que ele tivesse mudado, depois do acidente de Romeo.

— Não, mãe. Ele continua ainda mais vil — repliquei.

— E onde ele está?

— Na casa da piscina. — Pela pergunta, vi que Bella ainda não havia lhe contado nada.

— E a filha? Já sabe dela? — Bella perguntou e acabei sorrindo, ao me lembrar de Angelina.

— Está no seu antigo quarto...

— Tony, meu filho. O que você está fazendo? — Minha mãe me olhou assustada.

— Apenas fazendo eles pagarem a dívida deles.

— Mas você tem provas que Ângelo foi responsável pela morte do nosso pai?

— Não, mas tudo indica que ele agiu para que Lion Chanderson entrasse aqui e fizesse o serviço sujo dele. Em Heavenly^[7], tinha uma das garotas que se chamava Yviny, a irmã mais velha de Yelena. Ela estava grávida de Chanderson. Os dois eram viciados em heroína e em uma noite, ela saiu com um cliente, um político grande. O idiota deu tanta droga, que ela teve uma overdose. Para abafar o caso, o velho não deu queixa e fez o serviço de limpeza, e Lion o cobrou, pedindo para ir atrás de Rootter, pois ela estava grávida e você sabe da política...

— Grávidas não podem atender — Bella concluiu.

— Mas nosso pai não sabia e só tomou ciência, por causa do atestado que veio alegando uma gestação de oito semanas.

— Como você sabe. Yelena me contou que Chanderson a procurou, quando ela começou a trabalhar aqui comigo.

— Mas qual envolvimento que o liga a Ângelo? — minha mãe perguntou e olhou para Bella.

— Quem assinou para retirar o atestado do legista, foi Ângelo. Ele, assim que fomos para Nova Iorque, colocou Lion como chefe da segurança do clã. O bastardo queria algo que estava no escritório, naquela noite.

— E o que era?

— Acho que a carta de Giane e os comprovantes dos depósitos, em nome de Angelino.

— Mas só uma carta, não teria o poder de trazer problemas para ele.

— Aí que você se engana, minha irmã. Ele tem um pacto prenupcial com a família de Tia Sophia. Se ele a trair ou tiver algum filho fora do casamento, perde o direito à herança dela.

— Sophia não aprovaria... — Minha mãe negou com a cabeça, como se tudo que tivesse lhe contando, fosse um esquema conspirador.

E era.

— Ela sabe de tudo, inclusive sobre Angelina. E antes que me perguntem, mandei interná-la, não poderia correr o risco dela interferir nos meus planos. Chanderson está cansado, vai falar o nome de Ângelo e na hora que dizer tudo, estarei preparado.

— E se ele não dizer?

— Tenho Angelina, Bella. Por incrível que pareça, o desgraçado tem sentimentos pela filha. Pelo menos é o que parece...

— E você?

— Nenhum. — Neguei. Ninguém poderia saber, além dos que já sabiam que tive algo com Angelina no passado.

— Só tome cuidado. — Ela, ainda abraçada a mim, olhou em meu rosto e tentou sorrir. — Eu sinto muita falta dele.

— Eu também.

— Me prometa que fará todos pagarem? — Assenti, me sentindo ainda mais em paz, por ter seu apoio.

— Minha casa, minhas regras... — Sorri confiante e encerrei nossa conversa.

O que precisava saber, ela já estava a par.

CAPÍTULO 20

Tony

Voltei para a casa da piscina, mas desta vez, fui vê-lo. Precisava confrontá-lo. A esta altura dos acontecimentos, Ângelo já deveria imaginar, que estávamos com Lion. Para ele falar, seria uma questão de tempo.

E eu o faria confessar o que fez.

— Ainda não vai confessar? — Ângelo estava adormecido na poltrona reclinável, quando entrei. Pelo menos era o que aparentava.

Aproximei, observando seu peito subir e descer pesadamente e fundo. Se estava fingindo, ele logo acordaria.

Chutei a lateral da poltrona, fazendo o móvel balançar e ele acordar, quase caindo ao se desequilibrar.

— Vamos lá, acorda! — disse alto e imperativo.

Eu estava impaciente e isso me deixava irritado, a ponto de exigir e não saber esperar.

— Chanderson em questão de horas, vai entregá-lo — informei-o e não esperei que se sentasse melhor, fui e chutei novamente o mesmo local que havia chutado anteriormente.

Estava com muita raiva e minha sede, meu desejo, era cada vez mais puni-lo, por fingir que não tinha nada a ver e por não confessar de uma vez por todas.

— Tony... — Ângelo se endireitou e me olhou confuso —, o que está acontecendo?

— Chanderson logo vai lhe entregar, por que não fala de uma vez? — Impaciente, fui direto ao ponto.

Mas ao invés de confessar, ele como sempre, agiu como se não estivesse sabendo de nada.

Ângelo era astuto e encenava um papel a anos, por isso, estava sendo difícil saber a hora exata, em que iria confessar e por qual motivação faria.

Agora eu testaria com Chanderson. Não queria usar Angelina, ela seria minha última alternativa. Por mais que a tivesse trazido com essa intenção, eu queria esperar. Algo dentro de mim, não queria que ela me

odiasse. Mesmo eu querendo que fosse assim, pois eu não teria remorso algum, quando chegasse a hora de usá-la contra o próprio pai.

— Tenho provas suficientes de que você armou para Chanderson matar meu pai — acusei. Todavia, minhas provas eram superficiais, ainda assim, ele não precisava falar nada, para eu ter certeza. O brilho podre da mentira, dançava em seus olhos.

— Eu não faria nada contra meu irmão e você sabe disso. — Ainda com a voz sonolenta, se justificou. Mas claro que era mais uma das suas artimanhas para negar.

— Ah... você faria e iria muito além, se eu e Bella tivéssemos ficado em sua guarda. Mas não contava que Giovani fosse nos tirar daqui e ainda nos validar.

Ele bocejou, não como se estivesse acabado de acordar e sim demonstrando estar entediado.

— São só teorias suas. Um moleque que ainda fede leite e a mijo na fralda. — Ângelo por mais que estivesse em uma situação não muito boa, ainda se mostrava orgulhoso e não abaixava a cabeça.

— O moleque aqui, tem o que você procura há muito tempo. — Olhei fixo em seus olhos.

— Eu não tenho o que temer. Não tem nada, está mentindo, você só tem suposições sem provas. — Seu sorriso ao me confrontar, deixava nítido

que ele estava por trás de tudo.

— Por que está tão convicto disso, meu tio? Eu tenho muito mais do que você pensa. Inclusive, o que tanto procurou nesses anos todos.

— Acredite, eu não sei do que está falando e não arquitetei nada para matar meu irmão. Ele é sangue do meu sangue. Ao contrário de você e da sua irmã. Os dois bastardos adotados de Peppe. — Ângelo levantou tossindo e encurvado, mas foi se escorando e ficou de pé.

Ele estava sonolento e isso fazia parte do meu plano. Todas as noites, ele recebia o coquetel de soníferos. Em baixa dosagem, para não ter forças para lutar, com quem quer entrasse ali, deixando-o vulnerável fisicamente.

— Ah eu me esqueci... você não sabia. — Ele debochou, me dando não só uma refeição para jogar na sua cara, mas havia me dado a cereja do bolo.

— Claro que sabemos, inclusive minha irmã também sabe. Ela e o Capo estão aqui — proferi calmo, rodando no sentido contrário, para onde ele se escorava.

— Quero minha audiência...

— Você terá, quando eu quiser.

— Você não pode infringir o código.

— Mas já estou, tanto que você ainda está vivo.

— Estou vivo, porque sou inocente — ele rebateu, como se realmente fosse.

— Você só está vivo, porque eu quero.

Assim que terminei de dizer, ouvimos Chanderson gritar, enquanto o surravam novamente.

— Vai falar que seu chefe de segurança é inocente. — Me aproximei e não me controlei, ao esticar minha mão e fechar em seu pescoço.

— Eu lhe darei duas alternativas e no final, você vai optar pela qual escolherá. — Olhei em seus olhos e espremi meus dedos, contra seu pescoço.

— Você não pode exigir de mim, o que não tenho para lhe dar — disse com a voz engasgada.

— Eu tenho a carta de Giane. O que Angelina falaria? Você já não tem Romeo e agora está perdendo-a. — Ele pigarreou e tentou se soltar, ao segurar meu pulso com as duas mãos.

— Minha filha não. Angelina não...

— Você não a ama. Você só nutre um sentimento vazio e não quer que nada aconteça, porque todo seu dinheiro está empregado no nome dela. Você arquitetou tudo, achando que iria ficar com o dinheiro que meu pai depositou em uma conta, para ela. Ou acha que não sabemos que o velho, fez um fundo de ações para ela? Você achou que sentaria na cadeira dele,

através dela. Mas o bastardo sentou. O adotado foi escolhido para ser o herdeiro dele, enquanto você apodrece como um verme. Você fede ao fracasso, meu tio.

— Você nunca vai conseguir me incriminar.

— Mas eu a tenho, tenho a carta e tudo que você quer. — O trouxe para perto, sufocando-o mais ainda. — Sua filha é minha e vou fazer da vida dela, um inferno... Você vai apodrecer, vendo-a sofrer. Porque eu não vou deixar que morra. Vai vê-la ser minha. Chanderson não tem nada e você vai perder tudo, vai perder sua filha.

Seus olhos arregalaram e eu consegui sentir, o quanto ele sabia que eu estava prestes a ter o que queria.

— Você não se importa com ela e sim, só com você... — o soltei, empurrando-o contra a parede. — E quanto a Lion, ele não vai pensar na dívida que tem com você, quando eu contar que foi você que falou para Yviny se drogar antes e que a mandou para Rootter, naquela noite. Não vai ter nada que o segurará.

Eu lhe dei as costas, mas previ que ele tentaria me atacar e me virei o empurrando mais forte, fazendo-o cair.

— Tenha bons sonhos, porque sua filha já está esquentando minha cama há dois anos, quando a conheci em Paris. — Ângelo tentou se levantar

e vir rápido para cima de mim, mas eu o parei, dando-lhe um chute, derrubando-o contra a mesa.

— Eu vou dar um jeito de acabar com você, seu *merdinha*... — ele se levantou e me ameaçou.

— Tente.

O deixei e fui para a casa principal. O dia de hoje havia sido conturbado, por mais que a conversa de mais cedo tivesse tirado um peso das minhas costas, eu me sentia exausto.

Só precisava de um bom banho e descansar, minha mão direita doía.

E então, achando que descansaria quando entrei no meu quarto, a vi no canto. Com os joelhos encolhidos junto ao corpo, sentada na poltrona que ficava na lateral do quarto, próximo a porta da sacada.

— O que está fazendo aqui? — perguntei, quando seu rosto virou na minha direção.

Por um momento, ela não disse nada, mas ficou me olhando como se estivesse ali para me mostrar o quanto estava machucada e perdida.

Eu não queria machucá-la, mas tive que fazer uma escolha, eu devia ao meu pai, que todos pagassem. Inclusive, os que eles amavam.

Sabia que Ângelo não a amava e a tinha por perto, por ela ser uma possibilidade de conseguir a minha cadeira. Por isso, ela era importante.

Ele a amava, pelo que ela poderia oferecer.

Respirei fundo e fechei a porta, mas me encostei e cruzei os braços, esperando sua resposta.

— Eu preciso saber... — disse tão baixo e deixando o sofá, seus braços caíram e se levantou.

— Angelina, eu não quero discutir. Estou cansado. — Neguei com a cabeça.

Estava exausto, por mais que tudo estivesse dentro do esperado.

Eu tinha Chanderson, tinha Ângelo preso e tinha ela, agora estava quase no fim.

— Eu também não quero, mas preciso falar. Faz dois dias que estou esperando para conversarmos.

— Por favor... — pedi. De fato, estava cansado e sem ânimo algum, para entrar nesse cabo de guerra.

Sabia que cuspiria tudo na minha cara sobre o passado e sinceramente, eu não queria esse embate. Na verdade, não tinha uma solução para consertar o que fiz com ela. Eu só queria que seu pai pagasse de um jeito ou de outro.

— Sei que estou aqui porque acha que meu pai agiu contra sua família... — Angelina andou para mais perto de mim.

— Acho não, tenho certeza. — A interrompi e reformulei o que ela disse, afirmando minha certeza. — Seu pai não só conspirou, como

arquitetou a morte do próprio irmão e não para por aí sua lista.

— O que for. Eu sei que nada foi real... — Respirei fundo, quando ela ficou tão perto, que se eu me jogasse para frente, alcançaria facilmente sua boca.

Eu gostava dela, mas não poderia ir contra tudo que lutei.

— Eu queria vê-lo. Já estou presa aqui nessa casa e você mesmo me disse, que não vou sair mais. — Seu tom foi caído e sem vida, diferente da italianinha tempestuosa que vi quando chegou aqui, com raiva de mim.

— Um dia você vai! — Não era uma promessa. Eu tinha intenção de deixá-la ir embora, assim que tudo isso terminasse, mesmo sentindo que me pertencia. Até porque, quem iria querer ficar bem longe de mim, seria ela, quando eu punisse seu pai.

Ela suspirou, mostrando que estava exausta, como se tivesse se conformado com a situação.

— Amanhã a levo para vê-lo. — Cedi. Desta vez estava falando sério e não iludindo-a. Eu a levaria para ver o desgraçado do pai.

Angelina sorriu e baixou o olhar.

— Obrigada. — Seus olhos voltaram para o meu e neles estavam toda a dor. Pela primeira vez, vi o mal que fazia para ela.

Respirei fundo, segurei e toquei seu rosto, com a ponta do polegar e o esfreguei em sua pele.

— Você tem ligado para Capri? — perguntei e ela assentiu. — Você sabe que pode sair do seu quarto? — Novamente respondeu que sim com a cabeça.

Quando voltamos do retiro, permiti que andasse pela casa e pelo menos ligasse para a avó. Mas sempre com alguém a vigiando de perto. O único lugar que ainda era proibido para ela ir, era a área da piscina.

— Você não tem culpa por ele! — Não sei porque, mas queria que entendesse que não era por sua causa e sim por ele.

— Você não é o juiz! Não é como o anjo vingador... — Angelina virou o rosto, desviando seu olhar.

— Eu fiz minhas escolhas e estou pronto para arcar com as consequências.

Segurei seu queixo e virei seu rosto para mim, sentindo que não sabia nem mais, o que realmente eu queria. — Preciso de um banho e comer algo. Está com fome? — perguntei e vi a necessidade de mudar de assunto, trazendo leveza entre nós dois.

— Sim e não! Não consegui comer nada, estou cansada, é como se meu esôfago estivesse fechando.

— Vou tomar banho e me espere, comemos algo então. — A Angelina de guarda baixa à minha frente assentiu e tirou o rosto da minha mão, voltando para a poltrona no canto do meu quarto.

Confesso que não esperava essa pacificidade toda e isso era bom. Não teria que me preocupar com seu temperamento efusivo por enquanto.

Tomei banho e fiquei por um tempo sob a água quente batendo em meus ombros, sentindo meus músculos tensos.

O dia de hoje, por mais exaustivo que tenha sido, foi bom. Falar com Bella e ter seu apoio, me ajudou a recarregar minhas energias e sentir que estava indo pelo caminho certo. Porém, chegar e ter uma Angelina calma diante de mim, sem confrontos e aquele olhar de raiva, me fez repensar se deveria ou não a usar.

Isso não era um bom sinal: refazer e traçar novamente meus planos.

Mas que porra!

Bati com os punhos fechados contra a parede.

Não era para ser assim, ela tinha que me odiar e continuar nessa disputa de ego, isso tornava tão fácil as coisas.

Frustrado comigo, por não conseguir pensar em nada e não tomar uma decisão em relação a ela, terminei o banho e enrolei a toalha na cintura, após me secar.

Quando retornei ao quarto a vi, na mesma posição, encolhida como um feto, porém sua cabeça pendia adormecida.

Chamei-a ao me aproximar, mas ela não respondeu e tentando não acordar, peguei-a no colo e a levei até a cama. Com cuidado a coloquei e ajeitei seu corpo. Ela se remexeu, mas foi para se virar para o outro lado.

Era linda... e meu corpo correspondeu no mesmo instante, vendo-a se acomodar melhor na minha cama. Não resisti e a fome que se fodesse, ela poderia esperar, não perderia a oportunidade de deitar e abraçá-la pelo restante da noite.

Engoli em seco e retirei a toalha, jogando no chão, antes de me acomodar nas suas costas e abraçar sua cintura.

A trouxe mais para perto e moldei meu corpo no seu. Seu cabelo estava cheiroso e aspirando seu cheiro delicioso, esfreguei meu nariz procurando por sua nuca.

Que vontade de a beijar inteira...

Foi instintivo, ela era minha e adormecer do seu lado, só piorou ainda mais minha tomada de decisão.

CAPÍTULO 21

2 anos antes

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter 'T' is large and stylized, with a horizontal stroke that extends to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the 'T'.

Era tão fácil me sentir livre, quando esquecia de quem eu realmente era e porque estava aqui com ela.

— Acorda, meu anjo! — disse baixo, em um sussurro no seu ouvido, quando voltei para seu lado, após receber o serviço de buffet com o café da manhã sobre o carrinho.

Angelina ainda estava na cama de lado, com as pernas um pouco abertas, seu corpo enrolava-se no lençol e eu a queria de novo, e quantas

vezes mais, até meu corpo sofrer com o cansaço.

Em dois dias, eu voltaria a ser Tony Dellatore e o que estávamos tendo aqui, nunca mais se repetiria. Por isso, precisava aproveitar cada segundo, sendo Ettore Moretti, só assim a manteria em minhas lembranças, quando ela me odiasse.

— Já amanheceu? — ela perguntou toda dengosa, ao se remexer, prensando sua bunda gostosa, contra meu pau já excitado.

— Ainda temos a manhã toda, querida — sussurrei gemendo, deixando meus lábios roçarem sua orelha. — Não passa das 9h — informei no mesmo tom, enquanto brincava com o contorno da sua orelha.

Preguiçosamente, Angelina se contorceu e sorriu, ainda de olhos fechados.

Não parei. A sensação e o contato da sua pele nos meus lábios, eram muito bons.

— Hum... que delícia, Ettore — sibilou puxando o ar, quando suguei o lóbulo da sua orelha.

Em seguida, cravei minha boca, na curvatura do seu pescoço perfumado. Fui sentindo sua pele macia, enquanto meus dentes castigavam cada espaço de pele. Uma das minhas mãos deslizava pelo seu corpo, buscando as mamas redondas e pesadas. Um orbe perfeito, com aquele mamilo rosadinho e pontudo.

Boa parte da noite aproveitei e brinquei com eles, chupando-os e mordiscando-os. Eram lindos, redondos e exatamente, o tamanho proporcional para seu corpo.

Angelina arfou, quando uma das minhas mãos os sovaram, amassando-os, quando meus dedos alcançaram o bico túrgido.

Ainda de olhos fechados, ela se remexeu contra meu corpo, apertando meu pau, no meio da sua bunda gostosa.

— Isso sim, é um bom dia — disse sensualmente, quando abriu os olhos e torceu o pescoço para o lado, levando uma das suas mãos na minha nuca, para puxar minha cabeça, para mais perto da sua. Ela se esticou inteira e me ofereceu parte da sua boca, deixando sua língua escorregar para fora, encontrando com a minha.

O sexo era bom com ela a qualquer hora do dia, mas há dois dias pela manhã, tem sido como se isso nos alimentasse e nos deixasse saciados até a noite, quando voltávamos para cá e recomeçávamos, o que achávamos ter acabado antes de sair da cama.

Era delicioso...

Ela era perfeita. Tudo! Sua boceta, a forma que me beijava e trepávamos. Não tinha defeitos. Fazia do jeito que eu gostava, sem pudores e frescuras.

Afinal éramos adultos e sentíamos essa atração um pelo outro, que bastava um toque, para fazer a adrenalina correr em nossas veias e estarmos aqui novamente.

Beijávamos com tanta ânsia, que mal parecia que passávamos boa parte da noite, da mesma maneira; fodendo esfomeadamente.

Eu queria tudo: tocar, beijar, sentir e estar dentro dela.

Já não me controlava mais, dei um foda-se em toda situação. Pelo menos quando estávamos juntos, eu não me lembrava de plano algum, ou de máfia, Los Angeles, meu pai e seu pai, apenas do que eu poderia fazer com ela.

— Ah... é muito bom — Angelina disse entredentes, quando minha mão ainda em seu peito, apertou o mamilo e o torceu novamente, descendo em seguida e escorregando pela barriga plana, até sua virilha depilada, encontrando sua boceta já toda melada, quando abri os lábios inchados.

— Porra! Como você está encharcada, meu anjo. — Aprofundei, quando deslizei sobre o clitóris excitado, de cima para baixo, até a entrada apertada.

A senti quente e brinquei com meus dedos dentro do corpo, enfiando-os de uma vez só, mas eu queria mais, precisava senti-la de todas as formas. Tinha que carregar comigo para o resto da minha vida, as lembranças de tudo que eu poderia tirar dela.

— Eu a quero e não vou me cansar desse corpo maravilhoso, dessa boca e boceta gostosa.

Encerrei o beijo e a empurrei de barriga no colchão, e ao invés de montá-la e acabar com esse desespero — que meu corpo estava me cobrando —, fui beijando-a toda, desde a nuca perfumada, descendo pelas suas costas, sentindo a pele macia e cada curva sua.

Meus lábios não se aquietavam, eles deslizavam pela sua coluna, indo até sua bunda redonda. Beijando e mordendo, não desgrudava do seu corpo. Eu queria mais e me posicionando entre suas pernas, me ajoelhei e me curvei, segurando as duas almofadas da sua bunda, afastando-as, ao enfiar meu rosto no vão delas.

Angelina gemeu alto e antes de entranhar minha língua no vale, olhei e a vi agarrar o lençol e torcê-lo, entre seus dedos.

— Você é toda deliciosa, Angel — ofeguei antes e deixei minha boca cair e lamber, desde o ânus até a boceta molhada, repetindo o mesmo sentido, diversas vezes. Eu riscava aquele lugar com avidez, circulava cada entrada com a ponta da minha língua e chupava quando encontrava o clitóris excitado, quase o engolindo todo.

— Ah... meu Deus... — ela balbuciou e agarrou o tecido, com ainda mais força, quando quase engoli sua boceta, dentro da minha boca. — Vai

me fazer gozar muito rápido. Estou tão perto, Ettore... — sussurrou rouca de tesão.

— Não se segure, carinho. Deixe seu corpo se soltar. Esse momento é para nós dois. Se soubesse o quanto me deixa doido, quando a vejo gozar... — disse rouco de desejo e cravei meus dedos, apertando o músculo, abrindo sua bunda ainda mais, para minha boca percorrer de cima para baixo, enquanto seu corpo tremia liberando seu gozo.

— Eu o quero dentro de mim logo — pediu entre gemidos, ainda convulsionando de prazer.

A italianinha era quente, como o inferno e estava fodido para *cacete*. Ela me sugava e consumia tudo, ao alimentar meu desejo.

E tudo sem pudores e sem frescuras. Completamente aberta e perfeita para mim.

Angelina não só era o estereótipo da mulher certa para esquentar minha cama, mas era também o encaixe perfeito.

— Eu também quero estar dentro de você, meu anjo lindo. Minha Giorgiana! — retruquei no mesmo tom, baixo e rouco, ao me afastar, ficando de joelhos entre suas pernas.

Peguei meu pau e o apertei entre meus dedos, massageando-o, ao movimentar toda a pele para baixo e depois voltando com ela por toda a

extensão, enquanto meus olhos pousavam na imagem da sua boceta brilhando, pronta para mim.

Segurei-o, com uma das mãos, enquanto a outra, abria para ele deslizar na umidade quente, de cima para baixo e o esfreguei, escorregando desde o anel da sua bunda, até o botão excitado entre os lábios molhados.

Posicionei-o na entrada apertada e arremeti lentamente, indo calmamente de olhos fechados, centímetro a centímetro, deixando que seu corpo se acostumasse com meu tamanho.

— Porra! Que boceta mais quente e molhada... — sussurrei em gemidos, quando me enterrei por inteiro e coloquei suas pernas entre as minhas, me acomodando com elas presas, no vão das minhas coxas.

Isso me fazia entrar ainda mais apertado.

Apoiei meus braços e os flexionei ao lado do seu corpo, deixando o meu cair por cima do seu. Abocanhei em seguida sua nuca e espalhei beijos enquanto bombeava, investindo lentamente, apreciando a sensação da sua boceta se fechar, em torno do meu pau.

— Queria ficar aqui para sempre, sentindo seu corpo, você sendo minha — sussurrei em seu ouvido, no momento que me soltei e passei a movimentar mais alto, aumentando o atrito e barulho de molhado, quando sua bunda se chocava com a minha pelve.

Arfei...

Nesses dois dias, experimentei o que queria dela e transamos muito, desde a primeira noite em que ficamos pela primeira vez. Só parávamos quando íamos para a galeria e isso já era quase na hora do almoço. Mas quando voltávamos, jantávamos no quarto mesmo e tomávamos banho juntos. Depois íamos para a cama em que estávamos e só saíamos, ainda mais esfomeados de lá.

Nada aplacava a nossa fome.

Investi duro e acelerei mais quando senti meu pau contrair, sendo estrangulado pela sua boceta e para não gozar logo, desacelerei e passei a estocar devagar.

Eu queria mais, mas já estava bem difícil de me controlar, por isso bombei tranquilamente, diversas vezes, entrando e saindo sem pressa.

Queria aproveitar cada segundo do tempo que ainda tínhamos.

Voltei a me ajoelhar e envolvi sua barriga, levantando-a e colocando-a de joelhos, sem sair dela.

— Ettore... ah. — Angelina arfou pesado, ao arrebitar sua bunda linda.

Minha mão espalmou e acertou a polpa redonda, deixando-a avermelhada. Estoquei mais forte, ao enrolar seu cabelo com uma das minhas mãos, enquanto a outra apertava seu quadril, trazendo-o para se chocar contra minha pelve, ao me enterrar todo dentro. Me curvei e torci

seu pescoço para o lado, alcançando sua boca no mesmo tempo que avançava e ondulava meu quadril, investindo com força, fazendo-a gemer e arfar sem parar.

— Assim que você gosta? — perguntei contra seus lábios.

— Gosto de tudo que faz comigo — ela respondeu e puxei o tufo de fios castanhos, deixando seu corpo ainda mais curvado e moldado ao meu.

Suas costas batiam em meu peito, enquanto estocava me deixando ainda mais louco de tesão.

Era perigoso toda essa luxúria, mas não conseguia controlar o que ela despertava em mim. Chegaria a hora em que tudo acabaria e até lá eu aproveitaria para aplacar esse sentimento voraz, que estava me consumindo.

— Acho que vou gozar de novo! — Angelina mal conseguiu terminar a frase e arfou, hiperventilando, levando sua mão até o clitóris inchado e o esfregou, enquanto eu estocava duro.

Ela estava prestes a se derramar. Sabia disso, porque sua boceta me apertava como um punho de aço, quando gozava. E era isso que fazia nesse momento. Me apertando tanto, que meu pau entrava ainda mais agarrado.

— Deliciosa... — Estoquei mais rápido e urrei, quando senti seu corpo estremecer e se contorcer todo, me levando junto em seu gozo.

Ela gemia e rebojava, enquanto lhe dava as últimas arremetidas, expelindo tudo de mim, antes de soltar seu corpo lânguido.

— Você vai acabar comigo... — ela disse com a voz fraca, ainda arfando.

Segurei a base do meu pau e fui retirando lentamente, ainda gemendo, ao sentir falta do calor da sua bucetinha apertada.

Caí ao seu lado e virei de frente para ela, olhando diretamente em seus olhos.

Angelina semicerrou as pálpebras e sorriu.

— Quem vai se acabar primeiro, sou eu. Não tenho forças para sair dessa cama, se o melhor de Paris está aqui comigo — devolvi no mesmo tom que o seu.

— Não quero que saia, quero que fique aqui — respondeu e semicerrou os olhos, ainda respirando profundamente.

Por um momento, eu queria ficar aqui por mais um tempo, até quando ainda sentíssemos essa necessidade, mas sabia que o fim estava bem mais próximo. A realidade seria nua, dura e crua para ela, ou melhor, para nós dois.

Aproximei e selei seus lábios, que se abriram e sugaram os meus, movimentando-os até nossas línguas se encontrarem e se envolverem lentamente. A puxei, agarrando sua cintura, trazendo-a para mais perto, enquanto nossas bocas não se desgrudavam.

— Não vai tomar café? — perguntei, ao descolar apenas poucos centímetros da sua boca.

— Não, você me alimentou muito melhor — ela respondeu com a voz quase falhando e em seguida me deu um daqueles sorrisos tímidos, que tanto me faziam sentir ainda mais atraído por ela.

— Você é maravilhosa — sussurrei e selei seus lábios novamente, antes de fechar meus olhos.

Ela adormeceu exausta e eu fiquei parado, abraçando-a e acariciando a curvatura da sua cintura, enquanto seu rosto delicado, descansava sobre as duas mãos fechadas e unidas.

Essa era a bolha que criei para tê-la. Onde ninguém a tocaria, a não ser eu. Mas logo ela estouraria e Angelina me odiaria tanto, que nunca mais iria querer me ver, quando se lembrasse do que a faria passar.

CAPÍTULO 22

Dias atuais

Angelina

Qual foi exatamente o momento que vim parar na cama dele e não me lembro?

Acordei com a sensação de que estava em outro lugar, um déjà-vu. Já tinha vivenciado a mesma cena e de fato me lembrei de quando acordava com ele na minha cama, naquele quarto de hotel em Paris. Ele me abraçava

a noite toda e respirava pesado contra minha nuca. Mas isso foi em outros tempos.

Agora estava tão diferente.

Tornei a fechar meus olhos, talvez eu voltasse para aqueles dias em Paris. Eles foram os melhores com ele e achei que durariam para sempre. Que assim que terminasse o leilão fôssemos ficar juntos, mas ele estragou tudo, com essa sua história de vingança.

Remexi e olhei para trás, me certificando que ele estava mesmo dormindo. Seu braço pesava na curva da minha cintura me travando junto do seu corpo. Não percebi que havia dormido na sua presença e com ele completamente pelado.

Estava exausta por passar dois dias sem conseguir pregar os olhos devido a toda essa desordem que ele criou.

Deveria ir para meu quarto, não era uma boa ideia ficar tão perto quando ainda me sentia confusa em relação a ele. Suas atitudes ainda me machucavam, dois anos não foram suficientes para apagar o que aconteceu entre nós. Para sempre eu me lembraria, não tinha como simplesmente esquecer e resetar tudo.

Não era porque eu estava aqui que deveria aceitar. Sei que me joguei direto na boca do leão com ele manipulando para que eu caísse como uma idiota, mas nem por isso eu deixaria que me fizesse de trouxa de novo.

Sabia muito bem que estava colhendo as consequências de ter vindo atrás dele. Mas... se eu não viesse ele daria um jeito de ir, já que seu objetivo desde o início era atingir meu pai. E seria bem pior se ele me achasse em Capri. Talvez eu não conseguisse me ressentir tanto ou as coisas seriam diferentes. Eu teria que realmente contar tudo.

Tony ressonou pesado e com cuidado, lentamente levantei seu braço o quanto consegui sair da cama, mas ele se remexeu e me puxou ainda mais para seu corpo.

— Não vai fugir! — disse rouco, com a voz sonolenta. — Ainda é muito cedo. Sei o quanto gosta de ficar na cama até tarde. — Me lembrou do que disse uma vez em Paris, mas era só uma desculpa para ficar um pouco mais com ele.

Não respondi pensando o que dizer, como sair dali e me abrigar no meu quarto bem longe dele, mas pelo visto ele não estava disposto a me deixar ir.

Era perturbadoramente cruel e sadismo meu deixar ele ficar tão perto, já não bastava a forma possessiva que ele me beijava e dizia que era sua.

No fundo eu só queria que nada tivesse acontecido do jeito que ele arquitetou.

E sim... eu gostava dele, me apaixonei em Paris e não consegui esquecê-lo, talvez fosse por isso que estava atrás dele, procurando-o e sentindo raiva, mágoa e ressentimento por tudo que fez. Tony tinha tantas marcas boas quanto ruins em mim.

— Adoro seu cheiro, Angelina. — Sua voz saiu abafada e pude sentir que ele falava contra minha nuca, o que me fez ficar arrepiada quando senti seu hálito quente bater em minha pele.

Foi incontrollável não remexer quando seus dentes arranharam o mesmo local. Era delicioso e quanto mais sua boca me tocava, mais eu sentia seus braços me apertarem contra seu corpo e seu pau ereto.

Não foi só seus lábios que despertaram meu corpo, sua mão subiu diretamente para meus seios e minha boceta contraiu, molhando-se inteira.

Choraminguei cheia de tesão. Sabia que seria só me virar e ceder que o teria em mim, com seu corpo me possuindo de todas as formas ainda pela manhã.

Mas o que sobraria depois? Me sentiria mais uma vez usada por ele e qual desculpa eu arrumaria para justificar a raiva e querer afastá-lo.

— Preciso me levantar... — disse me arrependendo no mesmo momento que segurei sua mão impedindo-a de continuar a prensar meu mamilo entre seus dedos.

Quase que ele me deixou débil a ponto de dar uma foda-se em tudo e esquecer o que aconteceu ao estimular.

Meu corpo gritou em protesto quando consegui sair do seu abraço, me afastando dele.

Tony enfiou a cara entre os travesseiros e rosnou frustrado.

— Por que? Por que está fazendo isso? — Sentei na beirada da cama antes de respondê-lo me mantendo de costas para ele.

— É bem hipócrita da sua parte querer saber porque. Acho que tudo que me fez é o suficiente para respondê-lo. — Me muni de ressentimento, me forçando a lembrar quem ele foi o causador de tudo que aconteceu.

— Que porra, Angelina. O que quer? Um pedido de desculpas? — ele retrucou enfurecido.

Sim... eu queria que não só me pedisse desculpas, mas que dissesse tantas coisas. Que reparasse o que me fez. Se soubesse o quão difícil foi no primeiro ano, sem poder arrumar emprego e ainda por cima com um currículo sujo por causa das suas artimanhas. Foi a época que mais precisei e só encontrei portas fechadas. Minha sorte foi ainda poder voltar para casa e contar com minha avó desde então. Ela estava sendo a pessoa que mais me apoiava.

Quando lhe disse que queria procurar Ettore/Tony — pois acreditava que não só eu, mas que ele também deveria arcar com suas

responsabilidades —, ela me apoiou e disse que era para eu ir tranquila, que estava certa, que um homem não podia fugir das responsabilidades dos seus atos.

Este era o principal motivo para estar aqui, porém ainda não consegui falar o que queria. Todas as vezes em que estávamos no mesmo metro quadrado, além de discutirmos ficávamos rodeados dessa tensão sexual. O que dificultava muito. No entanto, cada dia mais acreditava que ele não estava nem aí para o termo responsável, só queria aproveitar porque se achava meu dono.

Tony só vinha demonstrado que ele pegava, agia e tomava o que queria, da maneira que bem entendia.

Mas não comigo, não mais...

Ele suspirou frustrado quando não o respondi.

Fiz questão de ignorá-lo. Não seria eu a dizer o que deveria fazer, por mais que eu quisesse e o desejasse.

Claro que fiquei satisfeita com a sua reação. Nada melhor para cortar o barato de um homem excitado como negá-lo e ainda por cima jogar as merdas que fez bem na sua cara.

Isso só me fez sentir melhor, porque ele precisava saber que nada mais seria como antes.

Mais uma vez ele bufou e sentou na cama ficando de costas para mim.

— Que caralho de mulher! — O escutei resmungar baixo ao se levantar e deixar a cama.

Sorri satisfeita sem que ele percebesse o quanto estava me sentindo vitoriosa.

— Se vista melhor, vou levá-la para ver seu pai — Tony disse um pouco mais alto me deixando a sós em seu quarto.

Enquanto ele foi para o banheiro voltei para meu quarto e me arrumei sentindo aquela sensação mista de primeiro *round* conquistado, mas no fundo aquela angústia também estava lá. Pelo menos eu conseguiria ver meu pai e o questionar algumas coisas que ainda não faziam sentido para mim.

Quase uma hora depois, Tony entrou no quarto em que estava, e que raiva quando qualquer um deles fazia isso. Além do susto que tomava eu me sentia invadida.

— Odeio quando entram assim — comentei e me levantei quando ele não entrou totalmente no quarto e ficou me olhando com a porta aberta.

— Vamos! — Mal me olhou e virou as costas saindo na minha frente.

Ele deveria estar furioso comigo, já não era a primeira vez que o negava quando nos beijávamos e ele se excitava. Não que eu não ficasse também, mas comigo estava sendo bem diferente de lidar, ainda me sentia ressentida com o que fez no passado.

Ah... se ele soubesse...

Não foi fácil em nenhum momento arcar com responsabilidades sozinha, após ser acusada de roubo. Tony só precisava entender que suas atitudes pesaram muito. E se ao menos tivesse uma físga de remorso até poderíamos conversar e eu lhe contar tudo e os motivos porque quis achá-lo. Quem sabe até nos entendêssemos. Mas mesmo assim, poderíamos sentar para conversar e ver como faríamos daqui em diante. Não que eu estivesse esperando um relacionamento com ele, nos poucos dias em que estive diante do seu verdadeiro eu, pude perceber que Antônio Dellatore era perigoso e só se importava com ele mesmo.

Em contrapartida, notando o quanto estava irritado, fiquei satisfeita e louca para rir da sua cara fechada quando me juntei a ele ficando ao seu lado no corredor dos quartos.

Tony mal me olhava e pouco me importei.

É meu malvado... vim, vi e acho que estou vencendo alguns de nossos embates.

Deixando de lado eu e ele, o importante agora era falar com meu pai, escutá-lo e ver como estava.

Até que o local onde Tony o aprisionou não era ruim, na verdade era muito bom. Confortável e muito bem decorado, mas o que me chocou foi ver meu pai sonolento, quase não conseguindo andar sem se escorar.

— O que você fez a ele? — perguntei incrédula quando Tony abriu a porta e me deu passagem para entrar, ficando logo nas minhas costas.

— Nada, ele regozija saúde. — Olhei para seu rosto e encontrei aquele sorriso enviesado no rosto. O mesmo que me atraiu como uma presa fácil.

Saí de perto dele, olhando-o com raiva.

Filho de uma puttana!

— Pai! — Me aproximei e ele estava quase rastejando para ir até a cama grande e toda desarrumada.

O ajudei, segurando em seu braço, servindo como apoio.

Meu pai levantou o olhar e me encarou ao conseguir sentar, apoiando um dos braços na cama. Ele estava voltando do banheiro e digamos que parecia não estar muito bem, o que me fez novamente olhar direção de Tony e mostrar o quanto ele me deixou com raiva.

Nenhum homem merecia uma punição se não tivesse provas. E até agora o cretino só havia me dito que meu pai fez coisas terríveis, mas não comprovou nenhuma delas.

— Pai! — O chamei novamente e me aproximei mais ainda ficando ajoelhada na sua frente.

— Ele está fingindo! — Tony disse julgando meu pai sem saber se de fato ele estava bem ou mal.

O ignorei e procurei os olhos do homem à minha frente.

— O senhor está bem? *Papà*^[8], fale comigo. — Meu pai levantou seu olhar e tentou sorrir.

— Acho que sim. Que bom que veio! Estava preocupado, Angel. — Sua voz saiu falha e novamente olhei para Tony, mostrando o quanto fiquei ressentida com ele.

Independentemente do que meu pai fez, não merecia estar sendo tratado e punido dessa maneira.

Parecia que ele não comia há dias. Estava fraco e me senti indignada ao vê-lo assim por causa dos desejos de Don Dellatore.

— Quero falar com meu pai a sós! — pedi em tom de ordem, mas Tony negou com a cabeça enquanto eu o encarava, porém não sei o que deu nele e acabou me deixando sozinha, saindo e encostando a porta em seguida.

— Minha querida, estou me sentindo tão mal por você ter descoberto tudo desta forma. Quero pedir perdão, tive motivos para escondê-la de todos e precisava tanto que você me perdoasse... — Me mantive ainda ajoelhada e suas mãos trêmulas seguraram meu rosto. — Não confie em nenhum deles. Se eu não estivesse preso aqui já a tinha tirado de perto de Tony. — Ele tossiu após falar com dificuldades.

Ele estava muito fraco o que me deixou arrasada.

Pais erram e eu amava o meu acima dos seus erros.

Ele foi minha família, mesmo me registrando com um sobrenome falso e eu só descobri porque Antônio Dellatore fez questão de contar, achando que isso me afastaria dele.

Nunca...

— Ele a machucou? — balancei a cabeça negando. — Tony disse que se casará com você para me punir. Mas, meu anjo... eu não fiz nada para ele ou para meu irmão. O filho de Peppe está sendo cruel e egoísta. Tome cuidado e me ajude a sair daqui que assim consigo tirá-la em seguida. Se acontecer algo com você não vou ter motivos mais para viver. — Pisquei várias vezes quase chorando ao ver seu sofrimento implícito na sua fala. — Ele está me acusando injustamente e punindo-a por algo que não fiz. — O desespero estava ali estampando nos olhos dele.

Precisava ajudá-lo, mas como? Se somente há dois dias que pude sair do quarto e andar mais livremente pela casa.

— Pai, mas eu não consigo, estou também presa aqui. — Neguei com a cabeça.

Eu também não tinha muitas opções e nas poucas que tive era como se eles previssem e me limitassem mais ainda.

— Me perdoa, querida? — Seus dedos deslizaram no meu rosto quando seu olhar recaiu, como se tivéssemos acabado de perder a guerra.

— Perdoar de que, *mio padre*?

— Por ter escondido seu verdadeiro sobrenome, mas eu precisava protegê-la de todos. Tenho minhas dúvidas de que Peppe mandou matar sua mãe e se ele soubesse de você a mataria também, só para seu filho e sua filha terem direito a cadeira da casa Dellatore. Eles não aceitariam uma herdeira que pudesse um dia reivindicar seu direito dentro do clã.

Por um minuto fechei meus olhos, sentindo arderem.

Minha mãe morta pelo irmão dele?

Neguei com a cabeça, sendo tantas coisas para processar. Parecia que estava dentro de um filme, com conspirações, com um mundo tão destoante do meu. Era ainda mais difícil de acreditar que fiquei sem minha mãe por causa de poder e dinheiro.

Neguei com a cabeça, tentando não me deixar levar por mais histórias que me afundavam cada vez mais nessa casa.

Não entendia muito bem essa dinâmica de vingança e confesso que não queria entender, minha única vontade desde o momento que cheguei era sair daqui e agora tirá-lo também. Ainda mais, vendo-o como estava débil por uma acusação injusta.

— Me ajude sair... — ele pediu e se remexeu, soltando meu rosto para segurar a tosse.

— Não tem como — repliquei chorosa e desesperançosa.

Estava ali como uma inútil, não conseguia sair e nem falar o que tanto quis para Antônio Dellatore e, também não conseguiria tirar meu pai daqui. E agora com a descoberta de que minha mãe poderia ter sido assassinada ao invés de ter morrido em um acidente de carro.

Lamentei.

— Agrade-o, ele parece gostar de você. Faça ele confiar. Tony vai agradá-la e vai permitir que venha mais vezes me ver. Traga o que puder, o que achar que dá para usar como uma arma. Se eu sair, minha pequena, conseguirei tirá-la daqui e colocá-la longe dele.

— Mas somos primos! — Ainda tinha esse pequeno detalhe, que sempre me esquecia.

— Não se importe com isso, apenas faça com que ele se apaixone por você.

Assenti, sem saber como faria para ajudá-lo. Acabei que fiz uma promessa que talvez não pudesse cumprir.

Quando escutei sua voz e o barulho das dobradiças da porta se movendo levantei meu olhar na direção de Tony surgindo e parado de braços cruzado, olhando diretamente para mim.

— Bom dia, querido tio — ele disse com seu habitual tom debochado, como se tudo que estava acontecendo fosse algo corriqueiro.

Meu pai o ignorou e continuou olhando para mim.

Antônio Dellatore era um cínico e sádico sem limite algum. Só depois de conversar com meu pai foi que comecei a compreender o quanto ele poderia ser cruel ao extremo se contrariado.

E pelo que meu pai falou ele estava cometendo uma injustiça ao querer justiça por um homem que só pagou com a morte por seus crimes.

Novamente olhando para o rosto fraco e o olhar caído à minha frente, percebi o quanto eu precisava ser forte por nós dois, por *nonna* e por todos que amava.

Não sei de onde veio essa força tão rápida, mas sorri confiante e afirmei com a cabeça o que me pediu.

Daria um jeito de vir e trazer algum objeto qualquer.

Só não sabia como. Precisava pensar em algo que não levantasse desconfianças de ninguém.

— Vai dar certo. Confio que você honrará o sangue e a coragem dos Dellatore — ele sussurrou evitando que Tony nos escutasse e novamente segurando meu rosto encostou seus lábios contra minha testa. — Você é minha filha! Faça ele se apaixonar por você. Prometo que aguentarei tudo.

Levantei e me despedi dele, prometendo voltar logo, porém fiz a promessa em voz alta, para que Tony escutasse que eu iria pedir para voltar em breve.

Caminhei na direção da porta e meus olhos bateram contra os dele.

Não sabia de mais nada e com quem estava lidando.

Parei ao seu lado ainda sustentando seu olhar firme.

Sabia que em algum lugar havia um homem cheio de paixão e vivacidade, mas que também tinha esse que eu não conhecia e se fosse preciso entrar no seu jogo para tirar meu pai daqui eu entraria.

Seria tão fria quanto ele, mesmo que isso causasse marcas que nunca mais pudessem ser recuperadas. Mas não poderia deixar que cometesse uma injustiça contra meu pai.

Respirei fundo. Agora era hora de começar a agir, sem nenhum plano e impensadamente.

— Obrigada! — balbuciei e evitei olhar em seus olhos, virando o rosto para o lado.

Tony balançou a cabeça e se virou saindo antes de mim. Eu o acompanhei, olhando suas costas, refletindo o que deveria fazer, como agiria com ele, em como conquistar sua confiança e fazê-lo se apaixonar por mim.

Retornamos para dentro da casa em silêncio e sozinhos. Foi ótimo, porque era exatamente do que precisava: do seu silêncio. Só assim pensaria melhor e conseguiria organizar meus pensamentos para ajudar meu pai como me pediu.

— Sabe que pode andar pela casa quando quiser? Só não tente fugir!
— me disse quando cheguei em frente ao quarto que estava.

— Sim, eu sei. — Olhei firme em seu rosto e suspirei.

Fiquei com tantas dúvidas e medo.

E se não desse certo com certeza eu sairia daqui totalmente acabada e massacrada por ele.

Fitando-o, deixando o silêncio me dar coragem para agir, mordi e deixei o lábio inferior pressionado contra meus dentes.

Respirei fundo. Tinha que agir...

— *Coragem, Angelina.*

— Eu... eu... — gaguejei o que queria falar e não consegui.

Que ódio! Não daria certo...

Precisava que desse.

— Pode falar. O que quer? — Neguei com a cabeça, como se não fosse nada demais, mas acabei ficando mais perto dele e deixei meus olhos vagarem para sua boca, como se tivesse lhe pedindo para que me beijasse e fui eu a tomar a iniciativa ao me aproximar e me erguer nas pontas dos pés, ficando na altura exata para selar seus lábios com os meus.

Minhas mãos se agarraram em seu ombro e sem movimentar minha boca o encarei, esperando que me liberasse ou reagisse ao que estava fazendo.

Tony não se mexeu e me encarou sério.

— Por que isso agora, Angelina? — Não respondi e agi mordendo o seu lábio inferior, puxando-o com meus dentes.

Para que respondê-lo? Não era o que queria?

— Agradecê-lo — respondi baixo após soltar sua boca e voltar a ficar com meus pés cravados no chão.

— Ainda há pouco não queria saber de mim. E agora vem e me beija? O que seu pai lhe disse? — Ele não era idiota e isso não daria certo.

— Tudo bem! Só achei que... — Balancei a cabeça de um lado para o outro e desviei meu olhar do seu, fitando o chão.

O quão idiota fui ao pensar que poderia me envolver e dar certo para ajudar meu pai?

Acho que fui precipitada demais ao tentar virar a posição a meu favor.

— Obrigada. — Tornei a olhá-lo e me esforcei para sorrir antes de virar e deixá-lo para trás.

Não daria certo...

Não era porque sentia essa tensão quando me tocava, ou quando me beijava que achei que poderia ser o certo a se fazer. No fundo eu não iria conseguir. Seria um caminho sem volta e eu era uma covarde.

Era uma fraca e ele não.

E por mais que meus propósitos fossem maiores que meus sentimentos, não era fria o suficiente para agir como se não fosse me importar em estar com ele para fazer como havia feito comigo.

Antônio era assim, eu não!

Não quando ele sempre estará um passo à minha frente.

Tinha que ter outro jeito.

Entrei no quarto e fechei a porta sem olhar para trás, sem saber se ele estaria ainda lá fora, mas foi por segundos. Tony entrou como um tornado, batendo a porta logo em seguida. E então, veio até onde eu estava como se fosse uma tempestade se aproximando. Ele travou sua mão na

minha cintura, me puxando para si sem me dar chances para recuar. Sua boca foi possessa e sua língua invadiu enrolando-se na minha, me dizendo com todas as letras e gestos, que quem comandava era eu e não ele.

Arfei e não fiz nenhum protesto quando sua outra mão travou atrás do meu pescoço. Revidei me colando mais, sentindo seu peitoral firme contra meus seios. Estava literalmente abaixando a guarda e agindo sem saber se fazia o certo. Fechei os olhos e não quis pensar, apenas deixei essa sensação boa me tomar, esquecendo que eu precisava usar essa atração a meu favor.

Ele me apertou mais contra seu corpo e cedi deixando minhas mãos o tocar, indo diretamente para trás do seu pescoço, envolvendo meus dedos entre os fios curtos na sua nuca, enquanto isso, nossos lábios se movimentavam com avidez, me deixando aquecida e febril, principalmente excitada com sua boca castigando a minha.

Foi tão rápido e possessivo e, assim como me puxou para si, também me soltou de seus braços.

— Nunca mais saia antes de concluir o que começou — disse firme e perigosamente ao se afastar.

Tony me deixou no meio do quarto totalmente zozza e perdida, com o meio das minhas pernas formigando ao ir embora sem terminar o que recomeçou.

CAPÍTULO 23

Um ano atrás

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a horizontal stroke that extends to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the "T".

— Obrigado, Lêvi. — Encerrei a chamada com o amigo de Thomas. Ele ligou para me informar que Angelina foi atrás dele, pedindo para ajudá-la a me encontrar, pois precisava muito falar comigo.

Já até imaginava o que seria.

Há um ano roubei o quadro que “supostamente” Thomas queria que ela arrematasse no leilão, imaginei que Angelina fosse querer me procurar, mas como o nome que lhe dei era falso — alguém inventado para ser exatamente quem ela

queria que eu fosse —, jamais me encontraria, a não ser que, Lêvi ou o próprio Rootter falassem algo, o que era improvável, visto que eu tinha os dois nas minhas mãos. Thomas por ter dado droga a uma grávida, levando-a a ter uma overdose.

Imaginava como seria o escândalo em cima da sua família.

Seu pai estava tentando ser o próximo governador de Michigan e ter um Rootter como indiciado por uma morte, não seria nada bom.

Por mais que o crime tenha acontecido anos atrás.

Entretanto, nada que uma denúncia e as provas nas mãos certas para reabrirem o caso não causando uma dor de cabeça e muitos tabloides os devorando.

Já Lêvi, vendia quadros de altos valores falsificados. Eu mesmo me incumbi de descobrir seu esquema enriquecedor. Sem mencionar as obras raríssimas e roubadas bem escondidas em sua cobertura no *Soho*^[9]. Seria um prato cheio para a polícia britânica o prender e fechar sua galeria.

Os dois me deviam favores e por isso foi seguro colocá-los exatamente onde eu queria. Fazendo com que tudo parecesse normal à medida que Angelina ia conquistando seu espaço, achando mesmo que estava apenas seguindo sua carreira após se formar.

Há três anos, quando descobri sobre sua existência a monitorava e fiz com que as coisas fossem facilitadas para ela, até chegarmos no ano passado, quando dei um jeito dela não conseguir mais nada, ficando sempre na espreita até o momento que a traria e confrontaria seu pai.

Poderia ser cruel o que fiz, mas eu precisava deixá-la vulnerável ao extremo para quando nos encontrássemos novamente. Ela deveria temer para poder aceitar o que faria, porém só não contava que a italianinha fosse ser uma deliciosa distração nos meus planos.

Em contrapartida, me vi quase ferrado por ter entrado na sua cama e quase não conseguir sair a tempo de retomar e continuar com os meus propósitos. Me envolvi com ela de um jeito intenso e sem voltas e, já estava pronto para desistir quando me lembrei que uma boceta não apagaria o que seu pai fez com o meu.

E quando tudo aconteceu naquela manhã foi um adeus para ela e um até breve para mim.

Foi tudo planejado.

Thomas simulou o roubo, encenando o papel de patrão roubado e a enviou para a prisão, sob a forte acusação. A princípio a ideia era deixá-la até não ter opção e contatar o pai para tirá-la de lá, mas não consegui parar de pensar no quanto deveria estar assustada e acabei pagando uma fiança para sair antes do previsto.

Quase ferrando tudo.

Ainda por dois meses eu tive notícias suas, mas depois que voltou para Capri parei de saber, só sei que estava lá trabalhando com a avó, na pequena loja de quadros que Emma Rossi pintava.

Como a ideia era que Ângelo tirasse a filha da prisão francesa e acabou que isso não aconteceu — por meu descuido e por me sentir atraído pela sua filha —, tive que mudar os planos, preferindo deixá-la fora de tudo.

Então desde que foi para Itália e ficou por lá não tive mais nenhuma notícia dela, até o presente momento, por causa da ligação de Lêvi.

O que ela queria de mim? Provavelmente era conseguir o quadro de volta e limpar sua imagem. Mas tinha algo a mais, que insistia em me deixar com dúvidas.

Por que um ano depois e não antes?

Pelo que também tive conhecimento, Ângelo retornou a movimentação da conta no nome de Angelino, enviando dinheiro quando ela foi ficar com a avó de novo.

Algo, um ponto ali estava fora do lugar...

— O que foi? Já não quer mais se divertir? — A ruiva deitada em minha cama com apenas o lençol cobrindo seu abdome me perguntou.

Quando Lêvi ligou estava com Yelena. Uma das meninas que trabalhava em Heavenly. Ela era irmã de Yviny e foi quem me ajudou em boa parte do quebra-cabeça. A descobri quando Russel me contou que ela também trabalhava na casa na época, porém era bem nova e que não poderia dizer muita coisa.

E foi exatamente como aquela raposa velha me disse.

A russa me contou que Lion havia pedido a irmã em casamento quando souberam do bebê e que naquela noite era ela quem deveria ter ido atender Thomas Rootter VI, mas que Ângelo pediu que trocasse com Yviny, pois logo a gravidez não a deixaria mais trabalhar. Yelena não havia visto a manipulação do desgraçado por trás e cedeu o seu lugar para a irmã.

Ângelo sabia que era contra a política do meu pai, quando qualquer uma das garotas ficasse grávida fazer atendimentos.

Foi através dela que chegamos à conclusão que Ângelo estava envolvido até seu último fio de cabelo da cabeça.

— Angelina está me procurando, foi até Lêvi e perguntou se sabia algo sobre Ettore Moretti. — Yelena revirou os olhos e mudou a posição abrindo as pernas e deixando suas mãos descer para sua boceta.

— Acho que poderíamos falar de outra coisa e deixar a italianinha de lado. — Sorriu, me convidando para voltar de onde paramos antes da ligação, mas não quis. Tocar no nome de Angelina me fez perder o interesse nela. Na verdade, me fez relembrar do quanto eu a desejei e não consegui ficar longe dela pelos dias em que ficamos juntos.

Frustrada, Yelena se levantou jogando o lençol para o lado e passou por mim indo na direção do banheiro. No entanto, segurei seu braço e a trouxe para perto.

— Você se apaixonou por ela — ela afirmou, mas não era uma verdade. Não estava lidando como uma paixão, apenas gostei de ficar com a italianinha de olhos cor de avelã.

Era diferente e só me senti atraído. Não me apaixonaria pela filha do homem que arquitetou a morte do meu pai, por mais que fosse o tipo de mulher que gostava.

— Claro que não. Angelina só foi parte do meu plano e você sabe muito bem — expliquei e com a mão livre toquei seu rosto e, desci para seus lábios,

friccionei-os com a ponta do polegar.

— O mesmo que você mudou ao levá-la para cama — afirmou sem ressentimentos, apenas me lembrando de que quase joguei tudo pelos ares.

— Está com ciúmes, ruiva? — Ri quando revirou os olhos em escárnio.

— Claro que não, sabe muito bem que temos somente tesão um no outro. Eu não seria idiota a ponto de me apaixonar por você, Don Dellatore. Mas me preocupo com tudo isso. Não quero que se perca no meio do caminho.

— Agora está falando como aquele judeu intrometido. — Me referi a Percy não com desdém.

Quando Russel se foi, foram eles que ficaram aqui. Me dando lealdade em troca do que poderia oferecê-los. Foram eles e Sarah que estiveram sempre aqui. Eram meus braços e pernas. Partes de mim.

— Não diga isso dele — ela o defendeu como se estivesse ressentida, porém o riso dançava em seus lábios.

— Quando vai dizer que gosta dele?

— Não diga uma idiotice dessas. — Yelena se soltou e foi na direção do meu banheiro. — Não estou apaixonada por Hakim — disse mais alto.

— Vamos fingir que acredito e que você diz a verdade.

— Acabamos de nos enganar então. — Escutei sua risada alta. — Se ainda quiser foder vem aqui, estarei esperando no chuveiro.

Preferi não ir.

Saber que Angelina estava atrás de mim mexeu muito mais comigo do que eu esperava. E não foi só minha curiosidade que ela aguçou, ao estar em Londres,

procurando por alguém de quem deveria correr quilômetros, se mantendo o mais distante possível.

O que ela queria?

Por mais que não devesse pensar nela me peguei curioso e foi assim por dias, quando comecei a traçar como a incluiria e mataria dois coelhos de uma vez só.

A traria até mim. Se ela queria me achar, então eu estaria esperando-a.

O que Ângelo faria ao ver sua filha sendo minha?

Cada vez mais essa ideia passava a fazer parte da minha vontade.

Sorri com a possibilidade. Rever Angelina não só seria bom, mas a cereja do bolo. Tanto para mim quanto contra seu pai.

Isso se eu não achasse Chanderson primeiro. Ele era mais importante, a peça chave para todo o plano. Por isso precisava ser cauteloso e não ir com sede ao pote de água.

Esperaria a hora certa.

Não descartaria a ideia de trazer Angelina e me casar com ela, desmascarando seu pai. Fazendo-o agir no calor da raiva, quando percebesse que poderia perder a herança da esposa ao mostrar sua filha para todos, quando ela exigisse que reparasse seu erro reconhecendo-a como uma Dellatore.

Uma aposta um tanto arriscada que poderia dar certo, mas também não, se por acaso eu me deixasse levar pelo impulso de tê-la para mim novamente.

Eu só precisaria ser fiel ao plano desta vez para tudo ocorrer como o esperado.

Seria uma parte do pagamento ver a cara ferrada do seu pai vendo-a se tornar minha esposa.

Dias atuais

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a long horizontal stroke that extends to the right and then curves back down to form the letter. The "ony" part is written in a cursive, flowing style.

Avancei? Não sei, pelo menos as coisas ainda estavam na mesma, tanto com relação a Chanderson abrir a boca, quanto Ângelo se fazer de vítima e Angelina acreditando nele.

Depois de beijá-la preferi deixá-la e recuar um pouco. Já não conseguia me controlar perto dela. Toda aquela excitação e atração estavam de volta.

A italianinha achou que poderia vir e tentar me beijar sem terminar o que começou, porém ela me deixou confuso e por isso achei melhor ficar um pouco mais distante.

Foi bom.

Pude ver o quanto estava confuso e perdido.

Sim... passei a me questionar, não tendo mais certeza se estava no caminho certo e se realmente eu queria envolvê-la a ponto de quebrar ainda

mais o que restou.

Eu ainda a desejava, meu corpo a queria. Mas por outro lado ela era filha daquele desgraçado. E minha cartada final a incluía, pelo menos era o que pretendia fazer antes. O problema só estava sendo cada vez mais eu, ao querer tirá-la de tudo isso.

Prometi que quando tudo terminasse a mandaria para bem longe. No entanto, isso não aconteceria. Se eu precisasse mais uma vez teria que usá-la e isso a faria ficar presa aqui comigo, sobre o ódio e a mágoa. E se o bastardo confessasse, jamais me perdoaria pelo que teria que fazer. Não tinha saídas, só queria ter uma única solução para poupá-la de tudo.

Balancei na cadeira de couro impacientemente, buscando por qualquer alternativa que me levasse a conseguir o que queria sem envolvê-la mais.

— Anda muito distraído. Acredito que a presença dela não foi uma boa ideia. — Sarah me pegou olhando para o nada quando entrou no meu escritório, carregando umas pastas, colocando-as em seguida sobre minha mesa.

Olhei para ela e não respondi. Seria como lhe dar razão do que me disse.

— Ruiz enviou o que pediu. — Como percebeu que eu não me explicaria e muito menos falaria algo ela continuou como se não tivesse me

dito nada.

— Entregue para Percy, ele sabe o que fazer — respondi e me endireitei, tentando me concentrar em qualquer coisa que não me levasse a pensar nela.

— Os relatórios de *Heavenly* bateram perfeitamente, esse mês passei o dinheiro de Yoroslav por lá. E já retornei para ele em notas numeradas do cofre 4. — Novamente assenti tentando me concentrar no que dizia.

Minha cabeça estava a mil e não parava de pensar nas possibilidades e nas próximas jogadas. Se fosse antes esperaria mais um pouco, mas com os dois presos na casa da piscina sem falar, me sentia encurralado e propenso a agir, mexendo no que eu não queria.

— Esqueci de lhe avisar, Angelina esteve com o pai ontem. Eu a levei e fiquei próximo a porta como me pediu. Ângelo é uma cobra. Ele finge que está fraco diante dela. A pobre ainda acredita em tudo.

Respirei fundo sem saber o que fazer, me sentindo perdido esfreguei minhas mãos no rosto e bufei.

— Tony? — Sarah me chamou, mas estava tão aéreo que apenas olhei para ela e continuei calado. — Está tudo bem? — Afirmi com a cabeça e me levantei.

Não queria ver relatório, não queria falar de nada que envolvesse essa vingança. Eu sabia o que queria...

Andei até a janela que dava para os fundos da casa, exatamente para onde Ângelo e Lion estavam presos e fiquei pensando até quando eles aguentariam.

Ordenei que dessem uma pausa nas surras e deixassem Chanderson amarrado e no escuro, de vendas e com os pés e as mãos atadas se recuperando um pouco. Ângelo parecia se divertir com a minha cara. Ele levava os dias como se estivesse em um *SPA*. Pedindo livros, jornais e montando um menu do que queria comer. O velho estava me irritando, se eu não me sentisse tão atraído pela filha dele, já teria feito o que deveria ter feito e mandado estourarem seus miolos.

— Tony, seu telefone está tocando — Sarah encostou a mão no meu ombro e me chamou.

Estava tão inerte a tudo que achei que já teria saído e não escutei nem ela e muito menos o toque do celular.

— É de Nova Iorque... — Ela mostrou e me entregou o aparelho.

Ainda calado, peguei-o da sua mão e apertei para atender.

Era minha mãe me informando que Ana Valentino faleceu e que seria de bom tom eu comparecer ao enterro. Ela havia voltado com Bella e

Giovani para Nova Iorque, entendendo que eu precisava de espaço para lidar com as coisas no momento.

Confirmei que iria, sem dar muitas explicações. Aproveitei e perguntei como ela estava e informei que ficaria no apartamento e não na casa de minha irmã ao desligar a ligação.

Pelo menos daria esse tempo e descansaria minha cabeça, mas o maior problema era que se eu estivesse procurando por paz não a teria.

Pedi que avisasse Angelina e arrumassem suas coisas, a levaria comigo e isso significava que eu estaria cruzando a linha mais uma vez.

Já estava no carro que nos levaria quando ela se sentou calada ao meu lado.

E por Deus... além de cheirosa estava linda. Porém era como se fosse uma estátua, uma boneca que dobraram nas articulações e colocaram sentada após vestirem-na.

— Está linda. Gostei do vestido. — Quebrei o gelo olhando-a de cima a baixo, me sentindo perdido nessa tensão que meu corpo vivia constantemente, porém ela se manteve calada e olhando para frente.

Quando planejei tudo não imaginei sequer que ao cruzar nossas vidas eu estaria vivendo esse dilema.

Não que isso se referisse a amor. Eu só não queria me sentir débil diante do sentimento de perdê-la. Não achei que iria gostar dela de um jeito especial.

— Angelina! — a chamei enquanto o carro se colocava em movimento e tentei segurar sua mão que estava caída ao lado do seu corpo, mas ela puxou e cruzou suas mãos sobre seu colo.

O que estava acontecendo?

— Está acontecendo algo? — perguntei e me joguei na sua direção e alcancei seu queixo e os pincei com os dedos, virando-o para mim.

Angelina firmou seus olhos e ainda se manteve quieta enquanto eu tentava entender o porquê do seu silêncio.

— Vou perguntar novamente!

— Uma semana, sete dias é o que tenho, Don Dellatore. Eu não sou seu brinquedo. Não sou mais a Angelina de Paris que se derretia por você. Não serei usada como me usou. Esperei todos esses dias você aparecer e fez como antes, virando um fantasma de novo.

Entendi o motivo do seu ressentimento

— Eu estava com problemas — me expliquei, não dando muitas satisfações. Na verdade, estive pensando em como consertar e tirar ela do

meio de tudo isso.

Era consciente de que eu teria que conviver com as minhas escolhas, mas não suportaria machucá-la. Não conseguiria mandá-la embora.

Minha fraqueza, meu tendão de Aquiles haviam se tornado ela, ao trazê-la para dentro das minhas decisões. Fiquei cego em não perceber que só eu não estava enxergando o perigo que ela me oferecia.

Uma grande ironia que deveria ser ao contrário.

E isso se tornou meu grande erro.

— Você manda e todos obedecem. Você toma e todos lhe aplaudem... — A interrompi mantendo seu queixo erguido na minha direção.

— Você está brava comigo porque não apareci no seu quarto? É isso? — Sorri, me deliciando com o que acabava de descobrir.

Angelina estreitou os olhos e deu um tapa em minha mão.

— Não achei que fosse sentir minha falta — retruquei me sentindo melhor com essa nova dinâmica entre nós dois, deixando de lado qualquer outro pensamento.

O que seria minha própria ruína...

— Não senti, apenas... — Angelina se calou e virou para frente sem me responder.

— Tudo bem, não precisa falar nada. Vamos para Nova Iorque, lá me terá exclusivamente para você, além de tempo para dizer o quanto sentiu minha falta — disse como se fosse normal. Como se ficar sozinho com ela fosse melhor.

E quem sabe eu conseguiria achar uma solução para não ferrar tudo ainda mais.

CAPÍTULO 24

Angelina

No dia anterior fui ver meu pai e consegui levar uma faca de refeição para ele. Mas no que isso o ajudaria? Não fazia a mínima ideia. Foi tudo que pensei levar quando me trouxeram o almoço. A escondi sob uma blusa folgada, disfarçando para ninguém desconfiar. E para não perceberem o sumiço do talher, fingi esbarrar na mulher que foi recolher, fazendo-a derrubar no chão a bandeja. Assim se dessem falta eu conseguiria arrumar uma desculpa e jogar a culpa nela.

Por mais que isso me fizesse sentir muito mal.

Não era do meu feitio trapacear ou mesmo jogar a culpa em alguém inocente. Eu não era como Tony, que agia sem comiseração e compaixão.

Mas foi a única forma que encontrei para ajudá-lo.

E por sorte havia sido ontem, pois fui informada hoje pela manhã que eu o acompanharia em uma viagem.

O que não esperava era que fôssemos ficar juntos em um apartamento ao invés de ser em um hotel.

Eu estava com raiva dele. Por dias ele sumiu, não o vi pela casa, não fiquei sabendo o que estava fazendo e sequer veio me ver. Não que isso fosse importante, mas o que me deixava frustrada era a forma como agia, me mostrando a todo momento que era ele quem mandava e só suas ordens seriam acatadas.

No carro ele tentou falar, se justificar, mas acabamos ficando em nossas próprias bolhas após embarcarmos e durante todo o voo. Na verdade, foi até bom, assim eu conseguia pensar no que fazer.

Ninguém imaginava o quanto estava sendo difícil duelar e tentar entender a natureza dos meus sentimentos, quando eles mesmos não se entendiam.

Eu queria ajudar meu pai, queria sentir o que senti naquela semana em Paris. Queria ceder, odiá-lo e fugir para bem longe dele. Mas esse duelo de tantos sentimentos conflitantes me colocava em uma linha que jamais pensei que ficaria.

— Por que aqui e não em um hotel? — Fiquei parada olhando ao redor enquanto as portas duplas do elevador se fechavam logo atrás de onde estava.

O apartamento era quase no mesmo estilo que sua casa em Los Angeles. Mas a diferença era a enorme vidraça que cortava todo o imóvel.

Não era muito grande, mas luxuoso o suficiente, não deixando nada a desejar. A cozinha e a sala eram enormes e integradas. Um enorme balcão as dividia. Na lateral tinha um corredor, que imaginei ser o que levasse para os quartos.

Ainda observava os detalhes quando ele se aproximou, parando na minha frente, ordenando para Bronk que levasse as malas para o quarto. Olhei para cima e fiquei presa no seu olhar.

Por dentro já lamentava o quanto me sentia cativa quando me olhava possessivamente assim.

Estava cada vez mais difícil ficar me lembrando de que ele não era o homem simples e divertido de Paris.

O bom moço.

Antônio Dellatore só queria saber dos seus objetivos e nada mais lhe importava.

Ele era dominante e inegavelmente manipulador. E não precisava falar nada para me fazer sentir completamente perdida diante dele.

Mas agora eu tinha mais propósitos do que quando cheguei.

— Porque aqui é meu. Não tenho que ficar em um hotel se este apartamento é perfeito para passar uns dias. E preciso avisá-la que tem apenas um quarto e uma cama — respondeu e sorriu ao ver que me surpreendi com que acabava de dizer.

Por Deus... Como era arrogante.

Inspirei profundamente me lembrando que meu pai precisava disso e eu ainda mais.

Não era sadio e eu tinha que voltar para Capri e, me manter longe para sempre.

Lá a vida seria simples e parte de tudo que vivi naquela semana em Paris iria comigo por toda a vida. Que se foda o quadro e minha imagem, eu

poderia viver sem, só não conseguiria se ele tirasse tudo de mim e não deixasse nem minhas forças para retornar para casa.

Suspirei certa de que eu iria me arrepender pelo resto da minha vida por ceder. Eu me apaixonei por ele e isso iria me matar, pois Tony jamais amaria alguém acima da sua vingança contra meu pai.

— Mas tem um sofá e você poderá dormir nele perfeitamente — o provoqueei e sorri ao terminar de falar.

— Se acha que ficarei naquele sofá... — ele apontou para o enorme móvel branco de 5 lugares que ficava a frente e da enorme tela suspensa no ar, logo acima da lareira moderna —, está completamente enganada. Dormirei ao seu lado, sentindo seu corpo moldado ao meu. Me deliciando com a pressão da sua bunda apertando e roçando no meu pau duro. Sentirei seu cheiro e você ficará nos meus braços enquanto dorme à noite inteira.

Que filho da puta.

Ele me ignorou por uma semana. Como pode chegar em minutos e me deixar confusa a ponto de me colocar dentro do caos?

— Você não irá e eu não irei dormir em seus braços. — Por mais que eu precisasse, que ele me visse dócil e disposta a ceder aos seus

caprichos o modo como falava comigo me fazia sentir contestada e sua propriedade.

Tony já me usou muito e por mais que quisesse fazer isso, como uma solução, eu ainda ficava muito dividida entre tudo que aconteceu anteriormente.

Tipo pensando: eu quero, porém já fui usada.

E o sentimento por ser largada com tantas coisas para resolver sozinha não era nada bom.

Eram tantas coisas: Meu pai, voltar para casa, esse sentimento de mágoa, que ainda permeava constantemente e que me deixava muito confusa.

Meu corpo o queria, mas minha mente trabalhava para negá-lo constantemente.

Era fraco o pretexto de ceder com o propósito de fazê-lo se apaixonar por mim. Eu estive uma vez nessa posição e não consegui que ele me amasse. Que garantias eu teria de que daria certo? Que ele não passaria por cima de mim como um rolo compressor como foi da primeira vez?

Nenhuma...

— Veremos, ainda é de tarde, temos um funeral para comparecer e quando voltarmos vamos ver quem vai vencer.

Era sobre isso: Ele nunca cede, sempre mantém a gana de se sentir vitorioso.

Dei de ombros e me virei, sem saber para onde iria, mas ele não permitiu, Tony agarrou e apertou minha cintura entre seus dedos, me puxando com firmeza até que me chocasse com seu tórax e abdome bem definido.

— Nova Iorque vai ser inesquecível, assim como foi Paris. — Me remexi enquanto sua boca ficava perto da minha orelha e sussurrava em tom de aviso.

Ele me soltou e gargalhou.

Tenho certeza que estava se divertindo muito.

— O patrão precisa de mais alguma coisa? — Bronk pigarreou e perguntou, interrompendo.

Fui salva pela segurança quando retornou para onde estávamos.

— Veja se o carro já chegou — Tony mudou sua postura e o tom da sua voz ao ordenar.

Bronk, que descobri ser o de cabelo castanho e Shark o loiro grandão, nos deixou e só me virei na direção do seu patrão quando escutei as portas do elevador se fecharem.

— Caso queira pode se trocar antes de sairmos... — Balancei a cabeça e neguei.

— Onde vamos? — perguntei me distanciando dele como se estivesse ainda analisando o apartamento.

— Um funeral na casa dos Valentino — me informou

— Quem são? — perguntei e andei em círculos, ainda evitando olhar para ele.

A entrada de Bronk foi como se tivesse jogado um balde de água fria e o agradei. Não estava pronta para bater de frente com Tony.

Duvido que um dia eu estaria.

— Os chefões... — Tony riu e quando me virei na sua direção o vi mexendo em alguma gaveta naquele balcão —, a sogra da minha irmã morreu — completou, explicando de quem era o funeral.

— Não sabia que tinha uma irmã. — Na verdade, eu não sabia de quase nada, apenas o que me permitiu conhecer.

Era frustrante, como pude ter sido tão ingênua, achando que ele era como eu.

— Achei que tivesse conhecido ela quando estive em Los Angeles na semana passada. — Neguei com a cabeça. — Também tenho quatro sobrinhos. Any, Giovani II, Francesco e Giuseppe. Pepe e Fran são os mais novos e gêmeos. — Tony terminou de mexer dentro da gaveta, fechando-a após pegar uma chave e colocar no bolso.

— Você também tem mãe? — Ele sorriu e debruçou sobre o balcão apoiando-se nos braços e cotovelos.

— Sim. Ela está aqui e também esteve lá em casa com Bella. Engraçado como não as viu — disse em tom de reflexão.

— Esqueceu que sou uma prisioneira sua? Não teria como encontrá-las. Ou mesmo bater um papo e dizer: “*Oi mãe do Don Dellatore, eu estou aqui e sou prisioneira do seu filho*”. — Por mais que não quisesse discutir com ele, acabei não me controlando ao respondê-lo com sarcasmo.

— Elas sabiam sobre você. E você só não pode sair do portão para fora.

— Quanta diferença... — Dei de ombros e olhei para o elevador ao escutar as engrenagens travarem e as portas se abrirem com Bronk

voltando.

— O carro está pronto — ele informou.

Então conheci a irmã dele. Uma mulher linda e muito simpática. O marido era sério e me olhava como se pudesse me sondar. Os irmãos dele apenas nos cumprimentaram e quase não conversaram com Tony. Eles apertaram a mão e assentiram. E as mulheres que acreditava serem as esposas apenas mexiam as bocas em um sorriso formal.

Em geral, todos que estavam ali eram apáticos e sérios a não ser pela mãe de Tony, que ficou próxima o tempo todo. Ela pelo menos foi cordial e tentou dentro do possível me deixar menos desconfortável. Me fazendo perguntas sobre Capri e coisas triviais.

Não demoramos muito e dentro do carro fiquei me perguntando o porquê dele ter ficado calado boa parte do tempo.

Era estranho, como se ele não estivesse ali porque queria.

— Vamos jantar antes de voltar para o apartamento. — Assenti e fiquei ainda perdida nos meus pensamentos observando as ruas de *Manhattan*.

Vim a Nova Iorque apenas uma vez e não saí do aeroporto. Havia feito uma conexão e estava esperando um voo para *Detroit*. Trazia um dos quadros de Rootter e confesso que a noite, com os leds de propaganda pendurados pelas fachadas, tudo se tornava tão apaixonante e encantador.

Quem sabe algum dia eu viria a Nova Iorque e passearia, meu sonho era conhecer o *Museu Metropolitano de Artes*. Acreditava que poderia associar meu lado turista e apaixonado por artes ao trabalho em algum momento, onde eu me daria a oportunidade de conhecer o museu.

Mas... Tony me tirou essa oportunidade.

E por mais estranho que fosse, o carro em que estávamos, passava exatamente na frente no momento em que reformulava meus planos para daqui alguns anos eu poder conhecer o MET.

Suspirei fundo, olhando para fora, vendo as escadas e a enorme construção.

Tony não só me usou, como também me roubou tantos sonhos ao entrar na minha vida.

Apertei os olhos e mordi o lábio inferior e funguei segurando o choro.

— O que foi? — Tony se aproximou e tentou puxar meu rosto, mas travei impedindo-o que visse como me sentia. — Está chorando? — Apertei ainda mais meus lábios.

Que saco...

Parece que quando alguém pergunta se está chorando dá ainda mais vontade chorar.

— Não!

Ainda não...

— Angelina, olhe para mim — ele ordenou, mas não consegui e ainda segurando a onda de lágrimas que se embolavam, doidas para saírem, balancei a cabeça dizendo não.

Tony não se deu por vencido e se aproximou mais, se espreitando no pequeno espaço. Ele quase subiu em mim, me fazendo virar o rosto para ele.

— O que aconteceu? — Meus olhos já estavam embaçados ao encarar os dele.

— Eu não quero jantar, só me leva para aquele maldito apartamento. Não quero falar e se quiser deitar na mesma cama que eu não o impedirei,

só não roube mais nada de mim. — Por fim, escondi meu rosto dentro das minhas mãos e deixei que o choro saísse livre.

Por dois anos precisei erguer a cabeça e ser forte não só por mim. Não chorei, lamentei ou tive tempo para sentir remorso das minhas escolhas.

Eu perdi e ganhei na mesma proporção, tanto que nunca parei para pensar que poderia ter sido diferente e que se fosse como teria sido.

— Nos leve para o apartamento — Tony ordenou para o motorista e se aproximou, me puxando para seu colo.

Não o impedi, estava cansada desse duelo que só queria o silêncio, independentemente se fosse no meio dos seus braços ou não.

CAPÍTULO 25

Tony

A carreguei no colo em silêncio.

Assim como ela quis eu fiz. Levei-a para o apartamento em completo silêncio. Sem perguntas e questionamento.

Sabia que ela estava sofrendo e não imaginava o quão profundo era, só tinha ciência que tudo se relacionava ao que fiz ela passar. E isso me assustou tanto que jamais esperei vê-la chorar e se sentir abatida assim de repente.

Achei que as coisas estavam melhores, não boas, porque nunca ficariam. Eu a machuquei e não conseguia dimensionar o que se passava

dentro dela.

Eu só queria saber como consertar.

Nunca a vi chorando e foi assim do nada. De repente começou. Até então achava que estava indo tudo bem.

Não conversamos muito durante o funeral de Ana Valentino, deixei-a mais na curiosidade de dona Nina, mas isso não queria dizer que não estava prestando atenção nela. Ao contrário, não só estava, como meus pensamentos eram todos dela.

Pela primeira vez desejei que ela não fosse a filha de Ângelo.

Poderia ser apenas uma mulher por aí, que com certeza eu me interessaria por ela.

Em nenhum momento eu a desejei por um motivo que não fosse porque a queria. Ela ser quem é foi só um acaso e infeliz infortúnio.

— Está tudo bem? — perguntei ainda preocupado por vê-la desse jeito piedoso.

Angelina já tinha parado de fungar e estava encolhida nos meus braços com a cabeça aninhada no meu ombro.

Respirei fundo me vendo pela primeira vez como o vilão dessa história.

E que caralho...

Doeu mais em mim do que nela ao ver a tristeza em seus olhos.

Até aqui eu sempre tive consciência de que meus atos não doeriam mais neles do que em mim mesmo. Mas jamais esperei que olhar para ela e a viesse chorando me fizesse pensar em todas minhas atitudes.

Deve ter sido difícil e não queria que ela passasse por mais nada.

Eu queria mais...

Foi quando me dei conta do quanto queria protegê-la.

E eu a protegeria e mataria se fosse necessário, mas por ironia, eu teria que ser o primeiro a morrer.

Meus pensamentos me fizeram rir amargamente.

Eu a tinha, mas era o mal em sua vida. Eu queria a proteger de tudo e de todos, mas não de mim mesmo.

Eu era um egoísta ferrado, porque no fundo eu não a deixaria sair nunca mais de perto, independentemente do que aconteceu.

Eu a queria e que se foda todos... seu pai, Chanderson ou qualquer sentimento pérfido que sempre me moveu a seguir em frente.

“Ao fim a vingança levou tudo e não te deixou nada.”

E eu estava prestes a perder o que restou.

Não valeria de nada se no fim ela não estivesse comigo.

Nenhum sentimento de vitória sobre quem matou meu pai seria o suficiente para suprir se Angelina fosse levada com ela.

Eu teria que me decidir.

Mostraria a verdade toda o quanto antes, ou deixaria que eles a levassem com eles?

Continuei com ela nos meus braços e a carreguei por todo tempo.

Pela primeira vez Angelina não protestou, não argumentou. Ela ficou quieta como se tivesse sido derrotada em uma batalha onde eu seria o maior perdedor.

— Está tudo bem? — perguntei de novo.

Se Angelina me pedisse algo neste momento eu daria a ela, só para não ver mais essa tristeza estampada em seus olhos.

— Está sim! — ela respondeu baixo quando entramos no apartamento. Ainda com ela nos braços caminhei até colocá-la na cama como me pediu.

Ela se aninhou aos travesseiros e virou de lado, me dando as costas.

Não poderia deixar as coisas ficarem assim.

— Sei que não quer falar, mas acho que precisa de um bom banho de banheira.

— Tony... — ela disse meu nome e suspirou —, não estou com cabeça para ficar rebatendo, não quero nada, eu só queria ir embora, voltar para Capri e fingir que nada disso aconteceu, que não conheci você — concluiu e semicerrou os olhos, levando as mãos em posição de oração para baixo do seu rosto.

— Eu disse na intenção de você relaxar.

— Obrigada..., mas não quero. Quero ir embora. Não sei porque está fazendo isso comigo. Vá lá e o mate, mas me mande para bem longe de você. Jamais vai entender o quanto me sinto usada e suja. Eu tinha me apaixonado por você em Paris, achei que era verdadeiro, mas você tirou tudo de mim. Me usando e me deixando com tantas responsabilidades sozinha! Eu não mereço pagar por qualquer coisa que você acha que meu pai fez. Você sangra e quer que todos, independentemente de quem quer que seja, sangre também. — Angelina voltou a chorar e não me contive ao me aproximar e sentar no espaço que sobrou entre a cama e seu corpo.

Não queria que se sentisse mal.

— Eu lamento muito, não queria que você fosse filha dele. Mas se quer saber... se fosse ou não eu teria ido até você em Paris. Eu quis você, eu a desejei e não foi mentira. Pode acreditar ou não, eu a desejo como um louco. Mas... — não concluí e me afastei.

Era melhor deixá-la descansar, haviam feridas que se mexesse naquele momento ao invés de formarem a casca elas sangrariam ainda mais.

— Por que então?

— Não sei! — Neguei com a cabeça respondendo-a em voz alta.

Não tive uma explicação para o que eu sentia.

— Eu queria acreditar que fosse realmente assim.

— Mas é! — repliquei.

— Você diz que meu pai é quem ajudou a assassinar o próprio irmão e por isso se justifica em tudo que fez, mas ele não é um monstro, Tony. — Me virei e a vi se sentando na cama. — Eu queria acreditar que pelo menos dessa vez você está me dizendo a verdade.

— Sei que você vai preferir acreditar nele, mas espero um dia poder te mostrar tudo. E se quer saber a cada dia que passa fica ainda mais perto dele chegar.

— Para você só importa o sentimento de honra e vingança. Já se perguntou se realmente é amor o que você sente por esse sentimento de perda? Seu pai morreu e não vai voltar.

Ela tinha razão: meu pai não voltaria, mas ainda assim eu não poderia pedir perdão pelo meu julgamento.

Neguei com a cabeça, coloquei as mãos no bolso da calça e caminhei novamente para perto da cama, parando bem aos pés dela.

— Não... ele não vai voltar e também não me perguntei porque tenho certeza de que não é raiva, mágoa, decepção, amor ou ódio, muito menos uma adoração surreal. É bem pior. É algo que não só consome, mas com o passar do tempo vai corroendo tudo de bom que tem dentro de nós... É a culpa! Eu sinto culpa pelo que perdi e poderia ter feito diferente — respondi friamente.

Angelina não me entenderia e não poderia exigir que fosse compreensiva, sendo que ela foi a única inocente no meio de tantos culpados.

— E por que você se culpa? — Angelina me encarou e ainda estava lá, o olhar caído e triste quando sustentei o peso deles.

— Quer mesmo saber? — Ela assentiu e por um momento fiquei encarando-a, analisando se realmente deveria contar toda a história.

Sim...

— Na noite em que meu pai morreu... — engoli em seco. Mais uma vez eu estava voltando onde tudo começou, onde eu fui culpado tanto quanto os outros —, horas antes encontrei com seu pai na minha casa. Até então tínhamos um relacionamento amigável, éramos a família unida, que o ajudou e apoiou na morte do seu filho.

— Filho? — Angelina me interrompeu surpresa.

— Sim, seu irmão, Romeo!

Agora não teria mais volta...

— Ele havia falecido fazia poucos meses em um acidente de carro em Sta. Monica. Estava ele e mais um amigo apostando corrida, um tipo de *street car race*^[10] e seu carro bateu de frente com um caminhão de lixo quando foi ultrapassar. Romeo morreu na mesma hora com o volante esmagando suas costelas no momento do impacto, tendo seus pulmões

perfurados em diversos lugares. Quando o resgate chegou, ele já estava morto. E então Tia Sophia se afundou em profunda depressão.

— Mas o que isso tem a ver com meu pai estar envolvido com a morte do seu? O filho dele morreu e isso não diz nada.

Ignorei o comentário ácido e continuei...

— Estava contando a história da família — repliquei com sarcasmo.

Eu estava disposto a parar com esse cabo de guerra, mas pelo visto ela não.

— Naquela noite ele deu a entender que eu era filho adotivo... — Angelina franziu o cenho, mas não me interrompeu dessa vez, o que foi maravilhoso, já estava me arrependendo de contar toda a história e de não só quebrar meu voto com Bella, mas por depois no fim ela ainda continuar acreditando no ferrado do seu pai.

— Meu pai tinha a mesma rotina todos os dias. Enquanto ele ficava em casa com a família era seu pai quem cuidava das boates e das mesas de jogos. A família Dellatore coordena um grande esquema de prostituição, boates e mesas de jogos. Tudo quanto é tipo de jogo sujo, desde rinha de galos, quanto mesas de poker e máquinas de jogos. Temos diversos cassinos espalhados pela Califórnia. E era Ângelo que fazia a contabilidade deles. Ele era o braço direito de Francesco Giuseppe Dellatore. Meu pai não ficava pelas ruas à noite, ele ficava em casa com a família dele. Mas na noite em

que foi assassinado, Ângelo me instigou tanto que fui questionar se de fato era seu filho.

Respirei fundo, enfiando as mãos no bolso andando de um lado para o outro e por algumas vezes parando diante da enorme vidraça que dava vista para o *Central Park*. Fiz diversas vezes essa mesma linha reta, indo e voltando de um lado para o outro.

Continuei:

— Discutimos, ele me pediu desculpas por esconder que Bella e eu não éramos filhos biológicos seus. — Respirei fundo.

Parecia que contar para Bella não foi tão difícil quanto estava sendo para ela.

— Eu disse que não o perdoava e dei as costas. Disse que não seria seu herdeiro. Por causa da nossa discussão ele demorou mais tempo no escritório e ficou lá sozinho bebendo e fumando seu *partagas* — sorri amargamente. — Era tarde quando escutamos tiros e quando fomos ver o que tinha acontecido. Eu, minha mãe e Bella o vimos caído na entrada, próximo a escada, morto. Foram 15 tiros a queima roupa.

— Meu Deus... — Angelina levou as mãos na boca e me olhou assustada.

— Era o fim. E eu não o perdoei, não disse que eu o amava e que não poderia ter tido um pai melhor que ele. Por minha causa ele ainda

estava lá embaixo. — Trinquei os dentes ao semicerrar os olhos lembrando da cena.

— Meus sentimentos...

— Não se lamente, Angelina, não preciso da sua piedade — respondi. — Seu pai o queria morto para ter a cadeira dele. Como eu e Bella não éramos filhos de sangue, ele poderia reivindicar no conselho uma consanguinidade. Não seria fácil, mas como éramos despreparados ele conseguiria tirar de nós o clã. O que não esperava é que os Valentino fossem nos acolher e assegurar que voltássemos e assumíssemos. Ou melhor, Ângelo, jamais esperou que Giovani iria rastejar aos pés de Bella. Ele a validou como Don quando eu não quis assumir e passei para ela meu direito, mas eles se casaram e minha irmã decidiu abdicar me devolvendo a cadeira. O conselho me validou e seu pai não teria mais como contestar.

— Mas o que meu pai teria? Foi ele que atirou? — Não foi uma pergunta com o tom de dúvidas e sim de alguém que estava querendo entender melhor.

— Não atirou, mas arquitetou para que outra pessoa fizesse por ele o que não tinha coragem. Foi Lion Chanderson. Um segurança que estava envolvido com umas das mulheres de Heavenly. Ela estava grávida e seu pai mandou que atendesse um cliente. A política era que as grávidas não atendessem e Ângelo sabia muito bem que meu pai iria impedir se

soubesse. Yviny injetou tanta heroína naquela noite que morreu por overdose e Lion... — fiz uma pausa e parei no meio do quarto olhando para ela.

— Ele foi e matou seu pai. — Assenti quando Angelina concluiu.

— Seu pai é tão culpado quanto Chanderson. Ele só precisava de alguém que tivesse coragem para fazer o que não tinha.

— Meu Deus, Tony. — Angelina fez menção de se levantar, mas neguei com a cabeça e ela entendeu.

— E eu não disse adeus, ele morreu sem saber que eu o amava como meu pai! Então não é a raiva pelo que seu pai fez é culpa por não ter feito enquanto ele estava vivo. E hoje sou refém dela. Carrego as consequências dos meus atos e sou tão ciente de que isso dói *pra caralho* e por isso não só eu preciso sofrer, seu pai e Chanderson também... Não espero que me entenda ou que ache que estou justificando o que fiz com você. Lamento muito que chegamos nesse ponto, mas um dia você vai saber quem realmente é Ângelo Dellatore, só espero que esteja preparada para acreditar depois em mim e que não seja tarde. Não espero que me perdoe pelas merdas que fiz você passar, eu mereço seu ódio, Angelina. — Me aproximei, subi de joelhos na cama e fiquei tão perto. Mas eu só queria que ela olhasse em meus olhos, porque o que eu iria falar ela precisava saber que não era mentira e que não estava vivendo um personagem.

Segurei seu rosto entre minhas mãos e aprofundei meu olhar no seu.

— Pode me odiar o quanto quiser, mas eu, Antônio Dellatore, a desejo e a quero cada maldito segundo dos minutos. Não estou dizendo e nem manipulando para que acredite em mim. Só quero que saiba que não vou parar e que vou fazer seu pai pagar por tudo e isso não vai ser um peso para medir o que sinto por você. Em Paris foi real. Por dias, ali com você, eu desejei ser aquele cara que dormia contigo nos braços e acordava sentindo seu calor e perfume. Eu quero protegê-la até de mim — ri com ironia do que estava dizendo. — Então se quiser ir embora não vou segurá-la. Seus documentos estão na minha mala, tem dinheiro lá também. Peça para Bronk te levar para qualquer lugar que quiser. Você está livre. Ah... e não somos primos de sangue. — A soltei e respirei fundo, sentindo meu estômago se afundar no vazio e minha respiração falhar.

Doeu, mas mesmo que a quisesse e precisasse tê-la ao meu lado eu não iria parar e sabia que no fim isso a destruiria e não estava disposto a abrir mais uma cova.

— Tony... — Me afastei e saí de perto dela.

Dei-lhe as costas e fui para o banheiro, precisava de espaço.

Acabei de deixá-la livre e começava a provar um pouco do meu próprio inferno.

Nunca os conselhos que me deram, me alertando do risco que correria me fizeram tanto sentido.

“Na vingança, não é só corpos, é mente, alma e coração. Nenhum deles escapa ileso dela.”

Ela sabia a verdade e só dependia dela acreditar ou não!

CAPÍTULO 26

Angelina

— O que você está fazendo? — Tony abriu os olhos e ergueu sua cabeça na minha direção. Ele me encarou e manteve-se sério.

Demorei um tempo, exatamente trinta minutos, para saber qual atitude tomar depois que Tony veio e se mostrou como verdadeiramente é.

Sem entremeios e deixando sua verdadeira natureza diante de mim. Vê-lo vulnerável, desnudo de sua carcaça vil, me fez perceber que eu já estava condenada e presa a ele.

Quando cheguei na sua casa — novamente enganada —, acreditando que aquele emprego me levaria até ele, só pensei em mostrar o que havia feito comigo, queria despejar, cuspir, vomitar, esfregar na sua cara, o que fosse. Só queria que soubesse de tudo que me fez passar e dizer que ele se lembraria para o resto da sua vida e que seria tarde para reparar as consequências das suas atitudes.

E, por dias, estive prestes a revelar o real motivo para querê-lo localizar, mas fui vendo que ele não merecia saber de nada. Que deveria padecer achando que só ele sabia mentir, esconder e manipular.

Poderia não ser fria como ele, mas aprendi a jogar seu jogo muito bem depois do que fez comigo.

Mas não queria mais.

Só queria esquecer tudo...

Talvez eu o perdoasse um dia, ainda era cedo para esquecer, no entanto, não negaria o quanto também o desejava. Meu corpo todas as vezes que ele estava por perto era atraído como se uma força atrativa e magnética nos quisesse unidos. Não tinha explicações, era desejo, luxúria, anseio e tesão. Uma paixão avassaladora que me consumia e me fazia querê-lo de todos os jeitos possíveis.

Por isso eu precisava desse vício, dessa toxicidade que emanava dele.

— Você me disse que Nova Iorque seria ainda mais inesquecível que Paris — disse convicta do que eu queria.

Quando falei e ele me viu, já tinha entrado dentro da banheira e estava em pé à sua frente com a água batendo quase nos joelhos.

Tony estava sentado com as suas pernas abertas.

Assim que, decidi que também era capaz de me anular por uma noite, ou alguns dias — só para ter certeza de não me arrepender depois —, fui atrás dele no banheiro, mas quando cheguei na porta eu o vi, deitado dentro da banheira com a cabeça apoiada na borda e tombada para trás, de olhos fechados e seus braços estavam esticados nas laterais.

O que acontecesse aqui dessa vez eu seria consciente ele do que era capaz. Não seria enganada e muito menos ludibriada.

Mas acabei ficando em dúvidas se ia ou não. Ou melhor, se eu o queria tanto assim.

Na verdade, eu já tinha certeza de querê-lo muito, mesmo antes dele me dizer que poderia ir embora. Porém, eu só teria essa certeza se entrasse naquela banheira e deixasse acontecer o que meu corpo estava me pedindo.

Certa do que faria, tirei toda minha roupa e me aproximei não tão confiante, mas me deixei levar pelo instinto, mesmo com o medo da rejeição pairando sobre minha cabeça.

— Vim por você — respondi e me abaixei sentando na outra extremidade da banheira. A água morna e a espuma cobriram quase até meus ombros e senti aquela onda me invadir quando encostei em suas pernas.

Arfei e suspirei fechando os olhos, gostando da sensação.

— Não preciso que venha se oferecer com um prêmio de consolo, Angelina — me respondeu frio e distante.

— Quem disse que você merece um prêmio? Meninos maus merecem castigo — rebati e fiquei de joelho. Não esperei que me puxasse, fui engatinhando e parei perto, com minha boca a centímetros da sua e com meus olhos nos seus. — Vim pegar o que me roubou há dois anos. Quando me deixou ir para aquela cela fedida a bebida e queijo estragado, lá fiz uma promessa, de que eu o acharia nem que descesse até o inferno.

Movi o rosto e deixei meus lábios esfregarem no canto da sua boca enquanto meus olhos não desgrudavam do seus.

Ele se mexeu bruto e rápido, toda a água fez aquela onda saltando para fora. Sorri satisfeita quando sua mão segurou minha nuca e fez meu rosto ficar ainda mais encostado no seu.

— Você sabe que dessa vez não vai parar o que está começando. E você sabe que ainda vou matar seu pai? — Sibilou entre dentes e confirmei balançando a cabeça.

Que se foda o que faria... Nesse momento eu não colocaria meus conceitos e o que achava da vida. Eu só queria isso, pensando somente em mim.

Todos mentiram e quem mais foi afetada fui eu, então não sabia quem falava a verdade. Estava com minha consciência tranquila. Ajudei meu pai, conseguindo a faca e Tony não ficaria sabendo de nada. O que me importaria daqui para frente seria simplesmente eu e mais ninguém.

Era sobre tesão e atração...

E mesmo ele me permitindo ser livre nunca me deixaria ir de verdade.

Então...

— Eu não vou parar porque não quero que pare... — respondi em um sussurro ainda mais baixo sentindo meus lábios espremerem nos seus ao movimentarem rente.

— Angelina vai por mim, não estou jogando, quando eu começar você sabe que não vai ter volta. — Concordei.

— E nem quero que tenha... — novamente sussurrei e fechei os olhos.

A mão de Tony ainda estava me prendendo de tal maneira que meu corpo era forçado a ir contra o seu, fazendo meus mamilos ficarem esmagados contra seu tórax.

Remexi ainda me mantendo de quatro entre suas pernas com o rosto a centímetros do seu.

— Só quero o que me prometeu. Que seja ainda melhor do que foi há dois anos.

— E será, Angel! — Seus olhos brilharam e ainda me segurando pela nuca, seus dedos apertaram enquanto uma das suas mãos me puxava para frente, me fazendo cair sentada em seu colo.

Ele fechou as pernas e segurei-as com as minhas coxas quando senti a pressão do seu pau já ereto contra minha virilha, gemi e fechei os olhos.

Sem pudor algum me esfreguei e rebolei sentindo o quanto estava duro e firme.

— Então me faça sua, Antônio Dellatore — enfatizei seu nome como se estivesse ordenando-o e aquele lindo sorriso dançou nos seus lábios antes dos mesmos procurarem minha boca, mordendo-a e chupando-a. Sua língua traçou minha boca de canto a canto lentamente, como se estivesse experimentando o gosto de algo só com a ponta dela.

Um arrepio percorreu minhas costas descendo de cima para baixo indo parar no meio das minhas pernas. Meu sexo pulsou e me remexi sentindo ainda mais a cabeça do seu pau entranhar os lábios molhados.

Arfei.

Era isso que eu precisava para me sentir viva.

Era do seu toque, da sua boca na minha.

Desde que o vi relaxado, sabendo que seria preciso um passo meu para as coisas ficarem bem, como foi com aquela conexão que tivemos em Paris.

Esfreguei meu corpo no seu e Tony, desgrudando da minha boca, enrolou meus cabelos na sua mão fechando-a e puxando os fios para o lado. Meu pescoço ficou exposto e sua boca o devorou, beijando, lambendo e mordiscando.

Revidei quando ele afrouxou o puxão e consegui novamente alcançar sua boca, mas ao invés de beijá-lo eu precisava sentir sua pele, seu calor e seu perfume.

Fantasiei tantas coisas, mas nenhuma delas chegou a esse momento.

Era faminta a forma como ele me mordia e beijava e, eu revidava igualmente.

— *Il mio angelo perfetto*^[11]! — Sua voz saiu travada e sussurrada, me deixando ainda mais excitada ao me dizer, na minha língua nativa, que eu era seu anjo perfeito.

Tony era lindo e eu queria provar tudo dele quantas vezes pudesse.

Suspirei sentindo o gosto quente da sua boca impregnar na minha enquanto seus dedos soltavam minha nuca e desciam, cravando-os na lateral

do meu quadril, me apertando e me fazendo esfregar minha boceta sobre seu pau.

Gemi já sentindo que eu o queria logo dentro de mim.

Foi tanto tempo sem tê-lo que eu estava faminta para esse momento.

— Que saudades... — ele arfou e disse entredentes ao jogar seu quadril para cima, espremendo nossos sexos um no outro.

Jamais pensei que sentiria falta disso, ou dele e de seus toques, mas percebi que estava padecendo sem mesmo termos começado direito. Era como se ele só estivesse me alimentando aos poucos para logo saciar minha fome completamente.

Esfreguei meus seios e rebolei.

— Por favor, Don Dellatore... — Tony parou de me beijar e me olhou sério ao escorregar suas mãos para a lateral da minha bunda e espremê-las, apertando-as com as pontas dos dedos enquanto ele rebojava resfolegando seu pau contra meu clitóris.

— Quem eu sou? — ele perguntou e apertou seu quadril contra o meu e gemeu quando a cabeça bulbosa quase entrou em mim.

Mas ele parou e levou uma das suas mãos até essa junção deliciosa e me masturbou, brincando no meu botão excitado. Meu corpo se contraiu e me agarrei a ele quando seus dedos me invadiram, me preparando para recebê-lo.

Fechei os olhos e senti que estava hiperventilando enquanto investi meu sexo contra sua mão.

— Sabe bem quem sou eu agora? — perguntou firme e quando reabri meus olhos encontrei os seus ainda mais com aquele brilho perigoso.

— Sim... — Arfei e choraminguei quando tirou seus dedos e passou a esfregar novamente a ereção longa em um vai e vem.

— Então diga meu nome. É dele que sempre se lembrará quando seu corpo pedir para ser fodido — me respondeu ainda mais pesado e sedutor.

— Tony... por favor — choraminguei seu nome, semicerrando meus olhos, gostando da sensação do seu quadril moer em minha boceta sem estar dentro dela.

— Me beija! — pediu e eu o atendi ao segurar seu rosto entre minhas mãos e deixar minha boca fazer todo o trabalho enquanto as suas voltavam para minha cintura. Elas me ergueram um pouco e Tony se acomodou me descendo em seguida, se encaixando todo dentro de mim, afundando toda sua rigidez grossa até a base.

Doeu ao sentir o quanto estava me esticando, mas era tão bom que a dor se transformava ainda mais em desejo.

— Ah... meu Deus! — chiei prazerosamente quando ele puxou meu quadril e me fez rebolar.

— Porra de mulher e boceta gostosa — ele sibilou e rangeu os dentes ao me sentir subir um pouco e descer empalando-o novamente.

Gememos juntos, um na boca do outro, sentindo a sensação do seu pau entrar escorregadio sem pressa, aproveitando cada centímetro que ele ganhava em meu interior seguidas vezes.

— Eu adoro você, Angel — ele disse rouco de tesão antes de me apertar contra si, me mantendo apenas com ele dentro sem nos movimentarmos.

Arquejei e remexi, plantando meu pé no assoalho da banheira para poder ganhar impulso erguendo meu quadril.

Subi e desci, engolindo-o repetidas vezes. Suas mãos serviam de ajuda, controlando a força como voltava a sentar consumindo toda ereção dentro de mim.

Eu me sentia completamente em êxtase e passei a erguer-me e descer-me mais rápido. Éramos como antes, únicos amantes não nos importando com mais nada ao nosso redor, somente no que poderíamos oferecer um para o outro.

Nos beijávamos avidamente com nossos corpos se chocando deliciosamente espirrando água para todos os lados. Estávamos alucinados e nossos lábios e dentes não se limitavam apenas às nossas bocas, eles marcavam a pele um do outro, deixando registrado essa mistura de dor e

prazer. De um jeito que só nós sabíamos como era pertencer a tudo isso. Dando e recebendo sem medidas e mentiras. Não tinha como ser apenas um plano, era vivo e poderoso demais para nos enganarmos.

— Tony... ah... — Eu já estava quase lá, os indícios de que logo gozaria já começavam aparecer, ao sentir ainda mais aquele calafrio que percorria toda minha pele eriçando meus pelos.

— Te adoro tanto... — Sua frase morreu dentro da minha boca quando agarrei seus ombros e joguei meu corpo todo para trás, deixando-o se convulsionar enquanto eu gozava com seu pau assumindo a estocadas para cima, arremetendo duro e rápido. — *Caralho*, que boceta molhada, *meio amore!* — Urrou e gozou, batendo sua pelve contra minha boceta ao expelir dentro de mim, quente e viscoso. Tony fechou os olhos, jogando sua cabeça para trás e apertou minha cintura, terminando suas últimas investidas.

Meu Deus...

Meu corpo estava prestes a desabar e ainda dentro de mim, Tony, me abraçou e encostou sua testa em meu peito ofegando. Ele distribuiu beijos entre meus seios, me deixando ainda mais arrepiada.

— Você agora não vai mais embora... — ele disse possessivamente e sorri, porém, eu não poderia lhe prometer nada.

Eu queria ficar, mas tinha tantas dúvidas. Eu confiei uma vez nele e me machuquei muito, não sabia se deveria entregar meu coração de novo. Tony poderia simplesmente estar mentindo.

CAPÍTULO 27

Tony

Agora eu sabia do que sentia falta todo esse tempo. Não só do seu corpo, mas de termos essa ligação especial.

E ela me deixou completamente com mais vontade de tê-la todinha para mim.

Por dois anos na minha cama passaram diversas mulheres, não que isso seja um feito, mas nenhuma delas despertava em mim o que Angelina conseguia. Era algo tão carnal, tão devorador que meu corpo estava exigindo mais dessa italianinha de sangue quente.

— Vou te foder a noite inteira, italianinha dos infernos. — Meus lábios encostaram em seu ouvido e soprou.

Eu ainda estava dentro dela. Tinha acabado de gozar em seu interior e pouco me importava com o controle de natalidade, foi tão explosivo que não quis sair dela e nem tirar meu pau para fora, eu queria sentir que agora ela tinha tudo de mim nela.

— Você é minha e muitas coisas irão mudar. Não vai embora e vai me esperar todas as noites. É minha mulher! Quero fazer um filho em você. Quero tudo com você, Angelina — afirmei, ditando como seria, sem ao menos lhe dar uma opção enquanto meus olhos sustentavam os seus.

Eu estava apaixonado, queria de verdade que ela entendesse e acreditasse em mim.

Dois anos atrás foi diferente, no entanto, teve dias que queria não ter feito nada do que fiz, desejando que toda essa situação tivesse tomado outro rumo. Não que isso fosse uma dor de consciência ou um remorso. Porque eu não tinha nenhuma.

Alguns se lamentam quando tudo dá errado e você acaba sendo afetado por suas escolhas.

Mas eu não...

Não tinha remorsos ou arrependimentos, sempre archei com cada peso da escolha errada. E envolvê-la nessa vingança foi um erro e terei que

conviver com as consequências para sempre.

Por isso acredito que devemos pensar antes de agir para depois não querer bancar a vítima em cima dos nossos erros.

Errei com ela?

Errei muito e continuaria errando, mas isso não fazia de mim o vilão. O que importava era o que eu queria a partir deste momento.

E eu a queria muito.

— Eu ainda não o perdoei, Tony. — Ri.

— Eu sei que não! Mas um dia vai esquecer e farei para que nunca mais se lembre.

— Você sabe que as coisas não são assim.

— Sim..., mas o que importa é o que será daqui para frente. —
Acaricieei seu rosto e me mexi, sentindo meu pau ganhando vida novamente.

— Só não me envolva em mais nenhum dos seus planos. — Assenti.

Não a envolveria e já estava certo de que Angelina não fazia mais parte da punição contra seu pai, porém não poderia evitar o que acontecesse conosco.

Talvez ela não ficasse comigo e escolhesse ir embora, no entanto, eu não poderia evitar quem eu sou.

— Prometo que não vou, mas não posso lhe garantir que meus atos não irão nos afetar. Eu prometi que iria matar seu pai e vou. — Angelina

desviou o olhar para o lado. — Olhe para mim! — exige e obedientemente ela voltou a olhar. — Eu a quero muito. Porém, temos que deixar isso às claras. Não vou envolvê-la, mas não posso afirmar que não vá sofrer, o que lhe prometo é que farei de tudo para recompensá-la de todos meus erros — conclui e aprofundei meus dedos em seu pescoço, puxando seu rosto para perto novamente. Meus lábios alcançaram os seus e a beijei, deixando meus lábios escorregarem nos seus lentamente.

— As coisas não são tão simples, Tony. Eu ainda não sei o que pensar. — Angelina se afastou encerrando o beijo. — Não sei o que virá depois, se vou sair machucada.

— Sei que foi tudo complicado e cheio de mentiras, mas pensaremos no que fazer depois. Vamos aproveitar essas poucas horas só eu e você — propus, era melhor não ficar pensando no que aconteceria ou no que faríamos. Deixaria para quando a hora chegasse.

— Mas... — a interrompi.

— Não. Não vamos falar mais, você já sabe o que farei e que a quero muito. Disse meus motivos para recuperar a honra de meu pai. E isso não é uma promessa que vou medir em relação aos meus sentimentos por você. Só peço que confie em mim. Se eu lhe fizer sofrer, prometo que irei recompensá-la, não para que me perdoe, mas para que esqueça e nunca mais se lembre do que aconteceu.

Ainda há pouco lhe disse quase toda a verdade, ainda faltava a carta de sua mãe, mas antes precisava que ela confiasse em mim. E que quando eu mandasse enfiar uma bala no meio da testa de seu pai isso não nos afetasse.

Eu prometi, eu cumpriria.

Nenhum deles viveria independentemente dos meus sentimentos por ela.

Nada e ninguém iria mudar minha essência.

Toda traição necessitava de uma punição e seu pai precisava sentir na pele o peso dos seus atos. Assim como ela também poderia me punir pelos meus.

Travei novamente minha boca na sua boca, deixando o momento nos conduzir de volta a essa esfera sexual. Minha língua encontrou a sua e duelou deliciosamente, envolvendo-a até escravizá-la. Soltei seu pescoço e deslizei minha mão descendo pelas suas costas, acariciando a pele macia e molhada. Meu pau já sentia a umidade quente se espalhar nele. Arfei e remexi meu quadril ao sentir a apertada que sua boceta deu nele.

Mas eu não a queria somente ali, precisava sentir seu gosto e todo seu corpo. Eu precisava de mais, até sentir a exaustão me dominar.

Então saí de dentro do seu corpo e sorri sentindo meu ego sendo acariciado pelos seus sons de frustração quando pedi para se levantar.

De pé, a sua frente, segurei em sua cintura fina e rodeei meus braços ao redor dela, trazendo-a para mim e a beijei com calma, me deliciando com o gosto de desejo em sua boca. Era maravilhosa toda essa aura densa de prazer que um simples beijo e seu toque me causavam. Sentia cada célula do meu corpo regozijar.

Angelina me abraçou e minhas mãos vagaram, descendo até o contorno redondo da sua bunda gostosa, apertando-as. A icei no ar e ela se agarrou em mim com as pernas rodeando minha cintura, cruzando seus pés nas minhas costas.

Deixamos o banheiro ainda mais encharcado e a carreguei de volta para o quarto enquanto nos beijávamos, assim que bati meus joelhos na beirada cama a soltei lentamente, até suas costas se acomodarem no colchão e a cobri com meu corpo.

Angelina abriu as pernas e me acomodou entre elas. Eu até poderia me aprofundar nela nesse instante. Meu pau roçava a boceta melada e inchada, mas eu queria mais, queria senti-la de todas as formas. Matar essa saudade do seu corpo.

Encerrei o beijo e me ergui, apoiando-me em um dos braços deixando sua boca enquanto minha outra mão descia pelo seu pescoço e parava sobre seus seios. Apertei uma das mamas e sorri ao sentir a lufada de ar que jogou quando arfou ao sentir meu toque.

— Eu adoro quando faz isso com a boca. Esse som me deixa ainda mais louco de tesão. Quero você todinha, fodê-la de todos os jeitos possíveis. E não só uma vez, mas várias — disse e fui espalhando beijos por toda sua pele, pescoço, orelha e boca, até chegar nos seios redondos e fartos — não grandes —. Olhei e fiquei por segundos me deliciando com a visão prazerosa do mamilo rosado bem ao centro da aréola clarinha.

Gostosa para caralho...

Minhas mãos e não só minha boca foram parar neles. Eu os suguei um de cada vez, brincando com cada bico túrgido entre meus dentes.

Eu mordia, assoprava e depois lambia e, Angelina gemia arqueando suas costas, me oferecendo ainda mais eles.

— Eu te odeio, Tony... — Gargalhei enquanto um dos seus seios estava dentro da minha boca.

— Diz isso da boca para fora — retruquei.

Eu adorava esse corpo, seus seios eram redondos e pesados. E ficavam muito bem nas minhas mãos. Na verdade, nunca encontrei uma mulher que atendesse a esse padrão do qual eu gostava.

Soltei-os e passei a lamber o vão deles descendo pela barriga plana. Com a ponta da língua contornei o pequeno umbigo e continuei a descer até chegar na sua boceta.

Por Deus... sua boceta era maravilhosa.

Como um risco de pelos bem finos acima da racha rechonchuda que escondia o clitóris inchado. E estava toda molhada cheirando a nós dois.

Esfreguei minha boca e chupei os grandes lábios antes de envolver seu botão excitado em minha cavidade bucal, quase engolindo-os.

Angelina gemeu mais alto, levantando sua bunda, mas segurei firme nas laterais do seu corpo e enfiei ainda mais ele dentro da minha boca.

— Ah... Tony! Me fode inteira... — Parei e olhei para cima encontrando seu olhar, mas, quanto mais eu via seu desespero e essa ânsia de prazer mais chupava-a firme, quase engolindo sua boceta e encarando-a.

Linda e deliciosa.

Ela me olhava com tesão e luxúria deixando seus lábios entreabertos ao respirar pesadamente.

— Eu vou, Angel — prometi.

E então não parei até vê-la se contorcer toda, gozando na minha boca. Esperei seu corpo parar de convulsionar e deslizei meus dedos dentro dela e o tirei lubrificando-a ainda mais, rodeando não só a entrada da boceta, mas também seu ânus.

Ela se contraiu gostando antes de me posicionar melhor e investir de uma vez dentro do seu corpo a lambi novamente, sentindo ainda mais seu gosto impregnar dentro da minha boca.

— Por favor, Tony... — Angelina disse com a respiração pesada —, eu preciso de você em mim.

Ajoelhei e segurei meu pau pela base e esfreguei antes de arremeter duro e fundo, caindo novamente sobre seu corpo.

Suspirei sentindo o calor e a contração ao redor do meu falo. Eu poderia ficar por horas apenas sentindo o quanto sua boceta era quente e apertada.

Segurei suas pernas, cravando meus dedos na sua coxa e lentamente ondulei meu quadril, empurrando mais e tirando-o quase todo para fora. Eu adorava essa sensação de quando estava começando a me introduzir nela. E não gostava apenas de sentir, mas de ver como eu entrava em seu corpo.

Nossos sexos se encaixavam perfeitamente.

— Se ficar apertando assim, Angel eu vou gozar antes de dar mais uma bombeada. — Fechei os olhos quando ela sorriu e contraiu toda a vagina ao redor da minha rigidez, apertando-o como se fosse um punho de aço ao redor.

Passei a me movimentar novamente, aumentando o ritmo enquanto dava estocadas fundas contra, me movendo rápido e alucinado. Rosnando e fodendo-a duro, quase me derramando dentro — e que se foda se ela engravidasse, eu sabia o que queria —, mas foi Angelina que gozou antes,

gemendo alto, abraçando e molhando todo meu pau com sua boceta, o apertando, quase estrangulando ao contraí-la ao redor dele.

Acelerei, investindo, ondulando e metendo com vigor meu quadril.

Que boceta...

Arremeti mais vezes, escorregando na maciez do seu interior, não perdendo o ritmo até seu corpo cair lânguido, levando o meu a desabar sobre o seu, expelindo todo meu sêmen, dentro do seu corpo. E fui ainda estocando quase parando, deixando tudo sair.

— Você é maravilhosa, *mio amore!* — declarei e a beijei calmo.

Meu pau ainda estava contraindo os últimos goles quando cessei o beijo ao me retirar todo e deitar ao seu lado. A puxei para mim e Angelina se aninhou próximo ao meu corpo, deixando sua cabeça pesar em meu peito. A rodeei com os braços e beijei o topo da sua cabeça.

— Pode não acreditar. Você é perfeita para mim desde quando a vi — disse a verdade, por mais torta que ela fosse.

Muitos diriam: *Quem gosta não faz o que você fez.*

Mas, talvez, eu estivesse tão cego e obcecado que não enxerguei o quanto a desejava e queria mais da vida com ela.

Por outro lado, não sabia se teria agido diferente, por mais que eu a amasse e a quisesse. Não estava também disposto a sacrificar a culpa que

me trincou aos poucos, durante esses anos. Não foi porque me apaixonei por ela em Paris que eu mudaria quem era.

Eu só ignorei meus sentimentos naquela época e segui em frente.

Mas agora não repetiria o mesmo erro.

— Está quieto? Já vai me dispensar? — ela disse baixo e passou a ponta do indicador nos sulcos dos meus músculos.

— Não, estou me recuperando para uma próxima. — Sorri e beijei o topo da sua cabeça.

— Tony... posso lhe fazer uma pergunta? — ela sussurrou.

— Sim!? — respondi e olhei para baixo quando Angelina espalmou a mão no meu corpo e ergueu a cabeça para olhar para mim.

— Me responda... Você sabe qual a diferença de amar e odiar?

Sim eu sabia, mas preferi ignorá-la e ao invés de responder a envolvi, jogando meu corpo novamente sobre o seu. Só saindo de dentro dele depois de um tempo.

CAPÍTULO 28

Angelina

Sei que poderia ser incoerente da minha parte desejá-lo a ponto de passar por cima do meu orgulho.

Eu não o tinha perdoado.

Ceder ao meu desejo e essa atração consumidora não queria dizer que apagou tudo que fez. Só eu sabia o que passei por um bom tempo, precisando da sua ajuda quando não tinha a quem recorrer. Porém, ele não estava e isso me doeu, me corroeu muito mais que o roubo do Giorgiano, mas me fez ser forte e saber lidar com tudo que aconteceu na época.

Encontrá-lo foi uma questão de honra para mim, por mais manipulada que tenha sido. Ele me fez tantas coisas, me causou tantas

feridas que mesmo assim, contraditório ou não, eu o queria. Só não sei se conseguiria um dia esquecer como me pediu.

Estava dividida como nunca estive.

E seria uma tola em acreditar que agora ele dizia a verdade.

— Está tão linda, Angel... — Tony deixou aquele sorriso, que tanto eu gostava, dançar em seus lábios quando me disse, me olhando de cima a baixo.

Ele também estava ainda mais lindo do que já era, dentro do seu terno preto, caro de corte italiano. A camisa e a gravata eram no mesmo tom, deixando-o com aquele ar de ainda mais perigoso.

Confesso que gostava e achava que combinava com sua cara e jeito perverso. Além de estar bem vestido ele havia se barbeado. Em todos esses dias, desde que cheguei na sua casa, não o vi com a barba feita. Sempre com ela aparada rente em sua pele.

Eu gostava dos dois jeitos. Não tinha uma preferência.

— Vai me levar onde? — perguntei e fiquei parada próximo ao fim do corredor que dava para a sala.

Tony pediu que colocasse um vestido, pois me levaria para jantar, que não íamos ficar o tempo todo na cama, ele queria que tivéssemos um encontro.

De início estranhei o mafioso querendo bancar o romântico, mas entrei nessa sua jogada e fingi que sempre foi assim.

Por um lado, era o que queria. Que nunca tivesse acontecido nenhuma dessas merdas entre nós dois.

— Uma surpresa... — acho que meu olhar denunciou minha incerteza, porque Tony se aproximou e segurou meus braços e selou meus lábios pintados de vermelho. — Você vai gostar. E vamos logo, essa sua boca de batom vermelho está me deixando duro e bem propenso para voltar com você para aquele quarto.

Tony e eu, ficamos o tempo todo trancados, adormecíamos, comíamos e depois nos saciávamos, deixando o desejo nos devorar.

Estava tudo indo perfeitamente a não ser pelo nosso passado não tão distante.

Mesmo que não tenhamos mais conversado sobre, não deixava de pensar que logo essa bolha estouraria e nada seria mais como esse momento.

Eu tinha tantas coisas para falar que não falei e bem ou mal, além de me deixar péssima poderia nos colocar ainda mais distantes.

Sabia que Tony me pediu para tentar, mas a cada minuto que se passava eu não conseguia me desapegar de suas atitudes passadas e estava com muito medo de acreditar nele e me machucar novamente.

Ninguém muda sua essência e a dele era ser o caos.

Tinha tantas mentiras e tantas coisas...

O que ele fosse fazer com meu pai me machucaria muito. Talvez me quebrasse e não me consertasse. Por isso, eu não poderia ficar. Não suportaria ter que escolher de que lado ficar. Era meu pai de um e o homem que me atingiu tanto, mas que eu amava, do outro.

Além de que, eu precisava voltar para Capri.

Então não poderia ficar com ele. Se me deu o direito de escolher na hora certa eu diria que não ficaria e não falaria nada do real motivo para procurá-lo. Era melhor ir sem despejar o que sempre quis fazer.

— Vou levá-la em um restaurante — por fim, parou de fazer o mistério e disse.

— Conhece tanto assim Nova Iorque? — perguntei ao segurar em sua mão que me ofereceu.

— Não muito, mas alguns lugares. — Deixamos o apartamento como se fôssemos um casal normal.

Queria muito que fosse assim.

Fechei os olhos no elevador e encostei a cabeça em seu ombro, absorvendo o momento para me lembrar depois quando não o tivesse por perto.

Eu o amava e sabia o quanto isso poderia parecer doentio, mas Don Dellatore despertou em mim tudo de bom e de pior.

— O que está pensando? — Respirei fundo e sorri quando me perguntou ao sair na minha frente e se posicionar no sensor das portas do elevador, para que eu passasse.

— Nada, apenas apreciando o momento — respondi como se não fosse a Angelina respondendo e sim uma mulher normal que estava saindo com seu grande amor para jantar.

— Já a conheço suficiente para saber que tem algo ainda dentro dessa sua cabecinha lhe incomodando.

— Nada... Não é nada. Eu juro! — Tentei ser convincente, mas não estava nem convencendo a mim quanto mais a ele.

Na verdade, eu estava confusa, querendo e não querendo tudo ao mesmo tempo.

— Angelina... — Tony me encarou como se estivesse certo de que algo de errado estava acontecendo —, vamos apenas aproveitar e não pense no amanhã. É só você e eu aqui. Esqueça tudo e todos pelo menos enquanto não retornarmos para Los Angeles. — Ele me puxou para um beijo rápido e apaixonado após pedir para trancarmos em nossa bolha.

Respirei fundo assentindo, mas por outro lado me senti péssima por não dizer que eu não ficaria, que não conseguiria seguir em frente ao seu

lado.

No entanto, eu poderia me esquecer, me anular por mais uma noite.

Tentei me desligar de tudo e comecei a me abrir, ri do que me dizia, me senti desejada quando cochichava em meu ouvido alguma sacanagem que faria comigo quando voltássemos.

Bebemos vinho e eu provei o melhor *risoto de trufas negras a la pastina*. Só faltou uma dança no fim do jantar. Estava tudo perfeito. Ele mesmo inconsistente e com esse seu lado cruel era perfeito à sua maneira de ser.

Tony fazia questão de me deixar confortável, de me fazer sentir verdadeiramente desejada por ele.

A todo momento suas mãos me faziam carinho, dedilhando a ponta dos dedos por debaixo da mesa nas minhas coxas.

— Queria me enfiar dentro da sua boceta aqui mesmo — Tony se aproximou e deixou seus lábios pararem perto do meu ouvido ao sussurrar.

Ele me pegou tão de surpresa que mal consegui segurar o vinho dentro da boca.

Tossi quase engasgando enquanto ele sorria como se não tivesse sido o causador do meu acesso de tosse.

— Engasgou, querida...? — ele perguntou alto, olhando para os lados, mas não parou ao sussurrar de novo. — Vou te foder de todos os jeitos, pela frente, por trás, vou entrar com tudo e fazê-la gozar como nunca.

Acredito que meu rosto ficou muito vermelho. Eu o sentia pegar fogo.

— Tem gente que não pode beber nem uma tacinha... — Ele pegou da minha a taça com a bebida e levou aos seus lábios e sorveu toda ela.

— Era minha viu... Você é muito guloso, Don Dellatore — reclamei em tom de brincadeira e não esperava que ele me beijaria ali em público ao sussurrar que ele precisava me levar embora logo.

— Vamos, meu anjo. — Tony se levantou e estendeu a mão, me oferecendo-a. — Vamos apreciar a sobremesa em nosso quarto.

Sorri, mas ouvi-lo se referir me incluindo não só doeu meu coração, mas me fez lembrar de que não seria assim quando ele ficasse sabendo.

Encaminhamo-nos para a saída e Tony estava com a mão posicionada no meio das minhas costas, deslizando os dedos em minha pele exposta pelo decote.

Estava com um vestido na cor azul, era um pouco solto na parte de cima e justo nas coxas.

Íamos na direção da saída quando um homem alto e de olhos azuis entrou e parou à nossa frente.

Não acreditei no que estava vendo.

Aquele filho da puta...

Thomas Rootter VI estava bem ali, entrando no restaurante acompanhado de uma das suas inúmeras acompanhantes.

Quando trabalhei para ele, pesquisei sua vida. Claro que ele encabeçava a lista dos homens mais cobiçados. Um solteirão convicto. E sabia que cada semana ele desfilava com alguma modelo linda.

— Don Dellatore... — Ele se aproximou e veio na nossa direção de braços abertos para cumprimentar Tony.

Eles se abraçaram animadamente, como velhos amigos, mostrando que também não eram apenas meros conhecidos.

Mas algo me chamou atenção quando olhei para o perfil de Tony e tive um *déjà vu*.

Era Tony em Paris quando fui contratada...

Me lembrei que no dia em que fui jantar com Thomas, quando me contratou, havia um homem conversando com ele, mas como não estava atenta não reparei muito, fiquei apenas concentrada no meu novo empregador e não no estranho que conversava com ele.

Olhei para os dois não acreditando no que minha cabeça começava a associar.

Tive certeza de que era Tony naquele dia. Seria muita coincidência os dois se conhecerem e serem tão amigos.

— Thomas. — Tony rebateu os *tapinhas* em suas costas.

— Como está? — Thomas perguntou e seus olhos pararam em mim.

Não poderia ser...

— Angelina! — Thomas sorriu como se ainda fôssemos velhos conhecidos e se aproximou, pegando minha mão como fazia antes, virando-a e beijando o dorso, no entanto, ao perceber que tanto ele quanto Tony sempre souberam da verdade me deixou irritada. Acabei esbofeteando Thomas sem ao menos cumprimentá-lo devidamente ao puxar minha mão da sua.

— Não me toque nunca mais. Você é um porco imundo. *Stronzo!*

— disse alto e Tony segurando o riso tentou intervir quando os outros convidados começaram a olhar na nossa direção.

— Calma! — Tony tentou me segurar, mas me soltei e sai à sua frente.

Era demais, eu achei que mais nada pudesse acontecer antes de voltar para Los Angeles, mas estava completamente errada.

Sempre teriam pessoas, lugares e momentos que fossem nos lembrar de que ele me enganou e eu fui como um simples peão no seu tabuleiro.

— Angelina! — Tony me chamou mais alto quando já estava próxima ao carro. Bronk já nos esperava. Porém, minha vontade era de ir para bem longe dele.

Não pensei duas vezes e ao invés de entrar no carro e saí correndo para o meio da rua, entrando entre os carros, atravessando o mais rápido que conseguia. Me distanciando dele. Embora eu soubesse que não iria tão longe, não com esses malditos saltos.

Yelena colocou na minha mala sapatos tão altos que só usei quando trabalhava para o cretino do Rootter.

— Angelina! — Tony continuou a me chamar alto, só que não virei e continuei a seguir em frente, alcançado a outra calçada.

Tinham tantas pessoas que não sabia para que lado eu ia. Estava confusa e sem saber o que fazer quando ele segurou meu braço e me impediu de ir para qualquer que fosse o rumo que eu pegasse.

— O que foi isso? — Ele me virou, mas evitei olhar em seus olhos.
— O que aconteceu? — Não respondi, ignorando-o.

Estava com tanta raiva dele por ter manipulado até meu emprego com Thomas, eu imaginava que ele somente havia roubado o quadro, mas

ter planejado tudo, colocando as pessoas para simplesmente eu ficar em suas mãos.

Mais uma vez fui inocente ao não perceber que ele já havia planejado tudo, controlando minha vida antes mesmo do roubo do Giorgiano.

— Olha para mim agora — ele ordenou, mas estava tão irritada que tentei me soltar.

— Vá se foder, Tony. — Ele me soltou para me abraçar, mas consegui me afastar um passo para trás e bater em seu peito com as mãos fechadas. — Até Thomas você usou para me prejudicar. Por isso, o Giorgiano é seu. Todo esse tempo... — continuei a desferir socos em seu peito enquanto ele ficava parado me olhando. — Eu te odeio tanto, não faz ideia. Quero ir para bem longe de você. Tudo que fez só é composto por maldades. Está impregnado por essa culpa que não consegue enxergar mais nada na sua frente. Eu não serei sua nunca. Pode até tomar e exigir, mas nunca meu coração vai ser seu. — Por fim exausta e com os pés doendo me virei e atravessei a rua na direção do carro.

Para ir para bem longe dele primeiro teria que voltar para Los Angeles pegar minhas coisas, sem dinheiro e sem documento aqui eu ainda continuava como sua refém.

Antes de entrar no carro olhei para trás, me certificando de onde ele estava e o vi ainda parado, na outra calçada, olhando na minha direção.

Confesso que não entendi, mas não demorou muito para ele vir e se sentar ao meu lado com a expressão de que logo ele liberaria seu lado mais perverso.

— Vamos para o apartamento? — O motorista olhou pelo retrovisor na sua direção e perguntou.

— Ainda não! — Tony respondeu ríspido e desceu do carro.

Não entendi nada e só me dei conta do que estava fazendo quando vi a porta do meu lado abrir e suas mãos me agarrarem e me içarem para fora.

Tony não estava com a melhor das expressões. Sua testa franziu e seus lábios crisparam, mostrando o quanto eu o havia irritado. Mas não me importei e quando me prensou, me colocando com as costas na lataria devolvi o mesmo olhar.

Ele não tinha o direito de se ressentir.

— Vou falar apenas uma vez. Se quiser saber de tudo me pergunte agora — proferiu. — Eu sou louco por você, mas não vou virar seu cachorrinho, Angelina. Eu fiz? Fiz sim! E você sabe de tão pouco para me julgar. Eu me abri para você, mas isso não lhe dá o direito de pegar e tocar nas minhas feridas.

— Me solta... — Não consegui formular nada, apenas agi com orgulho.

— Você vai escutar tudo — ele disse em um tom alto e firme. — E se depois quiser gritar você pode. Eu planejei sim para você se dar mal. A intenção era seu pai lhe tirar da prisão em Paris e não eu. Mas, sabe por que a tirei de lá? Porque eu mesmo me segurei para não fazer pessoalmente. Thomas só foi uma peça importante. Ele me deve favores para o resto de sua vida. Foi ele que deu droga para Yviny. Se não fosse pela minha família a sua teria sido massacrada pela imprensa. Era ano de eleição e seu pai estava concorrendo ao governo de Michigan. Não o vi desde então, só me encontrei com ele um tempo atrás e fiquei sabendo que ele havia abandonado a vida de *playboy*. Que havia virado um colecionador de obras de arte. — Tony me soltou e não consegui me mover, ficando apenas concentrada no que estava dizendo.

Ele se afastou também e foi um pouco para trás.

— Eu já sabia tudo sobre você; que estava se formando e que também gostava de quadros. Quem teve a ideia de colocá-la na galeria de Lêvi foi Thomas. Assim seria tudo tão natural que ninguém desconfiaria que meu intuito seria expor você para deixar seu pai ainda de guarda baixa. Mas, quando foi presa, não consegui pensar mais em nada. Se eu não tivesse pago sua fiança teria ficado presa por no mínimo uns seis meses até

seu pai conseguir que a embaixada italiana te levasse para Roma e lá você cumpriria a pena por roubo. Eu queria que ele sofresse e não você, mas falhei, porque só de pensar o que poderiam fazer contigo quase fiquei louco. Eu vou matar seu pai e ainda assim vou amar a filha dele. Vou desejá-la como um louco.

Engoli em seco, por parte sentindo raiva e por outra sem saber o que fazer ao descobrir desta maneira que Tony me amava.

Fechei os olhos cansada.

Eu sabia que ele havia agido com crueldade e se eu fui até aquela maldita banheira ontem era porque estava disposta a deixar para trás, não que significasse que eu esqueceria, mas era difícil.

— Olhe para mim, Angelina! — ele ordenou e acabei obedecendo.

Tony não demonstrava estar paciente e sim enfurecido, o brilho nos seus olhos alternavam quando ele ficava exasperado com algo.

— Eu te amo! Se me perguntar o que fiz, vou sempre te falar a verdade e explicar os meus porquês. — Tony se aproximou e ficou ainda mais perto, ao encaixar um dos joelhos entre minhas pernas. — O que importa para mim é como será daqui para frente. Sei que para mim é fácil falar e agir como se nada tivesse acontecido e sou completamente ciente de que você é a parte mais afetada em toda essa merda. Mas, meu anjo... — Tony segurou a mecha do meu cabelo e a colocou atrás da minha orelha —,

eu não vou mais mentir para você, porque sei que é a mulher mais sincera, delicada, decidida e mais maravilhosa que passou em minha vida. Eu sou um mentiroso e você não, por isso, não mentirei e omitirei nada.

Segurei todo meu ar, tentando lidar com o nó que se formava na minha garganta.

— Eu te amo, Angelina! Não me importo se você não vai me perdoar algum dia, apenas de que vai me amar para sempre de hoje em diante. — Tony segurou meu rosto entre suas mãos e me beijou, me envolvendo e me puxando para o meio dos seus braços.

Completamente confusa não resisti e retribui, beijando-o, me envolvendo no seu calor.

— O tempo tem suas virtudes para tudo. Ele te faz querer seguir em frente. Ele cura suas dores e ele faz com que algumas coisas sejam deixadas para lá — me disse olhando em meus olhos após soltar meus lábios calmamente.

— Tony... — Ele não permitiu que eu dissesse nada e tornou a me beijar com sofreguidão.

— Eu estou cada dia mais me desnudando para você, não complique mais. Você é diferente de mim, jamais mentiria, enquanto eu sim. Esse sou eu! Mas prometo que não terei mais nenhum segredo entre nós. Agora vamos embora, brigar com você me dá um tesão da porra. Me sinto como se

não tivesse estado dentro de você pelas últimas 18 horas. — Tony se afastou e segurou minha mão, mas ainda assim eu não conseguia sair de onde estava.

Não depois dele se declarar e mostrar o quanto estava aberto para eu enxergá-lo.

— O que você quer falar? Fale tudo ou me pergunte e se descobrir algo é só me perguntar, eu vou sempre te dizer a verdade. — Assenti e não disse nada, apenas entrei primeiro que ele de volta ao carro e fiquei olhando para a rua e as pessoas nela, até o trajeto de volta para o apartamento, com apenas uma questão em mente.

Além dele dizer que me amava.

Eu deveria contar?

CAPÍTULO 29

Tony

O que ela estava fazendo?

Angelina não fazia ideia do quanto mexia comigo e vê-la correr para longe de mim só me fez ficar ainda mais desesperado, com medo de perdê-la. Por isso contei tudo que ela precisava saber. E quando chegássemos a Los Angeles eu contaria o restante, sobre a carta da sua mãe. Não teríamos mais segredo algum, nem elo e muito menos coisas que nos deixassem nesse limiar de desconfiança.

— Não sabe o quanto quero chegar logo no terceiro andar e tirar toda sua roupa. — Para quebrar o clima denso que estava entre nós, me

curvei e sussurrei em seu ouvido quando estávamos dentro do elevador.

Haviam mais dois casais conosco e Angelina abaixou a cabeça ainda calada, evitando que os outros escutassem o que eu dizia. Mas reagiu e se remexeu ao sentir meu toque enquanto deslizava as pontas dos dedos pelo decote em suas costas.

Ela era tão especial e eu queria consertar todas as merdas que fiz.

Ciente que meu discurso de tempo foi apenas para me justificar e tentar amenizar as coisas, jurei para mim mesmo que ninguém mais a machucaria, e nesta lista meu nome estaria em primeiro lugar. Não permitiria que nada a atingisse.

Tentaria outras alternativas para que nada respingue em nós.

As portas duplas se abriram e passando entre as pessoas nos esgueiramos para dentro do apartamento.

Angelina deu alguns passos e ficou parada, olhando por cima dos ombros, me esperando entrar e a porta se fechar.

— Vai fazer voto de silêncio comigo? — perguntei e parei ao seu lado.

— Não! — Ela empinou o lindo rosto na minha direção e sorriu.

Angelina era ainda pior que eu.

Quando achava que ela seria um vulcão em erupção, pronta para a primeira explosão, ela se tornava calma e paciente, como o balanço

tranquilo das ondas do mar.

— Você vai me foder e não vamos falar mais nada. — Ela sorriu e levou suas mãos nas costas, na direção do zíper, e o abriu, deixando seu vestido cair aos seus pés, ficando apenas com minúscula calcinha de renda da mesma cor do tom de azul do vestido que usava.

Algo estava errado.

Ela parecia estar agindo diferente do que queria. Talvez eu estivesse apenas estranhando o fato dela não retrucar e se negar. O que seria o seu normal. No entanto, Angelina poderia só estar deixando tudo para trás e seguindo em frente comigo. Sem brigas e discussões.

— Eu te amo, sua italianinha teimosa — sussurrei em seu ouvido quando me aproximei e fiquei ao lado do seu corpo. Minhas mãos se movimentavam uma pela frente e a outra em suas costas.

Novamente, sedento para tê-la, não me controlei e a peguei no colo, levando-a para o quarto.

Eu estava completamente apaixonado e também torcendo para que tivesse ficado grávida de um filho meu, assim poderíamos ir colocando cada vez mais o passado para trás.

A coloquei sobre a cama e tirei minha roupa.

Angelina me olhava intensamente quando me aproximei e deixei meu corpo recair sobre o seu e a beijei, aprofundando minha língua dentro

da sua boca em uma ânsia, como se minha vida agora só dependesse dela.

Jamais achei que poderia me sentir débil e dependente de alguém.

Desde que meu pai morreu não teve outro sentimento além de culpa e raiva dentro de mim. Era algo que me consumia diariamente e que estava me matando aos poucos. Contudo, tudo mudou desde Paris, quando ela deixou de ser apenas a filha do maldito — que matou meu pai —, para se tornar algo a mais para mim.

A princípio neguei, não queria que o carinho que estava sentindo por ela me parasse. Eu tinha que cumprir o que prometi e amá-la só me faria fraco, me colocando na mão do seu pai naquele momento.

Por isso fui embora e tentei esquecê-la, mentindo e afirmando para todos que ela só servia para um único propósito: de ver Ângelo descer ao inferno em uma viagem só de ida.

No entanto, eu a queria mais que tudo nessa vida.

Angelina

Eu já não sabia mais como agir e como pensar. Tony me pegou desprevenida ao dizer que me amava. Até então adoração e posse não era amor, não era um sentimento genuíno.

— Eu também te amo! — sussurrei enquanto dormia.

Não queria que ele ouvisse. Não queria dar o braço a torcer. Mas, eu o amava e me senti sufocada e com medo quando vi Thomas.

Era como se o passado voltasse para me assombrar e tive tantos anseios de que fosse ser sempre assim, que não sabia como agir.

Contudo, não eram somente essas mentiras entre nós que existiam, ainda haviam mais coisas que aconteceram que a qualquer momento nos atormentaria novamente.

Ainda haviam tantas verdades ainda para aparecer que não sei conseguiríamos seguir em frente.

Não só por causa do que ele fez, mas porque, assim como Tony, eu tinha os meus segredos e um deles passou a me atormentar ainda mais,

quando ele olhou nos meus olhos e disse que eu não era uma mentirosa como ele. E isso me deixou perturbada em meu próprio remorso.

Eu estava escondendo dele que entreguei uma faca para meu pai.

Era uma mentirosa como ele. Mesmo que eu não soubesse o que e como ele usaria para fugir da casa de Tony.

Contudo, eu havia mentido e escondido tanto quanto Tony, o que me tornava igual a ele.

Não que eu achasse que fosse ser algo trocado, um toma lá dá cá. Tipo você faz e eu devolvo o mesmo.

Na verdade, eu me sentia péssima com toda essa situação.

Meu corpo estava pesado e cansado, acabei não dormindo nada. Passei boa parte do tempo pensando em tudo que estava acontecendo.

A mão dele ficou repousada a noite inteira em minha cintura, me lembrando de que ainda estávamos dentro da nossa bolha. Me deixando ainda mais cheia de culpa por enganá-lo.

Não é porque Tony fez que eu deveria fazer.

Ainda mais agora.

Quando tudo mudou.

Tony se expôs e foi complacente a ponto de ser verdadeiro pela primeira vez. Por isso me sentia tão culpada. E não sabia se contar tudo

fosse uma boa ideia. Talvez eu devesse esperar chegar ao fim, quando ele honrasse o que havia prometido, em relação ao meu pai.

Talvez, se as coisas ficassem complicadas eu teria para onde voltar, sem que ele ficasse sabendo de tudo. Poderia viver em paz, esquecendo que um dia ele me amou e que eu também o amei.

Tentei dormir pelo menos um pouco, já que havia tomado minha decisão de não contar e deixar as coisas se encaminharem para ver até onde chegariam. Só assim seria a hora de confessar o que fiz.

Amanheceu e acordei com o sussurro de um eu te amo em meus ouvidos e senti sua voz arranhar todo meu corpo me deixando arrepiada.

Em poucas horas voltaríamos para Los Angeles e por todo o tempo em que fiquei acordada não conseguia me decidir, mesmo sentindo que estava agindo corretamente ao não lhe contar nada.

Tony havia sido tão claro e justo ao me dizer que deveríamos nos importar com o que ocorresse daqui para frente.

Eu não poderia esconder dele se aceitasse ficar, mesmo que a melhor opção fosse esperar. Porém, o medo que estava me dominando veio ainda pior do que antes, quando chegamos na sua casa em Los Angeles.

Percy, Sarah, Yelena e Shark já o esperavam ainda na entrada, próximo a escada que nos levava ao andar superior.

A fisionomia do braço direito de Tony não era uma das melhores e me senti intimidada enquanto ele não parava de me olhar, como se estivesse me analisando.

— Boa tarde — Sarah o cumprimentou e ficou olhando para nossas mãos unidas.

Tony fez questão que entrássemos de mãos dadas.

Seu cenho estava franzido e não só seu olhar recaiu em nós, como o da ruiva, que se mantinha encostada no corrimão e no início da escada também.

Sentindo-me constrangida pelos olhares enviesados, tentei soltar minha mão da dele, mas ele não permitiu e me puxou para seus braços, me prendendo no interior deles.

Tony agiu como se fôssemos um casal e que todos já haviam se acostumado, mas sabíamos que não era exatamente assim.

— Boa tarde, Sarah — ele respondeu com a voz calma e diferente do homem que a todo momento estava em estado de alerta.

Mas algo me dizia que não estava nada bem.

— Tony, não temos uma boa notícia para lhe dar. — Um frio diferente cruzou meu corpo e comprimiu todo meu estômago quando Percy

disse imperioso sem desviar os olhos de mim.

— Aconteceu algo? — O homem assentiu ainda me encarando, como se eu fosse o motivo.

E não só ele ficou me olhando fixo, Tony virou seu rosto na minha direção.

Você sabe quando vai acontecer algo ruim.

Aquele sentimento e o frio, que anda pelo nosso corpo, já nos deixa em estado de alerta, esperando pelo pior.

— Ângelo fugiu. Ele esfaqueou Ronnie. Foi durante a noite. — Fechei meus olhos, ciente de que eu o ajudei e que se descobrissem que lhe dei a faca Tony não me perdoaria.

— Mas como? — Tony se afastou ainda mais e perguntou incrédulo. Não acreditando no que estavam lhe contando. — Não tinha como ele fugir... — Sua voz se tornou escura e pesada novamente.

— Não sabemos, encontramos essa faca caída no chão, com Ron desacordado. O maldito afiou a lâmina de uma faca de refeição. — Percy riu com sarcasmo.

— Mas como ele conseguiu? — Novamente o olhar de Percy estava em mim.

Ele sabia...

Respirei fundo, sentindo o ar se agarrar em minha garganta, recusando-se a sair. O medo me tomou e não sei porque, mas algo já estava dizendo que as coisas não eram boas.

— A senhorita Fantini pode nos contar. — Percy disse como se tivesse certeza de que eu era culpada.

Trinquei os dentes quando meus olhos encontraram os de Tony.

Eu neguei com a cabeça e pisquei seguidas vezes, sentindo meus olhos marejaram.

— O que você fez, Angelina? — Engoli em seco e recuei alguns passos, me mantendo longe dele enquanto assumiu sua postura feroz e me encurralou.

Infelizmente eu não conseguiria mentir.

A nossa bolha estourou e nada mais vai nos colocar de volta lá.

— Tony, por favor... — Minha voz saiu trêmula.

— O que você fez? — Ele avançou, me acuando com seu tamanho e me fez recuar até sentir meu corpo ficar sem saídas, ao bater contra a parede.

— Eu... — Não consegui me controlar e comecei a chorar.

— Fala, Angelina — Tony aumentou sua voz e ordenou, mas eu não conseguia falar, ainda mais por saber que tinha um homem que estava ferido e, tudo porque minha culpa.

— Foi ela que deu a faca para Ângelo — Yelena sem rodeios disse.

— Fez o que? — ele fez a pergunta para a ruiva, mas seus olhos estavam em mim.

— Angelina deu a faca para o pai — ela repetiu.

— Tony, por favor... — implorei quando o vi encurtar ainda mais o espaço entre nós e agarrar minha garganta fechando seus dedos ao redor dela.

Ele apertou, espremendo-a e doeu.

— Você está me machucando, por favor... — minha voz quase falhou e mantendo seus olhos nos meus, Tony foi cedendo a pressão que fazia ao me enforcar.

Percy estava ao nosso lado e foi ele quem entreviu.

— O que você foi fazer? — Tony perguntou duro e ainda me encarava, esperando que eu o respondesse.

— Eu não sabia que ele machucaria alguém — respondi baixo.

— Você não sabia? — Ele riu sombriamente e estava tão diferente, que aquele brilho no seu olhar de antes e a voz macia, agora pareciam ser de outra pessoa.

Balancei a cabeça e neguei.

— Jamais imaginei que uma faca de refeição machucaria alguém — disse e me encolhi quando terminei de falar e ele desferiu um soco na

parede ao lado do meu rosto.

— Que fosse uma colher... Seu pai sabe muito bem como fazer algo ficar afiado. Ou você não sabe que qualquer metal depois de um tempo sendo esfregado, amolado contra algo ele vai ganhando fio? Você traiu a minha confiança. Escondeu de mim o que fez enquanto eu me abria. — Tony virou de costas e foi como se ele tivesse me dado um tapa ao se afastar. — Pelo visto não só eu sou o mentiroso. Levem-na, não quero olhar para a sua cara mais, Angelina. E vai ser melhor para você se seu pai aparecer em breve — ele ordenou e saiu na direção do seu escritório, nos deixando.

O magoei e isso me doeu ainda mais.

Sabia que era culpada, poderia ter falado, lhe contado e agora, não só estava me sentindo a pior pessoa, mas também culpada.

E se o segurança morresse, isso não me faria tão melhor que Tony.

Eu senti a culpa me consumir e o entendi quando me disse que ela era um sentimento corrosivo e destruidor.

CAPÍTULO 30

Tony

Saí de perto e não queria falar com ninguém quando me tranquei no meu escritório. Estava com tanta raiva dela que não conseguia acreditar que ela havia me traído desta forma. Não poderia exigir que ela fosse leal, mas eu dei a oportunidade para me contar tudo ontem à noite. Se tivesse me dito sobre o que fez, eu não a julgaria, muito menos estaria puto como estava.

Eu me abri para ela, contei tudo que aconteceu e deixei-a decidir, só esperava que ao menos fosse sincera comigo.

Propus para deixarmos o passado para trás. e

Com o tempo o que aconteceu seria esquecido, mas Angelina fez sua escolha em não querer e rebateu ao me esconder a verdade.

Confuso, rodei ao redor do meu escritório, apertando o canto dos meus olhos com as pontas dos dedos; sentindo minha cabeça doer e o gosto da bile invadir minha boca.

Era exatamente o gosto amargo da frustração que eu estava sentindo nesse momento.

Se fosse com qualquer outra pessoa eu não me sentiria tão frustrado e traído.

Eu disse que a amava..., mas, que porra!

Fui me abrir para a única mulher que eu deveria ter mantido longe de mim. Não tinha que ter falado nada. Mas eu quis que ela visse como poderíamos ser diferentes, mesmo com os erros que cometi. No entanto, Angelina me puniu da pior forma que poderia: me traindo.

Mas não ficaria assim. Ela veria quem realmente era seu pai.

Abri o cofre e tirei a caixa de lá e com a carta em mãos fui para o seu quarto.

Talvez quando soubesse que seu pai matou sua mãe ela veria o quanto agiu em prol da pessoa errada.

Sentindo muita raiva destravei a porta do quarto dela e abri. Assim que entrei já vi sua silhueta encolhida sobre a cama.

Foi como se ela soubesse que eu estava a sua frente e me olhou com os olhos vermelhos de choro.

Ainda me olhando se sentou, encostando-se no espaldar da cama.

— Sai os dois! — Não olhei para trás para saber que Shark e Bronk já estavam entrando juntos. Eu não faria nada, apenas mostraria que ela escolheu o assassino da sua mãe e do meu pai, ao invés do homem, que mesmo errando a amava.

Eu nunca disse que era bom. Sempre fui claro em relação às minhas intenções. Mas jamais deixaria que algo de ruim acontecesse com ela, mesmo que para isso fosse necessário protegê-la de mim.

A porta atrás se fechou e me aproximei mais da cama, me mantendo a sua frente, tendo a visão dos seus olhos.

— Tony, por favor... — Sua voz soou melodiosa e chorosa.

— Leia a carta... — Joguei o envelope, amarelado nela.

— Eu não quero e nem preciso saber de mais nada, por favor me perdoe.

Antes de lhe responder neguei com a cabeça. Eu não a perdoaria e não sabia se conseguiria seguir em frente ciente de que ela agiu nas minhas costas.

A omissão ainda é pior que a mentira, não que um seja menos ruim que o outro, mas quando a pessoa omite, acaba concordando com o que está

acontecendo enquanto a mentira é contada para encobrir os erros.

Eu lhe disse todas as merdas que fiz e prometi que não faria mais. Não que ela me devesse o perdão por dizer que a amava, mas pedi que deixássemos o tempo levar embora as lembranças ruins.

Sabia que merecia sua punição. Mesmo depois de ter vindo atrás de mim naquela banheira.

Ela só tinha que ter me contado.

Seria tão simples, mas não... ela preferiu me fazer acreditar que estávamos bem e que seguiríamos em frente.

Eu a perdoaria se tivesse sido honesta comigo.

Angelina não só me feriu, como também mostrou o outro lado da vingança, a outra faceta da moeda ao revidar e isso, só acontecia quando duas pessoas iguais estavam lutando por lados opostos.

— Angelina, eu lhe dei a oportunidade de me dizer. Eu lhe contei toda a verdade e esse foi meu maior erro. Eles me alertaram para não me apaixonar por você.

Não ficaria criando pontos se não chegaríamos mais a nenhum lugar.

— Agora leia a maldita carta... — ordenei e encerrei, falando um tom a mais que o normal da minha voz.

Ela pegou a carta com as mãos trêmulas e retirou a folha dobrada de dentro do envelope.

À medida que seus olhos rolavam as palavras eu conseguia ver as grossas lágrimas saírem dos seus olhos. Minha vontade era de ir lá e puxá-la para meu colo e dizer que tudo ficaria bem, mas eu não iria. Não, quando eu não conseguia controlar o que estava sentindo, nesse misto de raiva, amor e traição.

Por mais duro que estivesse sendo para ela, cada um era responsável pelas suas escolhas e atos.

O processo das consequências era doloroso, a ponto de sentir sangrar sem ver por onde estava saindo o sangue.

Bem eu sabia o quanto deveria estar doendo.

Tanto que, Angelina parava e respirava fundo, segurando os soluços.

Ângelo havia se envolvido com a mãe dela poucos meses antes dele vir morar aqui. Gianne Rossi engravidou e quando ele veio a mãe dela não sabia ainda que estava grávida.

Ela sabia que Angelino era Ângelo Dellatore. O bastardo não havia escondido dela quem era de verdade, mas assim que Gianne conseguiu falar com o verme e contou-lhe, que estava grávida, ele já estava noivo de Tia Sophia e se casaria em poucos dias.

Ângelo ignorou a mãe de sua filha e pediu que não ligasse mais e não o procurasse também. No entanto, como foi passar a lua de mel em Capri, acabou encontrando a mulher que engravidou.

Só não esperava que sua filha tivesse nascido.

Gianne o procurou, pedindo que pelo menos desse um nome a menina. Mas como havia um pacto pré-nupcial, que a família de Sophia o fez assinar, invalidando-o da herança dela caso, ele tivesse um filho fora do casamento deles ou se fosse pego em adultério deixou Ângelo com medo de que pudesse perder tudo.

Ele sabia que poderia perder o dinheiro da herança da esposa se descobrissem que ele havia registrado Angelina com seu sobrenome. Por isso se negou a reconhecer a filha como legítima. Mas, Gianne conseguiu o contato do meu pai com a irmã deles.

Quando ela ligou e contou o que aconteceu, meu pai fez o irmão assumir as responsabilidades, ameaçando-o, de que se não assumisse suas responsabilidades ele mesmo contaria para tia Sophia sobre a menina.

Por parte o velho teve sua culpa, mas ele só quis ajudar e deu sua palavra de que o seu irmão reconheceria a filha e que iria custear as despesas dela por conta do clã. Entretanto, Ângelo fez o que meu pai queria, baseado no medo de que a esposa descobrisse sobre a criança.

Ele a registrou com um nome e sobrenome falso. Contudo, como Gianne não aceitou e o ameaçou, dizendo que ligaria novamente para seu irmão e contaria o que fez, Ângelo não só a ameaçou de morte, mas também mandou matá-la.

A carta chegou aqui quando a mãe de Angelina já havia sido encontrada morta em uma travessa escura de Capri.

Nela dizia sobre a ameaça que Ângelo havia feito e que estava com muito medo de que algo acontecesse com a filha deles.

Desde que descobri as cartas Russel viajou e conseguiu apurar o que de fato aconteceu.

A avó de Angelina, dona Emma, não só omitiu como a filha havia morrido, como também, manteve de pé a mentira por todos esses anos, com medo de que Ângelo fizesse algum mal para ela e a neta.

Mas ele nunca faria, porque ele sabia sobre Bella e eu sermos adotados, o que tornava Angelina uma possível herdeira e com a morte do meu pai, ela ficava ainda mais próxima de ter o direito para ela, e como a Camorra era muito restrita a mulheres assumirem seria ele a assumir por ela.

Seu plano era despistar e retirá-lo da lista de possíveis culpados se abdicando do seu direito para a filha, entretanto, ele assumiria o comando através dela.

Ter o controle do clã era muito mais do que herdaria do espólio da esposa.

— Ele só a queria para reivindicar a minha cadeira — disse quando a vi terminar a carta e me olhar ainda chorando. — Você é herdeira

Dellatore, para o conselho isso a torna mais válida que eu e Bella. A intenção do seu pai era matar o irmão, tomar o que era dele e, por causa da inexperiência dos sobrinhos não conseguirem assumir naquele momento a cadeira, ele reivindicaria o seu direito, como um bom pai que protege os direitos dos seus filhos, através de você. Mas, Bella assumiu e depois se casou com Giovani, o Capo da nossa casa, e me devolveu o direito. Meu cunhado é voto de minerva no conselho e fez com que a cúpula toda me validasse como detentor do clã. Então, seu pai só poderia reivindicar uma consanguinidade agora se eu morresse. Seu pai foi lento, Angelina, e não esperava que tivéssemos as cartas nas mãos a todo momento. Ele mandou matar sua mãe e jogar ela em uma vala qualquer, sem piedade e remorso algum. E você só está viva, porque tem o sangue da nossa casa nas suas veias. Caso contrário, teria o mesmo destino de Gianne Rossi. Sua avó sempre soube e por medo nunca lhe contou nada, disse que a filha morreu em um acidente de carro e como você era um bebê nunca saberia da verdade. O dinheiro que Ângelo lhe mandava era porque meu pai a colocou na lista de pagamento do clã.

— Por favor, para... — Angelina abaixou a cabeça e tampou com as mãos os ouvidos.

— Bem-vinda ao seu mundo, querida. Isso é máfia! Aqui ou joga do lado certo ou apodrece com os vermes. Você deu uma arma para alguém

que só pensa nele e que não vai ajudá-la em nada se não for beneficiado com algo.

— Eu não poderia imaginar que ele fosse assim. Eu não tenho culpa, Tony. Você mentiu e quando dei a faca para ele eu não sabia o que sentia por mim. Sempre pensei que eu fosse alguém que só estava usando. — Angelina tentou argumentar, mas eu ainda estava ressentido e quanto mais olhava para ela, mais me sentia um idiota por ter abaixado a guarda e dito que a amava.

Na verdade, eu havia me tornado um fraco ao amá-la. Mas eu não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Acharia esse *filho da puta*, nem que demorasse mais oito anos. E no dia que o achasse eu mesmo o mataria, dessa vez ninguém faria por mim. Não sossegaria enquanto eu não o visse com os olhos parados, as pupilas dilatadas e ele estirado na minha frente, com 15 tiros, exatamente como Chanderson matou meu pai. Depois eu tiraria Angelina de uma vez por todas da minha vida.

— E você só vai embora depois que eu achá-lo. Eu lhe dei a oportunidade de se abrir assim como fiz, mas você desprezou, agora vai aguentar as consequências.

— Me perdoa, Tony. — Ela veio para perto e tentou me abraçar, mas segurei seus punhos e a empurrei para a cama novamente.

— Eu consigo conviver muito bem com as minhas más escolhas, porque fui forjado para aceitar o que viesse dessa vingança, você não.

— Eu tenho tantas coisas para te falar, que...

— Já teve sua oportunidade e não fez. Agora eu não quero mais ouvi-las. — Respirei fundo, me certificando de que não teria mais como consertar as coisas.

Era tarde para voltar atrás.

Infelizmente, no fim eu me deitaria naquela cova ao lado de Ângelo e Chanderson.

— Está agindo como se fosse o único que tem sempre justificativas para seus atos — ela retrucou, enxugando as lágrimas com o dorso da mão. — Você julga e faz a sentença de cada um como bem entende e não se preocupou comigo em nenhum momento. Não é simples dizer te amo e achar que tudo pode ser diferente. Eu dei a faca para meu pai, pensando estar agindo com justiça, mas todos mentiram tanto para mim que não sinto como se eu tivesse que ser punida, mas sinto-me culpada por alguém quase morrer.

— E se fosse eu que tivesse entrado lá? — perguntei e fiquei esperando por sua resposta que não veio.

Eu não a questionaria e não ficaria aqui debatendo sendo que, tudo que aconteceu não teria mais como ser diferente do que estava sendo.

— Tony... eu passei dois meses lhe procurando por quase toda Europa, depois precisei voltar para casa, sem dinheiro e... — A impedi de continuar falando. Eu não escutaria algo que já disse que sentia muito e que a recompensaria por tudo que passou.

— Não precisa falar mais nada, eu vou lhe dar dinheiro, um apartamento em Paris e lhe conseguir um novo emprego. Vai voltar para sua vida e nunca mais vai ouvir falar no meu nome. Nunca mais vai chegar perto de mim. — Me virei e não quis escutar mais nada.

Angelina não fazia ideia do quanto eu sentia que meu coração fosse se despedaçar por inteiro.

Eu mataria Ângelo, ela iria embora e um dia o tempo iria se encarregar de fechar todas as feridas.

A deixei com ordens de que levassem para ela uma vez por dia o telefone, para ligar para a avó e mais nada. E nenhum passo sequer para fora daquele maldito quarto.

CAPÍTULO 31

Tony

Fazia 4 dias que não a via, que não tocava no seu nome e que não queria falar com ela. Nem quando Sarah saiu em sua defesa, me dizendo que eu deveria rever o peso com que estava punindo-a. Ainda me informou que Angelina mal tocava na comida que levavam.

Fingi como se não me importasse, mesmo que por dentro estivesse preocupado com ela.

Enquanto me controlava para não ir lá e fazê-la se alimentar direito fui até Yaroslav pedir um favor. O russo tinha contato em toda Europa, na verdade em cada buraco por onde alguém ou algo poderia entrar sem ser visto.

Não sei porque, mas tinha um palpite, de que Ângelo procuraria abrigo na Itália, por ser natural do país ele entraria sem ser visto, mas para isso, deveria entrar antes em qualquer país da Europa sem ser rastreado.

Ele não ficaria por aqui e muito menos procuraria pela esposa, sabendo que eu o acharia facilmente.

Ângelo era uma águia e já deveria estar a dias pensando no que faria se conseguisse sair daqui.

Ordenei que voltassem com as surras em Chanderson e ontem, na minha última visita, eu contei a ele sobre quem deu a ordem para Yviny ir atender um cliente estando grávida.

Chanderson contaria tudo ainda hoje.

Depois das surras, da descoberta do real assassino do seu filho e da sua mulher, viria a vergonha. Por último, eu trabalharia no seu psicológico, fazendo-o se sentir culpado por ter cometido uma injustiça.

Quanto a ele eu estava tranquilo, assim que confessasse Shark e Bronk o matariam lentamente, sentindo e pagando pela traição com seu Don. Além de que, os dois estavam com sede de justiça pelo que Ângelo fez com Ronnie. Então qualquer sangue para eles valeria o preço para honrar o amigo.

Mas, meu maior problema nesse momento foi achar o desgraçado.

Ruslan me garantiu que seus contatos já estavam em alerta. Enviamos um sinal de procura com o valor de 10 milhões. Não era para matar apenas trazê-lo para mim sem chamar atenção.

Depois que conseguisse pôr minhas mãos nele pediria seu banimento e desligamento. Tirando qualquer possibilidade dele ter preparado um pedido de clemência e reivindicar o direito de Angelina junto a família.

Em seguida, eu o mataria.

Algo me dizia, que eu estava tão perto que mal conseguia respirar, ansioso para eu mesmo ver seus olhos pararem e seu sangue formar uma enorme poça.

Eu acabaria com ele com minhas próprias mãos e mandaria, em seguida,

Angelina para bem longe de mim.

Percebi que não conseguiríamos seguir em frente enquanto nenhum dos dois cedesse e eu não estava disposto a baixar a guarda novamente para ela.

Confesso que quando vi as imagens da câmera de como foi que ela fez, vi que a italianinha era ainda mais inteligente do que pensava.

Não foi em um encontro, mas em um dos seus passeios. Ela passou a faca por debaixo da porta na manhã do mesmo dia que fomos para Nova

Iorque.

— Ruslan! — atendi o telefone no primeiro toque quando vi quem estava me ligando.

— *Tony, encontrei o que me pediu. Mas ninguém ainda o pegou, só tive informações de que ele esteve em um trem para Roma há dois dias.*

— Filho da puta! Ele está indo para Nápoles. — Assimilei, pensando como ele agiria.

— *É seu território, não posso colocar ninguém lá. Sabe disso.*

— Sim, eu sei! — Colocar alguém da máfia Russa dentro do quintal da Camorra, era o mesmo que detonar uma bomba em cima da cidade.

Quando alguém precisava entrar no território de uma divisão era comunicado e explicado o porquê. Caso contrário, se fosse pego gerava uma confusão das grandes. E o que menos precisava nesse momento era que isso se tornasse mais um problema para mim.

— Obrigado! Cuido daqui — agradei e encerrei a ligação no mesmo momento em que Shark bateu na porta antes de entrar, ficando parado na soleira.

Fechei a tela do celular e me levantei quando notei seu olhar sério.

— O que aconteceu?

— Patrão. A senhorita Angelina está aos prantos depois que ligou para a avó. Ela pediu para chamar o senhor, que precisava urgente lhe contar algo.

Sei que estava puto com ela e que até poderia ser uma cena para que eu fosse até lá, mas algo parecia estranho.

— Ela não está normal — completou e me seguiu quando passei por ele sem dizer nada.

Quando cheguei no quarto Sarah estava lá e oferecia um copo de água.

Angelina estava trêmula e quando me viu começou a soluçar e chorar copiosamente.

— Calma. Assim você não vai conseguir falar — Sarah advertiu zelosamente.

— O que está acontecendo, Angelina? — perguntei e cruzei os braços esperando-a se acalmar para me dizer qual o motivo do seu choro.

Ela não estava bem, porém não mudaria o modo como a trataria. As coisas entre nós tiveram um fim e não era o seu choro de culpa que me faria mudar de ideia.

— Ele o pegou, Tony. — Angelina devolveu o copo para Sarah e enfiou o rosto em suas mãos.

Algo de ruim aconteceu. Ela não era assim: tão vulnerável e chorosa.

Aquela audácia viva não estava mais ali.

— Ele quem? E pegou o que?

— Eu preciso conversar com você a sós.

Ela não me respondeu e ainda continuava a chorar desesperada.

— Por favor, nos deixe — fiz como pediu, pedindo que os outros saíssem.

— Tony, não é melhor que um de nós fique? — Sarah perguntou preocupada.

Será que achavam que eu mataria ou faria algo com ela?

Franzi o cenho e bufei impaciente.

— Saíam todos. — Girei meu rosto e vi que Percy também estava ali.

Esperei estar a sós e fui para o canto contrário ao que ela estava.

— Agora me fala o que aconteceu para me chamar com urgência.

— Jura para mim que não vai me punir pelo que vou falar para você?

Ri amargamente.

Não era possível, Angelina ter escondido algo ainda pior do que foi ajudar seu pai a fugir.

— Jure, Tony!

— Fala logo, Angelina! — disse impaciente.

Eu não iria puni-la de nada a não ser que fosse algo grave.

— Meu pai levou Bento. — Franzí o cenho, sem entender.

Por que o pai dela levaria esse tal de Bento?

— E o que importa e quem é Bento? — Não estava entendendo seu desespero ao dizer o nome e começar a chorar novamente entre suas mãos.

— É seu filho! — disse entre os soluços do seu choro.

Como assim meu filho?

— Que história é essa? — perguntei ainda tentando entender a lógica.

— Eu engravidei em Paris. — Fechei os olhos e senti todo meu corpo contrair. Lembrando que era impossível Angelina ter ficado grávida.

— É impossível — disse em voz alta e neguei com a cabeça, pensando nas possibilidades de ter realmente engravidado ela naquela semana.

Mas por outro lado, se ela ficou grávida e escondeu todo esse tempo de mim, desde que chegou aqui, a tornava ainda mais mentirosa e vil que pensei que fosse.

Ajudar aquele verme não era nada comparado a esconder de mim que eu era pai.

Dei as costas para ela, sentindo a ira me tomar.

— Tony, eu não sei dizer, por isso eu o procurei quando fiquei sabendo, mas como não o achei, voltei para Capri... — Ela tentou se aproximar, mas me afastei ainda mais.

— Fica longe! — ordenei e gesticulei com a mão para se afastar. — Não responderei pelos meus atos se aproximar mais.

Tudo em mim foi consumido pelo ódio e estava ficando cego quando me virei e a vi parada no meio do quarto me olhando assustada.

Com raiva chutei a cadeira ao lado com força, descontando minha frustração.

— MAS QUE PORRA É ESSA AGORA, ANGELINA? — berrei e avancei parando a centímetros dela.

Eu queria esganá-la.

— E quando ia me contar? Porque me achou há duas semanas e não disse nada. Mais uma das suas omissões? Só me contou agora porque seu pai está com meu filho? — Me controlei para não fazer algo pior.

Eu amava a mulher na minha frente e jamais encostaria um dedo nela para agredi-la. Mas estava fodidamente com tanta raiva dela, que não sabia como me controlar.

— Tony! — Percy me chamou ao bater na porta me fazendo olhar para sua direção.

— Ninguém entra — ordenei e voltei a enfrentar o olhar de Angelina.

— Por que não me disse antes, Angelina? Você não percebe que tudo mudaria?

— Eu quis contar. Mas esqueceu? Que sumiu, que me enganou e me fez ir para a prisão? Eu o procurei e minha intenção era algum dia te achar, jogar na sua cara que você ferrou a mãe do seu filho por ser um mentiroso. Mas quando cheguei aqui e vi que em todo tempo você havia me jogado nesse seu plano absurdo, não achei que saber que tinha um filho faria. — Seus lábios tremeram e seus ombros caíram rendidos.

— Tudo mudaria, você acha que se soubesse que havia a possibilidade de você ter engravidado eu teria sumido? Eu me preveni todas as vezes que estive dentro de você em Paris. Não tinha como imaginar. — Me afastei frustrado.

Eu era pai de um menino...

— Porra, Angelina. Eu sou pai e só fico sabendo porque o desgraçado do seu pai está com meu filho.

Distanciei novamente e rodeei o quarto, tentando pensar melhor. Ainda eram muitas informações para processar e o medo me tomou por inteiro, me deixando angustiado.

Ter alguém que faz parte de você e receber essa notícia assim, mexe demais com qualquer psicológico.

— Ângelo sabe que sou o pai?

— Não! Ele sabe que estive grávida, no início disse que havia perdido o emprego por machismo masculino, mas depois quando precisei voltar para Capri lhe contei sobre o bebê e disse que o pai havia sumido. Mas nunca disse quem era o pai de Bento, só que havia o conhecido em Paris, nada mais. Na época eu estava tão chateada que não queria dizer seu nome.

— E agora ele está com meu filho... — pensei alto.

— Tony, eu lamento. Se soubesse que ele pegaria Bento eu teria lhe dito antes. — Angelina começou a chorar novamente. — Se ele matar meu filho...

Era então por isso as ligações desesperadas para a avó e seu sumiço por um ano.

Ela queria ter notícias do meu filho.

— Se ele tocar em um fio de cabelo dele, Angelina, não só vou matá-lo como vou puni-la por todos os dias da sua vida. — Me virei e a encarei, indo para mais perto novamente. Segurei seu queixo e o ergui, fazendo com que seus olhos se fixassem nos meus. — Eu nunca a perdorei por não ter me dado a oportunidade de conhecer o menino. Se tivesse

chegado aqui e me contado, eu teria acreditado e tudo teria sido diferente. Vai sentir o peso da culpa na sua pele. — A soltei.

— Tony, independentemente do que está acontecendo eu o amo também e estou com tanto medo de que meu pai faça algo com ele.

— Ele não vai fazer. Ao contrário, meu filho ainda é mais valioso que a mãe dele.

Não disse para tranquilizá-la, mas sim para ela ver que seu pai ainda era mais vil do que poderíamos imaginar.

Ângelo tinha em suas mãos o novo herdeiro do clã. Ele viria atrás de mim e daria um jeito de me matar, para poder sentar na cadeira de Don até seu neto ter a idade suficiente para assumir.

— Pelo menos sei que estive em Capri. — Me afastei, tentando me concentrar em achar meu filho. Depois eu pensaria como puniria Angelina, por ter me omitido sobre o menino.

— *Nonna* disse que ele levou Bento para passear de manhã e não retornou mais. Que ela estava preocupada. Acabei contando sobre o que sabia e foi quando ela confessou que havia me escondido toda a história e chorou.

— Percy! — chamei em voz alta.

Percy entrou sem bater na porta. Provavelmente quem estava lá fora já sabia que eu tive um filho com Angelina.

Além do meu conselheiro, sua tia também estava próxima.

— Percy, preciso que faça o contato no santuário e diga que estou abrindo um pedido de procura em nome de Don Dellatore. Cassação de Ângelo Dellatore, coloque em anexo que ele está com o meu filho e que o menino deve ser resgatado e levado para o Castelo Ditorini. 10 milhões a recompensa. Diga que ele esteve pela manhã em Capri. — Me virei na direção de Sarah. — Sarah, peçam para liberarem o plano de voo para Nápoles e ligue para Russel. Preciso falar com ele e minha irmã. Também peçam para preparem um Helicóptero assim que estiver chegando para me levar até Capri. — Estava saindo do quarto quando senti Angelina segurar meu braço.

— Não me deixe aqui. É meu filho também. — Respirei fundo.

Minha ideia era que ficasse, mas vi em seus olhos o desespero.

— Fique pronta em 20 minutos.

— Me perdoa! — Não lhe respondi e tirei sua mão do meu braço.

— Se atrasar eu não a esperarei. E comece a rezar para que seu pai não tenha feito nada contra meu filho.

— Eu sinto tanto... — Angelina disse entre o choro.

— Eu escolheria ter meu filho comigo do que matar seu pai. Teria desistido de tudo por ele. Francesco Dellatore me ensinou que acima de tudo um filho sempre vai ser a primeira escolha. — A deixei e saí.

CAPÍTULO 32

Tony

Ninguém falava nada, o silêncio era absoluto.

Já estávamos quase chegando. Mais três horas e estaríamos aterrissando em Nápoles.

Olhei para o assento ao lado e Angelina estava encolhida, agarrada ao seu joelho e olhava para fora.

Queria falar tantas coisas, mas estava com raiva por ter me escondido, não só a forma como ajudou seu pai, mas que tivemos um filho juntos.

Esconder um filho era ainda mais grave e toda essa omissão voltava para Nova Iorque, quando estávamos lá e com todas as oportunidades de me contar.

— Como ele é? — Me mantive olhando na sua direção e perguntei baixo, demonstrando que não discutiríamos.

— Ele é incrível e estou com muitas saudades. — Angelina só virou o rosto e me encarou quando terminou de falar.

Um vazio e aquele silêncio sepulcral pairou entre nós.

Como desejei que ficasse grávida para tê-la comigo, mas isso foi antes dela esconder sobre a ajuda e Bento.

Porém, saber que tínhamos um filho juntos mudava tudo.

— Não o tire de mim! — seu pedido saiu como se eu fosse tirar o menino dela.

Jamais faria isso. Ainda mais uma mãe que quer o filho.

Angelina poderia ter abortado, feito qualquer coisa, mas ficou sozinha toda a gestação e isso era o único ponto positivo que ainda me faria mantê-la por perto.

Porém ela tinha que entender que se tivesse me contado tudo seria tão diferente.

— Não farei isso. Mas esteja ciente de que não vou ficar longe dele. — Desviei meu olhar para frente. — E nem você vai sair de perto enquanto eu não me certificar que não tenha engravidado de novo.

Eu não ficaria longe de Bento, já o amava sem conhecê-lo, só por saber que ele era parte de mim. E se Angelina tivesse engravidado

novamente mudaria ainda mais as coisas entre nós. Mas agora eu não queria pensar nessas possibilidades. Meus pensamentos estavam somente em achá-lo e poder segurá-lo pela primeira vez.

Eu tive uma mãe que não me quis, um pai que não a ajudou quando ela estava grávida e eu não fugiria das minhas responsabilidades, por mais que fossem tardias.

Se Angelina tivesse me dito antes, eu teria entrado na primeira aeronave para buscá-lo e seu pai agora não estaria com ele, sabe-se lá planejando o que.

Era só ter dito...

Cada um teve seu momento de redenção naquela noite.

— Eu sinto tanto, Tony.

— Não sinta, deixe para sentir se aquele maldito do seu pai fizer algo contra meu filho. Eu juro que todos irão pagar.

— Espero que um dia possa me perdoar, mesmo eu não me sentindo culpada por não ter lhe contado. Você não é o mocinho dessa história. Sabe... acabei me tornando igual a você. Me vingando, omitindo e mentindo. — Sorri e fechei os olhos, tombando minha cabeça contra o encosto da poltrona.

— Você aprendeu bem! — Angelina sabia rebater a minha altura e me mostrou que eu não estava sempre um passo à sua frente.

— Um dia me disse que o tempo se encarregava de levar todas as coisas embora. Aprendi que com você eu nunca poderia estar de guarda baixa.

— E não fique. Eu só quero saber do meu filho.

Deixei o assunto entre nós morrer. Não queria conversar com ela agora. Sabia que poderia dizer algo devido ao sentimento de traição que eu ainda estava sentindo. Na verdade, só queria que soubesse que suas atitudes tinham causas e consequências.

Angelina

Não conseguia pensar em mais nada desde que, minha avó disse sobre meu pai ter desaparecido com meu filho.

Sabia que deveria ter contado tudo quando cheguei, ou mesmo naquela noite em Nova Iorque, mas ainda tinha tanto medo de que ele só estivesse me usando.

Era difícil acreditar que as coisas seriam diferentes.

Não conseguia sentir que poderia confiar nele como havia feito antes. Tanta confiança que tive e, acabei grávida e sozinha.

Se ele soubesse o que passei não me julgaria tanto.

Antes de voltar para Capri, quando descobri eu tive tanto medo por não achá-lo. Eu estava sozinha e perdida. Teria que criar uma criança sem ter condições, porque ele sumiu, mentiu e me roubou. Mas, quando vi que minha avó me apoiaria e meu pai estaria me ajudando eu me senti um pouco melhor. Não que isso fosse o suficiente.

Era uma responsabilidade muito grande criá-lo sozinha.

Quantas noites Bento estava em meu peito mamando e eu ficava olhando para seu rostinho redondo e sua boquinha se movendo, pensando como seria quando ele me perguntasse quem era seu pai.

Eram nesses momentos que sentia raiva por Tony ter me dado um nome falso. Não que eu fosse querer algo dele. Eu lutaria e cuidaria de Bento sozinha, sem ele, mas queria muito que soubesse que por sua causa tinha ferrado a mãe do seu filho. Que teria que conviver todos os dias sabendo que teve um filho e que ainda havia roubado e tirado tudo da idiota que se deu para ele em Paris.

Por isso, resolvi procurá-lo e foi quando tive a ideia de tentar ser recepcionista de leilões. Um ladrão sempre voltaria, ainda mais sabendo que seria difícil para eu retornar por causa do roubo do Giorgiano.

Nesse meio, quando acontece algo semelhante ou de falsificação, um passa para o outro. É como se fosse um alerta entre os colecionadores.

Então, Tony saberia que eu estava fora e como recepcionista tinha uma maior probabilidade de achá-lo.

Não foi fácil tomar essa decisão e deixar Bento com minha avó, mas era a única oportunidade que teria.

Quando deixei Capri prometi para ela que seria por pouco tempo, que se não conseguisse nada em um ano eu voltaria para casa e cuidaria da sua loja. Mas eu precisava tentar.

Foi quando tudo aconteceu e Tony me levou até ele.

A princípio quando o vi, sob o Giorgiano e fiquei sabendo seu verdadeiro nome, não consegui contar. Estava com tanta raiva e confusa que acabei temendo por falar. Eu não sabia com quem estava lidando. Até porque, também teve toda a descoberta sobre meu pai, mas pelo menos ele mentiu e conseguiu me enganar com um pretexto que fazia mais sentido do que o de Tony.

Mas depois de Nova Iorque eu tive medo de acreditar nele e me enganar novamente.

Eu o amava e não havia perdoado tudo que fez. Não sabia como reagiria quando lhe contasse que tinha um filho, minha intenção era ter contado tudo quando retornamos para Los Angeles, mas veio a fuga e sabia que ele teria ainda mais ódio de mim se falasse sobre seu filho naquela hora. Por isso, decidi não lhe contar, já que deixou bem claro que me mandaria embora assim que acabasse com meu pai.

Voltaria para Capri e criaria uma história para contar quando Bento me perguntasse quem era seu pai. Pelo menos eu tinha tentado.

E seria melhor assim. Estaria longe dessa rede de mentiras e conspirações.

Tony poderia seguir sua vida e como ele sempre disse:

“Quando escolhemos fazer diferente as coisas ruins vão ficando para trás e caindo no esquecimento. Não existe perdão e sim o tempo!”

Talvez um dia ele esquecesse.

Fechei meus olhos quando escutei que já estávamos sobre o país e que logo estaríamos aterrizando em Nápoles.

Ele me deu a oportunidade de deixar para trás e olhar só para onde estávamos.

Eu estava me culpando por ter perdido a oportunidade de fazer diferente.

E se tudo desse certo, no fim, eu iria até ele de novo, mas dessa vez eu diria que o amava.

A handwritten signature in black ink that reads "Tony". The letter "T" is large and stylized, with a horizontal bar extending to the right. The word "ony" is written in a cursive script below the "T".

Chegamos em Nápoles e fiquei sabendo que Ângelo estava na cidade, e que ele havia deixado Capri desde de manhã.

Onde será que aquele verme está?

Quando conversei com Bella e Russel chegamos à conclusão de que Ângelo buscaria agir contra mim, me levando diante do conselho e me culparia por prendê-lo sem provas.

Ele agiria como se soubesse dos meus passos, porém Giovani interviria a meu favor. Ele já deixou o conselho a par do meu problema com Ângelo e disse que só concederia uma audiência de clemência se todos os membros estivessem presentes, mas que poderiam dar andamento na audiência de reconhecimento. Isso daria pelo menos um dia antes do Capo americano chegar.

— Tony só tome cuidado. Ângelo é uma cobra e pode estar nos levando até ele intencionalmente para fazer o jogo dele — Percy me advertiu e ele tinha razão, porém eu tinha meu plano B.

Desde quando pensei e tracei todos meus planos ela esteve neles e seria essencial para levar seu pai até onde eu queria. Exatamente onde ele achava que me colocaria, porém mal sabia que eu estaria um passo à sua frente.

— Pode deixar. Só faça como mandei. Se pegarmos Ângelo e ele mesmo assim fugir, já sabe o que deve fazer. Você e Yelena vão assumir tudo. Bella está ciente. — Percy assentiu

— Eu sou leal e o sirvo por amor. — Sorri.

Eu estava preparado, mas quando olhei para trás e a vi descendo as escadas desejei que pudesse voltar no tempo e mudar.

Não queria que fosse assim e não queria desejar puni-la ou revidar. Só queria estar com ela e meu filho em paz.

Caralho... era sobre meu filho.

Respirei fundo e olhei para Shark quando seus olhos me flagraram olhando para ela.

— Shark leve Angelina para o Castelo Ditorini.

— Não! — Ela já havia descido as escadas quando fiz questão que escutasse o que estava ordenando. — Eu quero ir junto com você.

A ignorei e caminhei na direção dos carros parados, nos esperando na pista de pouso ainda.

— Mas você não vai — afirmei quando ficou ao meu lado.

— Tony, por favor, é meu filho. — Parei e indiquei com a cabeça para que Percy, Shark e Bronk nos deixassem a sós.

— Angelina, dessa vez só acredite e não revide uma decisão minha. Eu preciso que vá para o castelo, o conselho está esperando-a.

— Por que? Eu quero encontrar Bento — me questionou com a voz chorosa.

— Sem perguntas. Faça como estou mandando. Eu achando-o levo para você, só preciso que fique lá. Confie em mim pelo menos dessa vez.

Quando Angelina assentiu e me encarou com seus olhos marejados senti uma vontade absurda de puxá-la e beijá-la ali.

A danada da italianinha mexia tanto comigo que me deixava nesse misto de raiva e paixão.

— Eu não a perdoei — disse antes de sair de perto dela.

— O tempo faz todas as lembranças ruins se apagarem. Não esperava menos de você, Don Dellatore. — Angelina continuou enfrentando meu olhar.

Eu não cederia.

Angelina entrou no segundo carro sem questionar ou bater o pé.

— Disse que ela era a isca? — Percy me perguntou quando entrei no primeiro carro e fechei a porta.

— Não, mas isso não vai importar mais para ela. Ela sabe que tive motivos.

Se Ângelo estivesse agindo como estávamos pensando ele estaria vigiando o castelo à espreita de que alguém do conselho chegasse. Quando visse a filha ele morderia a isca. Em posse do meu filho e da sua filha ele a faria conceder a tutela para ele.

CAPÍTULO 33

Angelina

Assim como Tony me pediu, fui com Shark para o castelo.

Já não me ressentia com seu segurança e parei de provocá-lo. Sabia que todos que trabalhavam para Tony e que estavam ressentidos comigo, por ter ajudado meu pai indiretamente a escapar, quando lhe dei a faca.

Bem ou mal, um dos seus colegas saiu ferido.

— Queria me redimir por causa do seu amigo — disse quebrando o silêncio no qual estávamos quando abriu a porta para que eu descesse.

— A senhorita não precisa...

— Shark, eu sinto muito mesmo e obrigada por ter chamado Tony ontem.

— Você é a mulher dele, só obedeci a uma ordem. — Tentei sorrir ao escutar que eles me consideravam como a mulher de Tony, mas eu não era.

Na verdade, eu poderia ter sido, mas escolhi outro caminho.

— Fui, mas mesmo assim, obrigada.

— Don Dellatore é duro, mas está apaixonado pela senhorita e agora tem um filho em comum. Então é a nossa primeira dama. — Sorri sem saber o que dizer. — Somos seus cachorros de guarda também. — Ele brincou e não tive como não rir.

— O que devo fazer? — perguntei ao ficar de pé ao seu lado na entrada do castelo.

Meus olhos percorreram toda a enorme edificação.

— Senhorita Fantini? — Um homem bem alinhado, de terno preto e gravata sobre a camisa branca se aproximou de nós e perguntou me estendendo sua mão.

— Sim — respondi.

— Paolo Vitale à suas ordens. — Segurei sua mão e o cumprimentei, soltando-a em seguida. — Já estão esperando pela senhorita. Me acompanhe. — Olhei para Shark esperando que confirmasse que estava tudo bem eu seguir o estranho.

Ele sorriu e mexeu a cabeça confirmando.

Respirei aliviada e segui Paolo desde a entrada até a leste do local.

Nunca havia visto uma construção tão esplendorosa.

Era a arte colonial intrincada, com afrescos e abóbadas tão altas, que as da capela Sistina pareciam ser minúsculas.

Fui andando e reparando o quanto o lugar era rico em arte com as réplicas do *Bronze de Riace*^[12], além delas também tinham as esculturas *Dédalo e Ícaro* de *Canova* e a *Pietá* de *Michelangelo*, que simbolizava Cristo nos braços de Maria.

Eram lindas.

— É idêntica à original da Basílica de São Pedro — proferi em voz alta.

— Sim. Na ala sul temos algumas peças sobre torturas. Caso se interesse por história...

Não entendi. Eu era apaixonada por arte e não artefatos de história.

— Chegamos. — O homem parou diante de uma porta, de madeira intrincada com grandes formas e desenhos em entalhes.

Ao abri-la, tive o vislumbre de oito homens sentados ao redor de uma longa mesa.

Não sei o que aconteceria e nem porque eu estava aqui, mas acabei entrando quando Shark me disse que estaria ali fora para me proteger.

Respirei fundo e acompanhei Paolo, que me levou a uma das pontas da enorme mesa retangular.

Na verdade, quando olhei a princípio contei oito lugares, mas eram 10, contando com o que estava me sentando.

Os homens me olhavam em silêncio e um a um levantaram-se e vieram me cumprimentar.

Um deles se levantou após todos os cumprimentos e arrumou o terno.

— Você sabe onde está, Srta. Fantini? — Neguei com a cabeça. — Aqui é o castelo Ditorini sede e berço da nossa organização. A nossa casa para onde todos que precisam buscam abrigo. Hoje estamos nos reunindo para reconhecimento a pedido de Don Valentino.

O cunhado de Tony. Eu o conheci no velório de sua mãe.

— Ele pede seu reconhecimento como Angelina Dellatore, filha de Ângelo Dellatore. Conseguimos encontrar seu pai ainda há pouco próximo aos portões.

— Meu pai? — perguntei assustada, tentando entender o que estavam fazendo.

— Sim, ele se juntará em breve, no momento ele está com seu sobrinho, filho de Francesco Dellatore, revivendo a história.

Meu Deus... Tony e Bento!

— Eu preciso ir até eles. — Me levantei sem prestar atenção ao que me diziam, minha mente vagava até onde Tony e nosso filho poderiam estar.

Se meu pai os ferisse?

Meu coração se apertou, fui sentindo falta de ar e tudo começou a rodar. Eu não poderia ficar aqui e muito menos passar mal. Eu precisava achá-los.

Deixando todos, saí correndo e me choquei com Shark ao abrir a porta.

— Tony está com meu pai. — Shark me segurou, mas consegui me desvencilhar.

— Ele pediu que esperasse aqui.

— Eu não posso.

Não poderia ficar ali parada e depois me remoer pela culpa.

Saí em disparada, voltando pelo corredor em que viemos, sem saber onde poderiam estar, mas me lembrei do homem dizendo que estavam revivendo a história.

Isso poderia significar que estavam na ala sul.

Eu precisava achá-lo e tentando encontrar por onde ir, voltei ao enorme hall de entrada, onde tinha uma rosa dos ventos desenhada em pedras no chão.

Localizei para que lado estava o sul e corri na direção.

Mas não precisei andar muito quando escutei o choro chegar aos meus ouvidos.

Shark vinha logo atrás.

Os encontrei em uma sala.

A porta estava aberta e quando passei vi meu pai empunhando uma arma na direção de Tony. Bento estava no canto do cômodo, sentado no chão e chorando.

— Pai! — Não sei onde estava com a cabeça, mas senti tanta coragem ao entrar, que me coloquei à frente de Tony.

— Angelina o que está fazendo aqui? — Tony surpreso me perguntou em tom de repreensão. — Eu mandei que fosse com Shark.

E cadê ele que estava logo atrás de mim.

— Olha só! Que bom que está aqui, querida filha — meu pai disse, chamando minha atenção para ele.

— A deixe ir, Ângelo — Tony pediu enquanto ele ainda mirava a arma na nossa direção.

Mas, um movimento no canto me chamou atenção.

Shark se esgueirava em silêncio, indo até Bento para pegá-lo.

Quando meu pai percebeu o que estava acontecendo ao acompanhar meu olhar, ele virou sua arma na direção dos dois.

— NÃO! — gritei e fui em sua direção para me colocar entre eles, mas Tony me impediu, me agarrando e puxando pelo tecido da blusa que eu estava vestindo.

— Fique onde está, Angelina. E você, Shark, segure-o e fique no canto com ele. É bom que o moleque cale a boca.

— Pai, por favor! É seu neto — supliquei.

— Você acha que vou machucar o herdeiro dos Dellatore? — Ele riu e pude notar o brilho maldoso em seus olhos ao se referir a Bento como se meu filho fosse uma pedra preciosa. — Ele vai me dar a cadeira.

— Você não terá nada, Ângelo. Primeiro precisaria me matar e segundo a sua filha.

— E quem disse que não mataria os dois?

— Giovani e Bella vão assumir o clã até Bento completar a idade certa, se eu e Angelina morrermos — Tony disse, mas meu pai ainda continuava gargalhando.

— Ah... Antônio, você se acha esperto, não é?! Sei que o menino é seu filho. Angelina é uma idiota. Não precisou dizer quem era o pai. Só me dei conta do quanto seu filho era ainda mais valioso, quando Emma me disse o nome do pai dele. Ettore. — Os olhos dele pararam em Tony. — Você o chamou assim quando chegou em Los Angeles e esse idiota disse que se casaria com você. Quando fiquei sabendo só fiz uma ligação a outra.

Bento não é só um Dellatore de nascença e sim herdeiro legítimo do atual Don Dellatore. Os dois morrendo me dão a guarda legal sobre a vida do moleque.

Meu pai se aproximou mais e deixou a arma apontada diretamente na minha barriga.

— Você vai morrer como Angelina Fantini, vou herdar o dinheiro de Sophia e ainda me tornar Don Dellatore, como deveria ter sido quando Francesco morreu.

— Eu estava certo, você planejou a morte do seu irmão para ter a cadeira dele — Tony afirmou.

— Sim, mas a puta da sua irmã estragou tudo ao abrir as pernas para Giovani e você com toda essa história de culpa por ter brigado com o papai estavam fodendo com meu plano. Até achei que seria meu fim quando você trouxe Angelina, antecipando a vinda dela. Eu iria matar Sophia e depois buscaria minha filha para assumir como uma Dellatore, e cada vez mais não desconfiariam de mim quando eu o matasse, assim como foi com Peppe. Eu só não contava que os dois me presenteariam com o pequeno diamante, a chave que me daria a cadeira que sempre deveria ter sido minha.

Meus olhos foram para Bento agora mais calmo nos braços de Shark.

Respirei fundo sentindo que a qualquer momento fosse desabar e quando meu pai se aproximou mais fechei os olhos sem saber como sair dessa. Ele me mataria e depois Tony por causa de poder, porém senti um empurrão e cai para o lado estacando no chão bem no momento em que escutei o barulho do tiro.

O barulho foi ensurdecedor e para me defender cobri minha cabeça, mas me lembrei que poderia estar sangrando e desesperada me ergui apoiando-me em meus braços, mas quando olhei para o lado vi o sangue escorrendo dele.

— Tony! — Me levantei rápido ao ver que ele tinha sido atingido.

Meu Deus...

Meu coração parecia ter parado de bater à medida que eu me jogava ao seu lado e tentava colocar minha mão sobre a ferida para conter o sangue que jorrava dela.

Meu pai atirou em Tony e ele me empurrou para me salvar.

Por que?

Não só meu corpo todo se manifestava em desespero, meus olhos vertiam lágrimas e eu mal conseguia enxergar ao redor.

E Bento?

— Shark! — gritei e ouvi sua voz misturada ao choro de Bento próximo de onde estava, dizendo que estavam bem, mas voltei a me

assustar com o barulho de mais tiros sendo disparados próximos dali, não mais dentro da onde estávamos.

— Angelina! — Tony gemeu chamando minha atenção.

— Calma! Eu vou atrás de ajuda.

Não consegui sair dali, fiquei com medo de tirar a mão e Tony perder ainda mais sangue e morrer. Por isso, gritei pedindo ajuda enquanto com dificuldade levava a mão no meu rosto e o virava para ele.

— Está tudo bem. Você é uma italiana muito teimosa! — Ele gemeu e tossiu, me deixando ainda mais desesperada ao ver que minha mão não estava sendo suficiente para estancar seu sangue.

Meu pai conseguiu acertá-lo na região abdominal.

Não entendia muito de ferimentos, mas sabia que não era um bom sinal pela quantidade de sangue que estava perdendo.

— Angel... — Tony tornou a me chamar.

— Não faça esforço — pedi quando tentou se levantar.

— Você me perguntou uma vez... Se eu sabia a diferença do amor e do ódio. Por ódio matamos e por amor morremos. Eu te amo, nunca se esqueça disso.

— NÃO! — gritei ao ver seus olhos lentamente se fechando e seu corpo relaxando ao dizer que me amava.

CAPÍTULO 34

Três meses
depois

Angelina

Como não odiar o homem que estava disposto a matá-la para ter poder? Que não só lhe tirou sua mãe e a oportunidade conhecê-la, mas também afastou o grande amor da sua vida”

Pois é... era meu sentimento por aquele que acreditei me amava como sua filha. Nem seu nome eu queria mais pronunciar. Era uma lembrança da qual queria enterrar e nunca mais lembrar.

— Que bom conhecê-la pessoalmente. Já estava me perguntando quando seria nosso encontro. — A irmã de Tony nos esperava na porta,

quando o carro que nos buscou no aeroporto, estacionou de frente a sua casa.

Estávamos na época do Natal e por mais que estávamos aqui, rodeados pela família dele, não seria a mesma coisa sem sua presença.

Há 3 meses Tony não dá notícias, deixando Bento e eu em Capri. Mais uma vez sozinhos.

Quando Tony desmaiou ao perder muito sangue o resgataram de lá às pressas, enquanto Percy e outros homens tentavam pegar Ângelo, que acabou escapando com a ajuda de alguns amigos seus.

Tudo foi tão conturbado naquele momento que me tiraram do castelo com Bento assim que o levaram para o hospital. Percy assumiu o que haviam planejado e me levaram de volta a Capri com seguranças.

Eles temiam que meu pai ainda tentasse algo, mesmo com muitos homens à sua procura.

Enquanto caçavam Ângelo Dellatore, Tony piorou em seu quadro e quase morreu. Ele ficou por dias em coma induzido, recebendo tratamento para amenizar a gravidade do quadro hipovolêmico^[13]. Também realizaram a cirurgia para a retirada da bala, que por sorte não atingiu nenhum órgão vital. O maior problema mesmo foi a grande quantidade de sangue perdido.

Eu consegui vê-lo uma única vez antes de levarem ele para os EUA.

Bella achou melhor levá-lo para Nova Iorque quando houve uma grande melhora no quadro e me disse para ficar em Capri até as coisas se acalmarem e acharem Ângelo, pois conseguiram rastreá-lo de novo em Los Angeles.

Eles acreditavam que meu pai foi atrás da esposa e sumiria do país ao pegar o dinheiro deles. Por isso, acharam melhor que eu ficasse onde estava, pois seria mais fácil para protegerem Bento e eu.

Sem ter muito o que questionar, acabei concordando, acreditando que assim que Tony melhorasse viria nos buscar, mas não foi o que aconteceu. Mais uma vez ele sumiu como se não tivesse existido e nem soubesse de nós.

Não ligou, não apareceu e nem me deu notícias.

O pouco que ficava sabendo era através de Sarah e de Bella, que me ligavam constantemente para saber como estávamos.

Confesso que me sentia completamente frustrada.

A mando dele depositaram uma grande quantia em dinheiro na minha conta, nada mais. Mas eu não queria seu dinheiro, eu queria estar ao seu lado.

Por isso, não liguei e não fui atrás. Se agiria desta forma eu também.

Tony sabia onde me encontrar e se realmente me amava, quem viria até mim desta vez seria ele.

O único problema era que não seria mais só seu filho e eu, nos tornamos três.

— Oi. — Bella aproximou-se mais e me abraçou, pegando Bento no colo quando ele jogou os bracinhos na direção dela.

— Ele é tão lindo. Desculpa, Angelina, mas é muito parecido com Tony. Vai ter trabalho com as meninas. Um italianinho puxado ao pai não vai ser fácil controlar o assédio.

Respirei fundo tentando sorrir e não chorar mais.

— E espero que agora venha uma menininha — ela completou.

Há dois meses descobri que havia engravidado novamente.

Quando disse para Bella que precisava falar com ele, porque estava grávida de novo. Pedi se ela poderia me informar o paradeiro do irmão para que eu pudesse contar, mas novamente me pediu para ter calma, que em breve ele apareceria. Também me informou que haviam conversado e que foi ele que pediu para eu ter paciência e acreditar no que estava me pedindo.

Mas por que ele não disse isso para mim? Era o que me deixava ressentida com ele. Essa ausência e recados através de outras pessoas.

Eu precisava vê-lo! Precisava saber se estava tudo bem, ao invés de ficar apenas recebendo dinheiro seu e esperar que aparecesse.

Sabia que estava cuidando de nós a sua maneira, mas não deveria ser assim.

Ele mal conheceu o filho.

Já estava farta de me dizerem para ter calma, que ele estava resolvendo os problemas e que logo nos buscaria.

Por isso Bella achou melhor não contar ainda sobre o novo bebê.

— Sei que deve estar sendo péssimo, mas entenda, Angelina, Tony precisa ainda resolver algumas coisas. Não o julgue, não o culpe. Ele a ama de verdade e vai ficar tão feliz ao saber que vai ser pai novamente.

— Sim, Bella. Só não consigo entender porque não me liga. Eu entenderia se ele me pedisse para esperá-lo, mas pelo menos queria notícias suas, ouvir sua voz e saber que está tudo bem com ele.

— Eu compreendo. E imagino o quanto esteja sendo difícil, mas está no fim, eu garanto a você. Logo vão estar em Los Angeles e vão viver em paz. Sem a ameaça do seu pai. Mas vamos entrar, está muito frio aqui. Pedi que Constância preparasse chocolate quente, muffins e brownie para o café da tarde. Anny quer conhecer o novo primo, só fala dele há dias.

Sorri e a acompanhei.

Pelo que conversamos nos telefonemas, me disse que têm quatro filhos e a mais velha é a menina. Todos com idade muito próximas. E que são enérgicos como o pai.

Conheci melhor Giovani quando ele esteve em Nápoles, nos encontramos no hospital. Foi quando levaram Tony para Nova Iorque e me

reconheceram como um membro da família Dellatore.

Entrei na casa e como sempre, passei a reparar os detalhes. Era uma casa grande ao estilo neoclássica e pelo pouco cheiro de tinta provavelmente foi recentemente reformada.

Mas o que mais me impressionou foi o bom gosto minimalista da dona, que estava impregnado até nas tomadas.

Além de elegante, Bella era uma linda mulher. Ela e o esposo formavam um lindo casal.

— Angelina quero que fique à vontade. Se quiser passear por Nova Iorque, deixarei um carro à sua disposição. Bento ficará aos cuidados da babá. Quero que sinta que aqui é sua casa também, minha mãe está eufórica para conhecer o neto — informou assim que caminhamos um pouco mais para o interior da sua casa.

Bento ainda não conhecia a avó pessoalmente, ela apenas o viu algumas vezes por vídeo, quando me pediu para mostrar seu neto. Pela maneira como falava suave e pela expressão tranquila em seu rosto era uma mulher muito elegante e observadora.

E eu me sentia sendo observada sempre, mas acreditava que era mesmo só o seu jeito, pois, há um mês ela enviou presentes para o neto e disse que não via a hora de conhecê-lo. Por isso, Bella preparou que viajássemos para passar o natal com eles. Seria um encontro familiar.

Por parte, isso me confortava. Pelo menos era uma maneira de me tranquilizarem e fazer com que eu não me ressentisse tanto quando Tony aparecesse.

— Obrigada, Bella. Não sei como lhe agradecer.

— Não precisa. Você é minha cunhada, prima e o que mais. — Rimos, ao lembrar que temos tantos graus de parentescos em comum.

— Agradeço mesmo, mas se quer saber eu vou querer ir somente a um lugar aqui. Quero visitar o MET. Em todos esses anos só o conheço por fotos e pela visita no site.

— Quero que se sinta em casa. E nada de ficar em hotel ou no apartamento do *Central Park*. É na minha casa que ficará e com sua família.

Eu não poderia me sentir mais acolhida por ela do que estava me sentindo. Mas tudo isso era tão ínfimo sem poder falar com seu irmão, sem tê-lo por perto.

Que raiva por me frustrar dessa maneira...

Não faço ideia do que farei com ele ainda.

De novo grávida sem ele por perto.

Bella era um encanto de mulher. Ela deixou tudo preparado quando lhe contei sobre meu desejo de visitar o Museu de arte contemporânea de Nova Iorque, pedindo que seu motorista me trouxesse.

Era um sonho antigo, que mesmo com tantos percalços eu pude agora realizá-lo.

Estava muito frio e começou a nevar quando cheguei aqui, alguns minutos atrás, mas ainda assim não tirava nenhum pouco o brilho de poder subir essas escadas. Ainda bem que ela sabia que eu não tinha hora para voltar. Queria andar corredor por corredor.

— É fascinante não é, mas aqui eles não fazem leilões, não vai encontrar nenhum Giorgiano. — Não tinha aberto meus olhos, e o frio estava cortando minha pele, mas eu sabia que esse timbre só poderia ser dele.

O tom quente, sexy e pesado dizia que estava ali ao meu lado.

A princípio neguei com a cabeça, me recusando a abrir os olhos.

Poderia ser apenas a voz do meu desejo e me recusei a querer encarar a realidade. Se não fosse ele ali, eu me sentiria ainda mais sozinha do que já me sentia.

— Não vai me abraçar, me bater, italianinha teimosa? — Era ele, só alguém com tanta arrogância sussurraria em meu ouvido assim; depois de

me deixar sem notícias suas por três meses.

— Eu não acredito que seja você — disse baixo e sua gargalhada grossa e sua barba rala me arranhou próximo ao ouvido.

— Pode acreditar, meu anjo. — Abri meus olhos e olhei para o lado e lá estava ele, sorrindo com aquele sorriso debochado enfeitando seus lábios.

Que ódio dele...

— Você só pode estar brincando? — Não consegui me controlar e o empurrei espalmando as mãos no seu peito. — Você me deixou na Itália por três meses e me aparece aqui sorrindo como se nada tivesse acontecido?

Tony segurou meus pulsos e me puxou para mais perto selando meus lábios, me pegando de surpresa.

— Tive meus motivos. Mas estou aqui para te levar para casa.

— Eu te odeio — rebati.

— Não esperava menos, carinho. — Gentilmente seus dedos enluvados tocaram minha face, acariciando. — Vou te contar tudo, mas vamos sair daqui. Preciso de algo quente, está muito frio.

Mas ao invés de sairmos Tony me manteve em seus braços.

— Não... — ele mudou de ideia —, antes de sairmos daqui preciso fazer algo. Calma que ainda vamos conversar e vou lhe contar o que aconteceu. Está bem? — Tony curvou sua cabeça e me beijou, me

impedindo de falar para ele como eu estava enfurecida por não ter pelo menos feito uma ligação.

Não se some assim, sem dar notícias depois de dizer que ama uma mulher e que por amor ele morreria. No entanto, não consegui deixar de sentir a profundidade e a intensidade com que seus lábios me atacavam, bem ali na escada do MET.

Não iria vencer esse duelo com ele. Não nesse momento.

E então... só o que fiz, foi envolver minhas mãos em seu pescoço e deixar meus dedos aprofundarem nos fios baixos da sua nuca, enquanto nos beijávamos.

Era a certeza de que as coisas poderiam ainda serem melhores do que pensamos e continuaríamos sem olhar para trás.

Eu o amava e sentia, que por parte dele era recíproco.

Tony lentamente soltou meus lábios e com a testa colada à minha deixou seu nariz roçar o meu.

— Não vou pedir desculpas, porque sei que daqui para frente não vai ter ninguém conspirando ou mentindo nas nossas costas, então preciso fazer algo que eu quero muito. Está bem? — Sorri e funguei, sentindo meu corpo quente brigar contra o frio e com os flocos de neves que paravam em nós.

— Eu te amo, Tony!

— Eu também.

Ele se afastou e a todo tempo seu olhar ficou no meu quando abaixou e se ajoelhou na minha frente.

— Não vejo lugar melhor do que esse para fazermos isso.

— Mas o que? — perguntei ao ficar assustada, com medo do desconhecido, mas Tony segurou minhas mãos, levou aos seus lábios e beijou o dorso dela.

— Angelina Dellatore, eu te amo muito. Não sei falar em palavras e muito menos mensurar esse sentimento. Sei que é grande para *caralho*. Então, eu não aceito um não, já estou avisando. E não pense que vai me dizer não também, porque eu te levo para casa e te coloco em cima de uma cama até dizer sim.

— Nossa que enrolação... — Tony revirou os olhos e eu ri, me sentindo feliz, imaginando o que ele faria a seguir.

Não é qualquer dia que o homem que você ama fica ajoelhado à sua frente — na escadaria do MET —, e segura sua mão com a neve caindo sobre vocês.

— Não interrompa... quero fazer desse momento uma lembrança única e a primeira de muitas, para que tudo fique para trás, que seja enterrado e esquecido o que aconteceu.

— Tony... — Fui responder, mas ganhei seu olhar sério me encarando, sugerindo que eu ficasse quieta e deixasse-o terminar.

— Muito bom! Eu quero me casar com você. Você já é minha mulher, quero lhe dar o mundo, quero que seus sonhos sejam realizados, mas acima de tudo quero fazê-la a mulher mais feliz desse mundo. Vou errar? Sim, e muito ainda, mas em todos meus erros saiba que nenhum será para te machucar ou para te ver triste. Eu te amo e não se esqueça disso. Angelina, minha italianinha de sangue quente e teimosa, casa-se comigo?

Abri a boca, mesmo esperando por isso não consegui controlar a sensação de surpresa que era vê-lo ali, me pedindo em casamento.

— Eu quero te falar tantas coisas, mas não sei o que vou fazer se você me deixar de novo. — Senti meus lábios tremerem com medo e desespero só de pensar que poderia um dia perdê-lo novamente.

— Eu dou minha palavra que isso nunca mais acontecerá, precisei desses meses para limpar toda a nossa casa e vida, para voltarmos nela e de lá nunca mais sairmos. Só me responda, porque esse chão está muito frio. — Ri e me curvei. Segurei em seu rosto, deixando minhas mãos na lateral dele e o beijei em resposta. Em seguida Tony, colocou o lindo solitário em meu anelar esquerdo e depois deixou um beijo na palma da minha mão.

— Mas ainda eu não te perdoei. — Tony jogou a cabeça para trás e gargalhou quando disse após ele me pedir em casamento.

— Eu te amo tanto. — Se declarou sorrindo.

— Espera um pouco. — Encenei ao me afastar e ele me encarou sem entender nada. — Eu preciso te contar algo antes de aceitar seu pedido.

— Mas o que foi dessa vez? — Tony perguntou sério, acreditando que algo de errado estava acontecendo.

— Tony, não vai ficar bravo comigo por esconder de você... — Fiz uma pausa e enfiei meu rosto dentro das mãos.

Ele se levantou e ficou me encarando como se estivesse se preparando para a pior notícia que poderia receber.

— Fala logo, Angelina!

— Jura que não vai brigar ou me punir? — Como estava demorando para me responder perguntei novamente.

— Não sei! — respondeu sério.

— Eu estou grávida de novo. — Ele suspirou e me puxou, me apertando entre seus braços.

— Que alívio. Achei que tinha feito algo. — Selou meus lábios e sorriu aliviado. — Não sabe o quanto isso me deixa ainda mais feliz. E de quantos meses está?

— Hum... contando desde aquela noite na banheira. Quase quatro meses.

— Quase quatro meses? — Pela sua expressão de espanto e surpresa sabia que ele ainda reclamaria por não ter ficado sabendo antes. O que me deixou completamente extasiada e vingada.

E viva a ideia de Bella em não contar a ele.

— Quase! — respondi tranquilamente.

— E quem estava sabendo?

— Bella e sua mãe.

— E por que não me ligaram para contar? Eu merecia ser o primeiro a saber.

— Causas e consequências, meu amor. — Sorri me sentindo vitoriosa. Pelo menos não só eu me sentiria péssima por causa desses três meses longe um do outro.

— Você é minha metade e eu te amo muito. — Tony suavizou a expressão percebendo que sempre seríamos esse bate, morde e toma lá dá cá.

— Agora... estou muito brava com você.

— O que eu fiz?

— Vai ter que se esforçar muito para recompensar esses três meses que me deixou sozinha em Capri.

— Pretendo ainda hoje começar a recompensá-la, meu amor.

Tony me beijou ainda mais firme e voraz.

Era apaixonado e consumidor.

E eu o amava.

Independentemente de tudo que aconteceu eu só queria ficar com ele, deixando o tempo levar e enterrar qualquer recordação do que ficou para trás.

CAPÍTULO 35

Tony

Depois do pedido na escadaria do MET, não entramos e foi nosso primeiro embate, mas prometi que a levaria no dia seguinte. Eu estava com tantas saudades que passaria a tarde toda beijando-a e recompensando.

Pretendia ficar mais tempo com ela no apartamento do *Central Park*, mas queria conhecer meu filho.

Sei que podem me criticar pelo que fiz, por assumir que não sou alguém que pede desculpas depois de errar, mas foi preciso esses três meses longe — que para mim foi quase uma eternidade —, para protegê-la.

Quando decidi que protegê-los fosse mais importante que tudo Ângelo ainda estava por aí e pelo que deduzimos de como poderia agir,

temi por ela e pelo meu filho serem alvos dele, por isso, Capri ou Nápoles seria o lugar mais seguro para ficarem.

O verme do seu pai estava banido das cidades pelo conselho. Sabia que se fosse pego, mesmo com a ajuda de seus amigos ele pagaria um preço alto, não só ele, mas seus comparsas sabiam muito bem o risco que corriam se alguém soubesse que estavam ajudando-o.

Ele era sagaz e esperto, sabia que seria sua sentença de morte se voltasse para lá.

Por outro lado, se eu a visse, ou falasse com ela jamais a deixaria longe de mim. Me conhecia bem, a ponto de saber que sua presença, tão marcante, me faria desistir de terminar o que comecei, porém era necessário que seu pai morresse, por isso não liguei, não fui atrás, apenas me controlei para não jogar tudo para o alto e ir buscá-los.

Sabia que se ligasse e ela me pedisse não negaria seu pedido.

Então me concentrei em caçar aquele desgraçado. Quanto mais rápido o achasse e o matasse, mais rápido poderia trazê-los de volta para casa.

Imagino que isso a frustrou, mas eu a recompensaria todos os dias da nossa vida.

Depois de dois meses e meio achei seu pai e não hesitei ao arrancar cada dente seu e vê-lo gritar de dor. Ali já não era mais só pelo meu pai e

sim por ter tentado matar a própria filha, a mulher da minha vida.

Ele precisava sentir o que era dor física já que não sentia a dor do amor.

Batemos muito nele e o machucamos de todas as formas possíveis e no fim atirei 15 vezes contra o maldito, mas foi lento, acertando os primeiros e esperando ele urrar de dor. A cada tiro, seu grito levava a dor da culpa, do desespero por tudo que passei.

“— Você vai morrer sem nada. Sem sua tão desejada cadeira e sem saber como é bom sentar nela. Você, seu porco imundo, só é a sombra de alguém. Nunca seria um rei. Eu sim, meu filho será o próximo. É a minha casa e minhas regras e por isso, eu vou te enviar para o inferno com prazer.”

Foi quando cheguei perto do seu corpo, ajoelhado na minha frente e disse antes de atirar bem no meio da sua testa como prometi.

Não quis que ninguém fizesse por mim. Poderia mandar como a maioria dos Dons fazem, mas precisava me vingar e saber que esse desgraçado nunca mais estaria rondando, maquinando contra minha família e minha casa.

Chanderson eu deixei por conta de Percy, Shark e Bronk. Ele confessou e chorou como um covarde depois do que viu o que fiz com Ângelo. Fiz questão que assistisse tudo.

Por fim, tirei tia Sophia da casa de repouso e mostrei todas as provas de que ele tinha uma filha e que a enganou desde antes de se casarem. Dei a ela honra ao fazermos um funeral do maldito, como se ele tivesse morrido de um ataque do coração.

E quando ela se sentou à minha frente, dentro da limusine preta, eu disse que ela sabia o quanto era bem-vinda à minha casa desde que fosse leal a mim, que eu a receberia em memória de Romeo, porque seria assim que meu pai iria querer. Ele foi o padrinho do sobrinho e não agiria com desonra com uma mãe enganada, até porque sempre soube de tudo e nunca contou nada para ela, sobre a traição do marido. Esse foi seu maior erro, tentar acobertar o irmão, que no fim só o invejava e queria seu lugar.

Depois que chegou ao fim era hora de deixar a casa em ordem e ir buscar os amores da minha vida.

Fechei a casa em Bel Air e me mudei para a casa de Malibu.

E combinei com Bella como queria pedir Angelina em casamento. Não sabia que ela tinha esse desejo de conhecer o MET e já estava em Nova Iorque quando ela havia chegado. Minha irmã me avisou e planejei como seria.

Sabia que deveria estar chateada comigo, mas no fundo eu tinha certeza que entenderia, que minhas justificativas para os fins seriam aceitas, porque agora ninguém mais os tiraria de perto de mim.

Assim que entramos no apartamento, fomos os dois nos despindo, com as mãos em conflitos, para ver quem mais rápido tirava a roupa do outro enquanto nossas bocas duelavam e se devoravam.

Eu a levei para o quarto e a beijei em todos os lugares.

Brinquei e chupei seus peitos, sentindo-os mais firmes e maiores ao sová-los.

A barriga de Angelina já não estava mais tão plana, havia um pequeno monte e fiquei um tempo deitado sobre o local. Como se eu fosse escutar o coração do meu filho ou filha batendo ali dentro.

— Papai já te ama tanto, minha filha.

— E se for outro menino? — Angelina me questionou.

E se fosse? Eu amaria do mesmo jeito.

— Mas não vai ser. — Fui enfático no meu palpite.

— Muito convencido. — Apoiei o queixo na sua barriga, sem fazer compressão e olhei para cima enquanto mordia os lábios ao ficar reparando seu lindo rosto.

— Mas, que *porra*. Eu estou muito apaixonado por você — disse e encarando-a, rastejei meu corpo mais para baixo e com as mãos abri suas pernas e me enfiei entre elas.

— Eu adoro você — ela disse entre gemidos quando deixei minha língua descer quente e molhada na sua boceta rosada. — Ah... meu Deus,

Tony.

Angelina segurou meus cabelos quando fui com fome ao abocanhar seu botão inchado.

Seu gosto era maravilhoso.

— Não adoro só você, mas tudo no seu corpo e principalmente essa boceta quente e apertada — sussurrei para que escutasse antes de enfiar a ponta da língua na sua entrada e chupá-la.

— Filho de uma... — Angelina arqueou as costas e agarrou ainda mais nos meus cabelos quando, além de lambê-la, enfiei os dedos no seu interior e dedilhei seu ponto, fazendo-a gozar rápido.

Eu estava louco de tesão e não esperei seu corpo recuperar quando me pediu para estar nela logo.

Ajoelhei-me e deixei meu pau roçar e se afundar lentamente, sentindo seu líquido o esquentar e molhá-lo ao escorregar para dentro.

— Estou no paraíso — rosnei entre dentes ao sentir a doce sensação que era sua boceta ordenhando meu falo.

Deixei meu corpo cair sobre o seu, tomando cuidado com sua barriga e me movimenteí ritmicamente, enquanto encontrava o calor da sua boca e língua se enroscando à minha.

Tudo estava perfeito.

E no silêncio era somente nossas respirações e nossos gemidos que fazia o momento ser tão real.

Nunca havíamos transado de um jeito menos explosivo, era mais do que amor que experimentávamos, era uma entrega mútua. Sem conspirações, sem sentimentos vis, sem mentiras. Agora éramos livres para sermos só nós quatro.

Quando Ângelo mirou aquela arma na direção dela eu fiquei cego. Foi um misto de tanta culpa que senti, que me vi arrependido de todas as formas por tê-la envolvido. Se Angelina morresse eu não só viveria pela culpa, mas morreria por amor.

Investi e acelerei, entrando e saindo até sentir seu corpo se agitar e me apertar, me deixando ainda mais louco de tesão.

— Eu te amo, você é a minha vida!

— Por que me deixou então? — Angelina mesmo arfando e gemendo me questionou.

Olhamo-nos e me apoiei nos braços, ficando com o corpo ainda acima do seu.

— Porque eu sempre serei um idiota. Porque eu prometi que lhe daria o mundo e sei que enquanto aquele verme estivesse vivo nós não viveríamos em paz. E eu não queria que continuasse fazendo parte dessa sujeira, você e meus filhos merecem o melhor e é para isso que vou viver.

Tentando criar a cada dia, lindas lembranças, das quais poderá se orgulhar de ser a mulher de Don Dellatore. — Selei seus lábios e me afastei.

Precisava ainda dizer muitas coisas.

— Me perdoa? — Angelina alargou os lábios fartos e sorriu.

— Não... se eu o perdoar assim fácil não vai cumprir sua promessa e prefiro construir com você lindas e novas lembranças do que manter as velhas vivas. Prometa para mim que nunca mais vai sumir?

— Não mais e nem tenho motivos. Mas quando eu disser para ficar em algum lugar e esperar que vou voltar, fique e confie. Porque eu nunca quebro uma promessas, sejam elas quais forem. E jamais quebrarei uma que fiz a mulher que amo, a mãe dos meus filhos, a minha italianinha teimosa.

— Eu confio em você.

Era sobre isso que precisávamos viver. Saber que erramos e nos acertamos, compreendendo e sendo cúmplices um do outro.

Voltei a beijá-la e a amei até sentir seu corpo e o meu dividirem o mesmo prazer.

Gozamos juntos.

Queria poder ficar mais tempo com ela, mas ainda tinha algo que eu estava louco para fazer e não demorou muito para deixarmos nossa bolha e irmos para a casa de Bella.

Estava louco para ver meu filho, precisava pegá-lo e sentir o quanto necessitava viver esse momento com ele. Afinal, esperei três meses dolorosos para tê-lo em meus braços, livre de qualquer mal.

Não justificarei sobre meus meios e a demora, mas aprendi que as coisas devem ser feitas no tempo exato e para tê-los em paz, sem pensar que alguém poderia feri-los, foi preciso esses meses longe.

Se tivesse os trazido antes e algo acontecesse a eles, eu me culparia pelo resto dos dias da minha por não saber ser paciente.

Levou mais de oito anos para eu experimentar a paz e valeu a pena, no fim eu pude apenas fechar aquela cova ao lado da primeira sem que fosse preciso deitar nela.

Não havia mais nenhum lugar me esperando quando tudo acabou. Mas tinha eles, preparados para um novo tempo em minha vida.

Segurei Bento no meu colo e o apertei.

Acho que ele sabia quem eu era, pois ficou quietinho.

E sentindo algo totalmente novo, escondi meu rosto em meio a sua cabeleira castanho escuro. Meus olhos arderam e meu coração se acelerou.

O cheirei e beijei.

Meu pai fazia assim comigo e me lembrei, que mesmo quando não era mais uma criança e já era um homem, ele ao se despedir quando saía, ou

ao desejar um boa noite; se aproximava, encostava seu nariz e boca no alto da minha cabeça, inspirava fundo e depois beijava.

Bento e eu éramos de sangue, mas Francesco não precisava ser meu pai biológico para tê-lo como referência, de como era amar um filho e ser um bom pai.

— E aí, campeão!? — O afastei um pouco e segurei-o por debaixo das axilas e o joguei para cima e, sorri quando ele gargalhou ao voltar nas minhas mãos.

Foi como se as amargas lembranças já tivessem sendo esquecidas.

— Eu te amo e, às vezes, te odeio também — Angelina se aproximou e cochichou em meu ouvido.

— Não espero que seja menos, meu anjo.

EPÍLOGO

1 ano depois

A handwritten signature in black ink that reads 'Tony'. The letter 'T' is large and stylized, with a horizontal bar extending to the right. The word 'ony' is written in a cursive script below the 'T'.

— O que pensa que está fazendo, Antônio Dellatore?

Era tarde da noite e estávamos transando quando Francesca chorou e Angelina foi amamentá-la.

A menina era devoradora e com o temperamento da mãe.

De uma personalidade forte. Ela já sabia que seria minha princesa e por isso fazia de mim seu verdadeiro capacho. Se tivesse alguém nesse mundo que me faria de tapete seria ela. Bento era meu herdeiro e protetor da sua irmã. Não esperaria menos dele. Na verdade, eu queria mais filhos, queria que minha casa fosse cheia.

Pelo menos concordava com Giovani quando o assunto era ser uma família grande. Eles seriam unidos quando eu não estivesse aqui e se fosse para irem contra o mundo um se apoiaria no outro, sem contar que, eles protegeriam a mãe deles quando chegasse minha hora.

— Eu me recuso a ficar transando com você e esse maldito anjo nos olhando.

Angelina bateu o pé ao querer trazer o Giorgiano e pendurá-lo em nosso quarto, logo acima da nossa cama.

Quase broxei diversas vezes, porque na hora acabava olhando para ele.

Não tinha a possibilidade dele ficar mais aqui.

Até tentei inverter a posição na cama, mas não dava mais.

— Pelo amor de Deus, Tony. É só um quadro.

— E eu o odeio — disse sem olhar para trás tentando segurá-lo pelas laterais e tirá-lo dos pinos que o seguravam.

— Ele é um símbolo do nosso amor, homem. — Angelina retrucou impaciente e pude escutar suas mãos batendo nas laterais do seu corpo.

— O símbolo do nosso amor é eu te amando todas as noites, devotando todos os dias a você. E acredite, uma hora eu vou broxar porque ele está olhando. Parece que estou sendo vigiado. — Ela riu se divertindo.

— Mas eu acho seu olhar parecido com o dele.

— Jura? — Desci da cama com o quadro na mão e o coloquei encostado ao lado com a pintura voltada para a parede.

— Sim... esse olhar de vingador que tem. Não acho que o quadro deve sair. É um modo de lembrar que sempre vou ser sua.

— Vai por mim. Você já é, e sempre será minha mulher. E se quer mesmo olhar em meus olhos, amanhã mande colocar espelhos no lugar dele. Assim vai ver meus como eles ficam quando eu a amo ou como fico louco quando estou em você.

A puxei e a trouxe para mais perto e pesquei seus lábios ao morder o inferior e chupá-lo antes de beijá-la apaixonadamente.

— Francesca já dormiu? — Angelina assentiu e não permitiu que eu me afastasse muito dela e se agarrou em mim. — Temos quanto tempo até a próxima mamada?

— Umas três horas, acho.

Não perderia tempo, sabia que minha filha acordaria logo e não teria sua mãe exclusivamente para mim.

E então peguei Angelina no colo e a levei para a cama, colocando-a no centro dela. Me deitei ao seu lado e a puxei para cima de mim, a danada não se fez de rogada e me montou, travando suas coxas na lateral do meu corpo, retirando a camisola que vestia em seguida.

Os seios inchados ficaram livres e os chupeí sentindo o gosto melado que saía deles.

Não tive frescura alguma, não que isso me deixasse com tesão especificamente. Mas gostava de sentir o quanto ela se excitava quando eu mordiscava e mamava em seus peitos.

Segurei-os e enquanto minha boca engolia um orbe a outra mão sustentava o músculo e os acariciava.

Ela rebolou e remexeu a boceta já melada sobre meu pau.

Quando Francesca chorou, paramos no mesmo momento, dando tempo para Angelina vestir apenas a camisola.

E agora estávamos retomando de onde paramos.

— Vou fazer mais uns três filhos em você, *mio amore*.

— Ainda não. Vamos aproveitar. Mal está sobrando tempo para treparmos, Tony. E eu preciso todos os dias sentir isso. — A filha da mãe esfregou a boceta apertando meu pau duro, babando ainda mais nele.

— Você é gostosa demais... — Arfei e fechei os olhos sentindo sua bunda deslizar sobre minhas pernas e seu rosto e cabelo tocarem minha pele.

Sua boca quente e molhada escorregou da minha boca e parou sobre a marca onde seu pai me feriu.

Angelina todas as vezes que assumia o controle parava naquele local e beijava com ternura.

Em uma das vezes ela me disse:

“Eu odeio ainda mais aquele desgraçado por ter quase tirado você de mim. Ele matou minha mãe e iria matar o meu grande amor.”

Era desesperador ainda lembrar daquele dia quando achei que poderia ser ela no meu lugar.

Se estou vivo é porque eu precisava de um tempo para amá-la.

— *Caralho...* — gemi e resmunguei quando sua boca estava descendo e engolindo meu pau todo. — Que boca... — disse quase engasgando, não conseguindo controlar o tesão ao sentir seus lábios apertarem meu membro e depois lentamente envolver a ponta da sua língua e rodear toda a glândula.

Angelina me engolia todo e engasgava quando chegava no talo e a ponta batia em sua garganta.

Ela sabia o quanto me deixava doido quando me chupava assim. Mas não era só isso, a forma decadente e imoral com que me mamava, ao cuspir na cabeça, para molhar ainda mais e depois chupá-lo, segurando e esmagando a rigidez com a mão, era muito bom.

Eu ficava louco de desejo, sentindo a pressão nas minhas bolas se aproximarem.

Parecia que ela sabia a hora exata, pois sua boca pressionava, apertando o comprimento com os lábios enquanto suas mãos ordenhavam rapidamente o falo ereto, não parando até sentir o primeiro jato.

Em seguida, sem que meu corpo tivesse acalmado, Angelina me montou novamente e engoliu meu pau com sua boceta em uma descida só, indo até a base, ditando o ritmo sozinha.

Ela quicou rápido enquanto minhas mãos a seguravam pela cintura, ajudando a impulsionar melhor.

Logo ela estava caindo por cima de mim, trêmula e hiperventilando ao gozar.

— Precisamos ter um tempo só nosso — ela disse cansada. — Cada dia mais parecemos coelhos aproveitando qualquer tempo.

— Tudo com você é perfeito. Eu amo tudo que faz, seja rápido ou longo. Amo estar dentro dessa boceta gostosa.

— Assim que *Cesca* ficar maior, vamos deixar ela e Bento com sua mãe e vamos ficar um fim de semana sozinhos? — Concordei ajudando a sair de cima de mim.

— O que você quiser, *mio amore perfetto*.

— Ah... já estava me esquecendo de te contar. — Angelina se ajeitou ao meu lado, antes de nos levantarmos para lavar nossos sexos.

— O que aconteceu?

— Acho que Yelena e Percy estavam transando esses dias no banheiro próximo da piscina.

— Esses dois..., mas espera aí... você os viu? — Levantei a cabeça e a encarei.

— Não, mas os escutei.

— E como sabe que eram eles?

— Eu os vi conversando um tempo antes ali perto.

— Mas, que *porra*. Eles tinham que transar logo dentro do banheiro? — Falaria com eles depois.

Que os dois viviam se pegando não era novidade para ninguém. Na verdade, havia se tornado frequente as vezes que alguém os flagrava.

Eles precisavam se acertarem de uma vez por todas e deixarem essa vida de sexo sem compromisso.

— Olha só, você falando algo assim, Antônio Dellatore. Não se esqueça que nossos dois filhos foram feitos dentro de um banheiro.

Sorri com as boas lembranças.

— O próximo eu juro que vamos fazer em um local especial. Pode ser no quintal de casa, lá na praia.

— Vou me lembrar bem da sua intenção quando quiser me levar às escondidas para lá.

— Vou fazer com que seja inesquecível e que junte mais uma lembrança de como a amo e quero ser feliz com você para o resto de nossas vidas.

A beijei e a levei para o banheiro e novamente a amei.

E a amaria até à minha morte.

E quando eu morresse, Angelina lembraria que tivemos dias ruins sim, mas que a quantidade de bons faria ter valido a pena ter vivido ao meu lado.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus. Sem Ele não sou ninguém. Depois as minhas leitoras, minhas lindas mafiosas que amo. Também ao meu esposo e meus filhos.

Mas nesse livro, quero não só agradecer, mas expressar minha eterna gratidão a cada leitora que me incentivou a continuar a seguir em frente com a série.

Ao mesmo tempo que estou triste, sinto meu coração cantinho por cada uma que sei que vibra a cada conquista minha.

Obrigada, vocês são maravilhosas.

Quero agradecer também as minhas betas Andréa Almendra, Glaucia Padiar, Mari Costa, Regilane Gonçalves, Carol Moraes, Daisy Capistrano, Jane Coura, Filó Bonavita, Joyce Ribeiro.

Obrigada meninas, vocês não sabem como é bom poder contar com pessoas que amam o seu trabalho.

Mais uma vez obrigada por terem me seguido até aqui.

Não é o fim, novas histórias irão surgir e espero vocês em todas elas.

Um beijo e até a nossa próxima viagem literal.

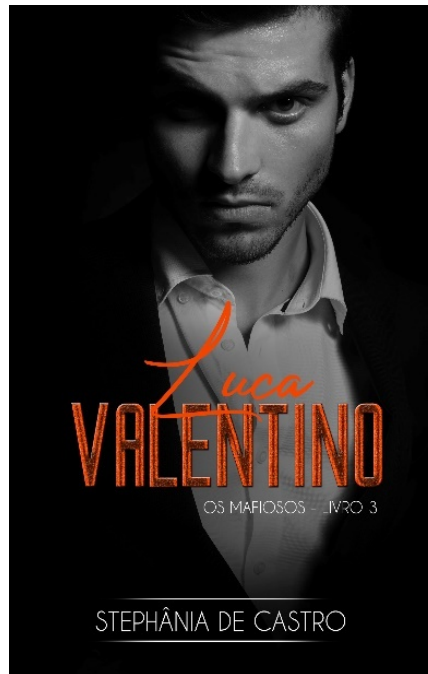
Outras Obras

Clique nas CAPAS

CASA STWART 1 E 2

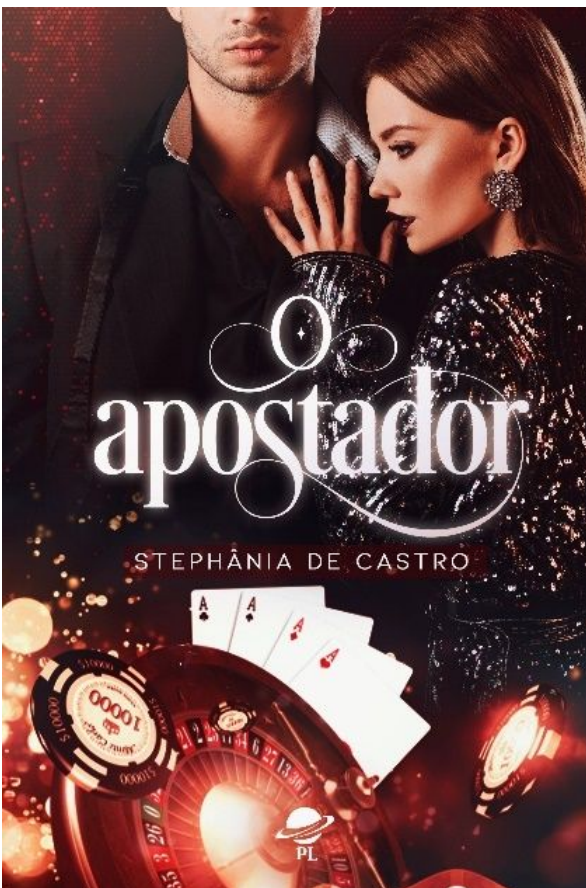


OS MAFIOSOS





O Apostador



Só entre nós dois



Gypsy – Amor Cigano



Uma nova chance para o amor



Para ficar por dentro das novidades sigam nas redes sociais.

[1] Heavenly é a casa de prostituição pertencente aos Dellatore.

[2] Ragazzo: Rapaz em italiano

[3] Bambino: Filho em italiano

[4] Grazie: Agradecimento em italiano

[5] Recepcionista de restaurante.

[6] Bobby Solo: Cantor Italiano dos anos 80.

[7] Heavenly night's era a casa de luxo onde funcionavam os negócios de prostituição da família Dellatore.

[8] Papai em italiano.

[9] Bairro de Londres.

- [10] Corridas de carro em vias.
- [11] Meu anjo perfeito.
- [12] Estátuas antigas datadas do século V a.C.
- [13] Baixo quantidade de sangue no corpo.